



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ERYCK DIEB SOUZA**

**COLETIVOS JUVENIS DAS PERIFERIAS E O MOVIMENTO EMERGENTE  
DE EDUCAÇÃO POPULAR EM/NAS/COM AS REDES**

**FORTALEZA**

**2024**

ERYCK DIEB SOUZA

COLETIVOS JUVENIS DAS PERIFERIAS E O MOVIMENTO EMERGENTE  
DE EDUCAÇÃO POPULAR EM/NAS/COM AS REDES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito final (Defesa) à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celecina de Maria Veras Sales.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S237c Souza, Eryck Dieb.  
Coletivos juvenis das periferias e o movimento emergente de Educação popular em/nas/com as redes /  
Eryck Dieb Souza. – 2024.  
226 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 0, Fortaleza, 2024.  
Orientação: Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales.

1. Educação popular. 2. Periferias. 3. Redes sociais . 4. cidadania insurgente. 5. cidadania digital. I. Título.  
CDD

---

ERYCK DIEB SOUZA

COLETIVOS JUVENIS DAS PERIFERIAS E O MOVIMENTO EMERGENTE  
DE EDUCAÇÃO POPULAR EM/NAS/COM AS REDES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito final (Defesa) à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 28/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celecina de Maria Veras Sales (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Wivian Jany Weller  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Profa. Dr. João Batista Bottentuit Junior  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Deisimer Gorczewski  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha **tia Nara**, minha **avó Fransquinha** e  
minha **mãe Nadira**. Minhas primeiras  
professoras e responsáveis pelo meu primeiro  
doutoramento do mundo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por na minha descrença de achismos que não conseguiria, mandava anjos na travessia para fazer eu lembrar que eu podia, que não estava só e que a vitória, ao final, era certa.

Aos meus pais, Nadira e Nildinho, que sempre forame são suportes, bases para minhas loucuras e conquistas.

À Isa, por ser minha namorada, esposa, amiga por compreender minhas abdições para o melhor para nós.

Ao Ezequiel, meu filho, que performatiza amor, zelo, cumplicidade e esperança na minha vida e para o mundo. E Ísis Maria, por ser meu grande “achado” de amor, força e motivação nesta pesquisa.

À Fransquinha Dieb (*in memorian*) pela carinhosa mania de ter fé na vida e me ensinar o mundo dos letramentos na simplicidade de uma casa de farinha e na alegria verde da natureza.

À Professora Dra. Celecina Veras Sales por me acolher sem questionamentos e ressalvas para uma trajetória tão desafiadora, mas prazerosa e de muitas aprendizagens. Por me formar enquanto orientando, por me fazer refletir enquanto educando e por me acolher enquanto pessoa com tamanha amorosidade, empatia e paciência na trajetória da tessitura da tese.

Aos professores Júlio Araújo, Deisimer Gorczewski, Wivian Weller e João Bottentuit Júnior que carinhosamente aceitaram o convite em ler, pontuar, avaliar e contribuir na minha formação como pesquisador e como pessoa, além da pesquisa proposta.

Aos companheiros de jornada que estão presentes e são presentes na minha vida! Gratidão, pelos divãs pedagógicos e acadêmicos a qualquer hora do dia!

Aos amigos e irmãos Antônio Oziêlton, Raianny Soares, Yure Abreu e Polly Lima, madrinha Ednázia e padrinho Messias Dieb que em nenhum momento nessa experiência soltaram minha mão e não me deixaram desistir!

Aos colegas de trabalho da Escola Municipal Josefa Barros de Alencar, em especial, Daniele, Elandia, Klênia, Luana, Ruan, Elaine, Valdiana, Jeisa, Manuella, Raquel, Teresa e Danielle por serem apoio e colo amigo nas angústias da reta final.

A equipe da empresa turística Etnias, no Rio de Janeiro, em nome de Emilly, Eduardo e Bruna que foram além de guias, parceiros e aprendizes comigo nas performances vivenciadas.

Aos colegas da Secretaria Municipal de Educação de Pindoretama, pelo zelo, parceria e muito respeito com minha pesquisa de Doutorado. Em nome de Gabriella, Alexandre e Paulo Sérgio, meu muito obrigado!

Aos colegas da COPEM/SEDUC – CE pela acolhida, força e partilhas ao longo da escrita e jornada, minha gratidão!

Aos meu amigos e amigas que acolheram minhas ausências com carinho ao longo desses anos de estudos e pesquisas.

Ao apoio dado ao presente trabalho pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), com a manutenção da bolsa de auxílio.



Comissão de frente da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira (2020), "Seu nome é Jesus da Gente".

## OLHA AÍ: A FAVELA

Olha o que é a favela  
Veja suas próprias cores  
Descubra a identidade da vida  
Deixe aberto o canal de amor  
Passe na rua ocupada  
Chegue de casa em casa  
Descubra a convivência diversa  
Encontre-se em cada ferida  
No som que agora chegou  
Arte que brota do chão  
Temas lançados de mão em mão  
Frases que são decoradas  
Monte a própria versão  
Cada encontro repentino  
Chegadas com sorrisos ou sustos  
Com corpos gratinados por sol e lua  
É mais que bemol na vida  
Mais que um *hasteg* na trilha  
Sustenidos dissonantes no ar  
Há alegre os afetos despedaçando distopias  
Grito de potência da esperança  
Reanima a lembrança Com o território múltiplo e  
singular  
Reinvenção que brota no solo  
Chão ocupado, inventado, ilimitado  
Assim se transforma a vida  
No longo encontro presente  
Com imaginário popular  
Com os nervos e músculos candentes  
Narrativas humanas para desenhar  
Essa é a favela da gente  
É nessa que vamos entrar  
É nessa que o corpo dança e se alegra  
**E deixo assim o convite**  
**Para o seu olhar, sobre a favela, se transformar**  
**Para a presença ativa revolucionar a cidade**  
**Mudar você e o lugar**

Eduardo Alves<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Formado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É membro da direção do Observatório de Favelas, @defavelas, onde atua como coordenador de comunicação.

## RESUMO

Nos últimos anos, com os avanços tecnológicos e a velocidade das informações, os jovens das periferias têm se (re)inventado cada vez mais, principalmente quando pensamos nas múltiplas possibilidades e oportunidades em redes sociais que tem se mostrado um poderoso artefato sociocultural de aprendizagens e resistências. Por meio das redes, os coletivos juvenis buscam na cidadania digital e insurgente, enfrentar o discurso discriminatório e amplificar suas vozes silenciadas historicamente, revelando uma formação humana coletiva e participativa, em que as múltiplas linguagens das redes se tornam instrumentos para a construção de identidades e práticas sociais, na qual defendemos a tese de uma Educação popular em/nas/com as redes numa perspectiva orgânica e emergente. Sob essa ótica, nesta tese, nos questionamos: Como os coletivos juvenis das periferias constroem a Educação Popular em/nas/com as redes? Objetivase, portanto, investigar a construção de uma Educação Popular em/nas/com as redes por coletivos juvenis das periferias. Como aporte teórico utilizamos a perspectiva de cidadania digital de Di Felice (2009, 2010, 2013, 2021, 2022) e Castells (1989, 1996), a reflexão sobre cidadania insurgente de Holston (2008, 2013), coletivos juvenis de Pais (1993, 2003) e Dayrell (2007), o movimento da Educação popular por Paulo Freire (1991) e Brandão (1981, 1982, 1985), bem como as aprendizagens em redes por Siemens (2004, 2008). Propusemos como metodologia uma pesquisa qualitativa, com abordagens da etnografia híbrida em 7 perfis de coletivos juvenis das periferias do Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará, na rede social Instagram. Nessa perspectiva, nos deparamos com 2 categorias: Práticas de cidadania insurgente e práticas sociais em/nas/com as redes, com subcategorias: Ativismo Social, Histórias de vida e Empoderamento, Rede Comunitária e solidária e Histórias locais; e Narrativas de cidadania digital, com as subcategorias de Resistência cultural e Denúncia de estereótipos. Nesta tese, portanto, concluímos que por meio das práticas sociais híbridas, o fortalecimento das ideias de uma Educação Popular em/nas/com as redes surge de forma emergente, orgânica e autoral, em uma perspectiva móvel e ubíqua, permitindo aos coletivos juvenis a capacidade de transitarem – por diversas telas, redes, espaços/tempo e culturas, avançando, assim, os estudos em Educação Popular, numa perspectiva desterritorializada e fazendo das redes um território de esperança para potencialização de lutas, denúncias, bem como de eventos sociais.

**Palavras-chave:** Coletivos juvenis. Periferias. Cidadania digital. Aprendizagens em redes. Educação Popular em/nas/com as redes.

## ABSTRACT

In recent years, with technological advances and the speed of information, young people from the outskirts have been (re)inventing themselves more and more, especially when we think about the multiple possibilities and opportunities in social networks, which have proven to be a powerful sociocultural artifact for learning and resistance. Through networks, youth collectives seek digital and insurgent citizenship to confront discriminatory discourse and amplify their historically silenced voices, revealing a collective and participatory human formation in which the multiple languages of networks become instruments for the construction of identities and social practices, wherein we defend the thesis of Popular Education in/on/with networks from an organic and emergent perspective. From this perspective, in this thesis, we ask: How do youth collectives from the outskirts build Popular Education in/on/with networks? The objective is, therefore, to investigate the construction of Popular Education in/on/with networks by youth collectives from the outskirts. For the theoretical framework, we use the perspective of digital citizenship by Di Felice (2009, 2010, 2013, 2021, 2022) and Castells (1989, 1996), the reflection on insurgent citizenship by Holston (2008, 2013), youth collectives by Pais (1993, 2003) and Dayrell (2007), the movement of Popular Education by Paulo Freire (1991) and Brandão (1981, 1982, 1985), as well as network learning by Siemens (2004, 2008). We propose a qualitative research methodology, with approaches of hybrid ethnography on 7 profiles of youth collectives from the outskirts of Rio de Janeiro, São Paulo, and Ceará, on the social network Instagram. From this perspective, we encountered two categories: Insurgent citizenship practices and social practices in/on/with networks, with subcategories: Social Activism, Life Stories and Empowerment, Community and Solidarity Network, and Local Histories; and Narratives of digital citizenship, with subcategories of Cultural Resistance and Stereotype Denunciation. In this thesis, therefore, we conclude that through hybrid social practices, the strengthening of the ideas of Popular Education in/on/with networks emerges in an emergent, organic, and authorial manner, in a mobile and ubiquitous perspective, allowing youth collectives the ability to transit – through various screens, networks, spaces/times, and cultures, thus advancing studies in Popular Education from a deterritorialized perspective and making networks a territory of hope for the potentialization of struggles, denunciations, as well as social events.

**Keywords:** Youth collectives. Outskirts. Digital citizenship. Networked learning. Popular Education in/on/with networks.

## RESUMEN

En los últimos años, con los avances tecnológicos y la velocidad de la información, los jóvenes de las periferias se han (re)inventado cada vez más, especialmente cuando pensamos en las múltiples posibilidades y oportunidades en las redes sociales, que se han mostrado como un poderoso artefacto sociocultural de aprendizajes y resistencias. A través de las redes, los colectivos juveniles buscan en la ciudadanía digital e insurgente, enfrentar el discurso discriminatorio y amplificar sus voces silenciadas históricamente, revelando una formación humana colectiva y participativa, en la que los múltiples lenguajes de las redes se convierten en instrumentos para la construcción de identidades y prácticas sociales, en la cual defendemos la tesis de una Educación Popular en/en/con las redes desde una perspectiva orgánica y emergente. Desde esta óptica, en esta tesis, nos preguntamos: ¿Cómo los colectivos juveniles de las periferias construyen la Educación Popular en/en/con las redes? El objetivo es, por lo tanto, investigar la construcción de una Educación Popular en/en/con las redes por colectivos juveniles de las periferias. Como marco teórico utilizamos la perspectiva de ciudadanía digital de Di Felice (2009, 2010, 2013, 2021, 2022) y Castells (1989, 1996), la reflexión sobre ciudadanía insurgente de Holston (2008, 2013), colectivos juveniles de Pais (1993, 2003) y Dayrell (2007), el movimiento de la Educación Popular por Paulo Freire (1991) y Brandão (1981, 1982, 1985), así como los aprendizajes en redes por Siemens (2004, 2008). Proponemos como metodología una investigación cualitativa, con enfoques de etnografía híbrida en 7 perfiles de colectivos juveniles de las periferias de Río de Janeiro, São Paulo y Ceará, en la red social Instagram. Desde esta perspectiva, nos encontramos con 2 categorías: Prácticas de ciudadanía insurgente y prácticas sociales en/en/con las redes, con subcategorías: Activismo Social, Historias de vida y Empoderamiento, Red Comunitaria y solidaria y Historias locales; y Narrativas de ciudadanía digital, con las subcategorías de Resistencia cultural y Denuncia de estereotipos. En esta tesis, por lo tanto, concluimos que mediante las prácticas sociales híbridas, el fortalecimiento de las ideas de una Educación Popular en/en/con las redes surge de manera emergente, orgánica y autoral, en una perspectiva móvil y ubicua, permitiendo a los colectivos juveniles la capacidad de transitar – por diversas pantallas, redes, espacios/tiempos y culturas, avanzando así, los estudios en Educación Popular, desde una perspectiva desterritorializada y haciendo de las redes un territorio de esperanza para la potencialización de luchas, denuncias, así como de eventos sociales.

**Palabras clave:** Colectivos juveniles. Periferias. Ciudadanía digital. Aprendizajes en redes. Educación Popular en/em/con las redes.

## RIASSUNTO

Negli ultimi anni, con i progressi tecnologici e la velocità delle informazioni, i giovani delle periferie si sono (re)inventati sempre di più, soprattutto quando pensiamo alle molteplici possibilità e opportunità nei social network, che si sono dimostrati un potente artefatto socioculturale per apprendimento e resistenza. Attraverso le reti, i collettivi giovanili cercano nella cittadinanza digitale e insurgente, affrontare il discorso discriminatorio e amplificare le loro voci storicamente silenziate, rivelando una formazione umana collettiva e partecipativa, in cui i molteplici linguaggi delle reti diventano strumenti per la costruzione di identità e pratiche sociali, in cui difendiamo la tesi di un'educazione popolare in/su/con le reti in una prospettiva organica ed emergente. Da questa prospettiva, in questa tesi, ci chiediamo: Come costruiscono l'educazione popolare in/su/con le reti i collettivi giovanili delle periferie? L'obiettivo è, quindi, indagare la costruzione di un'educazione popolare in/su/con le reti da parte di collettivi giovanili delle periferie. Come quadro teorico utilizziamo la prospettiva della cittadinanza digitale di Di Felice (2009, 2010, 2013, 2021, 2022) e Castells (1989, 1996), la riflessione sulla cittadinanza insurgente di Holston (2008, 2013), collettivi giovanili di Pais (1993, 2003) e Dayrell (2007), il movimento dell'educazione popolare di Paulo Freire (1991) e Brandão (1981, 1982, 1985), così come gli apprendimenti in rete di Siemens (2004, 2008). Proponiamo come metodologia una ricerca qualitativa, con approcci di etnografia ibrida su 7 profili di collettivi giovanili delle periferie di Rio de Janeiro, San Paolo e Ceará, sul social network Instagram. Da questa prospettiva, ci siamo imbattuti in 2 categorie: Pratiche di cittadinanza insurgente e pratiche sociali in/su/con le reti, con sottocategorie: Attivismo Sociale, Storie di vita ed Empowerment, Rete Comunitaria e solidale e Storie locali; e Narrazioni di cittadinanza digitale, con le sottocategorie di Resistenza culturale e Denuncia di stereotipi. In questa tesi, quindi, concludiamo che attraverso pratiche sociali ibride, il rafforzamento delle idee di un'educazione popolare in/su/con le reti emerge in modo emergente, organico e autoriale, in una prospettiva mobile e ubiqua, consentendo ai collettivi giovanili la capacità di transitare – attraverso vari schermi, reti, spazi/tempi e culture, avanzando così, gli studi sull'educazione popolare, in una prospettiva deterritorializzata e facendo delle reti un territorio di speranza per la potenzializzazione di lotte, denunce, così come eventi sociali.

**Parole chiave:** Collettivi giovanili. Periferie. Cittadinanza digitale. Apprendimento in rete. Educazione Popolare in/nei/con network.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1</b> - <i>Post</i> sobre a desmistificação de que as periferias são lugares de criminalidade.....    | 24 |
| <b>Figura 2</b> - Carrossel sobre as coisas que só as pessoas da periferia e cria da escola pública fazem. .... | 25 |
| <b>Figura 3</b> - <i>Posts</i> do carrossel sobre as coisas que só a periferia e suas crias fazem.....          | 26 |
| <b>Figura 4</b> - Imagem da casa de farinha da minha avó que também funcionava a Escolinha Moranguinho. ....    | 30 |
| <b>Figura 5</b> - Fachada da EMEI Francisca Holanda Dieb – Tia Fransquinha. ....                                | 32 |
| <b>Figura 6</b> - Índice de privação on-line e os perfis de usuários.....                                       | 40 |
| <b>Figura 7</b> - <i>Post</i> sobre a nomeação Favelas e Comunidades urbanas, pelo MCid. ....                   | 48 |
| <b>Figura 8</b> - <i>Print</i> do primeiro vídeo da série Periferia contra o corona e em defesa da vida. 98     |    |
| <b>Figura 9</b> - <i>Print</i> de uma postagem sobre a campanha solidária da comunidade. ....                   | 99 |
| <b>Figura 10</b> - <i>Print</i> de uma postagem sobre a campanha solidária da comunidade ..... 100              |    |
| <b>Figura 11</b> - <i>Post</i> convite para o IV Legado Freireano – perfil Viva Palavra ..... 113               |    |
| <b>Figura 12</b> - <i>Print</i> do perfil coletivo Viva Palavra ..... 114                                       |    |
| <b>Figura 13</b> - <i>Print</i> do perfil coletivo Periferia que lê..... 116                                    |    |
| <b>Figura 14</b> - <i>Print</i> do perfil coletivo Voz das Comunidades ..... 117                                |    |
| <b>Figura 15</b> - <i>Print</i> do perfil coletivo Entre o céu e a favela..... 118                              |    |
| <b>Figura 16</b> - <i>Print</i> do perfil coletivo Nós, mulheres da periferia..... 119                          |    |
| <b>Figura 17</b> - <i>Print</i> do perfil coletivo Periferia preta. .... 120                                    |    |
| <b>Figura 18</b> - <i>Print</i> do perfil coletivo Slam das minas SP..... 121                                   |    |
| <b>Figura 19</b> - <i>Print</i> do perfil do pesquisador ..... 122  |    |
| <b>Figura 20</b> - Resumo da caracterização da tese de Educação Popular em/nas/com as redes. 128                |    |
| <b>Figura 21</b> - <i>Print</i> de um post sobre denúncia contra a falta de energia..... 131                    |    |
| <b>Figura 22</b> - <i>Prints</i> de um vídeo sobre denúncia contra a falta de energia. .... 134                 |    |
| <b>Figura 23</b> - <i>Prints</i> da sequência do carrossel sobre a falta de energia ..... 137                   |    |
| <b>Figura 24</b> - <i>Print</i> dos comentários na postagem ..... 138   |    |
| <b>Figura 25</b> - <i>Prints</i> do carrossel da campanha da dignidade menstrual..... 140                       |    |
| <b>Figura 26</b> - <i>Prints</i> do carrossel da campanha da dignidade menstrual..... 141                       |    |
| <b>Figura 27</b> - <i>Print</i> da interação com o post, por internautas..... 142                               |    |
| <b>Figura 28</b> - <i>Prints</i> do convite para o Pretarau (Sarau das Pretas) ..... 146                        |    |
| <b>Figura 29</b> - <i>Prints</i> do cartaz de divulgação do Encontro para produção e troca de saberes. 150      |    |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Figura 30</b> - <i>Prints</i> do vídeo sobre histórias de mulheres empreendedoras. ....  | 152 |
| <b>Figura 31</b> - <i>Print</i> da campanha #partodascomunidades feita pelo perfil @vozdascomunidades<br>.....  | 154 |
| <b>Figura 32</b> - <i>Print</i> da campanha contra a Covid-19 no auge dos altos índices de contaminados<br>no Rio de Janeiro.....                       | 156 |
| <b>Figura 33</b> - Comentário de uma internauta no post da campanha contra o Covid-19.....  | 157 |
| <b>Figura 34</b> - <i>Print</i> do post da campanha ocupa quintal realizada pelo coletivo @vivapalavraa<br>.....  | 160 |
| <b>Figura 35</b> - <i>Prints</i> do post da prestação de contas da campanha de Natal – Viva o presente.<br>.....  | 163 |
| <b>Figura 36</b> - <i>Print</i> do post em divulgação do nome do quintal em homenagem a dona Madá<br>.....  | 165 |
| <b>Figura 37</b> - Comentário de um internauta no post de homenagem da Dona Madá.....   | 167 |
| <b>Figura 38</b> - <i>Prints</i> dos posts sobre as mobilizações em defesa da Lagoa de Itaperoba.....   | 169 |
| <b>Figura 39</b> - <i>Prints</i> dos posts da campanha #euamoProvidência.....   | 172 |
| <b>Figura 40</b> - <i>Prints</i> da continuação (carrossel) da postagem sobre a campanha<br>#EuAmoProvidência.....                                      | 173 |
| <b>Figura 41</b> - <i>Print</i> do vídeo de um poemacineamatográfico postado no perfil do .....<br>@slamdasminassp. ....                                | 180 |
| <b>Figura 42</b> - <i>Print</i> do comentário na postagem do poemacineamatográfico.....   | 182 |
| <b>Figura 43</b> - <i>Print</i> do remix feito pelo coletivo @nosmulheresdaperiferia sobre Natal.....   | 184 |
| <b>Figura 44</b> - <i>Print</i> dos comentários na postagem do <i>remix</i> sobre o Natal.....  | 186 |
| <b>Figura 45</b> - <i>Prints</i> da postagem em formato de colagem em homenagem ao dia mundial da<br>fotografia.....                                    | 187 |
| <b>Figura 46</b> - <i>Prints</i> da postagem sobre alguns dados da pesquisa Liberdade Negra sob suspeita.<br>.....                                      | 193 |
| <b>Figura 47</b> - <i>Print</i> do post sobre uma reflexão de luta antirracista do coletivo @vivapalavraa.<br>.....                                     | 196 |
| <b>Figura 48</b> - Taxonomia do racismo <i>online</i> . ....  | 197 |
| <b>Figura 49</b> - <i>Print</i> da tela do mapeamento virtual dos danos e discriminação algorítmica. ..   | 199 |
| <b>Figura 50</b> - <i>Print</i> do vídeo de uma reportagem sobre a denúncia dos estereótipos das favelas<br>que são impregnados pela própria mídia..... | 201 |

## LISTA DE FOTOS

|                 |   |     |
|-----------------|---|-----|
| <b>Foto 1 -</b> | Registro em frente ao Espaço cultural e Biblioteca comunitária Poeta Edmar Eudes, Viva a Palavra..... | 96  |
| <b>Foto 2 -</b> | Registro em frente a Lagoa de Itaperaoba, na comunidade da Serrinha.....                              | 97  |
| <b>Foto 3 -</b> | Foto na fachada de entrada da Associação AMORBASE, na Serrinha.....                                   | 98  |
| <b>Foto 4 -</b> | Receitas nos muros da comunidade como iniciativa da Favela Orgânica.....                              | 103 |
| <b>Foto 5 -</b> | Foto feita no mirante da Babilônia.....   | 104 |
| <b>Foto 6 -</b> | Registro do Cosme comigo no “rolê” dos favelados – morro da Providência.....                          | 107 |
| <b>Foto 7 -</b> | Registro no mirante do morro da Providência/RJ.....   | 107 |

## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** - Porcentagens de pessoas com acesso à Internet no Brasil.....42
- Gráfico 2**- Pesquisa sobre os alunos sem acesso à internet em casa, durante a pandemia. ..43

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** - Revisão de produções sobre pesquisas que relacionam periferias e redes. .... 54
- Quadro 2** - Descrição das práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em redes. .... 125
- Quadro 3** - Descrição das práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em redes. .... 126

## LISTA DE MAPAS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Mapa 1</b> - Mapa do território da Serrinha/CE.....             | 94  |
| <b>Mapa 2</b> - Mapa da localização do Morro da Babilônia/ RJ..... | 102 |
| <b>Mapa 3</b> - Mapa do Morro da Providência/ RJ.....              | 106 |

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| 1 FLUXOS, CONEXÕES E INTRODUÇÃO DAS “QUEBRADAS .....  | 21  |
| 2 FUNDAMENTANDO A “PARADA” .....  | 38  |
| 2.1 A desigualdade digital: cenários pré, durante e pós-pandemia.....   | 38  |
| 2.2 As periferias e as revisões de literatura .....   | 46  |
| 2.3 A Educação popular e as aprendizagens em/nas/com as redes pelos coletivos juvenis                                   | 56  |
| 2.4 “O papo é reto”: cidadania insurgente é resistência e cidadania digital é consciência!                              | 77  |
| 3 QUEM VÊ PESQUISA, NÃO VÊ “CORRE”: O ROLÊ DA PESQUISA .....  | 87  |
| 3.1 Caracterização da pesquisa .....  | 87  |
| 3.2 “Gambiarras” metodológicas das vivências nas periferias: a rua e as redes se entrelaçam na construção do campo..... | 92  |
| 3.2.1 <i>Serrinha /Ceará</i> .....  | 93  |
| 3.2.2 <i>Babilônia/Rio de Janeiro</i> .....   | 101 |
| 3.2.3 <i>Providência/Rio de Janeiro</i> .....   | 104 |
| 3.3 A organização dos dados da pesquisa.....  | 108 |
| 3.3.1 <i>A rede social Instagram e suas funcionalidades</i> .....   | 109 |
| 3.4 Caracterização e delimitação dos perfis de coletivos juvenis das periferias participantes da pesquisa.....          | 112 |
| 3.4.1 <i>Coletiva Cultural Cenopoética Viva a Palavra – Ceará</i> .....   | 114 |
| 3.4.2 <i>Coletivo Periferia que lê – Ceará</i> .....  | 115 |
| 3.4.3 <i>Voz das comunidades – Rio de Janeiro</i> .....   | 116 |
| 3.4.4 <i>Entre o céu e a favela – Rio de Janeiro</i> .....  | 117 |
| 3.4.5 <i>Nós, mulheres da periferia – São Paulo</i> .....   | 119 |
| 3.4.6 <i>Periferia preta – São Paulo</i> .....  | 120 |
| 3.4.7 <i>Slam das minas SP – São Paulo</i> .....  | 121 |
| 3.5 Procedimentos para a análise .....  | 123 |
| 3.6 Ética da pesquisa.....  | 126 |

|  |     |
|--|-----|
| 4 AVIV A ALEVAF: AS PRÁTICAS DE INSURGÊNCIAS E AS APRENDIZAGENS EM/NAS REDES DOS COLETIVOS JUVENIS DAS PERIFERIAS..... | 128 |
| 4.1 Ativismo Social.....   | 130 |
| 4.2 Histórias de vida e Empoderamento social.....  | 144 |
| 4.3 Redes comunitárias e solidárias.....   | 153 |
| 4.4 Histórias locais.....  | 164 |
| 4.5 Considerações sobre as práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em redes..                                 | 174 |
| 5 “PEGA A VISÃO”: AS NARRATIVAS DE CIDADANIA DIGITAL DOS COLETIVOS JUVENIS DAS PERIFERIAS.....                         | 176 |
| 5.1 Narrativas de cidadania digital sobre resistência cultural.....  | 178 |
| 5.2 Narrativas de cidadania digital sobre denúncia de estereótipos .....   | 190 |
| 5.3 Considerações sobre as narrativas de cidadania digital .....   | 202 |
| 6 “SUAVE NA NAVE”: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 205 |
| REFERÊNCIAS .....  | 216 |
| ANEXO.....   | 226 |

## 1 FLUXOS, CONEXÕES E INTRODUÇÃO DAS “QUEBRADAS”<sup>2</sup>”



Um dos desenhos enviados crianças da Maré à Justiça do Rio.

É repetitivo, ultrapassado e retrogrado o discurso discriminatório emitido pela sociedade sobre a periferia. Percebemos isso quando lemos as cartas escritas<sup>3</sup> por crianças que residem no Complexo da Maré, Rio de Janeiro, em que descrevem o horror da vida sob o fogo cruzado. O exemplo escolhido acima, na epígrafe, emprega uma multimodalidade e múltiplas semioses sobre essa temática, em que a criança, sem noção dessa estrutura textual, apresenta conscientemente sua realidade.

Observamos um *emoticon*<sup>4</sup> de choro, representando a tristeza da criança pela situação. As gravuras retratam nitidamente as cenas corriqueiras de violência e de como a polícia, em seus helicópteros, tem matado pessoas que habitam nas “quebradas”<sup>5</sup>. Percebemos isso com o direcionamento de linhas separadas que dão o movimento do percurso do atirar de revólver (do helicóptero para baixo).

E, por fim, além do que a criança deixa registrado em texto verbal, destacamos uma figura de roupa vermelha com máscara – o que nos permite compreender como uma representação de um dos personagens da série espanhola *La Casa de Papel*<sup>6</sup>, que conta a história de um professor que monta sua equipe com pessoas que viviam à margem da sociedade,

<sup>2</sup> O título desse tópico foi inspirado a partir de uma observação imersiva na periferia do Rio de Janeiro, Babilônia, onde os moradores, guia turístico, e, em especial, as crianças, usaram mais de uma vez o termo “na nossa quebrada”.

<sup>3</sup> Foram mais de 1500 cartas enviadas à Justiça do Rio que restabelece regras mínimas para operações policiais no local. Link para acesso as demais cartas:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565803890\\_702531.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565803890_702531.html)

<sup>4</sup> Segundo Oliveira e Paiva (2015) os emoticons são representações tipográficas de expressões faciais, como :) que se transforma automaticamente em ☺ pelo editor de texto Microsoft Word;

<sup>5</sup> Aprofundaremos no capítulo da fundamentação teórica.

<sup>6</sup> Link da série na Netflix - <https://www.netflix.com/title/80192098>

representando um grupo bem específico que precisa sobreviver e, para isso, comete delitos. *A priori*, parece-nos ser apenas uma série estrangeira que retrata um assalto, mas vamos percebendo uma construção de resistência contra o governo espanhol, que favorece àqueles que têm mais recursos em detrimento dos que têm menos.

Nessa construção tênue representada pela série espanhola, os “marginais” vão ganhando simpatia da população, tornando-se heróis de uma comunidade que apoia sua ação e causa. Essa descrição nos permite compreender o sentido que a criança apresenta ao desenhar um dos membros da série, resistência. Sua comunidade, seus sonhos, família e ela própria resistem e reexistem diariamente diante das injustiças sociais.

Nesse contexto, gritamos: favela, “quebrada”, aglomerados, subúrbio, comunidades, periferias!!! Essas são algumas denominações atribuídas aos territórios periféricos das cidades brasileiras. Embora esses falares, frequentemente, se refiram a áreas urbanas com características socioeconômicas semelhantes, cada um deles tem suas próprias conotações e contextos específicos, que trataremos no capítulo de fundamentação, mais adiante.

Essa generalização se justifica porque o foco desta pesquisa não é discutir de forma central e exclusiva os problemas das periferias – esse lado fortalecido pela mídia de poluição, insegurança, violência, criminalidade e de desinformação –, mas é para discutir como os coletivos juvenis dessas periferias, por meio das redes sociais, têm buscado potencializar suas organizações, lutas, pautas e movimentos em cidadania insurgente, e, conseqüentemente, digital – o que nos permitimos hipotetizar e denominar como uma educação popular em/nas redes.

A abordagem de Educação Popular defendida nesta tese se revela como um fenômeno orgânico e emergente, fundamentado na compreensão de que os jovens contemporâneos estão profundamente imersos em práticas sociais coletivas e em redes digitais. Ao contrário das estruturas curriculares tradicionais ou de normativas rígidas, essa modalidade de Educação reconhece e abraça a dinâmica fluida e dinâmica das interações sociais digitais. A natureza orgânica desse enfoque responde à complexidade do mundo atual, cujas fronteiras entre aprendizado formal e experiências cotidianas estão cada vez mais difusas.

A escola, nesse contexto, não é encarada como a única detentora do conhecimento, mas como parte de um ecossistema mais amplo, no qual os jovens participam ativamente da cocriação de saberes. Com a flexibilidade curricular, podemos pensar que a Educação Popular nas redes se desenvolva de maneira flexível, adaptando-se às demandas e interesses emergentes dos participantes, principalmente dos coletivos juvenis das periferias, pois essa abordagem reconhece que as experiências que acontecem fora do ambiente escolar são ricas em

aprendizados, e, portanto, resultam na construção de conhecimentos, fomentando uma Educação desterritorializada<sup>7</sup>.

Face ao exposto, refletimos sobre a imposição opressora do sistema capitalista ao contexto periférico, resultando, em uma escola com muitas precarizações, mas também com algumas frentes e espaços de resistência, forjando os sujeitos às vivências, a partir dessa lógica imposta. Nessa perspectiva, Certeau (1994) apresenta a ideia de que emerge uma resistência frente as contradições, na medida em que esses moradores inventam modos de ser, viver e sobreviver nessas ambiências. Assim, é possível compreender as periferias como espaços vivos em construção de saberes, fluxos, memórias, histórias de vida, aprendizagens diversas, tendo em vista as plurais realidades que a permeiam.

Nesses espaços, a vida cotidiana é marcada por uma resiliência notável. As periferias são incubadoras de histórias de superação onde muitos moradores enfrentam desafios com determinação, construindo laços solidários e redes de apoio. Nas periferias, vidas cotidianas desdobram-se em uma complexa teia de relações familiares, amizades e vizinhanças, refutando a narrativa simplista que muitas vezes as retrata.

---

<sup>7</sup> Segundo Telles (2007), a educação desterritorializada refere-se a um modelo educativo que transcende as fronteiras geográficas e culturais tradicionais. Este conceito enfatiza a mobilidade do conhecimento e das práticas pedagógicas, permitindo que aprendizados sejam compartilhados e disseminados independentemente da localização física dos indivíduos. A educação desterritorializada valoriza a interculturalidade e a diversidade, promovendo um ambiente de ensino e aprendizagem mais inclusivo e globalizado.

**Figura 1** - Post sobre a desmistificação de que as periferias são lugares de criminalidade<sup>8</sup>.



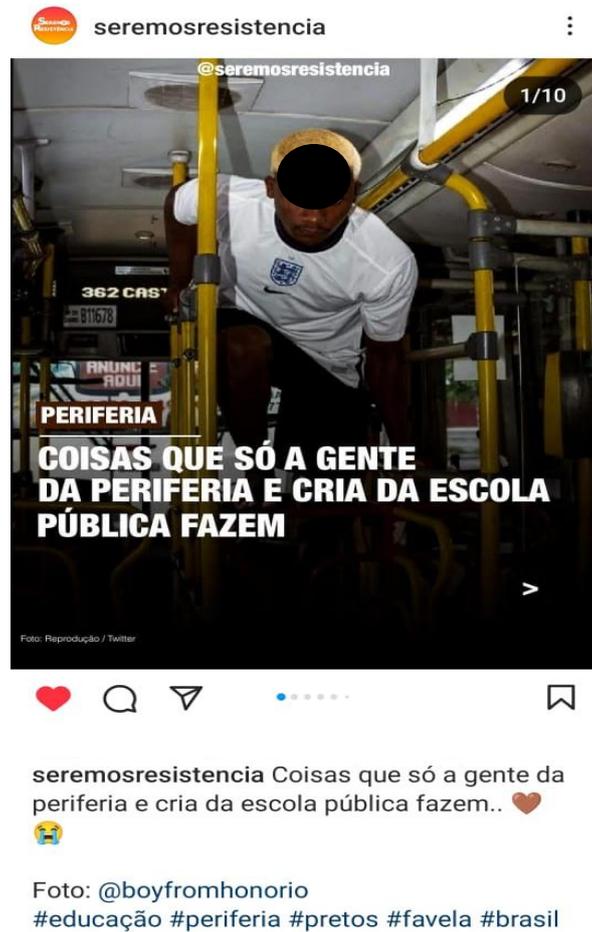
**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023).

Na Figura 1, analisamos que é imperativo rejeitar estereótipos simplistas e reconhecer a multiplicidade de narrativas que compõem as periferias. Por trás das fachadas, muitas vezes estigmatizadas, encontra-se uma tapeçaria rica de vida, Educação, arte, sorrisos e notáveis realizações. Essa perspectiva mais completa não apenas honra a complexidade dessas comunidades, mas também desafia os preconceitos que limitam a compreensão das periferias e de seus habitantes, como é possível evidenciar na figura 2, abaixo:

---

<sup>8</sup> Link do post, na rede social Instagram:  
<https://www.instagram.com/p/C2AtxdkMT5/?igsh=cTQ5ZXRzanU2NzRl>

**Figura 2** - Carrossel<sup>9</sup> sobre as coisas que só as pessoas da periferia e cria da escola pública fazem<sup>10</sup>.



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

Na Figura 2, temos um carrossel de *posts* abordando ganhos, resultados das periferias e de suas crias por meio da Educação. A Educação, muitas vezes subestimada em cenários periféricos, é, na verdade, um epicentro de transformação. Escolas e iniciativas educacionais locais emergem como agentes fundamentais para o empoderamento<sup>11</sup>, desafiando estigmas (GOFFMAN, 1982) e cultivando o potencial latente em cada criança e adolescente. Educadores nas periferias desempenham papéis cruciais na construção de um futuro promissor, que transcende as limitações frequentemente impostas pelo contexto socioeconômico. Dando

<sup>9</sup> Refere-se a uma funcionalidade do Instagram que permite aos usuários compartilhar várias imagens ou vídeos em uma única publicação. Ao criar um carrossel, podemos deslizar para a esquerda ou direita dentro da publicação para visualizar conteúdos adicionais. Utilizamos essa ferramenta para contar histórias mais completas, compartilhar tutoriais passo a passo, exibir uma série de fotos relacionadas ou apresentar informações de maneira mais detalhada, aproveitando o formato de apresentação sequencial.

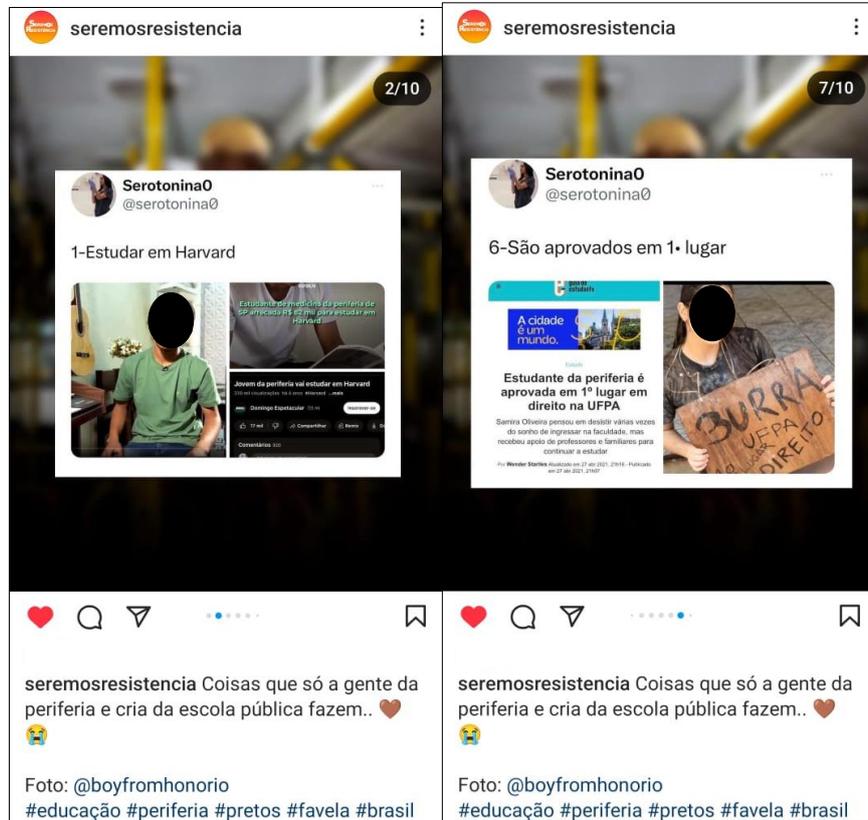
<sup>10</sup> Link do carrossel na rede social Instagram:

<https://www.instagram.com/p/C1PY0eMri28/?igsh=MW5panAwMHgwcGFkZw==>

<sup>11</sup> Utilizaremos durante toda a Tese a ideia de Empoderamento numa perspectiva de coletividade, baseada nas ideias de Joice Berth (2019).

sequência, ao carrossel, selecionamos mais dois *prints* para entendermos melhor a proposta. Vejamos, a seguir:

**Figura 3** - *Posts* do carrossel sobre as coisas que só a periferia e suas crias fazem<sup>12</sup>.



**Fonte:** *Print* coletado pelo Pesquisador (2023)

Essas histórias de sucesso e conquistas notáveis provenientes das periferias, representada na Figura 3, desafia estereótipos e evidenciam a resiliência extraordinária presente nas periferias. “Criças” talentosas, muitas vezes enfrentando condições socioeconômicas desfavoráveis, destacam-se não apenas por suas habilidades excepcionais, mas também pela determinação incansável e pela paixão que os impulsiona a superar obstáculos significativos. Sejam nos esportes, por exemplo, ou na ciência e ativismo, as periferias emergem como agentes de mudança, contribuindo para avanços significativos em suas respectivas áreas.

Essas narrativas de êxito são mais do que simples exceções: são testemunhos tangíveis da riqueza de potencial humano que existe em todas as partes, desafiando assim preconceitos e

<sup>12</sup> Link do carrossel na rede social Instagram:

<https://www.instagram.com/p/C1PY0eMri28/?igsh=MW5panAwMHgwcGFkZw==>

promovendo uma visão mais inclusiva e justa. Há desigualdades, e com elas há oportunidades diferentes!

Ainda nesse contexto, torna-se importante compreender sobre as periferias e suas apropriações, especificamente, qualquer relação que conecte, aproxime as relações produzidas. Aqui nós as chamaremos de conexões, condições, práticas e experiências (quase sempre envolvendo conflitos, negociações, ativismos e invenções) e a própria reinvenção das periferias e suas práticas sociais e emergentes, principalmente, no contexto da Cibercultura<sup>13</sup>, das aprendizagens em/nas/das redes<sup>14</sup>.

Pensar em Cibercultura, ou seja, cultura mediada pelo digital em rede na perspectiva entre cidade e o ciberespaço (Santos, 2014), ressignifica o modo como nos relacionamos conosco e com os outros. A cibercultura permite que as pessoas se conectem, interajam e compartilhem informações e experiências através do ciberespaço, que é uma extensão híbrida<sup>15</sup> da cidade. A pesquisadora Edméa Santo, destaca a interseção entre cidade e ciberespaço, considerando este último como uma extensão híbrida do ambiente urbano.

Essa perspectiva ressalta não apenas a digitalização das interações, mas também a integração entre os espaços físicos e virtuais na construção da Cibercultura. Esta, que se manifesta na interseção entre a cultura digital e as relações sociais, introduz uma dinâmica transformadora na experiência contemporânea. Nesse contexto, a cidadania digital emerge como um desdobramento essencial, delineando a capacidade dos indivíduos de participarem ativamente na esfera pública virtual, marcada por fluxos de informações instantâneos e interconexões globais.

No entanto, a cidadania digital não se limita apenas a habilidades técnicas; ela se entrelaça com a noção de cidadania insurgente, à medida em que se busca perceber as movimentações de coletivos juvenis das periferias em/nas redes. Esta cidadania, trata-se de manifestação de subjetividades coletivas, que, por meio da Cibercultura, impulsionam processos de conquista, manutenção e efetividade de direitos, atuando como agentes de emancipação em meio às redes digitais. A interconexão dos três conceitos destaca não apenas a transformação das práticas sociais mediadas pelo digital, mas também a potencialidade dessa

---

<sup>13</sup> Para Pierre Lévy (1999, p.17) Cibercultura é o "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço".

<sup>14</sup> Entendamos aprendizagens em/nas/com as redes como toda e qualquer descoberta, apropriação e uso feito pelos coletivos juvenis das periferias por meio das práticas sociais que são possíveis.

<sup>15</sup> Segundo Santaella (2008) híbrido, hibridismo, hibridação e hibridização são radicais que: caracterizam as facetas da sociedade contemporânea; e dizem respeito a formações sociais, misturas culturais, convergência das mídias e combinação eclética de linguagens e signos.

interação para a resistência e reconfiguração dos paradigmas sociais. Dessa base conceitual, é possível explorar como a propriedade, no âmbito digital, é afetada e influencia essas dinâmicas, tornando-se um componente crucial na compreensão mais ampla das relações sociais e econômicas emergentes na era digital.

Nesse contexto, a noção de cidadania insurgente<sup>16</sup> ganha contornos particulares, especialmente quando se observam as apropriações partidas dos jovens. Esses, ao navegarem e participarem ativamente do ciberespaço, encontram uma plataforma para expressar suas identidades, questionar normas sociais e engajar-se em práticas insurgentes. Movimentos como *#BlackLivesMatter*<sup>17</sup> e *#MeToo*<sup>18</sup> encontraram no ciberespaço um terreno propício para a mobilização, desafiando narrativas hegemônicas e amplificando vozes excluídas.

A Cibercultura, como facilitadora da cidadania insurgente, permite que os jovens se apropriem das ferramentas digitais para criar movimentos, narrativas e comunidades que buscam a transformação social. As redes sociais, *blogs*, *podcasts* e outras plataformas *online* tornam-se espaços de resistência e esperança, bem como de expressão para os jovens, possibilitando a construção de identidades coletivas e disseminação de ideias e causas relevantes. Essas apropriações digitais não apenas ampliam as possibilidades de participação cidadã, mas também desafiam e subvertem estruturas de poder existentes.

Além disso, a Cibercultura proporciona uma expansão dos letramentos insurgentes entre os jovens. O acesso a informações diversas e a capacidade de produzir conteúdo digital permitem que os jovens desenvolvam habilidades críticas e expressivas, contribuindo para a construção de conhecimento, diálogo e ação social. Exemplos incluem a criação de *blogs*, vídeos educativos e campanhas *online* que buscam promover a justiça social, os direitos humanos e a igualdade. Contudo, é crucial reconhecer que as apropriações da Cibercultura para a cidadania insurgente também enfrentam desafios, como a disseminação da desinformação.

Ao explorar o comportamento *online* e as interações sociais, por exemplo, nesses espaços digitais, os pesquisadores podem desvendar padrões intrincados, que definem as relações sociais contemporâneas. Além disso, a abundância de dados disponíveis nas redes sociais proporciona uma riqueza de informações para análise, possibilitando a identificação de

---

<sup>16</sup> Apresentaremos, no capítulo de fundamentação, o conceito e exemplos de cidadania insurgentes.

<sup>17</sup> A hashtag *#BlackLivesMatter* surgiu como um movimento de ativismo nas redes sociais, inicialmente em resposta à violência policial contra a comunidade negra nos Estados Unidos. Desde então, ela se transformou em um símbolo global na luta contra a discriminação racial e pela justiça social.

<sup>18</sup> A hashtag *#MeToo* emergiu como um movimento poderoso nas redes sociais, proporcionando a sobreviventes de assédio sexual uma plataforma para compartilhar suas experiências e desafiar normas culturais e institucionais. Essa hashtag transcendeu as redes sociais, tornando-se um catalisador para debates e mudanças significativas nas dinâmicas de gênero.

tendências, comportamentos e mudanças ao longo do tempo. A capacidade de estudar a evolução das interações sociais ao longo do tempo é crucial para compreender as transformações nas práticas culturais e nas relações interpessoais.

Pelo dito, observamos o contexto em que a interação *online* (e em/nas redes) dos jovens tem gerado um imenso processo de formação humana (e, portanto, educacional), configurado de modo coletivo, global, participativo, colaborativo, e, principalmente, dialógico, uma vez que todos ensinam e aprendem ao mesmo tempo. Tudo isso só é possível porque eles (os jovens) demonstram um satisfatório uso das múltiplas linguagens que dão suporte à interação humana, neste momento de suas vidas, já que todo processo formativo é sempre situado em um tempo-espaço, os quais são construídos pelos sujeitos ao mesmo tempo em que ali também se constroem como atores sociais.

O interesse por esse objeto tem raízes em nossa trajetória pessoal, profissional e acadêmica, desde quando começamos a nos envolver ativamente em diversas redes sociais. Venho de uma formação extraescolar muito rica. Nasci e fui criado pela minha família materna, a grande maioria de professores. Tive a oportunidade de viver, na prática, a Educação para além dos muros escolares: dentro de uma casa de farinha, onde minha avó e minha tia me mostraram o universo dos (multi)letramentos.

A casa de farinha no Nordeste, especificamente no Ceará, é um espaço comunitário dedicado à produção artesanal de farinha de mandioca. Este processo envolve diversas etapas, desde a colheita da mandioca, passando pela raspagem, lavagem, trituração, prensagem, peneiração e torrefação até se obter a farinha pronta para o consumo. As casas de farinha são geralmente estruturas simples, muitas vezes construídas de madeira e palha, onde toda a comunidade se reúne para trabalhar de forma cooperativa.

No contexto cultural cearense, as casas de farinha representam muito mais do que apenas locais de produção alimentar. Elas são centros de convivência e de transmissão de conhecimentos tradicionais, onde práticas e técnicas ancestrais são passadas de geração em geração. Além disso, esses espaços são cenários de manifestações culturais, como rodas de conversas, contação de histórias e cantorias, que fortalecem os laços comunitários e preservam a identidade cultural da região.

A casa de farinha simboliza a resistência e a autonomia das comunidades rurais no Ceará. Ela reflete a capacidade de autossustentação e a valorização dos recursos locais, demonstrando a importância da mandioca não apenas como alimento básico, mas como um elemento central na economia e na cultura cearenses. Em um mundo cada vez mais globalizado,

a casa de farinha mantém viva a tradição e a cultura do sertão nordestino, afirmando a singularidade e a riqueza das práticas locais.

Como não bastasse a importância da casa de farinha na minha identidade cultural e pessoal, ainda tive o privilégio em estudar em uma casa de farinha da minha avó, a quem eu devo minha construção afetiva. Após aposentada como professora, no início dos anos 90, minha avó Francisca Holanda Dieb (eterna tia Fransquinha), juntamente com sua filha mais nova, Nara Dieb, fundaram a Escolinha Moranguinho, que dividiam o processo da farinhada com as aulas para crianças de 3 aos 7 anos da comunidade, que eram alfabetizadas e preparadas para um futuro melhor.

**Figura 4** - Imagem da casa de farinha da minha avó que também funcionava a Escolinha Moranguinho.



**Fonte:** Acervo familiar (2023).

Essa história de dedicação e de hibridização cultural e educacional que vivi e cresci junto, virou uma memória literária e foi publicada no livro “Do roçado a farinhada – saberes e memórias”, pelo professor, autor Lúcio Flávio de Holanda, no ano de 2022. Segundo ele, além da memória literária, intitulada “Dos grãos de farinha às mãos que alfabetiza”, a casa de farinha, aquele espaço, era uma casa popular de saberes, que:

“Durante décadas, aquela brava mulher Fransquinha alfabetizou gerações, crianças do Pratiús, Varzante, Caracara e lugares circunvizinhos. A arquitetura interna da sala de aula era ilustrada pelo forno, a prensa, os tanques de massa e o servidor de mandioca.

Não raro os alunos dividiam a territorialidade daquele chão com mandiocas e sacas de farinha, sem comprometer a qualidade da aula e a higiene do espaço. Tudo muito limpinho e organizado. O espírito acolhedor e solidário de D Fransquinha, como era carinhosamente tratada, extrapolava a missão escolar de instrução, a ponto de permitir, em situações excepcionais o descanso, a soneca revitalizante de um ou outro aluno que estivesse indisposto para aquele momento de aula. Com frequência disponibilizava frutas de seu quintal para a merenda de seus alunos. Muito cuidadosa com a qualidade do ensino, mesmo na precariedade do ambiente físico, as crianças que passavam pela escolinha da Dona Fransquinha Dieb saíam-se muito bem alfabetizadas e brilhavam nas instituições por onde estudavam posteriormente. A casa de farinha foi o palco da educação de Pratiús durante um bom tempo. A farinha que se produzia naquela singela edificação de tijolo branco sem reboco, seus grãos tinham feições de letras, alfabetos e números, e, para além dessa parceria, havia acima de tudo amor, sacerdócio e empatia. Na casa de farinha, as aulas aconteciam em dois turnos, de manhã de 7 as 11h e a tarde de 13h as 17h. Um lugar amistoso, de convívio agradável, sem descuidar da qualidade dos conteúdos ensinados, da disciplina construída e das relações amigáveis entre Dona Fransquinha, os discentes e as famílias que a ela confiava a educação formal de seus filhos. Nos tempos festivos, tais como dia das mães, dos pais, natal e final de semestre (entrega de provas), arrumava-se o ambiente como muito esmero... Uma casa de farinha que legou para o nosso lugar uma escola de ensino infantil, (missão continuada por uma das filhas), uma docente para o serviço público municipal de Pindoretama, e que ajudou a construir saberes e valores para os nascidos e adotados por essa bendita terra litorânea” (HOLANDA, 2022, p.43-44).

Com o passar dos anos e o como forma de reconhecimento municipal, o prefeito José Maria Mendes Leite, mais conhecido na região como Dedé, conferiu uma linda homenagem a minha avó, nomeando a escola infantil da comunidade que ela morava como Escola Municipal de Educação Infantil Francisca Holanda Dieb - Tia Fransquinha, registrado como Projeto de Lei Municipal, nº. 593, no ano de 2022.

A comunidade acolheu com muito carinho e reconhecimento a homenagem, já que a grande maioria dos moradores foram alunos e alunas ou tiveram seus filhos como alunos da minha avó Fransquinha, a quem dou um grande destaque nessa introdução, pois minha formação, conduta, e, principalmente, o amor pela Educação, vêm do exemplo dela que eu acompanhei e vivi durante minha infância e adolescência.

**Figura 5** - Fachada da EMEI Francisca Holanda Dieb – Tia Fransquinha.



Fonte: EMEI Tia Fransquinha (2022)

Ao mesmo tempo, o ambiente da casa de farinha pode simbolizar o contexto mais amplo em que essas conexões ocorreram. Da mesma forma que os saberes populares são transmitidos de geração para geração na casa de farinha, os ensinamentos da minha avó e tia sobre o mundo letrado foram compartilhados, formando uma base sólida para minhas interações e descobertas futuras. Essa conexão entre minha trajetória pessoal e as tradições culturais me permitiu, como um terreno fértil, a fusão harmoniosa entre o conhecimento popular e os (multi)letramentos modernos que foram transmitidos pela minha família, garantindo, assim, minha escolha pela Educação.

Cursei Letras/Inglês no sistema de Educação à distância, na Universidade Federal do Ceará (UFC), na modalidade semipresencial, entre os anos de 2010 a 2014, e Pedagogia de 2016 a 2020. Foi esse um importante passo em direção a minha formação acadêmica e profissional. Durante a graduação, tive algumas experiências com a docência, especialmente na escola. O curso de Letras/Inglês teve como característica preparar professores, embora eu tenha compreendido e vivido uma formação mais ampla, que me possibilitou a ver uma Educação do ponto de vista social e político. Fui aluno com muito orgulho dessa modalidade na qual me fez ser mais determinado, autônomo e dedicado.

Ainda no contexto da graduação, tive a oportunidade de ser bolsista de monitoria de projetos, sob orientação do Professor Júlio Araújo, a quem eu devo muita gratidão pela construção de uma rede acadêmica afetuosa, tornando-me o primeiro aluno de EaD a ser bolsista na UFC. A experiência marcou muito minha vida acadêmica, me construindo quanto pesquisador e me permitindo trabalhar com oficinas para alunos de graduação sobre resenhas.

Quanto às vivências em sala de aula, passei por pouco mais de 4 anos dentro de sala, atuando com as disciplinas de Inglês, Português, Redação e Projetos. Destaco minha passagem pela EEEP Edson Queiroz, na cidade de Cascavel, entre 2012 a 2014, onde pude vivenciar as mais diversas situações docentes, como lecionar, orientar trabalho, produzir trabalhos com os alunos, ser desafiado e desafiá-los. Enfim, costumo dizer que lá foi o maior estágio que já passei na minha vida, principalmente, quando nos referimos à docência e ao uso das tecnologias.

As percepções sobre o uso de tecnologias digitais me ajudaram na busca do meu caminho de pesquisa, durante o período da graduação e especialização. Durante os anos de 2013 e 2014, participei com alunos por diversas feiras científicas, nas quais representávamos a escola na categoria Tecnologias, e tivemos a honra de ganhar vários prêmios, viajando por alguns Estados brasileiros e para Colômbia.

Vivi também experiências como tutor, formador, professor conteudista em alguns cursos de Educação à distância, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e pela Universidade Federal do Ceará (UFC). A partir da minha experiência como aluno, tutor e conteudista na EaD, me vi convocado a aprofundar meus conhecimentos sobre o uso dessas tecnologias e modalidades na Educação. Assim, passei para o curso de mestrado da Universidade Federal do Ceará, na linha Educação, Currículo e Ensino, no eixo Tecnologias Digitais na Educação, no qual dissertamos<sup>19</sup> sobre mobilidade, ubiquidade e autoria.

Além disso, podemos ainda destacar minhas fortes experiências sociais: desde 2002, participei de movimentos juvenis da igreja da comunidade, com os quais recolhíamos, por meio de campanhas, contribuições para ajudar crianças e famílias pobres. Sempre fui engajado ao serviço social, mas também às artes, como grupos de teatros e danças, e aos esportes, com coletivos de vôlei, handebol, futsal, corridas e ciclismo. Essas construções me permitiram, em 2018, a meu ingresso no Doutorado e à instituição do Projeto +Juventudes<sup>20</sup>, que objetiva

---

<sup>19</sup> Dissertação de Mestrado sobre A relação de jovens com o saber: o uso de dispositivos móveis para aprender em uma escola profissionalizante do interior do Ceará. Link: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36386/1/2018\\_dis\\_edsouza.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36386/1/2018_dis_edsouza.pdf)

<sup>20</sup> Link do projeto na rede social Instagram - <https://www.instagram.com/maisjuventudepindo/>

proporcionar oportunidades de envolvimento social, artístico, esportivo, cultural e humano aos envolvidos.

Dentre as ações do projeto, destaco: coletivo de *FitDance*, Coletivo de Forró, grupo de estudos para concursos públicos, grupo de *ballet*, cursinhos de idiomas e o coletivo +1 no Mestrado e Doutorado, que têm sido de grande importância e representatividade em resultados de seleções em cursos de pós-graduação pelo Ceará e Nordeste, aprovando já mais de 50 pessoas.

Sempre participei de movimentos estudantis, sociais e comunitários, os quais resultaram em algumas lideranças escolares e de movimentos sociais em minha comunidade. A experiência adquirida ao longo desses anos, moldou nossa compreensão sobre o impacto das plataformas digitais na sociedade, e, conseqüentemente, inspirou nossa decisão de candidatura ao legislativo de Pindoretama (CE), em 2020, direcionando nossa campanha especificamente para o Instagram<sup>21</sup>. A escolha dessa plataforma não foi arbitrária. Reconhecemos que, hoje, as redes sociais desempenham um papel crucial na formação de opinião pública e na disseminação de informações.

Ao longo da campanha, percebemos que a interação e o diálogo nas redes sociais transcendem os limites geográficos, promovendo a conectividade e a troca de ideias entre diferentes comunidades. Isso reforçou nossa crença na importância da pesquisa e discussão sobre temas relevantes, especialmente no que diz respeito à educação política e ao papel das juventudes na sociedade contemporânea. A plataforma Instagram, com seu alcance global, proporcionou um espaço valioso para explorarmos e compartilharmos perspectivas sobre mobilidade, ubiquidade e autoria, temas fundamentais para o entendimento da dinâmica social atual.

Além disso, a atuação política e cidadã em redes sociais nos ofereceu *insights* valiosos sobre como a tecnologia pode ser um artefato cultural e social poderoso para fortalecer a democracia e ampliar a participação cidadã. Observamos como a mobilização *online* pode gerar impacto no mundo “*offline*”, influenciando debates e decisões políticas. Isso reforça a necessidade de explorar continuamente as possibilidades e desafios que surgem com a interseção entre política, cidadania e tecnologia.

Por fim, a trajetória que percorremos até agora nos motivou a expandir ainda mais nossos horizontes, buscando formas inovadoras de envolver as comunidades em redes em discussões construtivas, além de ações que promovam o diálogo e o pertencimento.

---

<sup>21</sup> Artigo Performances políticas em redes: um estudo (AUTO)narrativo sobre a campanha para vereador em Pindoretama/CE completo no link - <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/40786>

Acreditamos que a interação dinâmica nas redes sociais não apenas reflete, mas também cria as narrativas sociais e estamos comprometidos em contribuir positivamente para esse cenário em constante evolução, principalmente no que concerne às periferias.

Em redes, e potencializado pela COVID-19, no seu auge pandêmico, entre 2020 a 2021, evidenciei um trabalho estruturador e consolidado de algumas periferias Brasil afora, em divulgação de informações locais, estaduais e nacionais, que denunciavam, informavam e apresentavam dados importantes para o contexto. A relevância social desse enfoque foi evidente, considerando a crescente influência das redes digitais na construção de identidades culturais e sociais. Ao direcionar a atenção para as periferias, busco dar visibilidade às vozes muitas vezes excluídas, proporcionando uma perspectiva mais inclusiva e enriquecedora.

A diversidade e complexidade inerentes às periferias são, igualmente, motivadoras para essa escolha. Esses contextos frequentemente abrigam comunidades multifacetadas, oferecendo uma oportunidade única para explorar uma gama ampla de experiências, identidades e interações culturais que podem não receber a devida atenção em outros estudos e áreas de pesquisa. A decisão de abordar as periferias também surge da compreensão de que essas áreas frequentemente enfrentam desafios únicos, mas também apresentam oportunidades de inovação e resiliência.

Advindo, então, dessas motivações, este objeto de pesquisa teve como questão norteadora: Como os coletivos juvenis das periferias constroem a Educação Popular em/nas/com<sup>22</sup> as redes? E, suas questões de desdobramento são: Como as aprendizagens em/nas/com as redes auxiliam os coletivos juvenis das periferias em suas insurgências? Como essas insurgências, auxiliadas pelas aprendizagens em/nas/com as redes, fomentam a construção de uma cidadania digital por coletivos juvenis das periferias?

Nesta perspectiva, nosso objetivo geral foi investigar a construção de uma Educação Popular em/nas/com as redes por coletivos juvenis das periferias. Os objetivos específicos compreendem: descrever o papel das aprendizagens em/nas/com as redes nas insurgências praticadas por coletivos juvenis das periferias; analisar a construção de uma cidadania digital com base nas insurgências de coletivos juvenis das periferias.

---

<sup>22</sup> O uso das preposições "em", "na" e "com" na expressão "educação popular em/nas/com as redes" traz a compreensão de (múltiplos) significados. A preposição "em" sugere que a educação popular na perspectiva da temporalidade. Já "na" reforça que a educação popular está situada de forma mais específica nas redes, conferindo um caráter emergente de práticas emergentes nos espaços plurais das redes. E, "com" traz a ideia de colaboração ou interação, apresentando que a educação popular que se realiza em parceria ou em conjunto com as redes, implicando um trabalho cooperativo e dinâmico. Essas variações ajudam a moldar o entendimento sobre como a pluralidade e a dimensão da educação popular com o ambiente das redes.

O olhar transdisciplinar sobre os aspectos supracitados permeou nossas narrativas pessoais, acadêmicas e profissionais – educação cidadã, mobilidade e juventudes e a preocupação com a necessidade de nos apropriarmos sobre o debate de aprendizagens em redes sociais – nos aproximou dos territórios periféricos, de forma política, autoral e, sobretudo, humana. Este contexto reverberou, por conseguinte, na condução da proposta desta tese.

Para que os fluxos e conexões sejam fluidos e fortes, apresentamos como as seções deste trabalho estão organizadas. Salientamos que cada seção recebe um termo, expressão que caracteriza os coletivos juvenis das periferias estudadas em redes, a partir dos nossos achados e construções durante a pesquisa.

Na seção 2, apresentamos a fundamentação teórica do trabalho, na qual optamos por construir um fluxo de conexões que inicia apresentando as nomenclaturas usadas para periferias e suas justificativas, bem como a revisão de literatura a partir dessa concepção; adiante, pensamos em apresentar sobre o contexto da desigualdade digital e suas interferências na Educação, a partir do contexto pré, durante e pós-pandemia; para assim, justificar o nosso olhar sobre o objeto Educação Popular em/nas redes, quando defendemos as práticas (multi)letradas usadas pelos coletivos juvenis das periferias para a construção de (novas) perspectivas emergentes e orgânicas para suas lutas; e, por fim, apresentamos a compreensão desse objeto, a partir dos conceitos de cidadania digital e insurgente como espinhas dorsais da pesquisa.

Na seção 3, descrevemos “o rolê da pesquisa”, em que apresentamos os processos metodológicos, as nossas “gambiarras metodológicas”, escolhas pelas quais utilizamos, por vivermos um período pandêmico durante a construção do projeto de pesquisa, e dos dados. Tivemos como campo de pesquisa periferias de três grandes cidades do Brasil: Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, optamos por ficar com os perfis públicos de coletivos juvenis em/na rede social Instagram, para a construção de nossos dados e análises, pois nos deparamos com as dificuldades do contexto pandêmico durante o processo.

Na seção 4, fazemos a apresentação do que encontramos como práticas de insurgências e as aprendizagens em/nas redes dos perfis coletivos de jovens das periferias, por meio de quatro categorias analíticas: histórias de vida e empoderamento; ativismo social; narrativas locais e comunitárias; e rede comunitária e solidária.

Dando continuidade, na seção 5, apresentamos as narrativas de cidadania digital, organizadas em três: participação ativa e política; denúncia de estereótipos; e resistência cultural. Finalmente, apresentamos considerações que não poderão ser consideradas “finais”, tendo em vista as múltiplas possibilidades de ramificações desse movimento de Educação Popular em/nas/com as redes. Portanto, faremos uma síntese dos resultados desta pesquisa, a

partir dos objetivos propostos, destacando ainda algumas outras vertentes possíveis de estudo sobre o objeto.

A seguir, apresentaremos, o capítulo “Fundamentando a ‘parada’”, no qual traçaremos algumas discussões teóricas sobre Educação Popular, cidadania insurgente e cidadania digital.

## 2 FUNDAMENTANDO A “PARADA”<sup>23</sup>

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação da “parada” da nossa tese. Em meio a um cenário em que a tecnologia é ubíqua, a cidadania digital não se limita à mera competência técnica, mas configura-se como uma consciência crítica capaz de empoderar os jovens na sua jornada de participação social e transformação coletiva. Este capítulo de fundamentação teórica busca, assim, explorar os fundamentos que sustentam a relação entre a Educação Popular, as aprendizagens em redes pelos coletivos juvenis e a emergência de uma cidadania insurgente, enfatizando a interdependência entre resistência e consciência digital.

### 2.1 A desigualdade digital: cenários pré, durante e pós-pandemia

Nossa pesquisa teve início no período da pandemia da Covid-19. Um período de mudanças, muitas perdas, e que não podem ser ignoradas, principalmente no que se concerne à Educação, seja por aprendizagem ou desigualdade digital. Antes da pandemia de COVID-19, o acesso à Internet no Brasil era marcado por disparidades significativas e excludentes, o que não é muito diferente do cenário durante e pós-pandêmico. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, cerca de 4,8 milhões de domicílios brasileiros não tinham acesso. Essa falta de conexão afetava especialmente comunidades de baixa renda e de áreas rurais, onde a infraestrutura de telecomunicações era limitada.

Ainda mais detalhista sobre essa questão, de acordo com os dados nacionais fornecidos pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br – Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR – NIC.br), em 2019, durante a avaliação do progresso da Internet no Brasil, em colaboração com a UNESCO, foi constatado que aproximadamente 61% das residências brasileiras estão conectadas.

No entanto, nas áreas rurais, apenas cerca de 34% das famílias têm acesso à Internet, sendo que, em domicílios de baixa renda (nível socioeconômico D e E), essa proporção é ainda menor, atingindo apenas 30%. Em contraste, em lares de alta renda (A e B), as taxas de conexão são de 99% e 93%, respectivamente, evidenciando disparidades significativas em termos de acesso.

---

<sup>23</sup> O termo "parada" é uma gíria que pode ser empregada como uma maneira informal de se referir a uma situação, objeto, evento ou pessoa, geralmente expressa algo que está acontecendo, está prestes a acontecer ou que chama a atenção de alguma forma. Sua origem e popularidade estão profundamente vinculadas à cultura urbana, especialmente nas áreas periféricas das grandes cidades. Nesta seção, idealizamos construir uma ideia de fundamentação da Tese.

Além disso, os dados revelam que o acesso fixo, especialmente entre grupos com índices mais baixos de conectividade, não avançou o suficiente para ser considerado um meio fundamental para a universalização, enquanto as conexões móveis, através de dispositivos celulares, emergiram como os principais impulsionadores da disseminação da Internet.

No que diz respeito ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas escolas, os dados do Cetic.br/NIC.br de 2017 revelam que apenas 39% dos estudantes em áreas urbanas utilizavam a Internet nas instituições de ensino. Nas áreas rurais, a situação era ainda mais desafiadora, com apenas 36% das escolas tendo acesso à Internet. Esses números demonstram que o progresso do uso das TIC nas escolas brasileiras ainda é insuficiente, apesar de algumas políticas públicas específicas terem sido implementadas nos últimos anos visando ampliar o acesso dos alunos à rede.

Durante a pandemia, enquanto a penetração da Internet era mais alta em áreas urbanas e em lares de alta renda, as comunidades rurais e famílias de baixa renda enfrentavam desafios significativos de acesso. Isso não apenas limitava o potencial de envolvimento e oportunidades para essas populações, como também ampliava as discrepâncias educacionais, já que o acesso à Internet nas escolas também era desigualmente distribuído. A predominância das conexões móveis como principal meio de acesso destacava não apenas a importância da mobilidade, mas também a falta de investimento em infraestrutura de banda larga fixa, especialmente em áreas menos favorecidas.

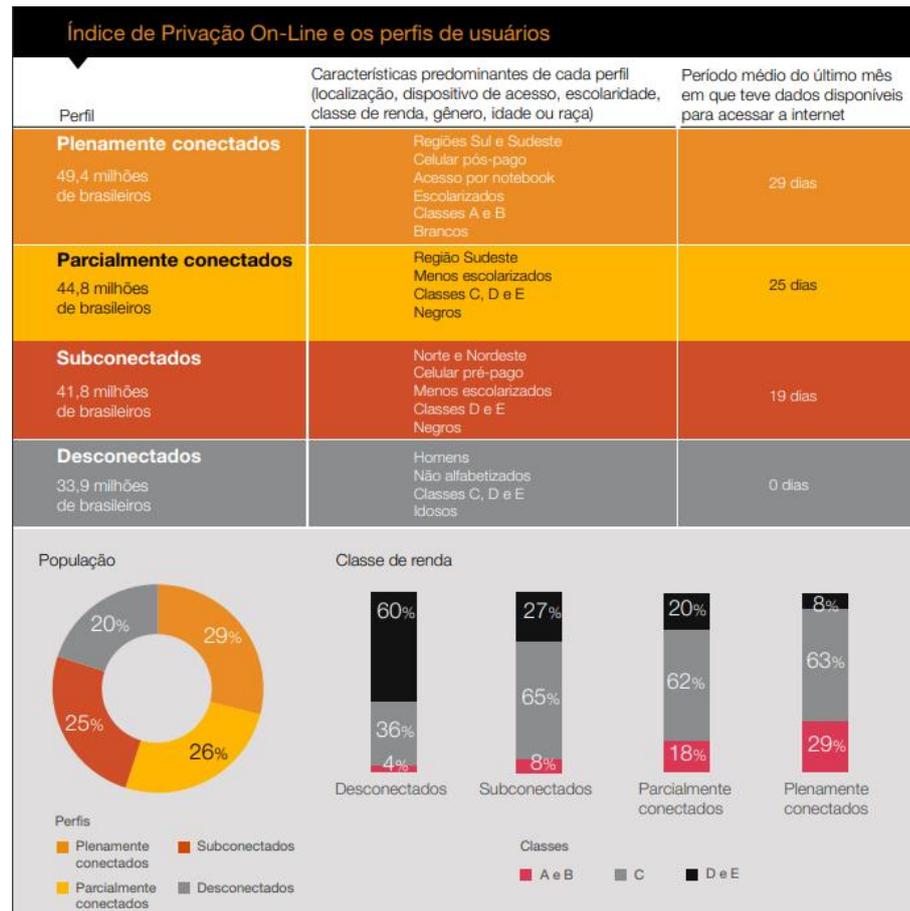
Diante desse cenário, e avançando um pouco na cronologia, deparamo-nos com o contexto da COVID-19. Nos índices apresentados a seguir, analisamos a privação *online* e os perfis de usuários mapeados em 2021, pela multinacional de consultorias *PricewaterhouseCoopers* (PwC), em parceria com o Instituto Locomotiva, no dossiê *Abismo digital no Brasil (2021)*<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup>Link para acesso:

[https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoesceos/maistemas/2022/O\\_Abismo\\_Digital.pdf](https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoesceos/maistemas/2022/O_Abismo_Digital.pdf)

**Figura 6 - Índice de privação on-line e os perfis de usuários.**



Fonte: PwC e Instituto Locomotiva (2021)

Analizamos, por meio da imagem acima, a categorização de usuários por quatro perfis distintos que emergem desse contexto, cada um enfrentando desafios únicos no acesso à tecnologia e à Internet. O primeiro grupo compreende os “Plenamente Conectados”, composto por 49,4 milhões de brasileiros, predominantemente encontrado nas regiões Sul e Sudeste, caracterizado por ter acesso a planos pós-pagos de celular, utilizar *notebooks* para acesso à internet, possuir níveis mais elevados de escolaridade, pertencer às classes sociais A e B, e ser majoritariamente composto por indivíduos brancos. Esse grupo representa aqueles que desfrutam de acesso amplo e estável à tecnologia, facilitando sua participação em atividades *on-line*, incluindo educação e trabalho remotos.

O segundo perfil é composto pelos “Parcialmente Conectados. Compreende 44,8 milhões de brasileiros e está concentrado principalmente na região Sudeste. Este grupo é caracterizado por ter níveis mais baixos de escolaridade, pertencer às classes sociais C, D e E, e ser, majoritariamente, composto por pessoas negras. Embora tenham algum acesso à Internet,

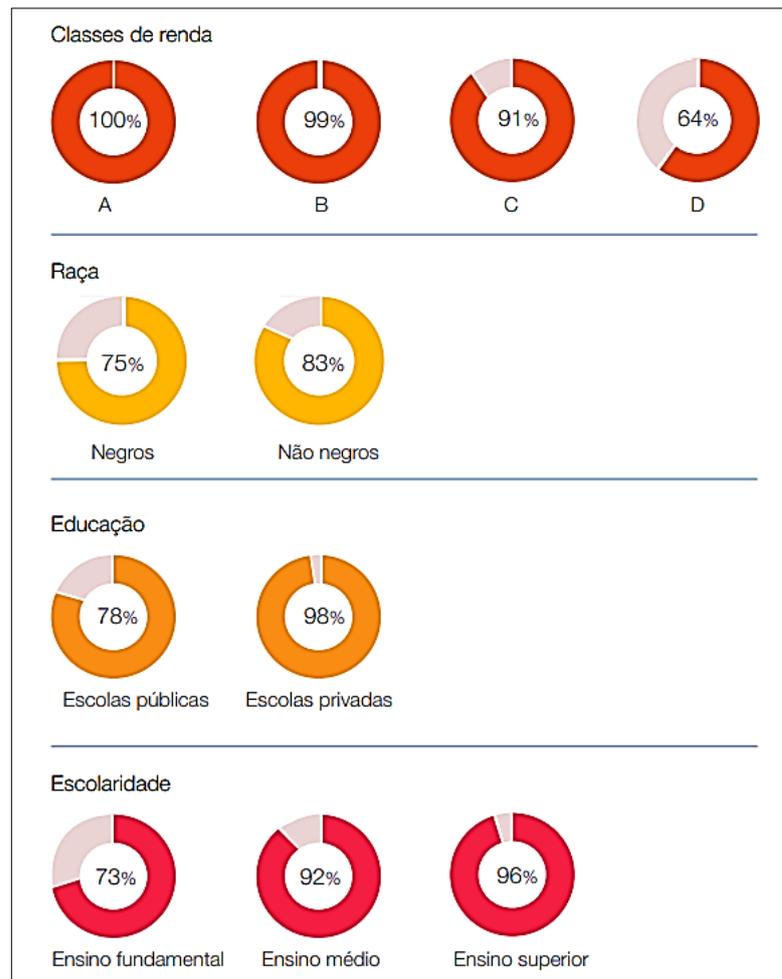
muitos enfrentam restrições devido à sua posição socioeconômica – o que limita sua capacidade de participar plenamente das oportunidades *online*.

Já o grupo de “Subconectados” totaliza 41,8 milhões de brasileiros. São predominantemente encontrados nas regiões Norte e Nordeste. Este grupo depende principalmente de celulares pré-pagos para o acesso, com pessoas de níveis mais baixos de escolaridade, pertencentes às classes sociais D e E, sendo, majoritariamente, composto por pessoas negras. Apesar de terem algum acesso à tecnologia, muitos enfrentam limitações significativas devido à infraestrutura precária e à falta de recursos, resultando em uma conexão instável e de baixa qualidade.

E, por fim, os “Desconectados”. Totalizam 33,9 milhões de brasileiros. São principalmente homens idosos, pertencentes às classes sociais C, D e E, e, geralmente, não alfabetizados. Este grupo enfrenta múltiplas barreiras para o acesso à tecnologia, incluindo falta de familiaridade com dispositivos digitais, falta de habilidades básicas de leitura e escrita, bem como limitações financeiras. Como resultado, eles estão virtualmente excluídos do mundo digital, perdendo acesso a serviços essenciais, informações e oportunidades de emprego.

Esses quatro perfis destacam a complexidade das desigualdades digitais no Brasil, evidenciando como fatores como localização geográfica, nível educacional, classe social, raça e idade estão ainda diretamente atrelados às questões de acesso e à utilização da tecnologia.

Ainda nesse contexto e utilizando dos dados do “Abismo digital no Brasil” (2021), analisamos as disparidades de acesso mapeadas em 2021, durante a COVID-19:

**Gráfico 1** - Percentagens de pessoas com acesso à Internet no Brasil.

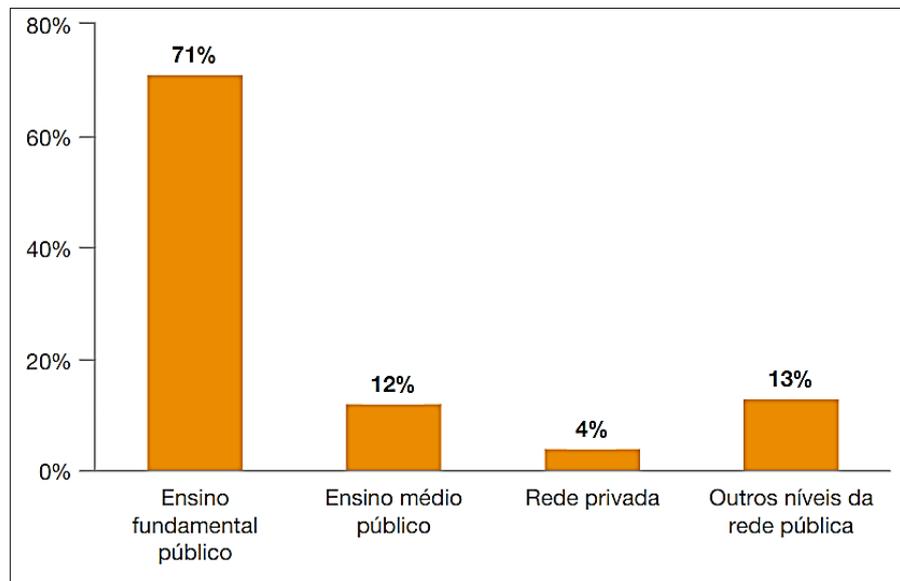
Fonte: Dossiê Abismo digital no Brasil (2021).

Os gráficos nos revelam uma desigualdade de acesso. A exclusão digital e a desigualdade socioeconômica se entrelaçam de maneira alarmante, agravando ainda mais as disparidades educacionais no Brasil. Enquanto as classes mais abastadas têm acesso facilitado à tecnologia e recursos digitais, as comunidades mais pobres, especialmente nas periferias, enfrentam sérias dificuldades de acesso à Internet e dispositivos eletrônicos. Essa divisão, reflete-se na discrepância entre escolas privadas e públicas, onde as instituições privadas muitas vezes estavam melhor equipadas para fornecer educação remota, utilizando recursos como videoconferência, enquanto as escolas públicas lutaram para oferecer o mesmo nível de acesso tecnológico a seus alunos.

Durante a pandemia, a importância do acesso à Internet se tornou ainda mais evidente à medida que a Educação e o trabalho migraram para o ambiente virtual. O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) relatou que aproximadamente 29% dos brasileiros ainda não tinham

acesso à Internet em 2020, exacerbando as disparidades educacionais e socioeconômicas. A seguir, no gráfico 2, analisaremos sobre o acesso à Internet em casa com fins acadêmicos, durante a pandemia.

**Gráfico 2-** Pesquisa sobre os alunos sem acesso à internet em casa, durante a pandemia.



**Fonte:** Undime, Unicef, Itaú Social – pesquisa em 3.672 cidades brasileiras em 2021, Ipea.

Não são de hoje as evidências nas desigualdades ao acesso à Educação no Brasil. Isso fica mais latente e expressivo, especialmente, durante a pandemia. Mais de 6 milhões de estudantes – abrangendo desde a pré-escola até a pós-graduação – não tiveram acesso à Internet em casa. Essa falta de conectividade implicou que esses alunos ficaram impossibilitados de participar das aulas remotas, perdendo oportunidades de aprendizado e interação com seus professores e colegas.

A concentração significativa desses estudantes no Ensino Fundamental público, ressalta ainda mais as disparidades sociais e econômicas, que permeiam o sistema educacional brasileiro. Muitos desses alunos são de famílias de baixa renda, que não têm condições financeiras para adquirir acesso à internet ou dispositivos adequados para participar do ensino remoto. Isso cria uma situação em que os estudantes mais vulneráveis são os mais afetados, ampliando ainda mais as lacunas educacionais já existentes.

As discrepâncias no acesso à Educação remota entre escolas privadas e públicas no Brasil foram e ainda são evidentes e preocupantes. Ainda nessa mesma pesquisa, destacamos que, enquanto 88% das escolas privadas conseguiram implementar aulas à distância por meio

de videoconferência, apenas 59% das escolas públicas tiveram acesso a esse recurso. Essa disparidade reflete as desigualdades de recursos e infraestrutura entre os dois setores educacionais, deixando muitos alunos de escolas públicas em desvantagem no acesso ao ensino durante a pandemia.

Além disso, a falta de experiência prévia e formação adequada em ensino remoto entre professores agravou o cenário. 89% deles não tiveram experiência anterior nesse formato, e a maioria não recebeu treinamento para utilizar tecnologia digital. Essa falta de preparo dos educadores evidenciou a necessidade urgente de investimentos em capacitação e suporte tecnológico para garantir uma transição eficaz para o ensino remoto e oferecer uma Educação de qualidade a todos os alunos, independentemente do contexto escolar.

No pós-pandemia, embora tenha havido avanços na infraestrutura de telecomunicações e iniciativas governamentais para expandir o acesso à Internet, bem como a formação da cultura digital para potencialização de usos, apropriações, criações e entre outras práticas, pois os desafios persistem. Analisamos que há uma estagnação de crescimento ao acesso, desde o contexto pandêmico, no Brasil. Segundo a pesquisa mais recente da TIC Domicílios, feita pela Nic.br, em 2022, houve uma queda de acessos.

Pelos dados da mesma pesquisa, 30% dos residentes das periferias brasileiras desaprovam a qualidade dos serviços de Internet móvel, seja ela 3G ou 4G. Entre os entrevistados, 13% não possuem acesso à Internet em suas residências. Além disso, em 43% das periferias, não há qualidade de acesso à Internet, sendo consideradamente ruim. Contrapondo a este contexto, desde 2011, a Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que a Internet é um direito humano. Assim, precisamos de política públicas que sejam eficazes em suas determinações.

Nesse cenário, fortalecemos a ideia de que a cultura digital se apresenta como um elemento fundamental na contemporaneidade, redefinindo os modos de comunicação, produção de conhecimento e participação cidadã. Nesse contexto, a formação voltada para ela emerge como uma necessidade premente para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Através de programas educacionais que promovam o uso crítico e criativo das tecnologias digitais, é possível potencializar comunidades, facilitando a apropriação de ferramentas digitais para fins diversos, desde a expressão artística até a resolução de problemas cotidianos.

A educação em cultura digital não apenas habilita os indivíduos a utilizarem tecnologias de maneira eficiente, mas também promove a criação de conteúdos e soluções inovadoras, incentivando um ambiente de constante inovação. Este processo de aprendizagem

deve ir além do mero uso instrumental da tecnologia, buscando desenvolver competências críticas que permitam a compreensão dos impactos sociais, econômicos e culturais das tecnologias digitais. Assim, tornam-se capazes de não apenas consumir, mas também de produzir e disseminar conhecimento, contribuindo para a redução das barreiras que perpetuam a exclusão digital.

Ademais, a diminuição dos indicadores de exclusão digital está intrinsicamente ligada à democratização do acesso às tecnologias e ao envolvimento de práticas digitais. Investir em formações que abordem a cultura digital de maneira abrangente e inclusiva é crucial para assegurar que todos os segmentos da sociedade possam participar plenamente da economia digital e da vida cívica. Ao promover a alfabetização digital, estamos, portanto, fomentando uma sociedade mais justa, insurgente e digital onde o conhecimento e as oportunidades são acessíveis a todos, independentemente de sua origem social ou econômica.

Enquanto isso não é uma realidade, destacamos duas iniciativas que proporcionaram inclusão digital nas periferias do Rio de Janeiro. A primeira é a Mulheres de Atitude e Compromisso Social (Amac Atitudes)<sup>25</sup>. Esta organização sem fins lucrativos está localizada na favela Dique da Vila Alzira e dedica-se a apoiar mães e filhos na busca por acesso à Internet de qualidade. Quando a Amac precisou mobilizar recursos para auxiliar crianças e adolescentes no estudo virtual, a rede Gerando Falcões<sup>26</sup> ofereceu um apoio essencial, doando vinte aparelhos celulares às famílias envolvidas nas atividades da associação. É importante destacar que essa iniciativa foi realizada sem nenhum tipo de auxílio público, demonstrando a força e o impacto positivo das parcerias entre organizações sociais.

Assim, podemos concluir que se torna preocupante notar que as pessoas que residem em regiões periféricas e remotas estão predominantemente excluídas da inclusão digital. Isso é alarmante, especialmente diante de um cenário governamental cada vez mais eletrônico, no qual o acesso à Internet se tornou fundamental para obter benefícios e exercer direitos, como auxílios, documentações, aposentadorias, entre outros serviços.

As lições aprendidas com a pandemia destacaram a necessidade urgente de enfrentar as disparidades no acesso à Internet e garantir que todos os brasileiros tenham a oportunidade de participar plenamente da sociedade digital. Iniciativas como o leilão do 5G e programas de inclusão digital têm o potencial de melhorar a conectividade, mas é fundamental um esforço contínuo para garantir que o acesso seja verdadeiramente universal e equitativo, especialmente para os jovens em todo o país.

---

<sup>25</sup> Link do perfil - <https://www.instagram.com/amacatitudes/>

<sup>26</sup> Link do perfil - <https://www.instagram.com/gerandofalcoes/>

A pandemia de COVID-19 expôs e intensificou as desigualdades sociais preexistentes, evidenciando a vulnerabilidade das periferias urbanas. Para tanto, a necessidade de revisitar os termos utilizados para nomear as periferias é urgente, pois a terminologia empregada reflete e influencia as políticas públicas e as percepções sociais. Além disso, a seguir, apresentaremos algumas revisões de literatura.

## 2.2 As periferias e as revisões de literatura

Muitos são os termos usados para favela: “quebrada”, aglomerado, subúrbio, comunidade, periferia. Debruçaremos a discutir, neste tópico, a fundamentação teórica dos termos que há e aquele específico o qual utilizamos. Primeiro, a palavra “favela<sup>27</sup>”, tem origem no Brasil e é frequentemente usada para descrever assentamentos informais e precários, geralmente localizados em áreas urbanas. Historicamente, a palavra “favela” está relacionada à ocupação de terras por pessoas de baixa renda, muitas vezes sem acesso adequado a serviços básicos, como água potável, saneamento, eletricidade e transporte público.

“Quebrada” é um regionalismo brasileiro que é frequentemente usado por comunidades urbanas, especialmente por jovens e grupos que são excluídos da sociedade. O termo “quebrada” geralmente é muito usado nas regiões de São Paulo. Embora não haja uma definição precisa, a “quebrada” pode ser associada a uma cultura de resistência, local onde as pessoas enfrentam desafios socioeconômicos por meio de laços comunitários e apoio mútuo.

Outro termo que podemos apresentar nesse contexto de regionalismo, seria “aglomerados”, que é utilizado no estado de Minas Gerais e se refere à organização próxima demais de conjuntos de moradias. O termo “aglomerado” surgiu em Belo Horizonte para designar uma área conturbada de favelas. Atualmente, o nome é adotado muitas vezes por preconceito, para não chamar de favela.

Para Martins (2000), o termo “subúrbio”, em sua corrente definição geográfica, refere-se às áreas que circundam áreas centrais dos aglomerados urbanos. O subúrbio é caracterizado por uma população que ainda carece de infraestrutura básica. No entanto, no contexto brasileiro, é possível identificar maneira variada de uso e, às vezes, distante de seu sentido original. No Rio de Janeiro, a palavra é usada pejorativamente para designar a periferia. Em São Paulo, já foi utilizada para identificar os municípios conectados por ferrovias, que se estendiam do centro para o interior.

---

<sup>27</sup> “A favela pode ser considerada o lugar da clandestinidade urbana, dos invasores, dos favelados” (VALLADARES, 2005).

Por outro lado, ainda na mesma ótica do autor supracitado, o termo “subúrbio” também pode designar áreas com baixa densidade populacional, onde podem existir pequenas propriedades agrícolas, condomínios de luxo, parques e até mesmo industriais (subúrbios industriais). Do ponto de vista espacial, o subúrbio representa um território intermediário entre o urbano e o rural. Em sentido amplo, o subúrbio, muitas vezes, se confunde com a periferia.

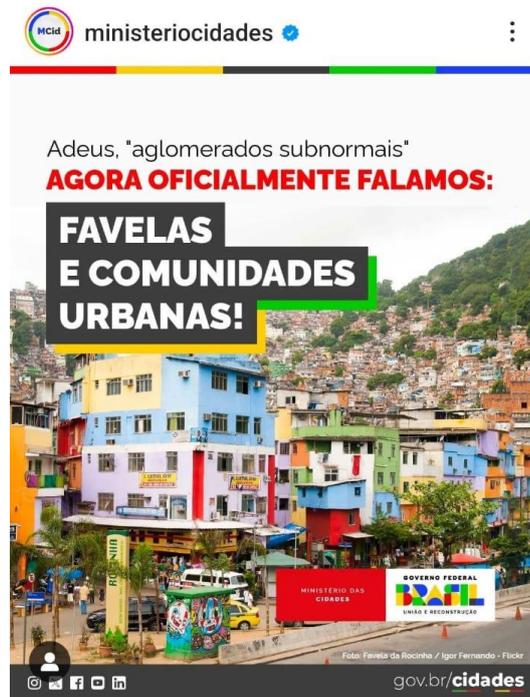
O termo “comunidade” é resgatado no século XIX e “passa a simbolizar a imagem de uma boa sociedade” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 51). Após esse período, o termo ganha uma perspectiva positivista por uma grande massa da sociedade. Podemos também nos remeter aos estudos de Bauman (2003), com a desconstrução da ideia de comunidade, estabelecendo com esses:

Novos processos sociais, resultados e ápices do projeto da modernidade uma relação causal com os dilemas com que nos confrontamos hoje uma vez que se proclama a autonomia econômica, política e simbólica, mas com a perda de referenciais e o esgotamento de discursos legitimadores, somos intimados a nos “recolocar” numa cultura que não parece mais oferecer modelos identificatórios (BAUMAN, 2003, p. 23).

Portanto, a troca dos termos de favela para comunidade, segundo Freire (2008, p. 109), busca “amenizar o estigma que o termo favela traz em sua carga sócio histórico-cultural, já que comunidade remete a lembrar uma alternativa simbólica viável”, tanto para os representantes do poder público quanto para os moradores diretamente atingidos pelo processo de estigmatização. Fica claro que a substituição do termo “favela” por “comunidade”, atende a uma necessidade apenas no campo discursivo, já que, na prática, não há muita diferença em tratos e cuidados.

Já o Ministério das Cidades, por meio de um *post* publicado no dia 23 de janeiro de 2024, pelo Instagram (Figura 5), anunciou uma recente revisão terminológica promovida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no contexto dos Censos Demográficos, em que reflete um avanço substancial na delimitação conceitual das áreas periféricas no âmbito demográfico brasileiro. A partir desse ajuste, as nomenclaturas adotadas para descrever tais espaços passam oficialmente a ser “Favelas” e “Comunidades Urbanas”.

**Figura 7 - Post sobre a nomeação Favelas e Comunidades urbanas, pelo MCid<sup>28</sup>.**



**Fonte:** *Print* coletado pelo Pesquisador (2024).

Esta revisão transcende uma mera reformulação semântica, constituindo-se em uma análise reflexiva e aprofundada da complexidade e vitalidade desses territórios. A incorporação da expressão “Favela”, na nova terminologia, denota um reconhecimento intrínseco à história, cultura e resiliência destas comunidades, desafiando, desse modo, preconceitos e estigmas que frequentemente obscurecem a riqueza inerente dessas áreas. Simultaneamente, a inclusão do termo “Comunidades Urbanas” não apenas visa refletir uma localização geográfica, mas sublinha, de maneira mais ampla, a natureza social e interconectada desses espaços. Este termo ressalta a importância das relações sociais, práticas culturais e diversidade presentes nas comunidades urbanas, transcendendo a abordagem estritamente geográfica.

<sup>28</sup> Link da postagem sobre os termos Favelas e Comunidades urbanas:  
<https://www.instagram.com/p/C2cZkajsVJO/?igsh=MW4zYWxiNHlzNmZ3Nw==>

A mudança proposta não se restringe a uma questão terminológica. Ela constitui uma afirmação significativa do reconhecimento da vitalidade, e contribuição dessas áreas para a riqueza cultural e social do Brasil. Ao adotar oficialmente as nomenclaturas “Favelas” e “Comunidades Urbanas”, reafirmamos o compromisso de celebrar a potência desses territórios e de construir uma narrativa mais inclusiva e respeitosa em relação às comunidades que neles residem. Com isso, esperamos que essa revisão estimule um diálogo mais profundo e respeitoso, fomentando a compreensão e apreciação da diversidade e complexidade das favelas e comunidades urbanas em nosso contexto social.

Ainda nesse contexto, a periferia pode ser entendida como um resultado de processos históricos e socioeconômicos, incluindo o crescimento desordenado das cidades, migração interna de propriedade rural para áreas urbanas, segregação socioespacial e desigualdades abandonadas. No entanto, é importante ressaltar que a periferia não é preservada e pode variar significativamente em termos de características e condições socioeconômicas entre diferentes cidades e regiões.

Diante disso, concordamos com Kowarick (2009), que apresenta a ideia de uso do termo “periferias”, no plural, porque são muitas, diversas, bem como desiguais. Em um mesmo território, temos suas particularidades, porém muitas diferenças, histórias, memórias, fluxos e conexões. Ao referirmos às periferias, no plural, reconhecemos que essas áreas não são homogêneas, mas compostas por diversas comunidades, culturas, histórias de vida e memórias.

Ainda nesse mesmo pensamento, recorremos a Boaventura de Sousa Santos (2002), a partir da sua concepção de “Sociologia das Ausências e Sociologia das Emergências”. No âmbito de sua análise sociológica, o autor explora a construção social da inexistência e propõe alternativas contra hegemônicas. Em um aspecto, examina as maneiras, estratégias, práticas e dispositivos que contribuem para a invisibilização social, conforme abordado em sua Sociologia das Ausências. Já em uma abordagem complementar, discute práticas sociais alternativas e epistemologias voltadas para a emancipação social, fazendo uso das categorias estudadas em sua Sociologia das Emergências.

Nessa ótica, ao utilizarmos nesta tese o termo “periferias”, no plural, podemos, portanto, enfatizar a riqueza cultural, as diferentes formas de resistência e as diversas trajetórias de vida presentes nesses espaços. Reconhecendo a pluralidade das periferias, estamos desafiando estereótipos e promovendo uma compreensão mais completa e respeitosa das comunidades que nelas habitam.

Nesse contexto, é preciso compreender as periferias na sua complexidade, dia-a-dia, apropriando-se de suas peculiaridades, experiências cotidianas, dilemas e conflitos. Deve-se

concebê-las para além de um conceito que estabeleça rótulos, mas enquanto concepção que as perceba como um campo de práticas plurais, ou seja, de justaposições entre as dimensões qualitativamente heterogêneas de espaço e de tempo (CERTEAU, 1994). Importa, portanto, perceber a constituição das periferias como processo, experiência e como narrativas em constante transformação.

Por isso, tratamos as periferias como marca de um lugar de fala, seja pelos grupos minorizados, excluídos pela sociedade elitista, seja pela fala de excluídos, pois as percebemos com um território vivencial de produção de subjetividades em que os contatos e as experiências permitem compreender melhor “as tramas moleculares que constituem os territórios subjetivos mutáveis, inerentes às complexas realidades periféricas” (BITTENCOURT, 2011, p. 68).

Estes territórios sempre foram, principalmente no que se diz respeito aos anos de 2018 a 2022, mira de ataques do governo do Bolsonaro e da própria polícia – como acompanhamos fortemente pelas mídias jornalísticas e sociais, os ataques às “quebradas” do Estado do Rio de Janeiro. Destacamos 3 grandes casos de proporção midiática nacional e mundial. Vejamos:

1. Em março de 2018, a vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, conhecida por sua defesa dos direitos humanos e das comunidades periféricas, foi assassinada a tiros, juntamente com seu motorista Anderson Gomes. O crime gerou grande repercussão nacional e internacional, destacando-se como algumas questões de violência política, execuções e falta de segurança em favelas e áreas marginalizadas.<sup>29 30</sup>

2. Em setembro de 2019, Ágatha Félix, uma menina de 8 anos, foi morta por um tiro nas costas, durante uma operação policial na favela da Fazendinha, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. O caso gerou indignação e protestos contra a violência policial, levando a discussões sobre a necessidade de políticas de segurança mais eficazes e que preservem a vida das pessoas nas comunidades periféricas<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Link: <https://apublica.org/2019/03/marielle-os-dois-anos-sem-respostas/>

<sup>30</sup> Com a posse do governo Lula, houve um renovado compromisso com a justiça no caso do assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, em 2018. O governo atual enfatiza a importância de uma investigação transparente e potente. Comissões especiais e intensificação das investigações refletem o esforço para trazer respostas às famílias das vítimas e reforçar a proteção dos direitos humanos. Ronnie Lessa, ex-policia militar e réu confesso, está detido na Penitenciária Federal em Campo Grande (MS) e decidiu colaborar com as investigações após seis anos.

<sup>31</sup> Link: <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/morre-agatha-menina-de-8-anos-atingida-pela-pm-no-alemao/>

3. Em maio de 2021, ocorreu a Operação Exceptis, no Jacarezinho, uma das maiores favelas do Rio de Janeiro. A ação resultou na morte de 27 pessoas, incluindo um policial, em confrontos com a polícia. Esse episódio gerou ampla repercussão e debates sobre a violência policial, abusos de direitos humanos e a necessidade de políticas de segurança mais humanizadas nas comunidades periféricas<sup>32</sup>.

Outro exemplo que podemos citar, em Fortaleza, foi a chacina do Curió. A chacina<sup>33</sup> ocorreu ao longo de seis horas, iniciando na noite do dia 11 e se estendendo até a madrugada do dia 12 de novembro de 2015. Segundo o Ministério Público do Ceará (MPCE), os policiais envolvidos se organizaram como uma espécie de “esquadrão da morte”, alegadamente em busca de vingança pelo assassinato do policial Valtemberg Chaves Serpa, que foi morto durante um assalto no mesmo dia 11.

Ao todo, foram 11 vítimas, entre jovens e adultos, algumas sendo retiradas de suas casas e atingidas nas costas e na cabeça. Depois desse fato, as mães das vítimas se reuniram e criaram o Movimento Mães do Curió<sup>34</sup>, que trazem como lema: “Transformei meu luto em luta”. Elas cobram da Justiça respostas para o caso. No dia 25 de junho de 2023, os quatro réus foram condenados na primeira parte do processo, após 8 anos de espera por alguma resolução. No primeiro julgamento, de 21 a 25 de junho de 2023, quatro policiais foram condenados a 275 anos e 11 meses de prisão. Ninguém foi absolvido.

No segundo julgamento, de 29 de agosto a 6 de setembro, oito PMs foram inocentados. Ninguém foi condenado. O Ministério Público recorreu da sentença. No terceiro julgamento, de 12 a 16 de setembro, dois policiais foram condenados e seis foram absolvidos, ficando mais 2 policiais para serem julgados em 2024. A luta continua e o movimento se fortalece para que o fato não se repita em outros contextos.

Esses são apenas alguns exemplos de casos de violência em periferias no Brasil durante o período de 2015 a 2020. Infelizmente, há muitos outros incidentes semelhantes que ocorreram nesse período (e/ou antes mesmo dele) e destacam a necessidade de abordagens mais

---

<sup>32</sup> Link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/maioria-dos-mortos-na-chacina-do-jacarezinho-nao-era-suspeita-em-investigacao-que-motivou-a-acao-policial.html>.

<sup>33</sup> Post da linha cronológica do massacre postado na página do movimento Mães do Curio – Link: <https://www.instagram.com/p/CsWWfDjLT1-/?igshid=MTk0MGU0NTkxNA==>

<sup>34</sup> Link do Movimento no Instagram- <https://instagram.com/movmaesdocurio?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

humanizadas e eficazes na segurança pública. Como se isso não já fosse o bastante, ainda temos a disseminação dos discursos de ódio em redes<sup>35</sup> sociais.

A teoria do discurso de ódio analisa a linguagem e as expressões que incitam, promovem ou justificam o ódio, a discriminação e a violência contra grupos ou indivíduos com base em características como raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião ou origem nacional. Nas redes sociais, o discurso de ódio pode se manifestar por meio de *posts*, comentários ou memes que propagam estereótipos negativos, linguagem ofensiva e incitação à violência contra grupos subalternos. Muitas vezes, esse discurso é disseminado sob a falsa pretensão de liberdade de expressão, criando um ambiente tóxico e alimentando conflitos sociais.

Nas periferias, o discurso de ódio pode tomar forma de diferentes maneiras, muitas vezes relacionado à falta de acesso a informações confiáveis e à ausência de educação sobre diversidade e respeito mútuo. Isso pode resultar na disseminação de preconceitos enraizados, intolerância e violência verbal ou física contra grupos minorizados étnicos, religiosos ou comunidades LGBTQIAP+. Além disso, a falta de recursos e oportunidades nessas áreas pode contribuir para a propagação de narrativas de exclusão e marginalização, tornando essas comunidades mais suscetíveis à influência do discurso de ódio.

Essa disseminação do discurso de ódio nas redes sociais e nas periferias impacta negativamente a coesão social, a segurança e o bem-estar das comunidades, aumentando as tensões e perpetuando a discriminação e o isolamento de grupos vulneráveis. Nesse contexto violento e discriminatório, certos discursos são performatizados de tal maneira que se tornam “verdades incontestáveis”, legitimadas histórica e colonialmente, estabelecendo narrativas com visões de mundo, formas de vida e usos da linguagem para promover processos discriminatórios, excludentes e opressores – é o caso da desinformação.

A teoria da desinformação refere-se à prática intencional de disseminar informações falsas ou enganosas com o objetivo de confundir, manipular ou influenciar a percepção pública sobre determinados assuntos. Geralmente, envolve estratégias elaboradas, como distorcer fatos, fabricar histórias ou espalhar rumores, muitas vezes com a intenção de desestabilizar, desacreditar ou polarizar. Essa teoria abrange um espectro mais amplo de manipulação da informação, incluindo estratégias como propaganda, desinformação deliberada e manipulação midiática.

---

<sup>35</sup> Exemplo de pesquisa sobre discurso de ódio em redes, com foco na docência durante a pandemia - <https://www.scielo.br/j/delta/a/g39y8VbSqhDCGNxTw6bQqzP/?lang=pt&format=pdf>

Por esses motivos, a expressão *Fake News* tem sido preterida e, em seu lugar, desinformação, em concepção ampla, tem sido utilizada não apenas para fazer referência a informações verificáveis, mas também a estratégias de fabricação e manipulação de notícias (ASSIS; KOMESU; POLLET, 2021, p. 14).

As autoras Assis, Komesu e Pollet apresentam, por outro lado, que as *fake news* são um subconjunto da desinformação, caracterizadas pela disseminação de informações falsas ou enganosas, muitas vezes criadas e compartilhadas de forma deliberada para enganar o público. Elas podem ser difundidas por diversos meios, como mídias sociais, veículos de comunicação ou boca a boca. As *fake news* têm o potencial de se espalhar rapidamente e influenciar opiniões, afetando debates políticos, sociais e culturais.

Exemplos de desinformação incluem: campanhas políticas que espalham boatos falsos sobre oponentes para prejudicar sua imagem; teorias da conspiração sem base factual que ganham popularidade na Internet; e esforços coordenados para influenciar eleições por meio da disseminação de informações enganosas. Já as *fakes news* podem se manifestar em forma de: manchetes sensacionalistas em tabloides; histórias completamente inventadas, para gerar cliques em sites ou *posts* compartilhados nas redes sociais, contendo informações falsas sobre saúde, eventos atuais ou celebridades.

Essas narrativas processam conhecimentos descontextualizados que reforçam a manutenção de relações assimétricas entre os sujeitos envolvidos na produção desses saberes. No geral, e ao mesmo tempo, isso se aplica particularmente ao Brasil e a outros países subdesenvolvidos, cuja visão desse contexto tende a ser negativa, devido à pobreza, violência, depressão social e preconceito exacerbado.

Diversos pesquisadores têm se dedicado a investigar sobre periferias e suas apropriações e práticas, produzindo teses e estudos que analisam importantes questões sobre o tema. Vejamos no quadro 1, a seguir, um recorte temporal de pesquisas publicadas entre 2017 e 2022.

Na revisão de produções, recorreremos, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e por fim, a pesquisa de trabalhos em relação a temática: Educação popular, periferias e redes sociais. Em nossas pesquisas, quando utilizamos as palavras Educação popular e periferias, obtivemos 156 resultados de trabalhos, sendo 124 de mestrado e 27 de doutorado; Ao usarmos as palavras Educação popular e redes sociais, para mapeamos cerca de 100 dissertações e 10 teses e por fim, redes sociais e periferias, obtendo 110 dissertações e 38 teses.

Os critérios de análise foram: a relação que se tinha de periferias e redes sociais e que fossem teses e/ou dissertações.

**Quadro 1** - Revisão de produções sobre pesquisas que relacionam periferias e redes.

| DADOS DA PESQUISA   | INFORMAÇÕES DA PESQUISA  | LACUNAS ENCONTRADAS  |
|---|--|--|
| <p>Tese de Doutorado: <i>Fogos digitais e letramentos de sobrevivência no Complexo do Alemão/RJ</i><br/> Ano: 2017<br/> Local: Rio de Janeiro/RJ<br/> Autor: Junot de Oliveira Maia<br/> Área: Linguística Aplicada</p>   | <p>O autor explorou o modo como moradores de favela no Rio de Janeiro utilizam o Facebook como ferramenta de mobilização social e de combate à violência, sobretudo àquela praticada pelos órgãos de segurança estatais.</p>   | <p>O autor limitou o estudo para o contexto rede social Facebook, nos perfis de 2 moradores do Complexo. Isso não garante afirmar uma pluralidade e representatividade do contexto. Ainda nessa ótica, a pesquisa se delimita nas práticas sociais dos dois participantes sobre o que comunicam (os letramentos) – o que hoje já poderíamos nomear como multiletramentos –, quais suas finalidades sociais para o uso no Facebook e como elas se aproximam diretamente das redes – para além das digitais.</p>                       |
| <p>Tese de Doutorado: <i>Construção e o fortalecimento de redes de sociabilidade comunitária entre jovens moradores da periferia cubatense.</i><br/> Ano: 2019<br/> Local: Universidade Federal de São Paulo, São Paulo/SP<br/> Autor: Danilo de Miranda Anhas.<br/> Área de estudo: Ciências da Saúde.</p> | <p>A pesquisa buscou investigar e compreender a construção e fortalecimento de redes de sociabilidade comunitárias, entre jovens moradores da periferia de Cubatão, assim como estratégias de fortalecimento dos vínculos comunitários criados por estes indivíduos.</p>   | <p>A pesquisa se delimita aos Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (representado pelo Exército de Salvação), o movimento hip-hop e as redes sociais virtuais, que juntos são capazes de fortalecerem vínculos comunitários, tendo a afetividade como um importante balizador. Porém, não expande a reflexão para quais dificuldades, prejuízos e/ou problemas há nessas relações. A tese romantiza muito o uso das redes sociais diante das práticas sociais dos jovens cubatenses em redes, a partir do hip hop.</p> |
| <p>Tese de Doutorado <i>Os movimentos sociais, as favelas e a pedagogia de Paulo Freire: histórias de vida de educadores sociais do Titanzinho.</i><br/> Ano: 2022<br/> Local: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/Ce.<br/> Autor: Tiago Bruno Areal Barra<br/> Área de estudo: Educação.</p>          | <p>O pesquisador analisou a educação social enquanto prática formativa pedagógica freiriana na construção de histórias de vida de educadores sociais da Favela do Titanzinho. Tais aspectos são analisados à luz da Pedagogia de Paulo Freire, com o intuito de refletir sobre as práticas pedagógicas no território.</p>                  | <p>O autor cita sobre redes sociais e exemplifica timidamente alguns contextos, o que de certo modo despreza a força que elas têm no cotidiano dos movimentos, da favela e da própria vivência da pedagogia de Freire. Além disso, destacamos a não relação entre movimentos sociais e cidadania digital.</p>  |
| <p>Tese de Doutorado <i>Cartografia de letramentos de insurgência dos movimentos sociais da periferia: “atravessando a rua” com o Programa de Extensão Viva a Palavra</i><br/> Ano: 2022.<br/> Local: Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/Ce<br/> Autor: Antônio Oziêlton Brito de Sousa.</p>         | <p>O autor cartografa as práticas de letramento de sujeitos coletivos que produzem linguagens como “armas” ao organizarem-se como movimentos sociais nas periferias de Fortaleza-CE e construirão experiências coletivas a partir de territórios de luta, como a Associação de Moradores do Bairro da Serrinha, que se estabelece como</p> | <p>O trabalho traz a cartografia da periferia de Fortaleza e seus letramentos insurgentes, mas não se aprofunda se há e quais seriam os letramentos insurgentes por meio dos usos das redes sociais.</p>   |

|                              |  |  |
|------------------------------|--|--|
| Área de estudo: Linguística. | um dos interlocutores do Programa de Extensão Viva a Palavra nas periferias. |  |
|------------------------------|--|--|

Esses estudos apontam para a importância de se pensar em novas formas de aprendizagem e de envolvimento social nas periferias. Dessa forma, foram selecionadas 4 (quatro) pesquisas que abordam a temática escolhida em diferentes perspectivas, e pudemos analisar as novas ramificações e considerações sobre periferias.

Aproximamo-nos à tese de Junot (2017) em relação à pesquisa ser no *campus* das redes sociais digitais. Há uma aproximação da nossa pesquisa com a de Borges (2018) em relação ao espaço de coleta dos dados, pois escolhemos as redes sociais como ponto de partida. A pesquisa com e nas redes sociais, como o Facebook e o Instagram, emerge como uma escolha altamente pertinente e valiosa para os trabalhos acadêmicos, principalmente as que fazem uso da abordagem qualitativa, pois essa oferece uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais contemporâneas. As redes tornaram-se elementos integrais da vida cotidiana para uma considerável parcela da população global, tornando qualquer investigação nessas áreas culturalmente relevante e socialmente significativa.

Nessa mesma perspectiva da revisão, ressaltamos os trabalhos de Barra (2022) e Sousa (2022), que trazem reflexões para as organizações juvenis em relação às periferias e aos letramentos freirianos e insurgentes. Estas abordagens proporcionam uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais, educacionais e políticas que moldam as realidades das comunidades periféricas. Nossa pesquisa se aproxima desses trabalhos supracitados à medida em que investigamos os coletivos juvenis e como potencializam espaços e vozes, em redes, às comunidades periféricas, reconhecendo e valorizando suas narrativas e experiências, na tessitura do conhecimento social-histórico-acadêmico. Essas abordagens não apenas destacam as resistências, mas também contribuem para a criação de diálogos mais inclusivos e representativos.

Além disso, salientamos os letramentos freirianos, fundamentados na ideia de Educação como instrumento de libertação. Oferecem uma lente valiosa para análise das práticas educacionais nas periferias. Esta perspectiva destaca a importância da dialogicidade, participação crítica e empoderamento como ferramentas essenciais para o envolvimento educacional e social, que desencadeia na pesquisa da cidadania insurgente. Está voltada para a transformação social e busca por uma Educação mais inclusiva e equitativa. A pesquisa, a partir das insurgências, movimentos sociais e dos letramentos freirianos, oferece oportunidades valiosas sobre a participação cidadã nas periferias, examinando o impacto dos movimentos

sociais na esfera política local. Esta análise aprofundada pode fornecer entendimentos cruciais sobre o ativismo comunitário, a formação de líderes locais e a construção de uma cidadania na prática.

A partir da construção dessa revisão foi possível percebermos algumas lacunas que nos permitiram ampliar os olhares para o nosso objeto de estudo. Compreendem: o processo de Educação popular construído por coletivos juvenis das periferias, a partir das aprendizagens em/nas redes, com uma perspectiva de cidadania insurgente e, conseqüentemente, cidadania digital. Isso se justifica porque temos visto grandes movimentações e movimentos de membros e de grupos historicamente silenciados utilizando de narrativas para ecoarem sua(s) voz(es) aos seus saberes e experiências em redes sociais e/ou fora delas, como espaços de esperanças para potencializarem e enfatizarem suas lutas de uma forma orgânica, emergente e potente.

### **2.3 A Educação popular e as aprendizagens em/nas/com as redes pelos coletivos juvenis**

Os coletivos juvenis nos faz pensar que eles têm adquirido um papel de destaque para as sociabilidades e para seus processos de formação, sejam em caráter formal ou informal. Pensar, por exemplo, em ambientes digitais de socialização – como fóruns, grupos e redes sociais –, é acreditar que muitos jovens aprendem principalmente cidadania e política com seus pares, por meio de interações, fluxos por trocas e conexões. É sobre a educação oriunda da vida cotidiana de gentes que trataremos nesse capítulo, por isso: Educação popular. Essa se faz latente e presente na vida dos participantes dessa pesquisa, chegando com maior prática e força em/nas redes.

A Educação popular pode ser vista como um tipo de aprendizagem nas experiências e conhecimentos do povo. É por meio da construção e reconstrução diária dos saberes nas diversas formas de vida que a própria comunidade vai criando seus caminhos educacionais, mesmo sem seguir rigidamente os princípios acadêmicos. Dentro de uma visão mais abrangente dessa abordagem, pode-se afirmar que os saberes populares que permeiam essa Educação ultrapassam os limites das instituições universitárias e vão além das restrições impostas por elas. Para Freire e Nogueira (1991, p. 33), Educação Popular pode ser pensada, a partir das ideias de Freire, como:

O esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização de poder burguês que está aí, para que se possa fazer a escola de outro jeito. Em uma primeira 'definição' eu aprendi desse jeito. Há uma estreita relação entre escola e vida política.

A Educação Popular caracteriza um movimento “vivo” de fluxos e conexões que hibridiza educação formal e informal, quebrando literalmente todos e quaisquer muros e limitações impostas. Para esta pesquisa, utilizamos a perspectiva de Educação Popular como tudo o que for construído socialmente, coletivamente e popularmente em espaços informais de aprendizagens, em nosso caso, as redes. Assim, o coletivo ganha um caráter de que “as transformações estruturais a realizar devem se constituir como um verdadeiro programa histórico assumido pelo povo, como uma tarefa sua, e através da qual ele se transforma” (BARREIRO, 1980, p. 20).

A Educação Popular para Paulo Freire (1992, 1996, 2005, 2008) tinha como princípio a criação de uma epistemologia que valorizasse o saber popular, a prática cotidiana, mas problematizando-a, produzindo uma teoria que pudesse codificar e decodificar os temas geradores presentes nas organizações e lutas populares.

Educação popular é a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais [...] (FREIRE, 2007, p. 103-105).

Freire (1992, 1996, 2005, 2008) defendeu a necessidade de desenvolver práticas de liberdade fundamentadas na autonomia. Ele propôs que o processo educativo para a emancipação dos indivíduos deveria ser guiado pelo diálogo, problematização, horizontalidade e leitura crítica da realidade. Ele enfatiza a importância de uma pedagogia libertadora, na qual os sujeitos são vistos como protagonistas, ativos e críticos na construção do conhecimento.

Para isso, Werthein (1985, p. 22) afirma que:

A Educação Popular acompanha, apoia e inspira ações de transformação social. Nela, o processo educativo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, esta volta a ela para transformá-la.

A Educação Popular está enraizada no contexto social e cultural das comunidades, e busca fortalecer os indivíduos e grupos marginalizados ou excluídos, capacitando-os para se tornarem agentes de mudança em suas próprias realidades. Ao afirmar que a Educação Popular acompanha, apoia e inspira ações de transformação social, enfatiza-se a sua natureza engajada e comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Não se trata apenas de transmitir conhecimentos, mas de envolver as pessoas em um processo de reflexão crítica sobre sua própria realidade e suas possibilidades de transformá-la.

O processo educativo da Educação Popular não se limita apenas a aulas formais, como já citado anteriormente, mas também acontece em ações concretas de mudança de comportamento, hábitos, modos de vida e atitudes. Os conhecimentos adquiridos são aplicados na prática, visando a superação de desafios e a conquista de melhores condições de vida para os envolvidos. Outro ponto relevante é o reconhecimento de que a realidade social é o ponto de partida do processo educativo.

Isso significa que os conteúdos educacionais não devem ser desvinculados da vida das pessoas, mas devem emergir das suas próprias vivências e contextos. A Educação Popular valoriza os saberes populares e busca conectar os conhecimentos acadêmicos com as experiências cotidianas dos educandos.

A ideia de que a Educação Popular volta à realidade social para transformá-la, ressalta o compromisso com a ação transformadora. Os aprendizados adquiridos devem ser aplicados para enfrentar os desafios, questionar injustiças e desigualdades e trabalhar na construção de uma sociedade mais participativa, democrática e solidária.

Para Brandão (1982), a Educação Popular não visa criar sujeitos subalternos educados, limpos e polidos, bebendo água fervida e comendo farinha de soja. O que mais condiz com a realidade dos fatos é que essa educação é um modo de organização do trabalho político e educativo de sujeitos subalternos.

Ainda nessa ótica, Pereira e Pereira (2010, p. 74) acrescentam: “O que possibilita à Educação popular ser um território de reinvenção do modo como estamos vivendo e, portanto, de transformação do mundo é o fato de estar organicamente vinculada aos princípios da educação dialógica proposta por Paulo Freire, em 1987”.

Ao estar vinculada aos princípios da educação dialógica de Freire, a Educação Popular pode promover uma criticidade nas pessoas, levando-as a questionar as injustiças sociais e a lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. Portanto, essa conexão com a pedagogia de Paulo Freire potencializa a Educação Popular como uma ferramenta poderosa para a transformação social e para a construção de um mundo mais humano e inclusivo, além de “explicitar o lado político da educação, ganhando um caráter de classe, na medida em que questiona a forma como as relações de poder que sustentam a sociedade capitalista reproduzem-se na educação bancária” (PEREIRA; PEREIRA, 2010, p. 74).

Os autores proporcionam a reflexão de que a abordagem dialógica torna a Educação Popular um terreno fértil para a reinvenção da maneira como vivemos, numa perspectiva para a transformação do mundo.

Ao possibilitar a participação ativa das pessoas na construção do conhecimento e ao

respeitar suas vozes e identidades, a educação popular ajuda a quebrar as estruturas hierárquicas e opressivas presentes em muitas formas tradicionais de ensino. Dessa forma, abre caminho para uma educação mais libertadora, que proporciona as pessoas para serem agentes de mudança em suas próprias vidas e em suas comunidades. Como diz Brandão (1981, p. 7), “ninguém escapa da educação”, ela “existe misturada com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor” (BRANDÃO, 1981, p. 19). Ela se faz presente no corriqueiro das pessoas: em tudo o que se faça, a educação está presente.

Face ao exposto e amparados ainda em Brandão (1985), acreditamos que a Educação deve ser viva e libertária – o que temos observado na prática pelas periferias. E isso precisa ser mais conhecido, exposto, criando, assim, uma zona e compreensão de esperança para fluidos territórios de lutas, reexistência, resistência e de Educação.

Esta é a esperança que se pode ter na educação [...] acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola, quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo. E é bem possível que até mesmo neste 'outro mundo' - um reino de liberdade e igualdade buscado pelo educador - a educação continue sendo movimento e ordem, sistema e contestação [...] e o direito de sacudir e questionar tudo o que está sendo consagrado (BRANDÃO, 1981, p. 110).

O autor destaca a importância da esperança na Educação e o papel essencial que o ato de educar desempenha tanto nas escolas como fora delas, através da ação política, para criar um mundo melhor. A esperança é um elemento essencial da Educação, pois garante que os sonhos não existam sem ela e que estes sejam um dos motores impulsionadores da história e da utopia. Vimos, nas redes, territórios de esperanças em meio a fluxos e conexões que permitem aprendizados, ecoam vozes com viralização que por muito tempo foram silenciadas, por exemplo.

Nessa mesma ótica, acrescentamos que Paulo Freire (2006) vincula o sonho à ideia de humanização, um processo contínuo e em constante evolução, que envolve romper com as amarras reais e concretas da ordem econômica, política, social e ideológica que nos aprisiona à desumanização. O sonho, assim, é uma demanda constante e uma condição fundamental ao longo da história, algo que criamos e que nos cria e recria incessantemente. Nessa perspectiva, o educador é visto como um agente de mudança, um sonhador, que trabalha para construir uma sociedade mais livre e igualitária, por meio do processo educacional.

Mesmo em um “outro mundo” (BRANDÃO, 1981, p. 110), ideal, onde liberdade e igualdade prevaleçam, a educação ainda será uma combinação de movimento e ordem, de sistema e contestação. O educador terá o direito de questionar e desafiar as normas estabelecidas

em busca de aprimorar o processo educativo e a sociedade como um todo. O pensamento de Brandão (1981) parece ressaltar a necessidade de nunca se acomodar, mas continuar buscando constantemente evolução e aperfeiçoamento do sistema educacional e da sociedade.

Nesse contexto, é fundamental reconhecer que a Educação é um processo dinâmico e contínuo, não apenas restrito às paredes da sala de aula, mas que se estende ao âmbito social e político. O educador, ao se engajar na luta por uma educação transformadora, também se torna um agente de mudança social, buscando um mundo mais justo e inclusivo. No entanto, a esperança alimenta sua determinação para superar essas dificuldades e trabalhar incessantemente para criar um ambiente educacional mais aberto, crítico e participativo. Esse ambiente busca despertar criticidade aos estudantes, permitindo-lhes questionar, pensar criticamente e desenvolver suas próprias perspectivas sobre o mundo.

O conceito de Educação como “movimento e ordem, sistema e contestação” (BRANDÃO, 1981, p. 110) ressalta que ela é um processo em constante evolução. A mesma possui estruturas e sistemas organizados para fornecer conhecimento e habilidades, mas, ao mesmo tempo, precisa acolher e incentivar a contestação construtiva. O questionamento é essencial para desafiar normas estabelecidas, preconceitos e desigualdades, buscando constantemente aprimorar e atualizar as práticas educacionais para atender às necessidades da sociedade em constante mudança.

Além disso, faz-nos compreender que o direito de “sacudir e questionar tudo o que está sendo consagrado” (BRANDÃO, 1981, p. 110) e enfatiza a importância da liberdade intelectual e da crítica fundamentada. Isso permite uma educação autêntica, que não se prende a dogmas, mas incentiva o pensamento crítico, a curiosidade e a busca por conhecimento.

Face ao exposto até aqui, Brandão (2003, p. 22) apresenta a Educação como uma:

“[...] prática social destinada a gerar interações de criação do saber através de aprendizagens, em que o diálogo livre e solidário é a origem e o destino do que se vive e do que se aprende [...] pela mesma razão, ela deve formar pessoas livres e criativas o bastante para se reconhecerem responsáveis pelas suas próprias escolhas”.

Assim, podemos enfatizar a natureza social e interativa da Educação, destacando que seu propósito é criar ambientes propícios para a construção do conhecimento através de processos de aprendizagem.

Nesse contexto, o diálogo livre e solidário é reconhecido como o ponto de partida e o objetivo a ser alcançado durante todo o processo educativo. Ao invés de apenas transmitir um conjunto fixo de conhecimentos, a educação deve capacitar os indivíduos a serem protagonistas

de suas próprias trajetórias, conscientes de sua corresponsabilidade, na construção do mundo em que vivem. Nesse sentido, defendemos que as aprendizagens em redes são Educação Popular, porque, nesse processo educativo, a rua se hibridiza com os “corres digitais”<sup>36</sup>, nos fluxos e conexões, criando um grande complexo de saberes contra a hegemonia capitalista que oprime, exclui e subestima jovens pobres.

A rua, enquanto espaço simbólico de interações sociais e resistência, entrelaça-se de maneira intrínseca com os fluxos digitais, criando um terreno fértil para a construção de saberes contra hegemônicos. A abordagem em redes propicia a formação de comunidades de aprendizagem que transcendem barreiras geográficas, conectando jovens de contextos diversos em uma teia de conhecimento que desafia as estruturas opressivas da sociedade capitalista.

A perspectiva de aprendizagem em redes destaca-se por sua ênfase na horizontalidade, colaboração e na autonomia do aprendiz. Essa dinâmica se alinha com os princípios da Educação Popular, que busca promover uma prática educativa libertadora, emergente e participativa.

A abordagem de Paulo Freire é amplamente reconhecida por sua ênfase na conscientização crítica e no diálogo como ferramentas essenciais para a transformação social, e para a emancipação dos sujeitos educandos. Freire concebe a educação como um processo de libertação, no qual a prática educativa é uma ação dialógica participativa e colaborativa, fundamentada no reconhecimento das experiências e saberes dos sujeitos envolvidos.

A investigação sobre as confluências e divergências entre a Educação Popular freiriana e a Educação Popular em/nas/com as redes tem um potencial inovador, especialmente ao abordar como a educação se molda no ambiente digital contemporâneo. Para começar, é essencial destacarmos o papel central da “conscientização” em Paulo Freire. Ele defendeu a educação como um processo de tomada de consciência crítica, que possibilita ao sujeito não apenas entender o mundo, mas agir sobre ele de forma transformadora. Essa práxis, que une reflexão e ação, é a essência da educação freiriana, que rompe com o modelo bancário tradicional de ensino, no qual o conhecimento é apenas depositado no aluno.

Por outro lado, a Educação Popular em/nas/com as redes ocorre num contexto digital em que os espaços escolares são expandidos e ressignificados. Nesse ambiente, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) desempenham um papel chave. A conscientização crítica, elemento central no pensamento de Paulo Freire, manifesta-se e se reconfigura no universo digital de formas complexas, refletindo as mudanças nas dinâmicas de interação e comunicação

---

<sup>36</sup> Entenderemos como “corres digitais” práticas sociocomunicativas em redes digitais.

proporcionadas pelas tecnologias digitais. No contexto freiriano, a conscientização crítica é um processo pelo qual os cidadãos adquirem a capacidade de perceber as estruturas de opressão e, a partir dessa percepção, intervêm ativamente na realidade para transformá-la. No ambiente digital, esse processo assume novas características, tanto nas possibilidades quanto nos desafios que surgem.

No universo digital, as plataformas *online*, por exemplo, permitem que um número maior de pessoas tenha acesso a informações variadas, o que pode ampliar o campo de conscientização crítica. Ferramentas como redes sociais, *blogs*, vídeos e fóruns, permitem que os usuários compartilhem suas experiências, promovam diálogos sobre desigualdade, racismo, justiça social, e outras questões que estão no cerne do pensamento freiriano. As redes se tornam, assim, espaços potenciais de troca horizontal, onde diversas vozes podem emergir, permitindo que grupos, historicamente marginalizados, se apropriem dessas tecnologias para dar visibilidade a suas lutas e narrativas.

Além disso, com a educação em/nas/com as redes cria novos espaços para práticas pedagógicas colaborativas e insurgentes, onde a conscientização crítica pode se desenvolver por meio da interação entre pares, na coconstrução de conhecimento e no engajamento coletivo em torno de causas sociais. Coletivos juvenis, movimentos sociais e ativistas são utilizados como plataformas digitais para promover diálogos críticos sobre temas de relevância global, ampliando a conscientização política e social.

No entanto, essa reconfiguração no universo digital também enfrenta desafios. Embora o ambiente digital seja teoricamente horizontal, ele é mediado por algoritmos e estruturas corporativas que controlam o fluxo de informações. Esses algoritmos podem restringir o acesso a informações que não sejam lucrativos ou que desafiem o *status quo*, limitando o alcance das discussões e criando "bolhas" informacionais que reforçam visões pré-existentes. Além disso, a superficialidade das interações e o consumo rápido de conteúdo podem dificultar um processo mais profundo de conscientização, uma vez que a reflexão crítica exige tempo, diálogo prolongado e inclusão, que muitas vezes são contrariados pela velocidade e fragmentação das redes.

Portanto, no ambiente digital, a conscientização crítica freiriana é potencializada por novas formas de diálogo e participação, mas ao mesmo tempo enfrenta os limites de impostos pela lógica algorítmica e comercial que governa grande parte dessas plataformas. Para que a conscientização crítica se consolide no universo digital, é necessário um uso intencional dessas tecnologias, com foco em práticas que estimulem a reflexão profunda, a escuta ativa e a ação coletiva, desafiando as estruturas opressoras que também permeiam o espaço digital.

Para tanto, o contexto das redes exige que repensemos o diálogo e a participação, já que as interações acontecem de maneira mais fluida e fragmentada, ampliando práticas de letramento digital e, como você se destacou em seu trabalho, trazendo à tona questões como o letramento racial, que se tornam cruciais para a formação de uma consciência crítica no ambiente *online*.

Outro ponto de interseção importante entre a Educação Popular freiriana e a Educação Popular em/nas/com as redes é o princípio da horizontalidade. Freire defende uma educação dialógica, baseada na troca mútua de saberes e na construção coletiva do conhecimento. Nas redes digitais, essa lógica de colaboração horizontal também aparece, onde todos podem contribuir potencialmente, compartilhar e cocriar saberes. No entanto, surge a necessidade de problematizar se essa horizontalidade nas redes é real ou apenas aparente. As redes sociais, por exemplo, são moldadas por algoritmos que determinam o que vemos e com quem interagimos, levantando a questão de até que ponto há, de fato, uma troca livre e democrática de informações.

A exploração dessas práticas colaborativas e horizontais no espaço digital, em comparação com as metodologias participativas freirianas, oferece uma visão rica de como esses princípios se adaptam à contemporaneidade. A educação digital tem um potencial emancipador, mas a presença de estruturas invisíveis, como o controle de grandes plataformas digitais e seus algoritmos, pode limitar essa liberdade.

A educação digital carrega um potencial emancipador significativo, ao democratizar o acesso à informação e possibilitar novas formas de interação e aprendizagem colaborativa. No entanto, esse potencial é limitado por estruturas invisíveis, como o controle exercido pelas grandes plataformas digitais e seus algoritmos. Essa tensão entre a possibilidade de uma educação transformadora e as barreiras estruturais do ambiente digital gera uma série de questões que precisam ser exploradas com maior profundidade.

Um dos principais fatores a considerar é o papel dos algoritmos na criação de bolhas informacionais. Redes sociais e plataformas digitais utilizam algoritmos para personalizar o conteúdo apresentado aos usuários com base em suas interações, interações e comportamentos anteriores. Embora isso aumente o engajamento e otimize a experiência de uso, também limita a exposição a diferentes perspectivas e informações.

Para uma educação freiriana, que valoriza o diálogo e o confronto de ideias como instrumentos para a conscientização crítica, essa limitação representa um desafio significativo. A construção de uma consciência crítica profunda depende da exposição a perspectivas diversas, e de uma problematização constante da realidade, algo que as bolhas algorítmicas podem inibir.

Outro ponto crucial é a lógica do consumo rápido e fragmentado de informação, característica de muitas plataformas digitais. A conscientização crítica, como postulada por Paulo Freire, requer tempo, reflexão e um espaço para o debate aprofundado. No entanto, redes como X, Instagram e TikTok favorecem conteúdos curtos, visuais e altamente sonoros, o que muitas vezes leva à superficialidade nas discussões e à redução do engajamento crítico.

O consumo rápido de informações em fragmentos dificulta a formação de um pensamento crítico e impede que os indivíduos se aprofundem nas questões sociais, políticas e educacionais que poderiam contribuir para a transformação social. Nesse sentido, a velocidade e a fragmentação características do ambiente digital tornam barreiras à educação crítica e reflexiva.

Além disso, é necessário analisar a governança corporativa que controle essas plataformas digitais. A maior parte dessas redes sociais e ferramentas digitais é gerenciada por empresas privadas, cujas motivações se centram no lucro. Seus algoritmos são desenhados para maximizar o tempo de uso e o engajamento dos usuários, com o objetivo de aumentar receitas por meio de publicidade. Esse foco comercial cria uma tensão com os ideais emancipadores da educação digital. Conteúdos educativos e transformadores, que buscam promover a conscientização crítica, podem ter menos visibilidade em plataformas projetadas para favorecer o entretenimento e o consumo de produtos. A censura algorítmica, que muitas vezes exclui ou reduz a visibilidade de temas controversos ou de discursos críticos, pode limitar o alcance de iniciativas educativas.

Esses fatores envolvem uma reflexão mais profunda sobre como a educação digital pode ser realmente emancipadora, sem se tornar às armadilhas impostas pelas grandes corporações tecnológicas. Para que a conscientização crítica se manifeste de maneira plena no ambiente digital, é necessário compensar o uso dessas tecnologias e promover práticas pedagógicas que subvertam as lógicas algorítmicas e comerciais. Isso implica a criação de espaços alternativos de diálogo *online*, a promoção de uma interação mais profunda e reflexiva entre os usuários, e a construção de uma cidadania digital que questiona e resiste às dinâmicas de poder invisíveis que operam no espaço digital. Só assim será possível utilizar as tecnologias digitais de forma a potencializar a emancipação humana e a transformação social, alinhando a educação digital aos princípios da educação popular freiriana.

Para embasar esta discussão, foi imprescindível (re)visitar a obra de Paulo Freire, especialmente "Pedagogia do Oprimido" e "Educação como Prática da Liberdade", e colocá-las em diálogo com teorias contemporâneas da educação digital. Esse confronto de ideias permite construir uma base teórica sólida que sustenta as análises sobre o papel da educação

em redes na atualidade, identificando seus pontos fortes e limitações. Mais do que apenas uma revisão teórica, sua pesquisa conecta essas tradições com dados e estudos de caso reais, mostrando como esses conceitos se manifestam na prática.

A originalidade dessa tese reside precisamente na forma como exploramos a relação entre a Educação Popular em/nas/com as redes e os coletivos juvenis que, ao se apropriarem das tecnologias digitais, criam novas formas de resistência e participação social. Nesse contexto, os jovens não apenas difundem conhecimento, mas também constroem uma consciência crítica que desafia as normas condicionais, promovendo uma educação insurgente. Isso é especialmente relevante no mundo cada vez mais digitalizado, em que a interseção entre resistência política e conscientização digital se torna uma ferramenta poderosa para a construção de uma cidadania ativa e transformadora.

Assim, ao revelar como as práticas colaborativas nas redes sociais têm o potencial de reconfigurar os princípios da Educação Popular, abrindo novos caminhos para uma educação mais democrática, inclusiva e crítica, identificamos essa nova forma de Educação Popular, potencializada pelas dinâmicas e ecossistemas digitais, protagonizada pelos jovens, (re)pensando a educação em tempos de conectividade global.

A conectividade digital, nesse contexto, torna-se uma ferramenta crucial para a democratização do acesso ao conhecimento e a construção de uma consciência crítica. Ao considerar a interseção entre a rua e os “corres digitais”, é possível perceber como essas práticas educativas transcendem os limites tradicionais da sala de aula, desafiando a hierarquia do saber, e permitindo que vozes excluídas sejam amplificadas. A aprendizagem em redes, ao criar um complexo de saberes, contribui para a formação de sujeitos capazes de questionar as estruturas opressivas e se engajar em processos transformadores.

Contudo, é imperativo reconhecer as complexidades inerentes a essa abordagem. Questões de acesso, representatividade e inclusão digital precisam ser cuidadosamente consideradas para evitar reproduzir desigualdades existentes. Além disso, a sustentabilidade dessas práticas e sua replicabilidade em diferentes contextos exigem uma reflexão crítica sobre as condições estruturais que possibilitam ou limitam seu sucesso. Nossa ideia se sustenta à medida em que, assim como para Brandão (2003), a Educação não gera habilidades, ela cria conectividades. É sobre esse conceito que amparamos nossa tese.

A convergência entre aprendizagens em/nas/com as redes<sup>37</sup> e a perspectiva da Educação Popular oferece uma visão inovadora e promissora para a construção de

---

<sup>37</sup> Entendamos, nesta tese, a ideia de aprendizagens em/nas/com as redes, como uma perspectiva de práticas sociais digitais e híbridas.

conhecimento emancipatório. Ao compreender a Educação como uma rede de conexões que se estende além dos limites físicos e digitais, abre-se um espaço para a formação de sujeitos conscientes, críticos, emergentes, protagonistas e engajados nas mais diversas lutas, como é o caso dos coletivos juvenis, em redes, das periferias.

Para evitar o risco de simplificação, optamos pelo termo juventudes, juvenis<sup>38</sup>, no plural, conforme sugerido por Carrano e Dayrell (2014, p. 104), ao referirem-se aos jovens como “sujeitos de experiências, saberes e desejos”, os quais “se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo a partir de uma representação dos seus interesses e de suas necessidades; interpretam e dão sentido ao seu mundo”. Os autores nos provocam a refletir e utilizar o termo “juventudes” no plural, como uma medida para evitar simplificações e generalizações na compreensão do papel dos jovens, principalmente, em coletivos.

Conforme aponta José Machado Pais (2003, p. 117) “[...] entre jovens das camadas médias e inferiores; a rua fornece formas simbólicas de afirmação da cultura juvenil”. A rua é encarada como espaço mais “livre”, tanto em termos comerciais como em termos de controle social. É na rede denominada RUA que as juventudes se formam, interagem, se fortalecem. A Sociologia já vem provando há muito tempo que é ela um “espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais juvenis” (PAIS, 2003, p. 120), como, por exemplo, a diversidade que caracteriza as múltiplas culturas jovens se revelando através de uma ampla gama de estilos, que encontram expressão no corpo, na aparência e nos ambientes, evidenciando suas características singulares.

Não é possível compreender as culturas juvenis sem entender o significado que os jovens atribuem às suas ações ou às suas atividades quotidianas (PAIS, 2003). Por isso, entendemos por coletivos juvenis todos os ambientes onde os jovens se reúnem para interagir socialmente e se envolvem em atividades políticas, através das quais surgem diversas formas de vida e expressão que revelam a complexidade das múltiplas escalas de relações protegidas, principalmente quando pensamos na atmosfera da *Web*, que potencializa e oportuniza novas habilidades e possibilidades.

Segundo Pais (2003), os amigos do grupo constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros. Assim, os coletivos juvenis podem ser, ou não, movimentos de interações que se distinguem de

---

<sup>38</sup> Por uma escolha teórica, esta pesquisa de tese enfatiza o fenômeno intitulado por Educação popular em/nas/com as redes e faz uso dos coletivos juvenis como agentes participativos e protagonistas desse movimento emergente e orgânico em/nas/com as redes por isso limitamos aos debates sobre o tema.

outras organizações, primeiramente, por se originarem dos agrupamentos de jovens que compartilham uma cultura e propósitos de afinidades e interesses.

Ainda podemos pensar as juventudes pelas suas formas de se posicionar diante do mundo adulto. Desde a adolescência, ocorre uma busca pelos espaços de interação, pelos “grupos de amigos”, onde podem trocar ideias e buscar compreender o sentido de sua condição. (ABRAMO, 1997, DAYRELL; LEÃO; BATISTA, 2007, DAYRELL; MOREIRA; STENGEL, 2011). Nos coletivos, é possível observar a construção de interesses sociopolíticos alternativos que buscam abordar as necessidades e desafios vividos pelos jovens.

O grupo é espaço privilegiado de apropriação de linguagens textuais e corporais, de uma estética e de um conjunto de símbolos que permite criar personagens. Estas expressões artísticas e simbólicas são manifestações da diversidade que constitui os grupos culturais juvenis (SALES, 2013, p. 231).

Para Dayrell (2013), os jovens buscam formas de mediação em suas relações com o mundo onde vivem e posicionam-se diante dos limites gerados pelo lugar social que ocupam. Com isso, compreendermos que esses grupos desenvolvem ações para enfrentar as contradições sociais do cotidiano, muitas vezes utilizando a cultura e a estética como base. Uma das características dos coletivos é a busca por respostas inovadoras diante das demandas sociais. Os jovens, coletivamente, buscam encontrar soluções criativas para os problemas que enfrentam, questionando as estruturas protegidas e propondo caminhos alternativos. Eles buscam construir uma visão própria de mundo, pensando para a transformação social e a promoção da justiça.

Dentro dos coletivos juvenis, as atividades de lazer, formação, esporte, música, interação com a cultura, religião e outras dimensões desempenham um papel fundamental na promoção do envolvimento dos jovens. Cada coletivo possui sua própria natureza e proporciona um ambiente propício para que os jovens descubram e aprimorem seus objetivos, habilidades e potencialidades. Além disso, os coletivos juvenis são espaços onde a cultura e a estética exercem um papel central.

Os jovens exploram formas de expressão artística, como música, dança, teatro e artes visuais, como meio de manifestar suas ideias, emoções e perspectivas, principalmente nas periferias. Através dessas expressões artísticas, eles buscam criar uma identidade coletiva, fortalecer os laços entre os membros do grupo e transmitir suas mensagens para o mundo exterior, principalmente quando isso pode ser ágil, rápido e gerar impactos maiores para suas performances, como é o caso em redes sociais.

Face ao exposto, as redes sociais oferecem emergentes espaços onde os jovens, principalmente, podem compartilhar suas histórias, experiências e perspectivas de vida, estabelecendo conexões e comunidades que transcendem as fronteiras físicas. É necessário, nesse contexto, questionar a confiança por trás das narrativas construídas, compreender os efeitos da busca incessantemente por visibilidade e popularidade e refletir sobre suas práticas.

Isso se justifica à medida que entendemos que temos, hoje, (novos e) emergentes contextos de militância, estrutura de movimentos, luta e que se encaixa em multifocal (NOGUEIRA, 2013). Esses movimentos multifocais são caracterizados pela diversidade de demandas e pautas que abraçam e pela descentralização de lideranças e estruturas. Eles surgem a partir da percepção de que as lutas por justiça social não são assistidas, mas interconectadas, e que é necessário abordar diversas questões interseccionais para promover mudanças significativas.

O net-ativismo, um conceito proposto por Manuel Castells (2013), refere-se ao uso estratégico das redes digitais para mobilização social e política. O autor caracteriza o net-ativismo como um fenômeno onde indivíduos e grupos utilizam a internet e outras tecnologias digitais para promover causas, organizar protestos e influenciar a opinião pública. Este ativismo digital é definido por sua capacidade de transcender as limitações geográficas e temporais, permitindo a formação de redes de solidariedade e ação coletiva em escala global. As redes sociais, blogs, fóruns e outras plataformas digitais servem como espaços cruciais onde o net-ativismo se manifesta, facilitando a rápida disseminação de informações e a coordenação de movimentos sociais.

No contexto das periferias, o net-ativismo desempenha um papel vital na articulação de lutas e reivindicações. As comunidades periféricas, muitas vezes excluídas e com acesso limitado aos meios tradicionais de comunicação, encontram na internet um canal poderoso para expressar suas demandas, denunciar injustiças e mobilizar apoio. Através de campanhas *online*, petições digitais, e a utilização estratégica de *hashtags*, os moradores das periferias podem dar visibilidade às suas causas, construir narrativas alternativas e pressionar por mudanças políticas e sociais. Assim, o net-ativismo oferece uma plataforma inclusiva que amplifica as vozes das periferias, permitindo-lhes visibilidades mais ativa e eficaz na arena pública.

A teoria do net-ativismo encontra continuidade e expansão nos estudos sobre cidadania digital, como pensado por Di Felice (2017) que conceitua a cidadania digital como um processo dinâmico e participativo, onde os cidadãos utilizam as tecnologias digitais para exercer seus direitos e deveres cívicos. Ele argumenta que a cidadania digital vai além do simples acesso à internet, englobando a capacidade dos indivíduos de usar as ferramentas digitais para

influenciar políticas públicas, engajar-se em discussões cívicas e participar ativamente na construção da sociedade. Esta perspectiva teórica enfatiza a importância de uma literacia digital crítica, onde os cidadãos não são apenas consumidores passivos de informações, mas agentes ativos de transformação social.

Ao conectar as noções de net-ativismo e cidadania digital, observa-se um campo emergente digital que pode transformar as dinâmicas sociais e políticas. As periferias, através do net-ativismo, podem não apenas reivindicar direitos e denunciar exclusões, mas também constroem formas de cidadania digital que redefinem a participação cívica no século XXI. As tecnologias digitais, portanto, tornam-se ferramentas essenciais para a inclusão social e política, permitindo que as vozes das margens ressoem com força no centro das discussões públicas. Esta interseção entre net-ativismo e cidadania digital aponta para um futuro onde a participação cívica é mediada por novas formas de conectividade e interação, refletindo um avanço significativo nos estudos sobre comunicação, política e sociedade.

Ainda nessa concordância, Di Felice (2013, p. 10), reafirma que estamos diante de uma nova forma de ativismo digital em/na/com as redes, “net-ativismo”, isto é, “[...] um conjunto de ações que não acontecem mais simplesmente no interior das molduras políticas [...]”. A essa construção, que tem origem nos anos 1990, denomina-se “ciberativismo”:

“[...] um novo tipo de participação baseada na construção de redes informativas pela difusão de informações na web [...]” que objetiva “[...] maximização das possibilidades de autonomia, de processos de sustentabilidade e de criatividade no âmbito dos movimentos newglobal [...]” por meio de cidadãos que habitam as redes digitais e “[...] cujas pautas reivindicatórias e de ação local avançam na direção do atendimento das necessidades comuns, tais como a democracia, equidade, consumo consciente e sustentabilidade” (DI FELICE, 2013, p. 53-54).

Isso nos faz acreditar nas potencialidades dos militantes dos coletivos juvenis das periferias em redes. Ao pensarmos essas novas militâncias e as possibilidades potentes que as redes sociais proporcionam, percebemos um espaço para o apoio e organização de cidadãos e grupos que encorajaram interesses e preocupações comuns. Redes sociais, como Facebook, Twitter (agora X), Instagram e outras, permitem que as pessoas se conectem além das barreiras geográficas e compartilhem informações, ideias e recursos de forma rápida e eficiente. Ellison e Boyd (2013, p. 158) caracterizam as redes sociais e suas funcionalidades, como:

Uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes: 1) possuem perfis identificáveis unicamente que consistem de conteúdo gerado pelo próprio usuário, por outros usuários e por dados do sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e atravessadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado pelos usuários, fornecido por suas conexões no site (ELLISON; BOYD, 2013, p. 158, grifos das autoras, tradução livre).

Essas pontuações se tornam relevantes para esse estudo à medida em que descrevemos o papel das aprendizagens em redes nas insurgências praticadas por coletivos juvenis das periferias. Ao explorar essa dimensão, é possível perceber como as conexões estabelecidas nessas redes contribuem para a formação de identidades coletivas, fortalecendo os laços sociais. A análise das aprendizagens em redes amplia, assim, o escopo de entendimento sobre as motivações, estratégias e transformações culturais inerentes às práticas insurgentes dos coletivos juvenis nas periferias. Além disso, as redes sociais podem servir como um meio para ampliar o alcance das demandas e pautas dos movimentos sociais. Soares e Mangabeira (2012, p. 275) afirmam que:

Com a profusão de perfis em redes sociais na internet, a questão da performance tem sido trazida à tona como aparato teórico para tentar compreender os discursos engendrados nos contextos dos meios de comunicação. Criar um perfil numa rede social, eleger o que dizer, escolher o que dispor como ‘texto de apresentação’, que fotografia usar no ‘avatar’ são algumas das operações que se realiza quando se adentra à formatação de um ambiente de compartilhamento de conteúdos nas redes sociais. Estas operações parecem sintomáticas de serem compreendidas como enquadramentos/recortes de alguém num cenário de interação mediada. Postar textos, imagens, vídeos etc., configura-se no ‘atuar’ neste ambiente: dessa forma, pode-se perceber ‘avatars’ que são mais românticos, incisivos, polêmicos, irônicos, ingênuos, entre tantas outras formas de classificação.

As autoras apresentam uma visão mais individualizada do uso das redes sociais. Aqui, acrescentamos que, em coletividade, por meio de *hashtags*, postagens, compartilhamentos e campanhas virais, é possível chamar a atenção para questões específicas, gerar diálogos e mobilizar grande número de internautas em torno de uma causa, já que as redes oferecem espaços de diálogo e debate, permitindo que diferentes perspectivas sejam expressas e tolerantes. Isso é especialmente relevante para os movimentos sociais multifocais, que buscam abordar uma ampla gama de questões e promover a inclusão de diferentes grupos excluídos.

O novo ativista luta por direitos e reconhecimento, não por poder. Não sacrifica a vida pessoal em nome de uma causa coletiva ou da glória de uma organização. Não se referencia por líderes ou ideologias. Age festivamente e sem rotinas fixas, valendo-se muitas vezes da sátira e do deboche. É multifocal, abraça várias causas simultaneamente. Sua mobilização é intermitente. Muitos atuam de modo pragmático, profissionalizam-se como voluntários, buscam resultados mais do que confrontação sistêmica. Seu ambiente são as redes sociais, sua maior ferramenta é a conectividade (NOGUEIRA, 2013, p. 54).

Nesse sentido, é importante reconhecer que a luta em redes sociais também apresenta desafios. Por um lado, a viralização de informações nem sempre significa uma mudança real ou concreta na sociedade. É necessário transformar o engajamento *online* em ações práticas e

engajamento *offline*, para alcançar resultados efetivamente.

Ainda nesse contexto, um exemplo concreto que ilustra a convergência entre aprendizagens em redes, perspectiva da Educação Popular e resistência contra práticas opressivas compreende um movimento popular em redes: o “Escola Sem Mordaça”/“Escola sem partido (@escolasempartidooficial)<sup>39</sup>”.

Esse movimento surgiu no Brasil e ganhou força nas redes sociais, especialmente, entre 2019 e 2020. O movimento se deu por uma iniciativa que buscava defender a liberdade de expressão, a diversidade de ideias e a autonomia das escolas e educadores. Ele se posicionava contra projetos de lei que tentavam impor restrições à abordagem de temas considerados controversos ou polêmicos em sala de aula, como questões de gênero, diversidade sexual, história afro-brasileira, história indígena, entre outros.

Esse movimento em rede social se organizou por meio de grupos em redes como Facebook, Twitter (agora X) e Instagram, onde educadores, estudantes, pais e apoiadores compartilhavam informações, debatiam, promoviam eventos e se mobilizavam para garantir que a Educação fosse um espaço plural e aberto ao diálogo.

Este exemplo de movimento se enquadra numa perspectiva da Educação Popular, que busca promover uma Educação libertadora, inclusiva e crítica, voltada para a transformação social, além de ser emergente e orgânica em redes. Ele parte do princípio de que a Educação deve ser democrática e respeitar a diversidade de perspectivas e realidades presentes na sociedade. Ainda podemos salientar que o movimento serve de exemplo de como as redes sociais podem ser usadas como ferramentas de mobilização e engajamento para defender causas educacionais e sociais, permitindo que pessoas de diferentes partes do país se unam e atuem em prol de uma educação mais aberta, reflexiva e emancipadora.

Essas concepções convergem para a compreensão das aprendizagens em redes, enquanto espaços, territórios para novas aprendizagens, por meio de conexões, fluxos, interações e outras práticas que caracterizam o ato social de estar conectado, navegando e aprendendo. Nessa ótica, George Siemens (2004), educador e pesquisador canadense, um dos criadores da teoria do conectivismo, estudioso dos processos de aprendizagem na era digital, especialmente no contexto de redes sociais e ambientes mediados pela tecnologia, explora que:

O conectivismo é a integração de princípios explorados pelo caos, Rede, e Teorias da Complexidade e Auto-organização. A aprendizagem é um processo que ocorre dentro de ambientes nebulosos onde os elementos centrais estão em mudança – não inteiramente sob o controle das pessoas (SIEMENS, 2004, p. 5-6).

---

<sup>39</sup> Link do perfil na rede social Instagram- <https://www.instagram.com/escolasempartidooficial/>.

O conectivismo se baseia na ideia de que o conhecimento está distribuído em redes de conexões e que a aprendizagem envolve a habilidade de criar e navegar por essas redes. Nessa teoria, aprender não se trata apenas de adquirir informações, mas também de saber onde e como encontrar informações quando necessário, o que nos faz lembrar da ideia de (multi)letramentos, abordagem envolvida pelo Grupo de Nova Londres (*New London Group* – GNL), entre 1995 e 1996, e amplamente debatida no Brasil, pela professora Roxane Rojo (2012, 2013).

O movimento considera as diferentes formas de linguagens e de como as mídias interagem e se complementam na vida cotidiana das pessoas. Portanto, um indivíduo multiletrado é aquele que é capaz de transitar e compreender as diversas linguagens de acordo com os contextos e situações específicas em que está inserido.

Essa perspectiva tem implicações significativas para a Educação, já que defende uma abordagem mais aberta e inclusiva, que valoriza e incorpora as diversas expressões culturais presentes na sociedade contemporânea. A promoção dos multiletramentos nas práticas educativas visa preparar os indivíduos para a participação ativa em uma sociedade cada vez mais diversa e digitalizada, proporcionando-lhes as habilidades necessárias para lidar de forma crítica e reflexiva com a complexidade comunicacional do mundo atual.

A definição de multiletramentos é frequentemente associada a uma abordagem pedagógica que valoriza a diversidade de habilidades e conhecimentos comunicacionais que os indivíduos podem desenvolver. Ao invés de se concentrar exclusivamente na alfabetização tradicional, que se baseia no domínio da leitura e escrita, o conceito de multiletramentos considera que diferentes linguagens e mídias têm importância e relevância no cotidiano e na aprendizagem dos indivíduos.

Os multiletramentos consideram que as diferentes formas de linguagens e mídias interagem e se complementam na vida cotidiana das pessoas. Portanto, um indivíduo multiletrado é aquele que é capaz de transitar e compreender as diversas linguagens de acordo com os contextos e situações específicas em que está inserido. Essa perspectiva tem implicações significativas para a educação, já que defende uma abordagem mais aberta e inclusiva, que valoriza e incorpora as diversas expressões culturais presentes na sociedade contemporânea.

A promoção dos multiletramentos nas práticas educativas visa preparar os indivíduos para a participação ativa em uma sociedade cada vez mais diversa e digitalizada, proporcionando-lhes as habilidades necessárias para lidar de forma crítica e reflexiva com a complexidade comunicacional do mundo atual. Ainda assim, pensar no conectivismo por meio da perspectiva dos (multi)letramentos é enfatizar a proposta de se manter conectado a recursos relevantes, pessoas e comunidades como uma habilidade essencial no mundo moderno,

fortalecendo o multiculturalismo.

Esse, portanto, constitui princípio importante tanto para compreendermos a Educação Popular como as aprendizagens em redes, pois, hoje, são múltiplas as representações sociais, culturais e históricas. Isso fortalece, inclusive, a nossa miscigenação e a pluralidade, que faz dos fluxos e conexões oportunidades de aprendizados cada vez mais sócio-histórico-político-cultural.

Esse contexto justifica a geração atual, que nasceu com tecnologia de alta ubiquidade, mobilidade e convergência no seu cotidiano, dispondo de muitas possibilidades conectadas. Sendo assim, “[...] nasceram em uma época em que a informação é ágil, conceitos são defendidos e derrubados em um curto espaço de tempo” (LANGARO, 2013, p. 2). Sob essa ótica, observamos que as tecnologias digitais, especialmente as redes sociais e a Internet, ampliaram as possibilidades de aprendizagem colaborativa e conectada.

Por meio das redes, os usuários podem construir conhecimento de forma interativa, compartilhando informações, experiências e recursos, garantindo diversas aprendizagens, (multi)letramentos. A partir dessa compreensão, acrescentamos, a partir de Siemens (2008), que:

As Redes têm servido de base para aprendizagem humana bem antes da tecnologia que se vê na sociedade atual. O desenvolvimento de competências na caça, coleta e agricultura, exigiam conhecimentos a serem compartilhados a cada nova geração: na atividade agrícola a geração mais jovem foi construída sobre o trabalho das outras. Pequenos avanços e novas técnicas e ferramentas serviram para melhorar continuamente, disciplinas como agricultura, ferraria, soldadura e, mais recentemente a filosofia e as ciências (SIEMENS, 2008, p. 1).

As redes têm sido fundamentais para a aprendizagem humana ao longo da História, muito antes da criação das tecnologias que temos hoje. As sociedades antigas dependiam do compartilhamento de conhecimento entre gerações para sobreviver, progredir e aprimorar suas habilidades em várias áreas. O ponto chave aqui é que a aprendizagem em redes sempre foi uma característica intrínseca da experiência humana.

A tecnologia digital atual apenas ampliou e acelerou a capacidade de compartilhar informações, conectar-se com pessoas ao redor do mundo e acessar conhecimentos de forma instantânea. Isso possibilitou uma expansão sem precedentes das redes de aprendizagem e trouxe novas oportunidades e o avanço do conhecimento em diversas áreas.

Vale salientar que “[...] as redes estão dentro do movimento, com outros movimentos pelo mundo, com a blogosfera, os media e a sociedade em geral” (CASTELLS, 2013, p. 216). Podemos, então, dizer que a Internet é considerada como uma rede de redes, distribuída de

forma descentralizada, que possibilita aumentar as oportunidades de participação em ações coletivas, enquanto reduz a vulnerabilidade dos seus membros em relação às ameaças de repressão, burocratização e manipulação interna nos movimentos.

Para isso, Siemens (2004) organiza princípios para melhor estruturar a visão de aprendizagem em redes, a partir da ideia do conectivismo:

- Aprendizagem e conhecimento apoiam-se na diversidade de opiniões;
- Aprendizagem é um processo de conectar nós especializados ou fontes de informação;
- Aprendizagem pode residir em dispositivos não humanos;
- A capacidade de saber mais é mais crítica do que aquilo que é conhecido atualmente;
- É necessário cultivar e manter conexões para facilitar a aprendizagem contínua;
- A habilidade de enxergar conexões entre áreas, ideias (*sic.*) e conceitos é uma habilidade fundamental;
- Atualização (“currency” – conhecimento acurado e em dia) é a intenção de todas as atividades de aprendizagem conectivistas;
- A tomada de decisão é por si só, um processo de aprendizagem. Escolher o que aprender e o significado das informações que chegam é enxergar através das lentes de uma realidade em mudança. Apesar de haver uma resposta certa agora, ela pode ser errada amanhã devido a mudanças nas condições que cercam a informação e que afetam a decisão Siemens. (SIEMENS, 2004, p. 6)

De maneira mais generalizada, compreendemos que o conectivismo apresenta um modelo de aprendizagem que é intrínseco à evolução da sociedade, em cujo ato de aprender não pode mais ser restrito ao âmbito interno da escola, por exemplo ou individual. São nas redes que os nós surgem, que as informações fluem e que os saberes são *construídos*. Quando pensamos isso numa perspectiva de coletivos juvenis das periferias, evidenciamos uma potente oportunidade de espaço para evidenciar ainda mais as lutas.

As aprendizagens em redes proporcionam um cenário propício para a expressão autêntica e a articulação de lutas por parte dos jovens das periferias. Este fenômeno não apenas fomenta o empoderamento, mas também contribui para o fortalecimento coletivo ao possibilitar a formação de comunidades virtuais engajadas em questões sociais relevantes.

À luz dos letramentos raciais, representam uma poderosa ferramenta para a expressão e mobilização dos jovens das periferias, promovendo não apenas a aquisição de habilidades técnicas, mas também a consciência crítica sobre questões étnicas e raciais. Destacamos a importância do acesso à informação para a desconstrução de estereótipos e a promoção de uma educação antirracista. Ao explorar as redes digitais, por exemplo, os jovens das periferias podem se engajar em processos de letramentos raciais ao compartilhar suas experiências, discutir questões de representatividade e desafiar narrativas hegemônicas.

Nessa mesma ótica, France Winddance Twine (2004, p. 841), antropóloga e

pesquisadora, ressalta que “[...] os letramentos raciais envolvem a capacidade de ler e interpretar o mundo em termos raciais, questionando as estruturas de poder que perpetuam a discriminação racial”. Nas redes, esses letramentos se manifestam na capacidade de decodificar e contestar narrativas discriminatórias, promovendo uma visão mais crítica e consciente.

Além disso, como outro exemplo, ao considerarmos os letramentos LGBTQIAP+, as redes digitais emergem como espaços inclusivos onde indivíduos podem compartilhar suas identidades e vivências de forma segura e solidária. A conectividade proporcionada por essas redes não apenas desafia estigmas, mas também promove uma compreensão mais rica e respeitosa da diversidade. Esse ambiente se torna uma ferramenta de letramentos sociais, incentivando o diálogo sobre questões de gênero e orientação sexual.

Pela interseção entre aprendizagens em/nas/com as redes e as experiências específicas dos jovens das periferias, desempenha um papel significativo na promoção de uma Educação emancipatória. Ao capacitar esses jovens a navegarem e contribuírem para as redes digitais, estamos não apenas promovendo a aquisição de habilidades, mas também proporcionando as ferramentas necessárias para a construção de uma consciência crítica e participativa no âmbito social, cultural e político.

Tanto a Educação popular quanto a abordagem de aprendizagem em/nas/com as redes têm uma visão crítica do conhecimento, pois busca promover a reflexão sobre a realidade social, encorajando os estudantes a questionar, problematizar e construir conhecimentos a partir de diferentes perspectivas. Também destacam a importância da interação e da troca de saberes como forma de enriquecer a aprendizagem. Ambas as abordagens enfatizam a construção coletiva do conhecimento, valorizando a diversidade de experiências e perspectivas.

Os coletivos juvenis das periferias, aparentemente, encontraram nas redes um espaço propício para aprendizagens. Com recursos digitais acessíveis, a possibilidade de interação com outros membros do coletivo e com indivíduos de diferentes contextos, as redes se tornaram um ambiente de aprendizado significativo e colaborativo. Vejamos um exemplo de aprendizagem em redes com uso da Inteligência Artificial (AI), no perfil da rede social Instagram dos @funkeiroscults<sup>40</sup>.

Como legenda para o vídeo, tivemos: Passinho + Inteligência Artificial! O @studiokrya, juntou funk com IA! O vídeo original de @jhuanmartins, animado com IA pelo Krya, mostra o brabo @pablinhofantastico se transformando em um robô. Esse exemplo ilustra como a aprendizagem em redes, Educação Popular e cultura digital estão interligadas na

---

<sup>40</sup> Link para o vídeo do passinho funkeiro + IA:

<https://www.instagram.com/reel/CucUqDTsMg8/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>

sociedade contemporânea, emergente, orgânica e intrínseca. Através da interação com as tecnologias digitais, os indivíduos podem explorar novas formas de expressão, colaborar com outros, viralizar conteúdos e refletir sobre a interação entre a cultura humana e a tecnologia. Essa dinâmica contínua é característica da era da informação em que vivemos.

Ainda sobre esse exemplo, podemos refletir sobre a cultura da convergência. O vídeo representa um exemplo claro da cultura da convergência, um conceito cunhado por Henry Jenkins (2008) que descreve como diferentes mídias e tecnologias se combinam em nossa cultura atual. Nesse caso, temos a convergência do funk (uma forma de expressão cultural e musical) com a Inteligência Artificial (uma tecnologia avançada), resultando em uma performance inovadora e criativa.

Essa prática audiovisual não deixa de ser um bom exemplo para compreendermos multiletramentos e novas formas de expressão. O uso da Inteligência Artificial (IA) para transformar o funkeiro em um robô destaca a capacidade dos multiletramentos, em que diferentes linguagens e mídias se combinam para criar novas formas de expressão. Essa fusão entre arte, música, dança e tecnologia, exemplifica como os jovens podem usar as redes digitais para criar conteúdos inovadores e atrair novos públicos.

Ainda destacamos que a transformação do funkeiro em um robô através da IA revela a capacidade dos indivíduos de se apropriarem criativamente das tecnologias disponíveis, potencializando a viralização nas redes sociais. Esse fenômeno destaca como as redes permitem que conteúdos, consideravelmente, por um público específico ou não, criativos e interessantes, se espalhem rapidamente, alcançando um grande número de pessoas em todo o mundo.

Os jovens utilizam as redes para compartilhar conhecimentos, experiências e práticas, fortalecendo a cultura de aprendizagem coletiva. Eles se empoderaram a ecoarem vozes e protagonismos na construção de saberes, promovendo uma educação que é autônoma e horizontal. Nessa perspectiva do individual ao coletivo, os movimentos, ao se apropriarem da Educação Popular e da aprendizagem em redes, encontram ferramentas para questionar as desigualdades sociais, desenvolver habilidades críticas e construir conhecimentos relevantes para suas comunidades.

## 2.4 “O papo é reto”<sup>41</sup>: cidadania insurgente é resistência e cidadania digital é consciência!

Segundo Manuel Castells (1996), sociólogo e pesquisador das redes, os fluxos<sup>42</sup> de informação e comunicação na sociedade contemporânea são extremamente importantes, especialmente na era da globalização. O autor afirma que os fluxos de informação e de comunicação são o componente material da sociedade da informação, e os processos de geração, processamento e transmissão da informação são os processos materiais fundamentais na vida social. Entendamos fluxos como movimentação ou transferência de algum tipo de “entidade”, seja ela de informação, energia, recursos, pessoas, produtos ou substâncias, dentro de um sistema.

Castells, desde 1989, já conceituava “espaços de fluxos”. Segundo o autor, esse conceito:

Inclui a conexão simbólica da arquitetura homogênea nos lugares que constituem os nós de cada rede pelo mundo. Desse modo, a arquitetura escapa da história e cultura de cada sociedade e torna-se refém do novo e admirável mundo imaginário das possibilidades ilimitadas que embasam a lógica transmitida pela multimídia: a cultura do *surfing* eletrônico, como se pudéssemos reinventar todas as formas em qualquer lugar, apenas sob a condição de mergulhar na indefinição cultural dos fluxos do poder. O encerramento da arquitetura em uma abstração histórica é a fronteira formal do espaço de fluxos (CASTELLS, 1999, p. 442).

O termo serve para descrever um novo tipo de espaço que possibilita interações à distância, síncronas, e em tempo real, possibilitadas pelas então novas redes e sistemas de telecomunicação. Em outras palavras, o pesquisador já criava previsões da influência que a Internet e o ciberespaço teriam na sociedade.

As conexões, por sua vez, referem-se aos vínculos ou relações protegidas entre diferentes elementos de um sistema. As conexões são cruciais para entender a estrutura e a dinâmica de um sistema, uma vez que determinam como os elementos interagem e influenciam uns aos outros, como nós. Para Lemos (2005), a conexão é um princípio da Cibercultura que acompanhou todo o processo de transformação dos computadores até a chegada dos *smartphones*. Aqui, podemos pensar que pessoas, máquinas, objetos, entre outros, estão se comunicando e são localizados na rede.

---

<sup>41</sup> A expressão “papo reto” emerge como uma gíria característica das periferias, representando uma comunicação direta e franca. O termo “papo” denota diálogo ou conversa, enquanto “reto” enfatiza a honestidade e a transparência nas trocas comunicativas. Assim, “papo reto” é mais do que uma simples expressão linguística; é um reflexo da busca por uma comunicação descomplicada e genuína, muitas vezes encontrada em comunidades periféricas, onde a linguagem é uma forma de expressão cultural e resistência.

<sup>42</sup> Conexões e fluxos globais (LEITE, 2010, SETO; SÁNCHEZ-RODRIGUES; FRAGKIAS, 2010).

É importante destacar que os conceitos de fluxos e conexões estão intrinsecamente relacionados, pois os fluxos ocorrem através das conexões protegidas entre os elementos de um sistema. Eles são componentes fundamentais para a compreensão de diversos fenômenos complexos – em nosso caso: evidenciar na cidadania digital os fluxos e conexões dos coletivos juvenis das periferias, em/nas redes.

Apresentadas nossas compreensões de fluxos e conexões, neste tópico, construiremos uma relação entre a cidadania insurgente, um conceito de James Holston (2008), e a cidadania digital, proposta por Massimo Di Felice (2009). Ambos os autores exploram diferentes dimensões da cidadania contemporânea, abordando aspectos de participação, empoderamento e transformação social. Nosso interesse, dentre tantos aspectos, é de analisar as perspectivas teóricas de cada autor e explorar as possíveis interconexões entre seus conceitos, destacando a importância da cidadania insurgente no contexto da sociedade digital.

O primeiro aspecto que ressalta fluxo é a cidadania insurgente, proposta por James Holston, em seu livro *Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil* (2008), que se refere a uma forma de ação política e participação cidadã, que ocorre fora das estruturas tradicionais do Estado. O autor argumenta que a cidadania insurgente é uma forma de engajamento político e social que ocorre fora dessas marcas, muitas vezes em comunidades marginalizadas ou excluídas.

As ruas das cidades misturam novas identidades de território, contrato e educação a outras qualitativas, como raça, religião, cultural e gênero. Suas multidões catalisam essas novas combinações nos ingredientes ativos de movimentos políticos que desenvolvem novas fontes de direitos e agendas de cidadania relacionadas às condições mesmas da vida na cidade. [...] Nesse processo, as cidades se tornam ao mesmo tempo o lugar a substância, não apenas das incertezas da cidadania moderna, mas também das suas formas emergentes (HOSTON, 2013, p. 49).

Evidente de uma forte conexão entre rua, movimentos mais tradicionais e movimentos emergentes, o autor defende a cidadania insurgente como “manifestada por todas as subjetividades coletivas (minorias ativas) que impulsionam o processo de conquista, manutenção ou efetividade de direitos, [...], atuando em prol das emancipações possíveis” (HOSTON, 2013, p.49).

Ela envolve práticas de resistência, mobilização e construção coletiva que buscam reivindicar direitos e melhorias nas condições de vida. É uma possibilidade de cidadania que emerge como resposta às limitações da democracia representativa e à falta de representação dos interesses e demandas das populações excluídas. Por meio da ação coletiva e da participação ativa, os insurgentes buscam desafiar as desigualdades sociais e promover mudanças em suas

comunidades.

O autor ainda apresenta que “os movimentos vindos das periferias urbanas fizeram surgir na esfera pública novos atores políticos que, a partir da linguagem dos direitos, expandiram a cidadania democrática calcada em princípios igualitários” (HOSTON, 2013, p. 329), fomentando, assim, o que entendemos por “conceito de insurgência de direitos gerais fundamentados na legislação e/ou no texto” (p. 349).

Podemos, então, salientar, em outras palavras, que “é na rua, através da rua que as redes se firmam e reforçam” (SIMÕES; CAMPOS, 2011, p. 285), que expressões ganham vida e que “servem de espaços simbólicos representativos da dura vivência diária de bairros estigmatizados” (p. 286). Assim, ressalta-se a importância vital da rua como o ambiente propício para a consolidação e fortalecimento das redes sociais. Indicamos que são nas dinâmicas urbanas, especialmente nas ruas, que essas conexões sociais se estabelecem de maneira robusta, sugerindo que a rua não é apenas um espaço físico, mas um cenário dinâmico cujas relações interpessoais se desenvolvem e ganham forma.

A ênfase na rua como o epicentro para o florescimento das redes destaca sua significativa influência na construção de vínculos sociais e na manifestação de expressões coletivas. Além disso, ao considerar que essas redes se tornam “espaços estigmatizados” (SIMÕES; CAMPOS, 2011, p. 286), observamos o papel crucial da rua como palco para a expressão simbólica de experiências e resistências, especialmente em comunidades marginalizadas. Essa dimensão simbólica não apenas reforça a importância da rua como um espaço físico, mas enfatiza seu papel como um território simbólico cujas experiências cotidianas são compartilhadas e reinterpretadas.

Ao destacar a rua como esse território descrito acima, emerge uma conexão intrínseca com os letramentos insurgentes, a quem recorremos ao conceito de “práticas de letramento insurgentes” de Catherine Walsh (2013). Para melhor explicá-lo, ao explorarmos a análise de Walsh (2013) sobre as práticas pedagógicas decoloniais advogadas por educadores/as, é intrigante considerarmos a aplicação do termo “insurgente” no âmbito das salas de aula. A autora concebe o termo “pedagogias decoloniais” como:

Metodologias produzidas em contextos de luta, teseção, resistência e que Adolfo Albán tem chamado de ‘re-existência’; pedagogias como práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com (WALSH, 2013, p. 19).

No contexto dessa pesquisa, da Educação Popular e das aprendizagens em/nas/com as

redes por coletivos juvenis das periferias, essa abordagem ressoa significativamente. A Educação Popular, historicamente enraizada em princípios de emancipação, participação e diálogo, alinha-se com a concepção de pedagogias insurgentes<sup>43</sup>. Em ambientes de luta e marginalização, a Educação Popular se torna uma ferramenta essencial para a “reexistência”, proporcionando espaços de aprendizagem que transcendem as limitações impostas pela modernidade/colonialidade.

Os coletivos juvenis das periferias, ao engajarem-se em aprendizagens em redes, demonstram uma prática insurgente, ao desafiar as estruturas hegemônicas de conhecimento e poder. Esses espaços de resistência educacional não apenas questionam as narrativas dominantes, mas também promovem uma reconfiguração das dinâmicas sociais e culturais. Ao criar e compartilhar conhecimento nas redes, esses coletivos não apenas reivindicam sua existência, mas também contribuem para a construção de alternativas à modernidade/colonialidade, possibilitando novas formas de ser e viver.

Diante desse contexto e da evolução das tecnologias digitais, deparamo-nos com a cidadania digital, como proposta de Massimo Di Felice (2009), que se refere à participação cidadã no contexto da sociedade cada vez mais conectada e em redes. O autor apresenta que:

Há, portanto, a formação de outro tipo de ecologia, que reúne ao mesmo tempo indivíduos, informações, circuitos informativos, banco de dados e territórios (territorialidades). A primeira coisa a ser sublinhada é que não estamos falando de uma ação política como podemos pensá-la, imaginá-la ou descrevê-la segundo a tradição dos estudos políticos ou das ciências sociais de outra época. Estamos falando de outro tipo de ação, cuja qualidade deve remeter a uma ecologia que associa atores humanos e não humanos (DI FELICE, 2022).

Sob essa ótica, precisamos compreender que essa ecologia<sup>44</sup> engloba não apenas indivíduos, mas também informações, circuitos informativos, bancos de dados e territórios. É importante destacar que essa ação não se limita apenas aos seres humanos, mas também envolve atores não-humanos.

“A pandemia, as mudanças climáticas e as inovações das tecnologias digitais são as expressões e as evidências de um protagonismo dos não-humanos, perante o qual somos chamados a redefinir o que entendemos por sociedade” (DI FELICE, 2021). Essa perspectiva

---

<sup>43</sup> Conjunto de práticas, de estratégias e de metodologias com as quais se fortalece a construção das resistências e das insurgências (WALSH, 2013, p. 20).

<sup>44</sup> Vivemos e convivemos em uma nova ecologia que considera o habitar, e-habitar e co-habitar um mundo constituído pelo hibridismo. Essas diferentes formas de habitar se traduzem num conceito estratégico para pensar e descrever as transformações desse tempo e sociedade e também a nossa condição perceptiva da forma de sentir. (DI FELICE, 2009, p. 291).

ampliada reconhece a interconexão e interdependência entre diferentes elementos e agentes em um sistema complexo.

Ao considerar a ecologia como um paradigma para a ação, estamos abrindo espaço para uma compreensão mais holística e integrada das relações entre seres humanos, tecnologia, ambiente e sociedade, criando novas formas de interação e organização social. Essa abordagem pode ter significado para a compreensão e ação política, uma vez que desafia as noções tradicionais de poder, autoridade e tomada de decisão. Ela nos leva a considerar a complexidade e a diversidade de atores e recursos envolvidos em processos políticos, expandindo nossa visão além do humano e incorporando elementos não-humanos.

Complementando a ideia supracitada, recorreremos ao conceito de net-ativismo (MAGALHÃES, 2019, DI FELICE, 2010), “termo que utilizamos para descrever um tipo de interação - está se conotando como uma nova prática de protagonismo no mundo inteiro [...] mas é toda uma nova forma de participação que está se dando através da interação fértil entre circuito, dispositivo e pessoa” (DI FELICE, 2022, p. 5). Isso conota um novo tipo de cidadania e, também, um novo tipo de participação, cujas características podemos destacar em alguns elementos:

Primeiro, o anonimato. São movimentos que têm uma grande ênfase em um protagonismo individual. Que não têm líderes ou criadores, mas que tomam forma no decorrer das atividades e, neste interim, passam a assumir bandeiras ou, mais do que bandeiras, indicações específicas que não estavam previstas no começo. Portanto, pelas características de conectividade, são movimentos que não estão vinculados a alguma entidade (DI FELICE, 2022, p. 5).

Esses tendem a enfatizar o protagonismo individual, em vez de depender de uma liderança centralizada. Essa falta de liderança hierárquica permite que esses movimentos sejam mais fluidos e adaptáveis. À medida que as atividades se seguem, eles assumem diferentes bandeiras (multifocais) ou indicações específicas que podem não ter sido programadas inicialmente. Isso demonstra uma capacidade de resposta às demandas e às necessidades que surgem ao longo do tempo.

Além disso, os movimentos em/nas redes não estão vinculados a uma entidade específica, como uma organização ou instituição estabelecida. Eles surgem e se desenvolvem organicamente através das motivações entre os participantes, muitas vezes através das plataformas digitais. Isso permite que haja uma maior flexibilidade e independência em relação a estruturas externas, permitindo que os movimentos se adaptem e evoluam de acordo com as circunstâncias e demandas emergentes.

A ausência de liderança formal e a conexão direta com instituições também podem ser vistas como respostas a estruturas de poder defensivas, buscando novas formas de engajamento e participação política. Os movimentos que surgem dessa maneira tendem a ser mais horizontais em sua organização, enfatizando a participação igualitária e a tomada de decisão coletiva, como são os casos das frentes de lutas e outras ações coletivas que aglutinam sujeitos, coletivos, movimentos, representações, etc.

Outro elemento importante é que eles não podem ser inscritos na lógica ideológica da modernidade. Não são de esquerda nem de direita e, portanto, não possuem nem mesmo a ambição da formação de um movimento duradouro institucional, como um partido político ou algo do gênero. São movimentos que se associam e desassociam, isto é, são temporários. O terceiro elemento é que os movimentos estão fora da lógica, no sentido do pós-político, da arquitetura política do ocidente. Esta, da *pólis* grega até a modernidade, é baseada em alguns elementos: a eleição de representantes (a democracia representativa) e a disputa pelo poder, com a alternância de governos. Esses movimentos estão fora dessa lógica. Não disputam eleições, não elegeм ninguém, mas estão ligados a uma forma de interação tecnológica, que exprime um tipo de ecologia social distinta da tradicional (DI FELICE, 2022, p. 5-6).

Os movimentos em/nas redes<sup>45</sup> não têm a ambição de se tornarem movimentos institucionais duradouros, como partidos políticos, por exemplo. Em vez disso, esses movimentos são temporários, associando-se e desassociando-se conforme as necessidades e demandas emergentes. Eles não estão preocupados em estabelecer estruturas formais de poder ou em disputar eleições para eleger representantes. Essa abordagem está em contraste com a lógica política ocidental, que se baseia na eleição de representantes (democracia representativa) e na alternância de governantes.

Eles exploram as possibilidades oferecidas pelas plataformas digitais e pela conectividade para se organizarem e mobilizarem. Essa interação tecnológica cria uma ecologia social distinta da tradicional, permitindo que os participantes se envolvam de maneiras diferentes e estabeleçam conexões horizontais, independentemente de autoridade e instituição formais.

Essa nova forma de engajamento político desafia os paradigmas tradicionais e a estrutura de poder estabelecida. Os movimentos conectados pela tecnologia buscam explorar e reconfigurar as dinâmicas sociais, enfatizando a participação direta e a colaboração coletiva, em oposição à representação política convencional. Assim, fica óbvio que, com o advento das tecnologias digitais e da Internet, conhecemos novas formas de engajamento político e social,

---

<sup>45</sup> Ilse Scherer-Warren (2006) já suscitava discussões sobre a diversidade indentitária dos sujeitos, as formas de ativismo e de empoderamento através de articulações em rede e a participação política das organizações em rede.

permitindo que nós, cidadãos, expressássemos e compartilhássemos informações, promovendo causas e mobilizando-se de maneiras antes inimagináveis. Segundo Di Felice (2022, p. 7):

Vivemos um “*genius loci tecnológico*”: não habitamos mais apenas os espaços físicos, as ruas e as nossas cidades, mas também fluxos informativos, redes e plataformas de interações. A perspectiva de poder desenvolver uma identidade digital e um nosso gêmeo digital, além de suas inúmeras vantagens e aplicações em diversos âmbitos, como o contexto médico e da saúde, poderá, também, possibilitar a experimentação de práticas didáticas inovadoras (DI FELICE, 2002, p. 7).

A cidadania digital envolve o uso das tecnologias digitais para ampliar o acesso à informação, reforça a participação política e fortalece o engajamento dos fluxos e das conexões, sem necessariamente se prender a um espaço seja ele físico e/ou virtual e/ou híbrido e a tempo. Por meio das redes sociais, plataformas de colaboração *online* e outras ferramentas digitais, os cidadãos podem se organizar, compartilhar conhecimento, protestar, influenciar políticas públicas e desafiar as estruturas de poder protegidos.

Embora a cidadania insurgente de Holston (2013) e a cidadania digital de Di Felice (2009) sejam conceitos distintos, eles encorajaram algumas interconexões e convergências. Ambos os conceitos enfatizam a importância da participação ativa dos cidadãos na esfera pública e o desejo de transformar a realidade sócio-histórica-cultural-política. A cidadania insurgente pode se beneficiar das ferramentas digitais, como as redes sociais, para ampliar sua visibilidade, mobilizar mais pessoas e compartilhar informações relevantes.

Através dessas tecnologias, os insurgentes podem se conectar com outros movimentos sociais e criar redes de solidariedade e apoio mútuo. Além disso, a cidadania digital pode fornecer às comunidades “excluídas” – uma plataforma para reivindicar seus direitos, expressar suas demandas e desafiar as estruturas de poder opressivas, como é o caso dos coletivos juvenis das periferias que propusemos a estudar.

Nesse ínterim, a cidadania digital também pode se beneficiar dos princípios da cidadania insurgente. A participação política *online* muitas vezes requer uma abordagem insurgente, especialmente quando as estruturas institucionais são resistentes à inclusão e à diversidade de perspectivas. Os cidadãos digitais podem se engajar em ações coletivas e desafiar narrativas dominantes por meio de estratégias de hacktivismo<sup>46</sup>, resistência digital e desobediência civil virtual.

Ambos os conceitos também destacam a importância do pertencimento dos cidadãos.

---

<sup>46</sup>“Hacktivismo” consiste na convergência do ativismo puro, com o uso de métodos de “hacking” normalmente declarados como ilegais e por vezes destrutivos, mas em que a ideia principal é a de transmitir uma mensagem ao maior número de pessoas.

Tanto a cidadania insurgente quanto a cidadania digital buscam capacitar os indivíduos a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades. Através da participação ativa, do acesso à informação e do uso dos artefatos culturais digitais, os cidadãos podem se envolver de maneira mais significativa na tomada de decisões e na transformação da sociedade.

No entanto, é importante reconhecer que existem desafios e restrições associados tanto à cidadania insurgente quanto à cidadania digital. A cidadania insurgente pode enfrentar obstáculos como a repressão estatal, a criminalização das ações de protesto e a falta de recursos e infraestrutura. Da mesma forma, a cidadania digital enfrenta questões como a exclusão digital, a desinformação e a vigilância *online*, que podem limitar o alcance e a eficácia das ações dos cidadãos.

A cidadania insurgente, ao desafiar as estruturas protegidas, encontra nas ferramentas digitais uma maneira de amplificar suas vozes e conectar-se com outras organizações, em busca de interações e fortalecimentos de lutas. Da mesma forma, a cidadania digital pode ser fortalecida ao adotar princípios insurgentes, como a resistência e a desobediência civil virtual. À medida que a sociedade continua a transpor em um mundo cada vez mais digital, é fundamental explorar as interseções entre esses conceitos e explorar como a cidadania insurgente pode se manifestar na esfera digital, por meio dos fluxos e conexões construídas, no caso dessa tese, em redes sociais, por exemplo.

Essa convergência entre ação política e tecnologia pode abrir novas possibilidades para a participação cidadã e a transformação social, desafiando as estruturas de poder e promovendo uma cidadania mais inclusiva e engajada.

Diante desse fluxo apresentado, queremos trazer como exemplo uma conexão entre dois ativistas, militantes, simpatizantes, colaboradores, que usaram de suas insurgências para nas/em redes comunicar ao mundo suas lutas, reivindicações e voz. Malala Yousafzai e René Silva são exemplos poderosos de como os ativistas podem usar as redes e *blogs* para denunciar injustiças, compartilhar suas histórias e lutar por espaços de mudança, vivendo a cidadania digital e insurgente. Embora tenham origens e contextos diferentes, ambos encontraram nas redes digitais uma maneira de amplificar suas vozes e alcançar um público global.

Malala Yousafzai, uma jovem ativista paquistanesa, ficou conhecida por sua luta incansável em prol da Educação das meninas. Em 2012, aos 15 anos, ela foi brutalmente atacada pelo Talibã por defender o direito das mulheres à Educação em sua região natal, o Vale do Swat. Após sobreviver ao ataque, a ativista se tornou um símbolo internacional da resistência em sua contínua batalha pelos direitos das meninas em todo o mundo.

Ela utilizava das redes sociais e de um *blog* para compartilhar sua história e denunciar

a opressão que enfrentava. Seu *blog*<sup>47</sup>, escrito anonimamente para a BBC, sob o pseudônimo de Gul Makai, chamou a atenção de muitas pessoas ao redor do mundo. Através dessa plataforma, ela conseguiu informar o público sobre as dificuldades enfrentadas pelas meninas em seu país, destacando a importância da Educação como uma ferramenta para a emancipação das mulheres. Sua coragem e persistência inspiraram milhões de pessoas e ajudaram a atrair apoio internacional para sua causa.

René Silva, jovem negro, periférico, carioca também utilizou redes sociais e *blogs* para lutar por mudanças em sua comunidade. Ele se destacou como um dos fundadores do jornal Voz das Comunidades<sup>48</sup>, um portal de notícias que relata a realidade das favelas do Rio de Janeiro. René começou a documentar os eventos em sua comunidade através de seu perfil no Twitter (agora X)<sup>49</sup>, fornecendo informações e coberturas em tempo real sobre os problemas enfrentados pelos moradores das favelas.

Através do Voz das Comunidades, René potencializou a(s) voz(es) das comunidades excluídas, denunciando a violência policial, as desigualdades sociais e as condições precárias de vida. Seu trabalho chamou a atenção da mídia e da sociedade, levando uma discussão sobre as questões das favelas para o centro do debate público. René aproveitou as redes sociais para suas denúncias, utilizando fotos, vídeos e relatos pessoais, para transmitir a realidade das comunidades e gerar empatia nos que estavam distantes daquela realidade.

Os ativistas supracitados nos fazem analisar que a luta por espaços não se trata apenas de reivindicar direitos, mas também de afirmar a própria identidade e a importância de suas culturas e tradições. Ao compartilhar suas histórias pessoais, eles humanizaram as questões sociais, despertando empatia e solidariedade entre as pessoas. Suas performances narrativas trouxeram à luz a necessidade de transformação social e de construção de espaços mais inclusivos, onde todos tenham oportunidades iguais de acesso à Educação, segurança e garantia.

Além disso, o uso das redes sociais e *blogs* permitiu que Malala e René mobilizassem apoio e solidariedade de pessoas ao redor do mundo. As plataformas digitais possibilitaram a formação de redes de apoio, a organização de campanhas e o compartilhamento de recursos e conhecimentos. Essa conexão global fortaleceu a luta por mudança e ajudou o governo e as instituições a agirem em prol dos direitos humanos. No entanto, é importante ressaltar que o uso das redes e *blogs* como suportes de ativismo não é isento de desafios. O acesso à Internet e a capacidade de uso dessas plataformas ainda são desiguais em muitas partes do mundo, o que

---

<sup>47</sup> Link do blog da Malala - [http://news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7834402.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7834402.stm)

<sup>48</sup> Link do jornal Voz das Comunidades - <https://www.vozdascomunidades.com.br/>

<sup>49</sup> Link do Twitter do Voz das Comunidades - <https://twitter.com/vozdacomunidade>

limita a participação de certas comunidades. Além disso, as redes sociais também podem ser palco de ataques e ameaças, colocando-se em risco a segurança dos ativistas.

Apesar desses obstáculos, as vidas de Malala Yousafzai e René Silva nos ensinam a importância de aproveitar as oportunidades oferecidas pelas tecnologias de comunicação para lutarmos por mudanças sociais. Suas histórias nos inspiram a ampliar nossas vozes, compartilhar nossas experiências e unir forças na busca por um mundo mais justo e igualitário. Assim, tanto Malala quanto René encontraram nas redes e *blogs* uma maneira de romper barreiras e alcançar um público amplo, sendo insurgentes aos sistemas que os oprimiam. Suas vozes ganharam visibilidade e suas mensagens se mantiveram pelo mundo, abrindo caminhos para a mudança e inspirando outros a se engajarem em causas sociais.

Esses dois exemplos nos mostram que a tecnologia pode ser um artefato sociocultural poderoso para a defesa dos direitos humanos, permitindo que pessoas subalternas compartilhem suas histórias e reivindiquem espaços de luta e transformação, quebrando fronteiras físicas e culturais, conectando-se com pessoas de diferentes origens e influenciando a opinião pública, de uma forma orgânica, emergente, insurgente e cidadã. Eles desafiaram o *status quo*, quebraram estereótipos e trouxeram à tona questões urgentes e emergentes que muitas vezes foram negligenciadas pelos meios de comunicação tradicionais, seja de uma forma mais individualizada, como a Malala, seja de uma forma mais coletiva, com o Vozes da Comunidade, do René.

Face ao exposto, podemos concluir que a ideia de “cidadania insurgente é resistência e cidadania digital é consciência” encapsula uma visão contemporânea sobre o papel ativo dos cidadãos na sociedade. A cidadania insurgente refere-se à capacidade dos indivíduos de se oporem a injustiças e desigualdades, assumindo uma postura ativa na busca por mudanças sociais. É um chamado à resistência, destacando a importância de questionar e desafiar estruturas que perpetuam a injustiça. Nesta ótica, a cidadania digital representa a consciência informada e participativa no contexto *online*. Refere-se à habilidade de usar a tecnologia e a internet de maneira ética e responsável, compreendendo a influência das redes digitais na formação da opinião pública e na disseminação de informações.

Assim, a fusão dessas dimensões da cidadania promove uma abordagem holística, unindo a resistência ativa no mundo físico com a consciência informada no espaço digital, proporcionando uma base sólida para a construção de uma Educação Popular em/nas redes, proporcionando uma sociedade mais justa e equitativa, e nos permitindo, analisar a construção de uma cidadania digital com base nas insurgências de coletivos juvenis das periferias.

### 3 QUEM VÊ PESQUISA, NÃO VÊ “CORRE”: O ROLÊ DA PESQUISA<sup>50</sup>



Imersão na comunidade da Providência – RJ (2022).  
Foto: Eduardo Silva (@etniaturismoecultura)

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

O trabalho de pesquisa foi organizado em uma perspectiva qualitativa acerca de como se dá a Educação Popular nas redes dos coletivos juvenis das periferias de Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo. Sales (2016, p. 43), sobre esse tipo de abordagem investigativa, argumenta que “a pesquisa qualitativa nos possibilita buscar formas criativas de pesquisar e nos ajuda a conhecer o outro”. Nesse sentido, a escolha pelos coletivos juvenis das periferias se deu porque eles vêm se ressignificando nas redes, permitindo, por meio das práticas sociais digitais, o fortalecimento das ideias de uma Educação Popular em/nas redes de forma emergente, orgânica e autoral, em uma perspectiva móvel e ubíqua, sendo capazes de transitar – por diversas telas, redes, espaços/tempo e culturas – suas lutas e denúncias, bem como seus eventos sociais.

Nesse(s) (ciber)território(s) de mobilidade, virtualidade, fluxos, conexões e esperanças, descortina-se um universo de possibilidades para os movimentos juvenis, seja de autoria, criatividade e/ou denúncia. Para tratar do campo proposto acima, utilizou-se a pesquisa exploratória para iniciar os procedimentos metodológicos de nossa pesquisa, pois envolveu uma abordagem imersiva em comunidades periféricas, mais especificamente, em duas localidades

---

<sup>50</sup> O título dessa seção é uma analogia baseada no ditado popular da periferia que diz “*Quem vê close, não vê corre*”. A expressão se refere que muitas vezes só focamos no superficial, no “glamour” e no sucesso de alguém, mas, muitas vezes, não valorizamos ou reconhecemos as lutas e as correrias diárias daquela pessoa pré-julgada.

no Rio de Janeiro e uma em Fortaleza, com o objetivo de explorar possibilidades e cenários, até então não descobertos, aproveitando a oportunidade de obter uma compreensão mais profunda e contextualizada das realidades vividas pelas comunidades, e para a própria elaboração do objeto de pesquisa.

São bem raros os materiais científicos que exploram a pesquisa exploratória como se pensou nessa metodologia. Assim, buscou-se dos autores Theodorson e Theodorson (1970, p. 319) um conceito mais próximo do nosso uso para pesquisa em questão, no caso a de natureza exploratória:

Estudo exploratório. Um estudo preliminar cujo principal propósito é se familiarizar com um fenômeno a ser investigado, para que o estudo principal que se seguirá possa ser projetado com maior compreensão e precisão. O estudo exploratório (que pode usar qualquer uma de uma variedade de técnicas, geralmente com uma amostra pequena) permite que o pesquisador defina seu problema de pesquisa e formule suas hipóteses com maior precisão. Também o capacita a escolher as técnicas mais adequadas para sua pesquisa e decidir sobre as perguntas que mais necessitam de ênfase e investigação detalhada, além de alertá-lo para possíveis dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência (THEODORSON; THEODORSON, 1970, p. 319, tradução nossa)<sup>51</sup>.

Os autores destacam a importância fundamental dos estudos exploratórios na pesquisa, ressaltando que eles servem como uma fase preliminar essencial para ganhar familiaridade com o fenômeno de interesse. O principal propósito é possibilitar uma compreensão, a fim de projetar o estudo subsequente de maneira mais assertiva. Nessa perspectiva, o uso de uma variedade de técnicas no estudo exploratório, muitas vezes com uma amostra pequena, destaca a flexibilidade necessária nessa fase inicial da pesquisa. Isso permite que os pesquisadores escolham abordagens adaptáveis para se aprofundar no fenômeno, ajustando-as conforme necessário.

Essa etapa exploratória foi crucial para fornecer uma base sólida ao nosso objeto e construção da tese, uma vez que o pesquisador não detinha uma vivência direta nessas localidades. Ao visitar essas periferias, teve-se a oportunidade de perceber dinâmicas sociais, culturais e econômicas, que moldam a vida cotidiana dessas comunidades. Além disso, ao explorar as periferias no Rio de Janeiro e em Fortaleza, buscou-se entender suas realidades intrínsecas. Essa abordagem proativa de descoberta contribuiu para a originalidade dessa tese,

---

<sup>51</sup> "Exploratory study. A preliminary study the major purpose of which is to become familiar with a phenomenon that is to investigate, so that the major study to follow may be designed with greater understanding and precision. The exploratory study (which may use any of a variety of techniques, usually with a small sample) permits the investigator to define his research problem and formulate his hypothesis more accurately. It also enables him to choose the most suitable techniques for his research and to decide on the questions most in need of emphasis and detailed investigation, and it may alert him to potential difficulties, sensitivities, and areas of resistance."

à medida em que se defendeu uma Educação Popular em/nas redes que se forma de maneira orgânica, emergente e sem direcionamento curricular pré-determinado.

Com os achados da pesquisa exploratória, que serão apresentados na seção posterior, intitulada como Gambiarras metodológicas, percebeu-se que essa pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica híbrida, como uma proposta metodológica que entrelaçam nesta tese, ruas e redes. Cruz *et.al* (2007) cunharam esse termo como uma proposta de diálogo interdisciplinar de um objeto, visando “a pluralidade de interpretações e de estratégias de investigação, que conduzem a uma possibilidade de um entendimento das múltiplas gradações que constituem um objeto (p. 76)”.

Observamos no artigo "Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia", as pesquisadoras Bottino, Scheliga e Menezes (2020) fazendo um relato de pesquisa em andamento que explorava experimentos etnográficos focados na prática religiosa durante a pandemia de Covid-19 e já demonstravam em suas descrições metodológicas a ideia de adaptação, hibridização dos métodos e técnicas da etnografia clássica e a etnográfica virtual.

Nessa mesma perspectiva, cunhamos e fundamentamos os processos metodológicos utilizados por Juliano Spyer e Daniel Miller em suas pesquisas etnográficas que destacam-se pela profundidade e inovação na combinação de métodos tradicionais com abordagens contemporâneas adaptadas às realidades digitais. A análise dessas metodologias pode fundamentar de maneira robusta a proposta de uma metodologia de etnografia híbrida utilizada nesta tese de doutorado.

Juliano Spyer é conhecido por seu trabalho na análise das interações digitais e uso de mídias sociais. Em seu estudo "Social Media in Emergent Brazil," o pesquisador utiliza uma combinação de observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo digital para entender como as redes sociais influenciam as dinâmicas sociais e culturais em comunidades brasileiras. Ele argumenta que a observação participante em plataformas digitais, aliada ao contato direto com os sujeitos de pesquisa em seus contextos locais, oferece uma visão mais completa das práticas sociais contemporâneas (SPYER, 2017). Esse método, denominado por nós como, híbrido permite capturar as nuances das interações tanto no espaço físico quanto virtual, proporcionando uma compreensão mais abrangente das influências das mídias sociais na vida cotidiana.

Daniel Miller, por sua vez, é um dos pioneiros no estudo das culturas digitais através de uma perspectiva etnográfica. Em seu trabalho "Tales from Facebook," o pesquisador combinou métodos etnográficos tradicionais, como a observação participante e entrevistas em

profundidade, com a análise detalhada de interações nas redes sociais. Para o autor, observa a integração de métodos digitais na etnografia não apenas amplia o campo de estudo, mas também enriquece a compreensão das práticas culturais em um mundo cada vez mais conectado (MILLER, 2011). Sua abordagem metodológica enfatiza a necessidade de uma perspectiva holística que abarca tanto o *online* quanto o *offline*, refletindo a interconexão dessas esferas na experiência humana contemporânea.

A proposta de uma metodologia de etnografia híbrida, surge, portanto, a partir das abordagens supracitadas, enfatizando a importância de combinar métodos tradicionais e digitais para captar a complexidade das interações sociais modernas. Inicialmente, a metodologia inclui a observação tanto em contextos físicos quanto digitais, no nosso caso ruas e redes se encontraram, complementaram, divergiram, interagiram. Em seguida, utilizamos de notas etnográficas. Essa metodologia singular contribuiu significativamente, oferecendo uma nova perspectiva sobre o entrelaçamento dos universos físicos e virtuais na produção de conhecimento acadêmico.

As interações dentro das redes possibilitam a troca constante de conhecimentos, experiências e perspectivas, contribuindo para a construção de uma Educação que emerge organicamente do contexto, e das necessidades específicas dessas comunidades. Dessa forma, a aplicação dos movimentos da etnografia híbrida no estudo dos coletivos juvenis nas periferias permitiu uma compreensão mais profunda e contextualizada das práticas e desafios enfrentados, além das estratégias educacionais não-formais criadas no contexto observado.

Para Gutierrezn (2004), as pesquisas em culturas e territórios consideravelmente novos – como as que estão se estabelecendo no ciberespaço – criam uma necessidade de se ampliar o alcance das metodologias criadas na pesquisa de fenômenos anteriores à existência de uma dimensão cultural *online*. Como consequência, as metodologias têm necessitado a hibridização, acolhendo métodos e técnicas umas das outras e recebendo influências de teorias diversas para que se atenda da melhor forma o estudo desses novos fenômenos, que na Cibercultura são desafios atualizados constantemente.

Devido ao ciberespaço e sua arquitetura de fluxos de informação não serem fenômenos estáticos, em princípio, não parecem se adequar aos métodos vindos da arqueologia e da antropologia. Entretanto, do ponto de vista da cultura que emerge da rede, que, embora indissociável da cultura humana em que se insere, tem características bem específicas, é possível pensar numa arqueologia e numa antropologia da rede (GUTIERREZN, 2004). Entrelaçados com esta compreensão, recorreu-se à etnografia virtual, a partir da compreensão

dos fluxos, menções, *links*, ações e autorias de coletivos juvenis, que proporcionaram evidências de uma Educação Popular em/nas redes, a partir dos contextos diários das periferias.

Ainda sob essa ótica, Hine (2000), defende que a etnografia virtual pode ser usada para desenvolver compreensões do uso e apropriações da tecnologia e dos espaços socioculturais que são por ela estudadas. Assim sendo, a etnografia virtual se faz necessária para saber o que os coletivos juvenis das periferias estão realmente fazendo com as tecnologias, diante dos fluxos, conexões e interações que lhes são proporcionadas. Hine (2000) reflete que se a etnografia sempre esteve relacionada com ir a algum lugar, no sentido literal da expressão, para observar e interagir, a etnografia virtual modifica a relação espaço e tempo e apresenta um contexto que é mediado pelas ferramentas, ambientes e práticas construídas no ciberespaço. A etnografia virtual não determina uma presença física do pesquisado e nem do pesquisador.

Neste caminho, a entrada no campo, por exemplo, toma um formato diferente, pois, se em redes, não houver interação, o pesquisador poderá passar despercebido, por exemplo. A rede conectada se compõe de textos numa acepção ampla, para além da materialidade na escrita – e aquilo que não é expressado nesta forma pode parecer não existir (HINE, 2000). Vimos, portanto, a necessidade de entender essa concepção a partir da ideia das semioses de Fairclough (2005), considerando toda e qualquer forma de linguagem de comunicação.

Nas práticas virtuais, a comunicação é predominantemente baseada em textos, seja por meio de formatos de mensagens escritas, *e-mails*, postagens em redes sociais ou outros semelhantes. Isso implica que as informações não textualizadas, como nuances emocionais, expressões expressivas ou linguagem corporal, podem ser perdidas ou distorcidas, dependendo do contexto e do fluxo das (inúmeras) informações. Além disso, a natureza do meio virtual pode criar barreiras adicionais à comunicação efetiva. Por exemplo, a falta de contato físico direto e a ausência de pistas contextuais podem dificultar a interpretação correta das mensagens, e contribuir para mal-entendidos. No contexto da etnografia virtual, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 171):

As lacunas entre o que foi expressado e a totalidade da comunicação podem ser preenchidas a partir da experiência do pesquisador em seu engajamento no campo pesquisado. Na pesquisa on-line, o próprio campo tem consistência e limites constantemente negociados, que só se mostram no fluxo de interações (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 171).

Assim, faz-se necessário “estar e se fazer presente” acompanhando os fluxos, as práticas sociais. Ao “estar e se fazer presente”, o pesquisador pode captar informações, entender as motivações por trás das ações dos jovens, interpretar melhor as mensagens e observar não

apenas através de textos escritos, mas também de outros elementos como imagens, vídeos e *emoticons*. Essa experiência em redes, *online*, possibilita uma compreensão mais profunda das experiências e perspectivas dos jovens das periferias, evitando que certas formas de conhecimento ou expressão sejam marginalizadas ou negligenciadas.

Ainda nessa ótica, Harvey (2014, p. 213) defende que “é evidente que o urbano funciona como um espaço importante de ação e revolta política. As características atuais de cada lugar são importantes, tal como a reengenharia física, social e a organização territorial desses lugares, são armas nas lutas políticas”. O espaço urbano é identificado como um palco central para a ação e revolta política, cujas características locais desempenham um papel crucial.

A configuração física das cidades, influenciada por projetos urbanos e distribuição de recursos, pode moldar as condições em que as lutas ocorrem, enquanto a organização territorial impacta a coesão social e a formação de identidades comunitárias. Assim, os territórios periféricos chamam a atenção e foram escolhidos para serem *locus* da pesquisa, pois, além de estarem localizados no coração de três grandes capitais do país, têm fortemente a cultura de militância e ativismo, principalmente em/nas/da rede.

Considerando que o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura de um grupo social, assim como a preocupação central dos estudiosos da Educação é o processo educativo (ANDRÉ, 2008), nossa pesquisa se entrelaça a este contexto, pois, para além da cultura móvel dos jovens da periferia, busca compreender o processo de Educação Popular construído por coletivos juvenis das periferias a partir das aprendizagens em redes, garantindo insurgências, cidadania e as aprendizagens que o currículo escolar não contempla.

### **3.2 “Gambiarras<sup>52</sup>” metodológicas das vivências nas periferias: a rua e as redes se entrelaçam na construção do campo**

Durante a pesquisa exploratória, teve-se a oportunidade de entrar na Serrinha, periferia de Fortaleza/Ceará, e em duas comunidades cariocas: Providência e Babilônia. A escolha das comunidades se deu por seu perfil ativista, tanto na rotina em rua, como engajando em redes. Ambas proporcionam bons fluxos nos ecossistemas digitais. Além disso, seus contextos sociais,

---

<sup>52</sup> O termo "gambiarras" refere-se a soluções improvisadas, muitas vezes criativas e engenhosas, para contornar problemas ou atender a necessidades utilizando recursos limitados. Essas soluções podem envolver a adaptação de objetos, o reaproveitamento de materiais, ou mesmo a criação de novos métodos para resolver desafios específicos. Em nosso caso, representa nossas “amarras” dos fluxos e conexões construídas nos morros e em rede social do Instagram.

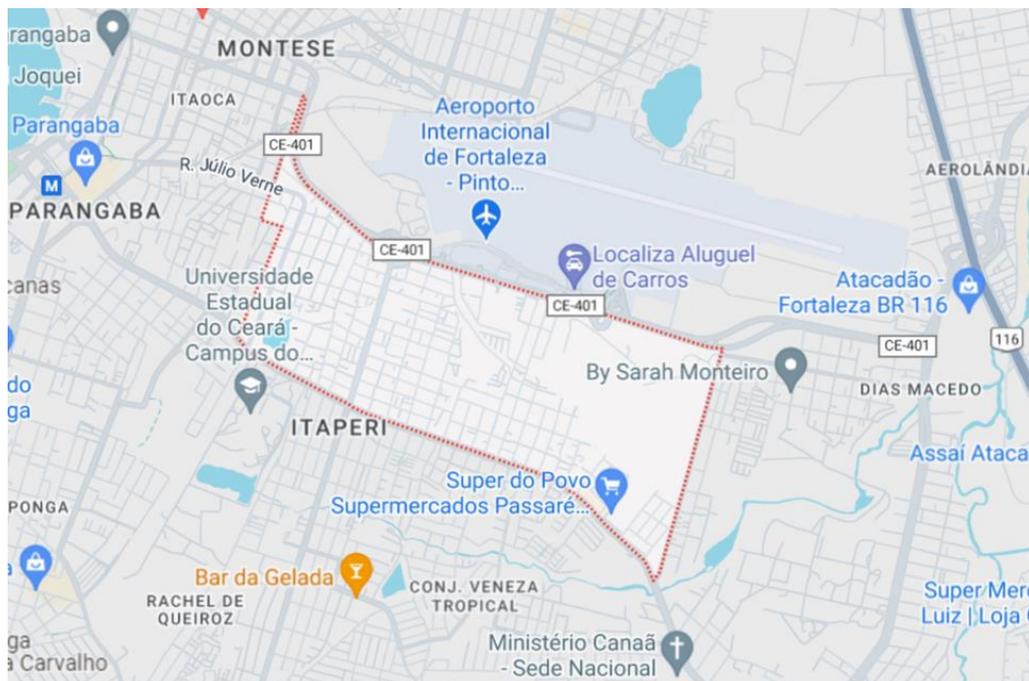
históricos e culturais da própria organização das comunidades foram essenciais para sua escolha enquanto *locus* dessa pesquisa.

### 3.2.1 Serrinha /Ceará

A Serrinha é um bairro periférico da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, administrado pela Regional IV da Prefeitura Municipal. Nesse bairro, localiza-se o Aeroporto Internacional Pinto Martins, algumas das avenidas mais movimentadas da cidade, além da sede da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no entorno da qual existem algumas comunidades periféricas cujas lutas sociais são experienciadas por diversos movimentos sociais, coletivos culturais e grupos organizados. Uma comunidade muito organizada, ativista e que se empenha nas lutas em/nas redes.

A periferia de Fortaleza se configura como um microcosmo desafiador, onde as complexidades da vida urbana se entrelaçam com iniciativas comunitárias e acadêmicas. A Serrinha, em particular, destaca-se como um espaço onde a presença da Universidade Estadual do Ceará (UECE) transcende o ambiente acadêmico, estendendo-se por meio de projetos de extensão, pesquisa e ações sociais, como é o caso do coletivo Viva a Palavra.

**Mapa 4** - Mapa do território da Serrinha/CE.



**Fonte:** Google Maps (2024).

Nosso tempo de imersão na comunidade da Serrinha foi uma experiência transformadora, marcada por encontros com pessoas inspiradoras e iniciativas comunitárias poderosas que trabalham diariamente para melhorar a qualidade de vida local. Tivemos acesso à comunidade por meio do projeto de extensão, coletiva cenopoética Viva a Palavra, a qual participo e colaboro com oficinas sobre uso de aplicativos, *sites* e ferramentas digitais para as ações.

O Programa Viva a Palavra, que é coordenado pela Profa. Claudiana Alencar (do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE). Trata-se de um enorme programa de extensão dentro do qual existem vários projetos como o Biblioteca Comunitária Viva a Palavra; Línguas na Comunidade; Sarau Viva a Palavra; Cursinho Popular Viva a Palavra, Palavras de Paz; Cenopoesia no Viva a Palavra; projeto socioambiental em defesa da Lagoa de Itaperaoba; e Contação de Histórias Me Conte; beneficiando mais de mil pessoas, além de cerca de 2 mil por meio dos saraus.

Nesse contexto, pude contar com o apoio e a presença do professor e pesquisador doutor Antônio Oziêlton durante os dias de imersão na comunidade, o que nos fez refletir de novas possibilidades de entrada no campo de pesquisa. A presença de um "informante" externo previamente inserido na comunidade da Serrinha, e que já possuía um relacionamento estabelecido com seus diversos coletivos, moradores e projetos representa uma oportunidade singular para a entrada de novos pesquisadores no campo, sob uma perspectiva etnográfica. Este cenário propicia uma série de vantagens metodológicas e epistemológicas, ao mesmo tempo que demanda uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de poder e as implicações éticas associadas à pesquisa.

Em primeiro lugar, a existência de um mediador ou "informante" facilita o acesso inicial dos pesquisadores à comunidade. Este indivíduo, tendo construído uma rede de confiança e colaboração, pode atuar como um facilitador, abrindo portas que poderiam estar fechadas a estranhos e atenuando desconfianças naturais que frequentemente acompanham a chegada de novos pesquisadores. A mediação por alguém já aceito e respeitado na comunidade reduz as barreiras iniciais de acesso e possibilita uma integração mais rápida e eficaz no campo.

Ademais, a presença de um "informante" bem estabelecido pode ajudar a contextualizar as informações, elucidando nuances culturais, sociais e políticas, que poderiam escapar ao meu olhar de observador iniciante na comunidade, por exemplo. A compreensão aprofundada da comunidade, facilitada por este informante, permite aos pesquisadores capturar com maior precisão as complexidades e particularidades da vida cotidiana e das práticas culturais locais, bem como construir novos caminhos e olhares para as especialidades de cada

novo pesquisador que o busca por ajuda.

Entretanto, a dependência de um "informante" pré-existente também suscita importantes considerações éticas e metodológicas. A relação do informante com a comunidade e com os pesquisadores, foi constantemente avaliada para garantir que não haja uma instrumentalização das relações de confiança estabelecidas. Os pesquisadores devem estar cientes do potencial viés introduzido pela visão e pelos interesses do informante, e devem buscar triangulação de dados e a obtenção de múltiplas perspectivas dentro da comunidade para assegurar uma representação equilibrada e fiel.

Outro ponto crítico a ser considerado é o impacto da presença de um "informante" externo na dinâmica da pesquisa. A mediação de alguém que já possui uma posição na comunidade pode influenciar as interações e as respostas dos participantes, introduzindo uma camada adicional de interpretação que deve ser cuidadosamente analisada, em nosso caso, foi oportuno considerar as decisões de visitas, escutas e conhecimentos dos coletivos, sendo “guiado” por um colaborador externo à comunidade, mas que nos auxiliou, direcionou com boas escolhas e alternativas de imersão pelo território.

**Foto 8** - Registro em frente ao Espaço cultural e Biblioteca comunitária Poeta Edmar Eudes, Viva a Palavra.



**Fonte:** Própria do autor (2022)

Iniciamos nossa jornada com uma visita à Biblioteca Viva a Palavra. Este espaço, mais do que um simples repositório de livros, é um verdadeiro núcleo de resistência cultural e

educativa. A biblioteca é mantida pela comunidade e oferece acesso gratuito a um vasto acervo literário, além de promover eventos culturais, oficinas de leitura e rodas de conversa. A atmosfera acolhedora e o compromisso dos voluntários em promover a educação e a cultura foram verdadeiramente inspiradores. A biblioteca não apenas alimenta a mente, mas também fortalece os laços comunitários e a identidade local.

Nossa segunda parada foi a Lagoa Itaperaoba, um espaço natural de grande importância para a comunidade da Serrinha. A lagoa, além de sua beleza cênica, é um ecossistema vital e um local de lazer e encontro para os moradores. No entanto, ela enfrenta sérias ameaças devido à privatização e urbanização desenfreada. Durante nossa visita, testemunhamos a mobilização da comunidade em defesa da lagoa. Conversamos com ativistas locais que explicaram os impactos negativos que a urbanização descontrolada tem causado, como a poluição e o assoreamento da lagoa. A luta para proteger a Lagoa Itaperaoba é um exemplo de resistência e amor pela terra, evidenciando a importância da preservação ambiental para a qualidade de vida das gerações futuras.

**Foto 9** - Registro em frente a Lagoa de Itaperaoba, na comunidade da Serrinha



**Fonte:** Própria do autor (2022)

A UECE desempenha um papel central, desenvolvendo programas que visam fortalecer não só a Educação básica na região, contribuindo assim para a formação cidadã dos moradores, mas permeadas de aspectos sociais e culturais. Diversos coletivos locais emergiram como resposta aos desafios enfrentados pela comunidade. Muitos desses grupos, frequentemente liderados por jovens, promovem iniciativas voltadas para a capacitação profissional, inclusão social e preservação cultural. Exemplos notáveis são: o coletivo e projeto Viva Palavra, Associação Mulheres em Luta e Cena, Horta comunitária, Associação de Moradores do Bairro Serrinha (Amorbase), dentre outros.

Nas andanças entre as ruas e redes desse espaço sociocultural, deparou-se com a narrativa de uma frente que se caracterizou pela construção de uma rede de colaboração promovida pelo Movimento Social Círculos Populares, hoje Brigadas Populares, durante o contexto pandêmico, englobando a Amorbase, a comunidade, movimentos sociais, coletivos culturais, associações e universidades, todos empenhados em realizar ações em prol da proteção dos mais vulneráveis.

**Foto 10** - Foto na fachada de entrada da Associação AMORBASE, na Serrinha.



**Fonte:** Própria do autor (2022)

Fomos recebidos com muito carinho e tivemos a oportunidade de conhecer a Cozinha Solidária, onde refeições são preparadas e distribuídas para famílias em situação de vulnerabilidade. Esta ação não só combate à fome, mas também promove a solidariedade e o espírito comunitário.

Além da cozinha, a associação oferece cursinhos de idiomas e pré-vestibular,

proporcionando oportunidades educacionais para jovens e adultos que desejam melhorar suas perspectivas de vida. Essas aulas são ministradas por voluntários dedicados que compartilham seu conhecimento e tempo para capacitar os moradores da Serrinha. A biblioteca comunitária da Amor Base é outro ponto de destaque, oferecendo um espaço de estudo e leitura para todos os interessados. Segundo constatado, a principal e primeira ação da Amorbase consistiu na criação de uma série de vídeos (dez ao todo), abordando medidas preventivas para evitar a propagação da Covid-19, discutindo os impactos sociais, políticos e econômicos que afetavam consideravelmente a vida dos residentes nas periferias. Na Figura 08, é demonstrado o *print* da postagem do primeiro vídeo da série, tendo como título: “Periferia contra o corona e em defesa da vida e tema: o uso adequado da máscara”, contando com a participação do Nicaju, professor do curso de Ciências Biológicas da UECE e coordenador do Programa de Extensão Viva a Palavra, em que se tratou de orientar sobre o uso correto das máscaras de proteção, uma vez que muitas pessoas da localidade faziam uma utilização inadequada do objeto durante a fase de pandemia.

**Figura 8** - *Print* do primeiro vídeo<sup>53</sup> da série Periferia contra o corona e em defesa da vida.



**Fonte:** Instagram (2023).

<sup>53</sup> Link da postagem - <https://www.instagram.com/p/B-SHEX7FQes/?hl=bg>

À medida que a pandemia se intensificava, a iniciativa expandiu-se e passou a construir uma frente que propôs até mesmo uma política de solidariedade. Nesse contexto, além das ações solidárias imediatas, como campanhas, doações, apoio e acompanhamento aos mais vulneráveis nos territórios, foram pensados processos de mobilização que defenderam de maneira incisiva outras bandeiras, demandas sociais, como a preservação da vida de toda a população; o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS); Educação; saneamento básico; e a melhoria concreta da qualidade de vida, para todos que estão de frente da pandemia. Tudo isso, visando evitar a predominância dos interesses privados nas soluções propostas para enfrentar a crise sanitária.

**Figura 9** - *Print* de uma postagem sobre a campanha solidária da comunidade.



**Fonte:** Instagram (2023)

**Figura 10** - Print de uma postagem sobre a campanha solidária da comunidade



**Fonte:** Instagram (2023)

As imagens 09 e 10 apresentam ações solidárias realizadas pela comunidade e uma prestação de contas parcial. Para além de empolgar os colaboradores, a ação ainda mostra a transparência e a seriedade dos movimentos envolvidos. Entre rua e redes, as insurgências na Serrinha manifestaram-se não apenas como formas de resistência contra adversidades, mas também como movimentos de construção positiva.

Ainda é possível destacar o engajamento em ocupações artísticas e culturais, muitas vezes lideradas por artistas locais, fato que reafirma a identidade da comunidade e fornece espaços vitais para expressão local. No que concerne à cidadania digital, observou-se esse movimento como uma ferramenta poderosa de colaboração na Serrinha.

Vários projetos proporcionam conectividade, quebrando barreiras geográficas e oferecendo acesso a recursos educacionais, oportunidades de trabalho remoto e participação ativa na esfera digital. Os moradores, agora munidos de habilidades digitais, tornam-se agentes ativos na construção de narrativas sobre sua comunidade e na participação em questões sociais mais amplas.

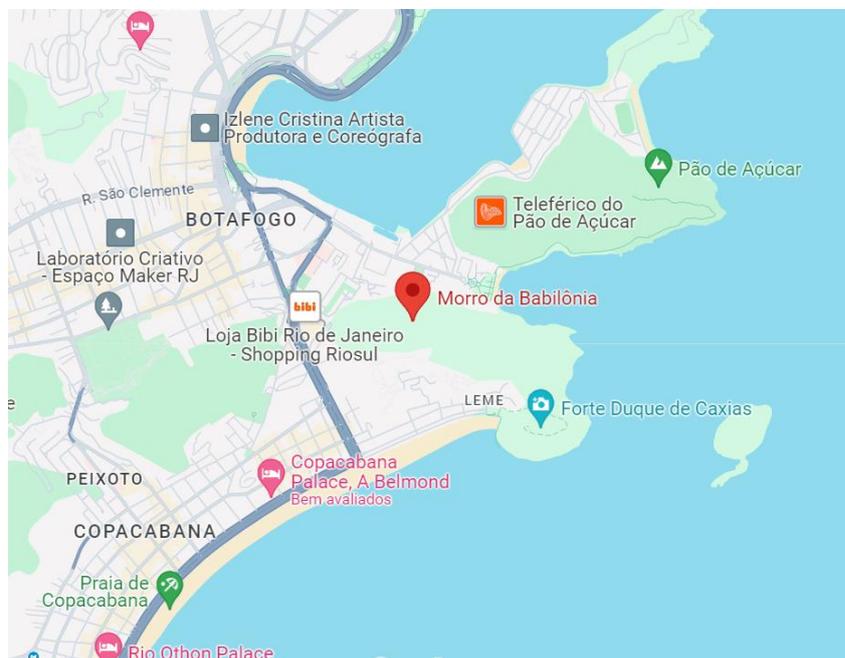
### 3.2.2 Babilônia/Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro não foi diferente. Houve acesso às comunidades por meio do convite de um grupo de jovens colegas universitários, conhecido por meio das redes sociais. Os jovens construíram o trabalho de guiamento turístico na periferia da cidade em questão. Dentre as conversas feitas por meio do Instagram, recebi o convite para estar com eles por 15 dias nas periferias da Babilônia e Providência, mapeando alguns movimentos, coletivos e, ao mesmo tempo, ajudando-os na melhoria do roteiro turístico que eles estavam organizando.

Achei pertinente o convite e me empolguei a ir – enquanto pesquisador do tema em estudo –, pois eu poderia, juntamente com eles, viver a experiência de estar alguns dias dentro das periferias mais antigas e relevantes do Brasil, além de me proporcionar a desmistificar os estereótipos que eu tinha construído ao longo da minha vida das periferias, seja pela mídia ou pelo que me contavam em relação a esses espaços urbanos.

A comunidade da Babilônia, situada entre os bairros de Botafogo, Urca, Leme e Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, abriga duas favelas conhecidas como Morro da Babilônia e Chapéu Mangueira. Tive a oportunidade de me hospedar por 3 dias na comunidade, em um *hostel*, para sentir a comunidade, rotina, movimentações sociais e me aproximar dos movimentos analisados.

**Mapa 5** - Mapa da localização do Morro da Babilônia/ RJ



Fonte: Google (2024)

Na esfera social, mapeei e, com a ajuda desse grupo de amigos, hoje conhecido como empresa turística Etnias, fui guiado em diversos movimentos comunitários, como por exemplo A Revolusolar, uma ONG originária da favela da Babilônia, que busca promover a biointeração (SANTOS, 2015)<sup>54</sup> em comunidades de baixa renda por meio da energia solar. A organização oferece instalações solares para reduzir as despesas de energia, além de proporcionar formação profissional e oficinas infantis. Durante a pandemia do Coronavírus, a Revolusolar articulou ações de apoio à população.

Conheci também a Coop-Babilônia. Por sua vez, concentra seus esforços no reflorestamento, ecoturismo, conservação de trilhas e educação ambiental, operando durante o horário comercial em um prédio anexo à Associação de Moradores da Babilônia. Em seguida, explorei a Dignitá, uma ONG que oferece aulas de reforço escolar, oficinas culturais, creche, cursos de informática e cineclube, funcionando das 8h às 17h, na Igreja Batista da Babilônia. Outro ponto conhecido foi a Escolinha da Tia Percília, também na Babilônia, que oferece aulas gratuitas de reforço escolar, violão, informática, dança e teatro, para crianças de 6 a 14 anos.

Além disso, o Espaço Cultural Jardim da Babilônia proporciona ateliê de artes visuais, culinária do projeto Favela Orgânica, eventos e atividades culturais, incluindo hospedagem. A Favela Orgânica, liderada por Regina Tchelly, concentra-se na culinária de aproveitamento total dos alimentos, oferecendo oficinas no Espaço Jardim da Babilônia.

**Foto 11** - Receitas nos muros da comunidade como iniciativa da Favela Orgânica.



**Fonte:** Própria do autor (2022)

<sup>54</sup> O termo corresponde a ideia de Antônio Bispo dos Santos (2015) e tem como princípios extrair, utilizar e reeditar, realizada em uma relação comunitária e coletiva, onde prevalecem a capacidade de cultivar, coletar e compartilhar. Esse conceito é visto como uma contracolônização do desenvolvimento sustentável, sendo comum aos quilombos, aos terreiros de religiões de matriz africana e à capoeira. Segundo Bispo, na biointeração, as coisas se reeditam, enquanto, no desenvolvimento sustentável, elas apenas se reciclam.

O Galpão das Artes, próximo à Associação de Moradores do Chapéu Manguieira, organiza aulas de cerâmica, *biscuit* e papilho, atendendo principalmente mulheres da terceira idade, mas também jovens e adultos de ambos os sexos. As atividades são gratuitas. Por fim, o grupo Mulheres Guerreiras da Babilônia oferta aulas de artesanato para mulheres, promovendo atividades gratuitas na comunidade.

A Babilônia revela não apenas uma comunidade geograficamente situada, mas um organismo social pulsante, cheio de movimentos e iniciativas que refletem uma notável organização e união entre seus habitantes. Essa realidade destaca-se como um exemplo inspirador de como as comunidades periféricas podem se tornar núcleos vibrantes de atividade e engajamento social.

**Foto 12** - Foto feita no mirante da Babilônia



**Fonte:** Própria do Autor (2022).

Ao longo dos dias, a comunidade revelou-se um terreno fértil para o florescimento de movimentos. Na foto 04, ao encerrar nossa pesquisa exploratória, torna-se evidente que essa localidade vai muito além de uma geografia física; constitui um organismo social pulsante e dinâmico. Através de nossa jornada de descobertas, mergulhamos nas profundezas de uma comunidade que se revelou como uma teia intrincada de conexões, oportunidades e movimentos coletivos. Não é apenas um conjunto de casas e ruas, mas uma rede social viva, cujos laços entre os residentes transcendem as barreiras físicas.

A organização social se destaca como um alicerce fundamental, evidenciando a capacidade da comunidade em enfrentar desafios e aproveitar as oportunidades que surgem. O entrelaçamento de histórias de vida, experiências e aspirações, cria uma tapeçaria rica em diversidade, promovendo uma coesão que impulsiona o desenvolvimento conjunto. O aspecto mais notável é a sinergia entre os diversos movimentos presentes na comunidade. Seja por meio de iniciativas culturais, educacionais ou esportivas, a comunidade é palco de uma multiplicidade de atividades que enriquecem a vida de seus habitantes.

No âmbito digital, observamos a ascensão das insurgências e da cidadania digital como ferramentas catalisadoras de mudança. As redes sociais e plataformas *online* tornaram-se espaços vitais para a expressão das vozes locais, conectando não apenas os moradores de Babilônia, mas também ampliando suas narrativas para além das fronteiras físicas da comunidade. Foi nessa experiência que descobrimos alguns perfis que atenderam aos nossos critérios de seleção para composição dos dados. A cidadania digital emerge como uma ferramenta poderosa, capacitando os residentes a compartilharem suas histórias, desafios e conquistas, promovendo o diálogo e fortalecendo os laços com outras comunidades periféricas.

### *3.2.3 Providência/Rio de Janeiro*

E, por fim, passei mais 3 dias na comunidade da Providência. Alguns estudiosos argumentam que a primeira favela do Rio de Janeiro pode ter surgido no Morro da Providência, localizado na Região Portuária. Esse fato se sustenta em dois argumentos históricos: o primeiro, pela migração de ex-escravizados, após a abolição da escravatura em 1888; e o segundo, com o grande contingente de soldados da Guerra de Canudos, que desembarcaram no Rio sem terem habitação.

Pude contar com a ajuda também do mesmo grupo de colegas para construção do percurso de exploração da comunidade. Fizem-me mapear alguns movimentos importantes na localidade. No cenário vibrante do Morro da Providência, as iniciativas abrangem áreas diversas, destacando-se as esferas da arte, cultura e ação social, desempenhando um papel vital na transformação e no fortalecimento do tecido social local.

**Mapa 6** - Mapa do Morro da Providência/ RJ.

**Fonte:** Google (2023).

Conhecemos o Grupo Efeito Urbano, como a primeira companhia de dança do Morro da Providência, não apenas enaltece a expressão artística, mas também solidifica sua missão social. O Entre o Céu e a Favela emerge como um baluarte da preservação cultural, oferecendo não apenas assistência educacional, mas também criando oportunidades para jovens, artistas e empreendedores locais. Sua atuação no Epicentral, um espaço colaborativo, não apenas serve como palco para reuniões comunitárias, mas também como um viveiro de inúmeras oficinas e atividades que enriquecem a experiência de crianças e produtores culturais.

Em seguida, fui convidado para conhecer o Coletivo de Ação e Cidadania Machado de Assis, nascido em 2017, que traz consigo uma missão educativa e social focada em disseminar noções de direito, políticas sociais e públicas, o coletivo alcança os moradores com ações transformadoras, especialmente nas áreas de saúde e educação, impulsionando a cidadania entre a população. Descobri também o projeto Pretinhas Leitoras, iniciativa das gêmeas Helena e Eduarda Ferreira, que se destacam ao incentivar o diálogo por meio da literatura negra. Utilizando o YouTube como plataforma, essas jovens compartilham o prazer pela leitura em encontros que transcendem as páginas dos livros, abordando temas cruciais da realidade do Rio de Janeiro, como a crise da água e a violência urbana.

No último dia, por meio de indicação das gêmeas, deparamo-nos com o Rolé dos Favelados, conduzido por Cosme Felippen, foto 06, que proporciona uma jornada única pelo Morro da Providência. Esse *tour* histórico não apenas apresenta os pontos-chave, a história e a identidade da comunidade, mas também instiga reflexões coletivas sobre a complexa realidade local, abordando todos os seus aspectos.

**Foto 13** - Registro do Cosme comigo no “rolê” dos favelados – morro da Providência



**Fonte:** Própria do Autor (2022)

No percurso, conheci a Casa Amarela, centro cultural e artístico que surgiu como um farol de oportunidades. Oferecendo uma miríade de atividades dirigidas por artistas locais, moradores e ativistas, a casa se torna um epicentro de aprendizado e expressão, que vai desde desenho, pintura e grafite, até aulas de línguas, poesia, fotografia, capoeira, ioga, culinária e muito mais. Essa diversidade reflete não apenas a riqueza cultural da Providência, mas também a força transformadora desses movimentos para a comunidade local.

**Foto 14** - Registro no mirante do morro da Providência/RJ.



**Foto:** Própria do Autor (2022).

Vivenciar a experiência exploratória nas periferias foi um mergulho profundo nas complexidades e riquezas dos territórios urbanos muitas vezes excluídas, como podemos observar as multissemoses, na foto 07. Para tanto, podemos destacar a importância de se ambientar não apenas geograficamente, mas também emocionalmente, os espaços onde pulsam as rotinas e conhecimentos dos grupos juvenis. Ao adentrar essas periferias, fomos imersos em realidades multifacetadas, cujas esquinas, cada uma, conta uma história; e cada indivíduo é um elo fundamental na teia social. As rotinas de alguns jovens são marcadas por desafios singulares, moldados por condições socioeconômicas muitas vezes adversas. Entender suas dinâmicas diárias foi essencial para compreender as formas de resistência e superação que emergem nesses contextos.

Os coletivos juvenis que permearam esses territórios foram verdadeiras manifestações de resiliência e solidariedade. Grupos se unem para enfrentar adversidades, criando redes de apoio que extrapolam os limites físicos das ruas. A insurgência se torna uma resposta natural a um ambiente que, por vezes, relega esses jovens à margem. A rua, longe de ser apenas um espaço físico, torna-se um campo de batalha simbólico, cuja busca por cidadania e reconhecimento ganha contornos particulares.

Foi notável como as relações da rua se entrelaçaram com as redes digitais, formando uma Educação Popular em/nas redes peculiar. A tecnologia tornou-se um artefato sociocultural de expressão e mobilização, permitindo que vozes, antes silenciadas, encontrem eco além dos limites físicos das periferias. As redes sociais, por exemplo, transformam-se em plataformas de resistência e visibilidade, proporcionando aos jovens a oportunidade de redefinir narrativas e desafiar estigmas socialmente impostos.

Nesse contexto, a cidadania digital emerge também como um elemento crucial na promoção de inclusão e participação. A capacidade de se expressar *online* amplifica as vozes desses grupos juvenis, permitindo que suas demandas e aspirações ecoem em âmbito nacional e global. A integração dessas comunidades nas esferas digitais desafia estigmas preexistentes, promovendo uma compreensão mais completa e equitativa das periferias.

Portanto, vivenciar a experiência exploratória nas periferias foi uma jornada enriquecedora que transcendeu as barreiras físicas. A ambientação aos territórios, rotinas e conhecimentos dessas comunidades, destacaram não apenas os desafios, mas também as formas inovadoras de resistência, organização e cidadania digital, que emergem desses contextos muitas vezes negligenciados.

### 3.3 A organização dos dados da pesquisa

Nossa pesquisa se deparou em seu percurso com a pandemia. A necessidade de adaptação tornou-se imperativa para garantir a continuidade do trabalho e a qualidade dos resultados. Inicialmente, nossa metodologia previa uma imersão profunda em campo, com o intuito de vivenciar de maneira integral as realidades das periferias, coletivos juvenis e os movimentos em/nas redes conectadas às tecnologias digitais ou não. Entretanto, diante das restrições impostas pela situação pandêmica, vimo-nos obrigados a repensar e ajustar nosso plano de pesquisa.

Uma das principais mudanças foi a transição para métodos remotos e virtuais, utilizando as redes sociais como meio de interação e construção de dados. Essa escolha, embora tenha sido necessária diante das circunstâncias, trouxe consigo limitações em termos de profundidade na imersão, comprometendo parte da riqueza de detalhes que inicialmente almejávamos.

A impossibilidade de presença física nos territórios estudados nos forçou a adotar abordagens mais virtuais, priorizando análise de conteúdo nas redes sociais e interações remotas. Compreendemos que esta mudança pode influenciar a interpretação dos dados e estamos atentos a essas nuances, buscando compensar a ausência de presença física com uma análise minuciosa e sensível.

Neste contexto, a delimitação de uma única rede social se dá pelo expressivo material que tivemos, por se tratarem de práticas sociais fora/dentro das redes. Por outro lado, o objeto de estudo coloca em questão a existência de um *locus* de investigação bem definido, já que assumimos neste trabalho que as tecnologias móveis intensificam a quebra das fronteiras físicas e reconfiguram os espaços de lugar (CASTELLS, 2009) e os ecossistemas digitais (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012). Por isso, não se exclui a possibilidade de que, durante a investigação, possamos transitar e analisar outros *links*, fluxos e perfis.

Para tanto, far-nos-emos presentes em toda a pesquisa, em dois momentos: 1) Fluxos de etnografia virtual – nos perfis públicos de sete coletivos juvenis das periferias pelo Instagram, analisados e captados por meio de *prints*, entre os anos de 2021 a 2023. Justificamos o recorte por se tratar do período pós-pandemia, no qual muitos coletivos ingressaram em redes, e por termos um acelerado fluxo e engajamento de questões políticas e sociais no Brasil. Mapeamos e analisamos as postagens que foram realizadas nos perfis, com os conteúdos postados nos *feeds*, bem como por suas interações com os internautas, por meio dos comentários, já que são das práticas na rede social com maior durabilidade de permanência

do conteúdo para nosso acesso; 2) Notas de campo híbrido – momentos de encontros dos coletivos juvenis nas periferias (em formato híbrido, momentos fisicamente presenciais e momento virtualmente presencial), entre os anos de 2021 a 2023.

Nesse contexto, recorreremos ao diário de campo, que é mais do que um simples registro cronológico de eventos. Ele serve como um espaço onde o investigador pode capturar suas observações, pensamentos, sentimentos e interpretações, à medida que se envolve com o objeto de estudo. Nesta pesquisa, utilizamos esse diário para melhor organizar fluxos que foram recolhidos por *prints* nos perfis selecionados. No ambiente virtual, essa prática se adapta facilmente, permitindo que o investigador documente suas impressões *online*, que chamaremos aqui de notas de campo virtual e/ou notas de itinerâncias.

As notas de itinerâncias, por sua vez, acrescentam uma dimensão mais dinâmica ao processo de pesquisa. Elas são a prática de registrar *insights* à medida que surgem, independentemente do local ou do momento. De acordo com Macedo (2010), essa abordagem permite a captura de detalhes ricos e imediatos, muitas vezes negligenciados em registros formais. No contexto virtual, as notas de itinerâncias podem abranger desde anotações sobre discussões nas postagens realizadas nos perfis dos coletivos juvenis das periferias até reflexões sobre o contexto das narrativas produzidas.

Para melhor compreensão, então, a triangulação dos dados foi dada pelas: postagens feitas pelos perfis em seus *feeds*, comentários e interações realizadas nas postagens por demais internautas e notas de itinerâncias que ajudaram na construção do contexto do *post*. A seguir, exploraremos a rede social Instagram e suas funcionalidades como práticas sociais das juventudes, visando que dentre tantas elas, nos deteremos as postagens dos *feed* e aos comentários sobre elas para a construção dos nossos dados da pesquisa.

### 3.3.1 A rede social Instagram e suas funcionalidades

O Instagram é uma das plataformas de mídia social mais populares da atualidade. Foi lançado em outubro de 2010 pelos desenvolvedores Kevin Systrom e Mike Krieger. A ideia por trás da criação do Instagram era proporcionar aos usuários uma maneira fácil e visualmente atraente de compartilhar momentos do cotidiano por meio de fotos e vídeos. Desde então, a plataforma experimentou um crescimento fenomenal, transformando-se em um fenômeno global.

Com mais de uma década de existência, o Instagram conquistou um lugar proeminente no cenário das redes sociais, com mais de 1 bilhão de usuários ativos mensais em todo o mundo.

Seu sucesso é atribuído à sua interface intuitiva, recursos inovadores e à capacidade de se adaptar às tendências digitais em constante evolução. A diversidade de conteúdos presentes na plataforma, que vai desde *selfies* pessoais até fotos profissionais e vídeos criativos, contribui para a experiência variada dos usuários.

Além de ser uma plataforma de compartilhamento de fotos e vídeos, o Instagram também se tornou uma ferramenta poderosa para empresas e influenciadores digitais. Empresas utilizam a plataforma para promover seus produtos e serviços, enquanto os influenciadores a utilizam para construir e manter suas comunidades *online*. Os recursos como *stories*, IGTV e *reels* ampliam as possibilidades de expressão e engajamento, tornando o Instagram uma plataforma versátil para diferentes tipos de conteúdo.

A rede social não apenas conecta pessoas ao redor do mundo, mas também serve como um espaço criativo para a expressão pessoal e artística. Com uma combinação única de recursos de edição de fotos e vídeos, filtros interativos e capacidade de seguir interesses específicos, essa rede continua a moldar a forma como as pessoas compartilham e consomem conteúdo visual. Nesse cenário dinâmico, o Instagram não é apenas uma rede social, mas uma comunidade virtual que reflete a diversidade e criatividade de seus usuários, por meio de *storytellings*<sup>55</sup>, contar narrativas curtas, como é o caso em questão.

As narrativas em *stories* e *reels* do Instagram, bem como as postagens em *feed*, são recursos que permitem aos usuários compartilharem conteúdo de forma temporária e dinâmica. Ambos os recursos têm como objetivo criar histórias curtas e envolventes, porém diferem em alguns aspectos. Os *stories*, por exemplo, são uma série de fotos, vídeos e outros conteúdos que são exibidos em sequência por um período limitado de 24 horas. Cada foto ou vídeo em um *story* tem uma duração máxima de 59 segundos que são apresentados em tela cheia, em formato vertical e podem ser enriquecidos com adesivos, filtros, textos e elementos interativos, como enquetes e perguntas. Os seguidores podem interagir com os *stories* enviando mensagens diretas, reagindo com *emojis* ou deslizando para cima para acessar *links* ou outros conteúdos relacionados.

Por sua vez, os *reels* são vídeos curtos que podem ficar ou não no *feed* e têm duração máxima de 90 segundos, que podem ser gravados diretamente no aplicativo ou suportados a partir da biblioteca de mídia do usuário. Eles oferecem ferramentas de edição, como adicionar

---

<sup>55</sup> O *storytelling*, traduzido como "contar histórias", é uma técnica de comunicação que envolve a criação e transmissão de uma narrativa envolvente para transmitir uma mensagem, ideia ou experiência. É uma forma de poder comunicação que envolve a criação e transmissão de uma narrativa envolvente para transmitir uma mensagem, ideia ou experiência. É uma forma poderosa de se conectar com o público e captar sua atenção, gerando interesse, empatia e conexão emocional.

efeitos visuais, sobrepor músicas, ajustar a velocidade do vídeo, entre outros recursos criativos. Os *reels* podem ser exibidos na guia “explorar” do Instagram, o que amplia seu alcance para além dos seguidores do perfil, que podem curtir, comentar e compartilhar, além de seguir o criador do conteúdo diretamente a partir do vídeo que popularmente caracterizam desafios, acompanham tendências e/ou podem ser conteúdo viral.

A função comunicativa das narrativas em *stories* e *reels* do Instagram é fornecer uma forma rápida e envolvente de compartilhar momentos, histórias e informações. Esses recursos são altamente visuais e apelam para uma experiência imersiva, capturando a atenção dos usuários de forma eficaz. Por meio de imagens, vídeos e elementos interativos, as narrativas permitem que os usuários expressem sua criatividade, comuniquem suas experiências, transmitam mensagens e envolvam sua audiência. Essas ferramentas oferecem uma plataforma dinâmica para contar histórias, mostrar bastidores, promover produtos ou serviços, compartilhar conhecimento e se conectar com os seguidores.

Além disso, as funcionalidades de interação, como enquetes, perguntas e mensagens diretas, incentivam o engajamento e a participação dos seguidores, criando uma comunicação bidirecional entre o criador de conteúdo e o público. Isso promove uma sensação de proximidade e conexão, fortalecendo os laços entre os usuários e construindo uma comunidade em torno do perfil.

As postagens no *feed* do Instagram são o formato mais tradicional e comum para compartilhar conteúdo na plataforma. Elas consistem em fotos e vídeos que são exibidos em ordem cronológica inversa no perfil de um usuário. A função comunicativa das postagens no *feed* é ampla e pode variar dependendo do objetivo do usuário. Mas, vou explicar os principais aspectos envolvidos, como conteúdo visual. O Instagram é uma rede social altamente visual, e as postagens no *feed* são projetadas para atrair a atenção dos seguidores por meio de imagens e vídeos. O conteúdo visual compreende fotografias, ilustrações, infográficos, memes, vídeos curtos ou qualquer outro formato que seja atraente e relevante para a mensagem que o usuário deseja transmitir.

Cada postagem no *feed* do Instagram pode ser acompanhada por uma legenda, que é um texto descritivo ou informativo que complementa a imagem ou o vídeo. A legenda permite que o usuário transmita mensagens adicionais, conte histórias, dê contexto ou incentive a interação dos seguidores. Pode-se usar a legenda para fornecer informações incluídas sobre a postagem, compartilhar experiências pessoais, expressar opiniões, ou até mesmo incluir *hashtags* relevantes. A legenda desempenha um papel importante na função comunicativa das postagens, pois ajuda a transmitir a mensagem desejada de forma mais completa e envolvente.

Ainda nessa perspectiva, outro ponto que ressalta é uma das principais funções das postagens no *feed* do Instagram, o engajamento dos seguidores. Os usuários podem curtir a postagem, deixar comentários, iniciá-la com seus seguidores ou enviá-la por mensagem direta. Elas permitem que o criador do conteúdo se conecte com sua audiência, receba feedback, responda a perguntas e participe de conversas relevantes. O engajamento também é importante para aumentar a visibilidade da postagem e alcançar um público mais amplo.

Por isso, precisamos atentar-se a questões estéticas do *feed* do Instagram que é composto por uma sequência de postagens. A função comunicativa também está relacionada à estética e ao visual geral do perfil. Muitos usuários se esforçam para criar uma aparência coesa e atraente para o *feed*, usando uma paleta de cores consistentes, organização temática ou estilo de edição de fotos. Essa abordagem estética pode transmitir uma identidade visual e comunicar a personalidade, o estilo de vida ou os valores do usuário, além de atrair seguidores e transmitir uma imagem profissional ou autônoma.

Consideramos também as postagens no *feed* como uma possibilidade de serem usadas como uma forma de contar histórias. Os usuários podem criar uma sequência de postagens que se conectam entre si para transmitir uma narrativa mais ampla. Por exemplo, um usuário pode compartilhar uma série de fotos de uma viagem, mostrando desde a partida até o retorno, ou pode contar uma história em várias partes para criar suspense ou envolver os seguidores. O *storytelling* nas postagens do *feed* ajuda a criar uma conexão emocional com a audiência e envolvê-la em uma experiência compartilhada. As postagens no *feed* permitem que os usuários compartilhem seus interesses, experiências, opiniões e perspectivas com seus seguidores, e também podem ajudar a fortalecer a identidade digital de uma pessoa, marca ou empresa.

### **3.4 Caracterização e delimitação dos perfis de coletivos juvenis das periferias participantes da pesquisa**

Na contemporaneidade, as dinâmicas sociais vivenciadas pelos jovens nas periferias urbanas têm desempenhado um papel fundamental na construção de identidades coletivas e no desenvolvimento de práticas socioculturais singulares. Nesse contexto, a presente pesquisa propõe-se a investigar e analisar de forma aprofundada os perfis dos coletivos juvenis atuantes nas periferias selecionadas, visando compreender suas características distintivas e a delimitação de seus territórios simbólicos.

Para tanto, elencamos uma lista de critérios para a seleção de 7 (sete) perfis coletivos juvenis das periferias na rede social Instagram, sendo 2 do estado do Ceará, 2 do Rio de Janeiro

e 3 de São Paulo, e que compusessem como participantes da pesquisa:

- Identificar-se como um perfil coletivo de jovens da periferia e ser um perfil público, capaz de compartilhar suas postagens com todos do Instagram, sem restrições;
- Ter mais de 1.200 seguidores. Esta escolha não é meramente arbitrária; ao contrário, reflete a compreensão de que perfis com essa quantidade de seguidores têm a capacidade de amplificar suas mensagens, indicando um alcance expressivo;
- Possuir mais de 100 postagens no *feed*, que abordem aspectos de insurgências e cidadania digital.

Sob essa ótica e com as comemorações do centenário de Paulo Freire, o Centro de Educação (CED) da Universidade Estadual do Ceará, por meio do Núcleo de Educação Popular, Movimentos Sociais e Escola do Curso de Pedagogia, por meio do perfil coletivo Viva a Palavra, propõe a quarta edição do Legado Freiriano, abordando o papel transformador da Educação Popular. A postagem abaixo, figura 11, marca temporalmente o início da construção dos dados no Instagram.

**Figura 11** - Post convite para o IV Legado Freireano – perfil Viva Palavra<sup>56</sup>



**Fonte:** *Print* coletado pelo Pesquisador (2021)

<sup>56</sup> Link do post - <https://www.instagram.com/p/CKUXNzQlbq4/?igsh=MXZuOWwxMXQ2MmN0NQ==>

### 3.4.1 Coletiva Cultural Cenopoética Viva a Palavra – Ceará

Nessa mesma perspectiva, apresentamos o primeiro perfil de coletivo juvenil escolhido, @vivapalavraa<sup>57</sup>. Para Sousa (2022, p. 205), a coletiva cultural cenopoética Viva a Palavra, figura 7, “por seu caráter potencialmente decolonial, dialógico, cooperativo e popular, está para além de prática de extensão”, como seu desenho inicial. A Coletiva Cultural Cenopoética Viva a Palavra tem como objetivo principal democratizar o conhecimento e incentivar a produção cultural local. A organização busca criar um ambiente onde a palavra, em suas diversas formas – escrita, falada, encenada – possa florescer e ser valorizada.

**Figura 12 - Print do perfil coletivo Viva Palavra**



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

É constituído por projetos de pesquisa que estão aglutinados em três projetos gerais de pesquisa-intervenção: Palavras de Paz; Palavras de Esperança; Palavras de Resistência. Assim, a coletiva desenvolve ações na comunidade da Serrinha, Ceará, sendo elas: inglês na comunidade, cenopoesia, oficinas, saraus, grupo de pesquisa, cursinho popular, biblioteca popular, dentre outras.

A Coletiva Cultural Cenopoética Viva a Palavra organiza regularmente oficinas e *workshops* em diversas áreas artísticas, como teatro, poesia, saraus, batalhas de *slam*, música e artes visuais. Estas atividades são projetadas para capacitar os participantes, oferecendo-lhes as ferramentas e conhecimentos necessários para desenvolver suas habilidades artísticas. As oficinas são inclusivas e acessíveis, muitas vezes direcionadas a públicos que tradicionalmente têm menos acesso a essas oportunidades, como jovens em situação de vulnerabilidade.

<sup>57</sup> Link do perfil - <https://www.instagram.com/vivapalavraa?igsh=eWt2cDY2czgzdHZm>

O coletivo também é conhecido por seus eventos culturais, que incluem saraus, exposições de arte, apresentações teatrais e festivais de poesia. Estes eventos são ocasiões para celebrar a criatividade local e proporcionar uma plataforma para que artistas emergentes possam mostrar seu trabalho na praça e são transmitidos por *lives* pelo perfil da coletiva. Além disso, eles ajudam a fortalecer a identidade cultural da comunidade e a promover a valorização da cultura local e usam do perfil do Instagram para fortalecer suas lutas e reivindicações coletivas.

A atuação da Coletiva Cultural Cenopoética Viva a Palavra tem gerado um impacto significativo na comunidade da Serrinha e inspirando novos coletivos pelas periferias do Ceará. Ao promover a cultura e a educação, a coletiva contribui para o desenvolvimento pessoal e social dos participantes, oferecendo-lhes novas perspectivas e oportunidades. A presença da biblioteca e dos diversos projetos culturais e educacionais ajuda a combater a marginalização e a exclusão social, criando um ambiente onde todos têm a oportunidade de aprender, criar e se expressar.

Apesar dos muitos sucessos, a Coletiva Cultural Cenopoética Viva a Palavra enfrenta desafios, como a necessidade constante de recursos para manter suas atividades e expandir seus projetos. O apoio da comunidade, de voluntários e de parceiros é crucial para a sustentabilidade e crescimento da organização. No entanto, com a dedicação e o compromisso dos membros da coletiva e o impacto positivo já alcançado, as perspectivas para o futuro são promissoras.

### 3.4.2 Coletivo Periferia que lê – Ceará

Continuando as buscas e atentos aos critérios, encontramos o perfil @periferiaquele<sup>58</sup>. O coletivo surgiu durante a pandemia da Covid-19, nos meados de 2019, na periferia do Bom Jardim, na cidade de Fortaleza, Ceará, com o objetivo de incentivar a literatura na comunidade, por meio de doações de livros e ações que envolvessem os aspectos literários e coletivos, como a geladeira literária.

No Instagram, o coletivo Periferia que Lê mantém um perfil dinâmico, recheado de recomendações de livros, depoimentos de leitores e escritores da periferia, além de coberturas dos eventos promovidos pelo coletivo. A página é um ponto de encontro virtual onde se discute literatura e se compartilha experiências e opiniões sobre as obras lidas. Através de vídeos e imagens, o perfil busca engajar seu público e estimular o gosto pela leitura.

---

<sup>58</sup> Link - <https://www.instagram.com/periferiaquele?igsh=MXl6a2gyYjl2Mmdk>

**Figura 13** - *Print* do perfil coletivo Periferia que lê



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

A principal motivação do Periferia que Lê é combater a desigualdade no acesso à cultura e à educação. O coletivo acredita que, ao promover a leitura, está contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes de seu papel na sociedade. A leitura é vista como uma ferramenta de emancipação e transformação social, capaz de abrir novas perspectivas e oportunidades para os moradores das periferias.

Além disso, Periferia que Lê é movido pela paixão pela literatura e pelo desejo de compartilhar esse amor com o maior número de pessoas possível. O coletivo busca criar uma cultura de leitura nas comunidades onde atua, incentivando os jovens a descobrirem o prazer dos livros e, com isso, mudarem suas realidades e construírem um futuro melhor.

O coletivo tem a intenção de expandir as práticas voluntárias pela Literatura nas periferias para todo o território nacional, garantindo que mais crianças, adultos e idosos possam viajar ao(s) mundo(s) literário(s). Para mais informações, sugerimos o link com o documentário Periferias que Lê, gravado em 2022<sup>59</sup>.

### 3.4.3 Voz das comunidades – Rio de Janeiro

O terceiro perfil é o @vozascomunidades<sup>60</sup>. O coletivo começou com um sonho do jovem René Silva, em realizar um jornal comunitário, até reelaborá-lo para as redes sociais, seguindo as demandas das comunicações atuais. O coletivo dissemina informações não apenas de uma comunidade do Rio de Janeiro, mas amplia as notícias sobre e para outras comunidades.

<sup>59</sup> Link - <https://youtu.be/i8EtL04EpPU?si=7UBo1t0qTar8F7nH>.

<sup>60</sup> Link - <https://www.instagram.com/vozascomunidades?igsh=MWhjMnnpN2hjYXA3cg==>

**Figura 14** - Print do perfil coletivo Voz das Comunidades



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

Voz das Comunidades tem como objetivo dar visibilidade às histórias e vozes dos moradores de favelas e comunidades periféricas. Sua missão é criar uma mídia independente e alternativa que represente verdadeiramente a realidade dessas comunidades.

No Instagram, Voz das Comunidades mantém uma página ativa e engajada, onde são compartilhadas reportagens, entrevistas, e coberturas de eventos locais. O perfil é uma importante ferramenta de comunicação e mobilização, funcionando como um canal direto entre o coletivo e os moradores das comunidades. Através de *posts* informativos e interativos, a página busca informar e engajar seus seguidores, além de promover campanhas e ações sociais.

As motivações do Voz das Comunidades estão enraizadas no desejo de mudar a narrativa sobre as favelas e comunidades periféricas. O coletivo busca combater o preconceito e a discriminação, mostrando que esses locais são ricos em cultura, talento e potencial. Além disso, o Voz das Comunidades pretende potencializar os moradores, dando-lhes uma plataforma para contar suas próprias histórias e lutar por seus direitos.

O coletivo também é motivado pela necessidade de promover a inclusão social e a justiça. Ao potencializar voz às comunidades, o coletivo contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tenham a oportunidade de ser ouvidos e respeitados. O Voz das Comunidades acredita no poder da comunicação como ferramenta de transformação e busca, através de seu trabalho, fazer a diferença na vida das pessoas.

#### 3.4.4 *Entre o céu e a favela – Rio de Janeiro*

O quarto coletivo foi descoberto durante a pesquisa exploratória no Rio de Janeiro,

@entreoceueafavela<sup>61</sup>. O coletivo se dedica a promover arte, educação e cidadania na primeira favela do Brasil, o Morro da Providência e trabalha incansavelmente para promover inclusão e transformação social na comunidade. Tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento integral das pessoas e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

**Figura 15** - Print do perfil coletivo Entre o céu e a favela



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

Com um enfoque nas manifestações artísticas urbanas, o coletivo organiza eventos, exposições e performances que ocupam os espaços públicos e trazem a arte para o cotidiano das pessoas. A ideia é transformar a cidade em um grande palco onde todos possam se expressar e interagir com a arte de maneira livre e espontânea.

No Instagram, Entre o Céu e a Rua utiliza seu perfil para divulgar suas atividades, compartilhar fotos e vídeos dos eventos, e promover artistas urbanos. A página é visualmente impactante, refletindo a diversidade e a criatividade das manifestações culturais que o coletivo apoia. Através de *stories*, *reels* e *posts*, o perfil busca engajar o público e incentivar a participação nas atividades promovidas.

A principal motivação do Entre o Céu e a Rua é democratizar o acesso à arte e à cultura. O coletivo acredita que a arte deve estar ao alcance de todos e que os espaços públicos são locais privilegiados para essa democratização. Além disso, o grupo vê a arte urbana como uma forma poderosa de expressão e resistência, capaz de questionar e transformar a realidade.

Entre o Céu e a Rua também se motiva pela vontade de valorizar e apoiar os artistas locais, criando oportunidades para que eles mostrem seu trabalho e se conectem com o público. O coletivo busca criar uma rede de colaboração e apoio mútuo, fortalecendo a cena artística

<sup>61</sup>Link- <https://www.instagram.com/entreoceueafavela?igsh=cjZsajJsYm1pcWJt>

local e contribuindo para o desenvolvimento cultural da cidade.

### 3.4.5 Nós, mulheres da periferia – São Paulo

O quinto coletivo foi apresentado durante a pesquisa exploratória, por um morador da comunidade da Babilônia, @nosmulheresdaperiferia<sup>62</sup>. O coletivo é formado por mulheres que noticiam sobre o Brasil e o mundo, com foco nas temáticas de letramentos raciais, feminismo, periferias e política.

Nós, Mulheres da Periferia é um coletivo feminista que tem como objetivo dar voz e visibilidade às mulheres que vivem nas periferias. Fundado por um grupo de jornalistas e ativistas, o coletivo se dedica a produzir conteúdo jornalístico e cultural que aborda questões de gênero, raça e classe a partir da perspectiva das mulheres periféricas. Sua missão é combater o machismo e o racismo, promovendo a igualdade de gênero e a organização feminina.

**Figura 16** - Print do perfil coletivo Nós, mulheres da periferia



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

No Instagram, o perfil de Nós, Mulheres da Periferia é um espaço de informação, debate e mobilização. O perfil compartilha reportagens, entrevistas, e conteúdos educativos sobre os desafios e as conquistas das mulheres periféricas. Com uma abordagem engajada e sensível, elas buscam explicar e engajar seus seguidores na luta por direitos e igualdade.

As motivações do coletivo estão profundamente ligadas à luta por justiça social e igualdade de gênero. Nós, Mulheres da Periferia acredita que, ao potencializar vozes às mulheres das periferias, está contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e

<sup>62</sup> Link- <https://www.instagram.com/nosmulheresdaperiferia?igsh=cnN2cmdjNjNpaDJj>

igualitária. O coletivo vê o jornalismo e a comunicação como ferramentas poderosas de transformação, capazes de desafiar o status quo e promover mudanças significativas.

Além disso, o coletivo é movido pela solidariedade e pelo desejo de construir uma rede de apoio e fortalecimento mútuo entre as mulheres periféricas. Através de suas atividades e conteúdos, Nós, Mulheres da Periferia busca inspirar e convocar mulheres, mostrando que, juntas, podem enfrentar e superar os desafios e transformar suas realidades.

### 3.4.6 Periferia preta – São Paulo

Após a inserção no perfil do coletivo supracitado, construímos um fluxo de pesquisa pelas redes que nos conduziu como sugestão para seguir o perfil @periferiapreta<sup>63</sup>, um perfil que tem por objetivo expor e apresentar espaços de esperanças, usando a arte como meio para isso, com um foco para artes pretas e LGBTQIAPN+.

**Figura 17** - Print do perfil coletivo Periferia preta.



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

Periferia Preta é um coletivo que tem como foco a valorização e a promoção da cultura negra nas periferias. Criado por jovens negros ativistas, o coletivo realiza eventos culturais, oficinas, e campanhas de conscientização que destacam a riqueza e a diversidade da cultura afro-brasileira. A ideia é combater o racismo e a discriminação, promovendo o orgulho e a autoestima entre os jovens negros das periferias.

<sup>63</sup> Link - <https://www.instagram.com/periferiapreta?igsh=MXBldDZxODRIMDA4aA==>

No Instagram, o perfil de Periferia Preta é um vibrante espaço de celebração e resistência. A página compartilha conteúdos sobre a cultura negra, eventos promovidos pelo coletivo, e histórias inspiradoras de jovens negros que estão fazendo a diferença em suas comunidades. Com uma estética marcante e conteúdos engajadores, o perfil busca criar uma comunidade unida e consciente de suas raízes e de seu valor.

As motivações de Periferia Preta estão enraizadas na luta contra o racismo e pela igualdade racial. O coletivo acredita que a valorização da cultura negra é fundamental para combater a discriminação e promover a inclusão social. Através de suas atividades, Periferia Preta busca fortalecer a identidade e o orgulho dos jovens negros, mostrando que eles têm um papel importante e valioso na sociedade.

Além disso, o coletivo é movido pela paixão pela cultura afro-brasileira e pelo desejo de partilhar essa riqueza com o maior número de pessoas possível. Periferia Preta acredita que a cultura é uma poderosa ferramenta de transformação e busca, através de seu trabalho, criar um mundo mais justo e igualitário, onde todos possam ser valorizados e respeitados por quem são.

#### 3.4.7 Slam das minas SP – São Paulo

E, por fim, também descoberta entre os fluxos digitais dos perfis já selecionados anteriormente, @slamdasminassp<sup>64</sup>. Uma coletiva de mulheres da periferia de São Paulo que usam do slam para ecoarem suas dores, lutas pela linguagem poética.

**Figura 18** - Print do perfil coletivo Slam das minas SP.



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

<sup>64</sup> Link - <https://www.instagram.com/slamdasminassp?igsh=MWluZXVwZGF6Z283eA==>

A coletiva Slam das Minas é um coletivo de poesia e performance que surgiu com a missão de criar um espaço seguro e inclusivo para mulheres, pessoas trans e não-binárias. Fundado por poetas e ativistas, o coletivo organiza competições de poesia falada, conhecidas como slams, onde os participantes podem expressar suas experiências e sentimentos de maneira livre e criativa. O Slam das Minas é um espaço de resistência e empoderamento, onde a palavra é uma arma poderosa de luta e transformação.

No Instagram, o perfil de Slam das Minas é um vibrante ponto de encontro para poetas e amantes da poesia. A página compartilha vídeos das performances, informações sobre eventos e competições, e conteúdos que abordam questões de gênero e diversidade. Com uma abordagem inclusiva e engajadora, o perfil busca inspirar e mobilizar seus seguidores, mostrando o poder da palavra falada.

As motivações do Slam das Minas estão profundamente ligadas à luta por igualdade e inclusão. A coletiva acredita que a poesia é uma forma poderosa de expressão e resistência, capaz de dar voz a quem muitas vezes é silenciado pela sociedade. Ao criar um espaço seguro e acolhedor, Slam das Minas busca inspirar mulheres e pessoas LGBTQIA+, mostrando que suas vozes são importantes e devem ser ouvidas.

Todos os dados foram construídos por meio de *prints* pelo perfil principal do pesquisador @eryckdieb<sup>65</sup> (figura 19), durante os anos de 2021 a 2023.

**Figura 19** - *Print* do perfil do pesquisador



**Fonte:** Print coletado pelo Pesquisador (2023)

A seguir, os procedimentos utilizados para a análise dos dados.

<sup>65</sup> Link - <https://www.instagram.com/eryckdieb?igsh=cG9keWYyOXAxTU1>

### 3.5 Procedimentos para a análise

Na condução deste estudo, optamos por empregar a teoria da codificação como abordagem metodológica, fundamentando-nos nas contribuições teóricas de Bogdan e Biklen (1994), codificação dos dados. Essa escolha oferece uma estrutura sistemática, permitindo a organização e interpretação dos dados qualitativos de maneira aprofundada.

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmo tópicos e padrões. Essas palavras ou frases são categorias de codificação. As categorias constituem um meio de classificar os dados que recolheu (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 221, grifo dos autores).

A teoria da codificação, utilizada como guia, destaca-se por sua capacidade de identificar padrões, temas e significados subjacentes aos dados. O desenvolvimento de um sistema de codificação é delineado em um processo sequencial, iniciando-se pela exploração dos dados em busca de regularidades e padrões, assim como pela identificação de tópicos presentes nos mesmos.

A abordagem posterior envolve a transposição desses elementos identificados para o desenvolvimento de categorias de codificação. Essas categorias são representações das palavras, frases, tópicos e padrões observados durante a análise dos dados. Ao criar essas categorias, os pesquisadores estabelecem um meio sistemático de classificar e organizar as informações construídas.

Dessa forma, as categorias de codificação constituem uma estrutura que facilita a interpretação e análise dos dados. Ao agrupar elementos similares, elas proporcionam uma maneira eficiente de sintetizar e compreender as complexidades presentes nos dados, contribuindo para a construção de um entendimento mais aprofundado do fenômeno em estudo.

Das 700 postagens mapeadas nos 7 perfis selecionados, que atendiam aos critérios pré-estabelecidos de evidências de cidadania insurgente e cidadania digital, selecionamos 20 que abordavam as temáticas das subcategorias de interesse. Nossa seleção foi realizada sem nos prendermos a métricas de *likes*, comentários e compartilhamentos, pois compreendemos que a emergência do movimento observado, denominado Educação Popular em/nas/com as redes, se configura de maneira orgânica e em emergência.

Essa abordagem permitiu uma análise mais profunda e qualitativa das postagens,

focando no conteúdo e no impacto potencial das mensagens veiculadas, ao invés de depender exclusivamente de indicadores quantitativos. A nossa atenção recaiu sobre a capacidade dessas postagens de promover a cidadania ativa e a participação digital de forma insurgente, refletindo a complexidade e a dinâmica do movimento educativo que emerge nas redes sociais.

Portanto, a métrica de engajamento não reflete necessariamente a importância ou o impacto das postagens. O valor dessas postagens reside na autenticidade e na capacidade de instigar reflexão e ação entre os participantes. Em comunidades específicas e emergentes, o engajamento pode ser naturalmente mais baixo devido ao alcance limitado ou ao foco em nichos específicos, mas essas postagens podem ter um impacto significativo no contexto local e entre os membros mais engajados.

Nesse contexto, a partir dos nossos “achados” da pesquisa, para compreendermos a tese de Educação Popular em/nas/com as redes, destacamos as seguintes categorias: práticas de cidadania insurgente, aprendizagens em/nas/com as redes e narrativas de cidadania digital. A seguir, apresentaremos as categorias, as subcategorias e suas descrições.

Práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em/nas/com as redes – essa categoria denota práticas, mobilizações que destacam formas de resistência, desafio ou contestação. As práticas de insurgências podem abranger uma variedade de contextos, como as manifestações políticas. Elementos associados a essa categoria podem incluir ações de protestos, resistência a sistemas estabelecidos, ou expressões de descontentamento frente a estruturas de poder. Essas ações muitas vezes revelam dinâmicas sociais, políticas ou culturais que desafiam o *status quo*.

Ao analisar e categorizar as práticas de insurgências e as aprendizagens em/nas redes, observamos que são construídas a partir da ação coletiva. Foi possível explorar as motivações por trás dessas expressões de resistência e compreender os elementos que impulsionam movimentos de mudanças.

Diante do exposto, é importante observar que, embora existam diversas formas de insurgências, destacamos quatro que se mostraram mais recorrentes nas postagens selecionadas dos oito perfis participantes. Essas foram:

**Quadro 2** - Descrição das práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em redes.

| <b>Práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em/nas redes</b> | <b>Caracterização</b>   |
|--|---|
| <b>Ativismo Social</b>   | Discussão sobre questões sociais e econômicas que afetam as periferias. Campanhas e mobilizações <i>on-line</i> para abordar questões como violência, falta de infraestrutura, acesso à Educação, entre outras; |
| <b>Histórias de vida e Empoderamento</b>                             | Compartilhamento de histórias de vida e empoderamento social;   |
| <b>Rede Comunitária e solidária</b>                                  | Organização de apoio mútuo. Mobilização para enfrentar desafios coletivos e construir redes de solidariedade;   |
| <b>Histórias locais</b>  | Histórias locais que muitas vezes são ignoradas ou esquecidas. Preservação e promoção da história, causa e cultura locais.  |

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023).

Quanto às narrativas de cidadania digital, esta categoria engloba relatos que se concentram nas experiências relacionadas às insurgências e aprendizagens em redes que levam à cidadania no ambiente digital.

Inclui narrativas e/ou relatos sobre participação ativa, engajamento cívico por meio das redes sociais e uso da tecnologia para promover a dialogicidade e a mudança social.

As narrativas de cidadania digital refletem a maneira como os indivíduos se envolvem politicamente e socialmente no espaço virtual, destacando a influência crescente das plataformas digitais na esfera pública.

Ao examinar as narrativas de cidadania digital, foi possível explorar como as tecnologias da informação constroem as interações sociais, políticas e culturais, e como os participantes utilizam essas ferramentas para exercer sua cidadania de maneiras inovadoras.

**Quadro 3** - Descrição das práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em redes.

| <b>Narrativas de cidadania digital</b> | <b>Caracterização</b>  |
|--|--|
| <b>Resistência cultural</b>            | Celebração e promoção da cultura local. Expressão artística, como música, dança, grafite, que destaca as identidades culturais das periferias. Uso de gírias e linguagem própria para afirmar a identidade cultural; |
| <b>Denúncia de estereótipos</b>        | Desafio a estereótipos negativos associados às periferias. Narrativas que mostram a diversidade e complexidade das comunidades periféricas;  |

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023).

Essas categorias não são mutuamente exclusivas e suas interações podem revelar nuances importantes sobre como os participantes respondem às dinâmicas sociais – por mais que haja congruências entre elas nos dados construídos. Mas, para uma análise mais detalhada e fundamentada, apresentaremos, no próximo capítulo, as duas categorias separadamente.

### 3.6 Ética da pesquisa

Fundamentados pela Resolução 510/16, Cap. 1, Art. 20, XV, utilizamos a estratégia metodológica da pesquisa encoberta, que é “conduzida sem que os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu consentimento seja obtido previamente ou durante a realização da pesquisa”. Tomamos, portanto, o cuidado, mesmo que os perfis sejam coletivos e públicos, nos *prints* das postagens, de usarmos esfumação com técnica para preservação das faces de pessoas em fotografias.

No decorrer da pesquisa, adotamos uma conduta não-intrusiva ao observar os perfis públicos dos coletivos juvenis das periferias. Abstivemo-nos de interações diretas que pudessem comprometer a integridade do estudo, ou causar desconforto aos coletivos, constantemente ponderando a linha tênue entre a observação ética e a invasão de privacidade.

Nessa perspectiva, fomos *lurker* (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), aquele que realiza a observação de um determinado grupo social, buscando minimizar ao máximo qualquer interferência em suas práticas cotidianas. Essa prática é conhecida como *lurking*, expressão em inglês que se traduz como “ficar à espreita” (BRAGA, 2006). Tal prática seria característica do ciberespaço e, por meio dela, o ator não se manifesta, apenas dedica-se à observação do comportamento dos outros (POLIVANOV, 2013, p. 64). Assim, o ciberespaço

permite ao ator desempenhar o papel de um observador silencioso, explorando nuances comportamentais sem a necessidade de se expressar ativamente.

Ao apresentar os resultados, comprometemo-nos com uma divulgação responsável. Evitamos a sensacionalização e a identificação direta de participantes, como anteriormente mencionado: preservando as faces de pessoas que aparecem nas postagens, garantindo, assim, a confidencialidade e assegurando que os dados fossem utilizados exclusivamente para fins acadêmicos; zelando pelo cuidado e respeito à privacidade dos líderes dos coletivos juvenis das periferias nas redes; abstendo-nos de referências diretas a nomes e imagens.

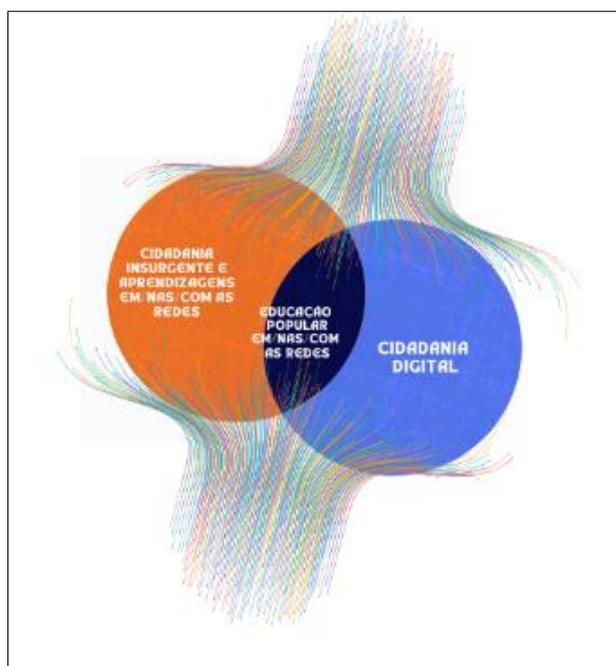
Em segundo lugar, utilizamos perfis públicos de coletivos no Instagram que não demandam inscrição ou autorização do usuário para acessar o conteúdo. Esta abordagem ética reforça o compromisso constante com a integridade e o respeito nas pesquisas sobre os coletivos juvenis das periferias nas redes sociais, como o Instagram.

#### 4 AVIV A ALEVAF<sup>66</sup>: AS PRÁTICAS DE INSURGÊNCIAS E AS APRENDIZAGENS EM/NAS REDES DOS COLETIVOS JUVENIS DAS PERIFERIAS

Ao adentrar nos capítulos de análises dos dados, nos deteremos na essência da pesquisa de tese, onde a **Educação popular em/nas/com as redes revela-se como um fenômeno orgânico e emergente entre os jovens das periferias**. Uma característica marcante dessas práticas é sua natureza insurgente, que desafia as estruturas tradicionais de poder e promove uma cidadania ativa e colaborativa.

Durante a investigação, pudemos identificar diversas práticas de Educação popular que foram desenvolvidas de forma espontânea e colaborativa nas redes sociais. Essas práticas não apenas proporcionam aprendizagens significativas para os jovens, mas também se tornam catalisadoras de ações cidadãs, gerando um impacto tangível em suas comunidades.

**Figura 20** - Resumo da caracterização da tese de Educação Popular em/nas/com as redes.



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023)

A figura acima representa os dois eixos que sustentam a ideia de Educação popular em/nas/com as redes. Apesar de escolhermos nos capítulos analíticos apresentar a cidadania digital separada da cidadania insurgente, mas somos defensores e apresentamos acima a inter-

---

<sup>66</sup> Esse fenômeno linguístico de escrever palavras de trás para frente, conhecido como "código de rua" ou "gíria de rua". Ele é comumente utilizado em comunidades das periferias e áreas urbanas periféricas como uma forma de comunicação própria e identidade cultural.

relação que elas têm e fazem frente as possibilidades de fluxos, conexões e interconexão possíveis em/nas/com as redes.

A cidadania insurgente se manifesta através das ações dos jovens nas redes sociais, que utilizam essas plataformas como ferramentas de mobilização e resistência. São iniciativas que vão desde campanhas de mobilização sobre questões sociais até a organização de protestos e manifestações *online* e *offline*.

Nesse contexto, as redes sociais se transformam em espaços de aprendizagem dinâmicos, onde os jovens compartilham conhecimentos, experiências e estratégias de empoderamento. É fascinante observar como essa ecologia digital favorece não apenas a aquisição de novos saberes, mas também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e críticas tão essenciais para a formação cidadã.

Além disso, as narrativas de cidadania digital, que serão apresentadas no próximo capítulo, surgem como uma expressão poderosa desse engajamento cívico em/nas redes sociais. São histórias contadas pelos próprios jovens, que evidenciam suas vivências, lutas e conquistas em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, descreveremos, a seguir, o papel das aprendizagens em/nas redes nas práticas de insurgências praticadas por coletivos juvenis das periferias.

A insurgência por muito tempo foi originada, percebida e estudada como um movimento em contextos onde comunidades excluídas enfrentavam desigualdades estruturais e injustiças sistêmicas. Um cenário distante e não imaginário em/nas redes sociais. Essa insurgência pode se manifestar como protestos de rua, ocupações de espaços públicos e outras formas de resistência física e simbólica, pois são movimentos que questionam o *status quo* e buscam transformações sociais significativas.

Entretanto, é crucial reconhecer que essas formas de insurgências não estão isoladas dos meios de comunicação contemporâneos, especialmente das redes sociais, principalmente após o período pandêmico da COVID-19. As plataformas digitais proporcionam um espaço para amplificar as vozes daqueles que estão lutando por mudanças, permitindo que suas mensagens e demandas alcancem um público mais amplo e diversificado. Por exemplo, um protesto de rua pode ser documentado e compartilhado nas redes sociais, alcançando pessoas em diferentes partes do mundo e gerando solidariedade global. Além disso, as próprias redes sociais se tornam espaços de organização e mobilização, onde os jovens e/ou demais ativistas podem coordenar ações, compartilhar recursos e disseminar informações relevantes para suas causas.

Nesse contexto, as aprendizagens em redes desempenham um papel fundamental na

potencialização da Educação Popular em/nas redes, aqui pensada e defendida. As redes sociais não são apenas ferramentas de comunicação, mas também ecossistemas (DI FELICE, 2012), ambientes de aprendizagem dinâmicos, onde os participantes têm a oportunidade de trocar conhecimentos, experiências e perspectivas.

Por meio de grupos de discussão, páginas de eventos e outras formas de interação online, os jovens das periferias, por exemplo, podem acessar informações e recursos educacionais que talvez não estivessem disponíveis em seus ambientes *offline*. Eles podem aprender sobre questões sociais, direitos humanos, justiça e estratégias de mobilização, fortalecendo assim suas habilidades e conhecimentos para engajar-se de maneira mais eficaz em suas comunidades.

Além disso, as aprendizagens em/nas redes promovem a construção de redes de apoio e solidariedade entre os participantes, criando um ambiente propício para a colaboração e a ação coletiva. À medida que os jovens aprendem juntos e se apoiam mutuamente, eles se tornam agentes mais capacitados e conscientes de mudança social, contribuindo para o fortalecimento do movimento emergente de Educação popular em/nas redes.

Nesse contexto, apresentaremos dentre tantas insurgências, quatro que se sobressaíram nas análises como recorrentes e característicos das aprendizagens em/nas redes e nas práticas (re)produzidas pelos coletivos juvenis estudados: Ativismo Social; Histórias de vida e Empoderamento; Rede Comunitária e solidária e Narrativas locais.

#### **4.1 Ativismo Social**

Ao longo das últimas décadas, o ativismo social passou por várias transformações, impulsionadas por avanços tecnológicos, mudanças socioeconômicas e novas formas de organização e mobilização. Ele pode ser definido como a participação ativa e engajada em ações voltadas para a transformação e melhoria das condições sociais, políticas, econômicas ou ambientais. Envolve a mobilização de indivíduos e grupos para promover mudanças significativas na sociedade, muitas vezes em prol de causas específicas, como direitos humanos, igualdade de gênero, justiça ambiental, entre outras.

O ativismo social tem suas raízes em movimentos históricos que buscavam mudanças sociais e políticas através da ação coletiva, como os movimentos operários do século XIX e os movimentos pelos direitos civis do século XX. Esses movimentos geralmente se baseavam em estruturas organizacionais hierárquicas e táticas de mobilização presenciais, como protestos de rua e greves.

No entanto, com o advento das tecnologias de comunicação, especialmente a Internet

e as redes sociais, o ativismo social começou a passar por uma transformação significativa. O net-ativismo, termo cunhado por Di Felice (2017), refere-se à utilização da Internet e das redes digitais para a organização, mobilização e promoção de mudanças sociais, indicando, segundo o autor, a dimensão ecológica das interações em redes. Essa nova forma de ativismo permite uma maior acessibilidade e alcance, pois as pessoas podem se conectar e colaborar em tempo real, independentemente de sua localização geográfica. Além disso, as redes sociais proporcionam uma plataforma para o compartilhamento rápido de informações e o diálogo sobre questões sociais, políticas e ambientais.

O net-ativismo também é caracterizado por sua natureza descentralizada e horizontal, em contraste com as estruturas hierárquicas dos movimentos tradicionais. Em vez de líderes carismáticos ou organizações centrais, os movimentos em redes muitas vezes são compostos por uma multiplicidade de atores individuais e grupos que colaboram de forma autônoma e flexível. Outro aspecto importante do net-ativismo é sua capacidade de contornar as restrições e censuras impostas por regimes autoritários e instituições dominantes. Através do uso de tecnologias de criptografia e anonimato, os ativistas podem proteger sua identidade e comunicações, permitindo a organização de resistência e a divulgação de informações em contextos repressivos.

**Figura 21** - *Print* de um post sobre denúncia contra a falta de energia



**Fonte:** *Print* coletado pelo autor (2023)

A postagem em questão, figura 21, ilustra como as redes sociais são utilizadas como ferramentas de denúncia e resistência por grupos que por muito tempo foram excluídos, como o coletivo @nosmulheresdaperiferia. Primeiro, o próprio nome do perfil carrega uma forte mensagem identitária e geográfica. A escolha de "Nós Mulheres da Periferia" sugere uma coletividade e uma identificação específica com as mulheres que vivem em áreas periféricas. Este nome não apenas identifica o grupo, mas também carrega uma assertividade que denuncia a marginalização sistêmica dessas mulheres e reivindica um espaço de fala e visibilidade.

A insurgência digital desse perfil pode ser entendida como um movimento de resistência e afirmação dentro do espaço digital. As plataformas digitais, muitas vezes dominadas por narrativas hegemônicas, encontram nesse coletivo uma voz dissonante que propõe novas narrativas e desafia estereótipos. Através de postagens, relatos, vídeos e outros formatos, @nosmulheresdaperiferia parece utilizar a Internet como um campo de batalha simbólico para promover a inclusão e igualdade.

Esse coletivo constrói narrativas de cidadania digital ao dar visibilidade às questões sociais, políticas e econômicas que afetam as mulheres da periferia. As histórias e informações compartilhadas são, em sua essência, atos de resistência e desenvolvimento. Ao compartilhar suas experiências, elas não apenas educam o público sobre suas realidades, mas também mobilizam outras mulheres para reconhecerem suas forças e capacidades. Isso cria uma rede de apoio e conscientização que transcende os limites geográficos da periferia, alcançando audiências diversas.

Dessa forma, o conceito de Educação Popular em/nas redes emerge como um processo de ensino-aprendizagem que ocorre de maneira horizontal e participativa. A educação popular, desenvolvida originalmente por Paulo Freire, é transplantada para o ambiente digital por meio dessas narrativas que promovem a conscientização crítica. @nosmulheresdaperiferia oferece ferramentas analíticas ao fazer uso das redes sociais para dialogar com seu público, construir conhecimento coletivo e promover ações concretas de transformação social.

Esse processo de insurgência digital e cidadania ativa possibilita teorizar sobre como a Educação Popular pode ser adaptada ao contexto digital. Aqui, as redes sociais tornam-se espaços de democratização do saber, onde a troca de experiências e a pedagogia da solidariedade estão presentes. A educação, portanto, deixa de ser um processo unilateral e se torna uma construção coletiva, dinâmica e contínua.

Em resumo, o perfil @nosmulheresdaperiferia se destaca como um exemplo de insurgência digital, utilizando o espaço on-line para construir cidadania e promover a Educação Popular em/nas/com as redes. Esse grupo não apenas questiona e ressignifica as narrativas

dominantes, mas também oferece um modelo de como a educação crítica pode ser praticada e expandida no mundo digital.

Conforme ressalta Branco (2017, p. 56), em nenhuma outra plataforma “a liberdade de expressão se manifestou de forma tão intensa como nas redes sociais, pois nelas não há nenhum tipo de controle prévio sobre o que é publicado” - o conteúdo postado depende somente da vontade do autor. Assim, é legítima a prática em denunciar os problemas sociais, isso significa que os usuários têm a liberdade de compartilhar seus pensamentos, opiniões e experiências sem a necessidade de aprovação prévia por parte de autoridades ou instituições.

Essa capacidade de expressar livremente suas preocupações e demandas é essencial para o ativismo político em/nas redes sociais. Ao denunciar a falta de energia, o coletivo não apenas chama a atenção para um problema real que afeta sua comunidade, mas também desafia as narrativas oficiais e busca responsabilizar as autoridades e empresas responsáveis pelo fornecimento de energia elétrica. No entanto, é importante reconhecer que essa liberdade de expressão também traz consigo desafios e responsabilidades.

Através de um formato de carrossel, o perfil expõe a falta de energia elétrica em algumas comunidades de São Paulo após uma chuva com ventania, destacando os impactos negativos dessa situação na vida cotidiana dos moradores, como a impossibilidade de armazenar alimentos, a interrupção de serviços essenciais e os riscos à segurança. Essa postagem evidencia as aprendizagens em redes, ou seja, o processo de aquisição e compartilhamento de conhecimento através da interação e colaboração em plataformas digitais.

Essa mesma pauta de reivindicação, foi percebida no perfil do @vozdascidades. O nome do perfil carrega uma mensagem clara de coletividade e representatividade, evidenciando que ele amplifica as vozes que emergem das periferias e comunidades historicamente marginalizadas. Essa escolha de nome já indica uma posição de insurgência digital, em que o coletivo utiliza as redes para fazer ecoar demandas sociais e culturais que normalmente são invisibilizadas. A insurgência, nesse caso, ocorre à medida que o perfil rompe com a hegemonia midiática, criando um espaço alternativo de comunicação e resistência. O uso do Instagram para divulgar essas vozes e narrativas reflete uma prática intencional de reocupação dos espaços digitais, onde as vozes das comunidades periféricas podem circular de maneira autônoma e crítica.

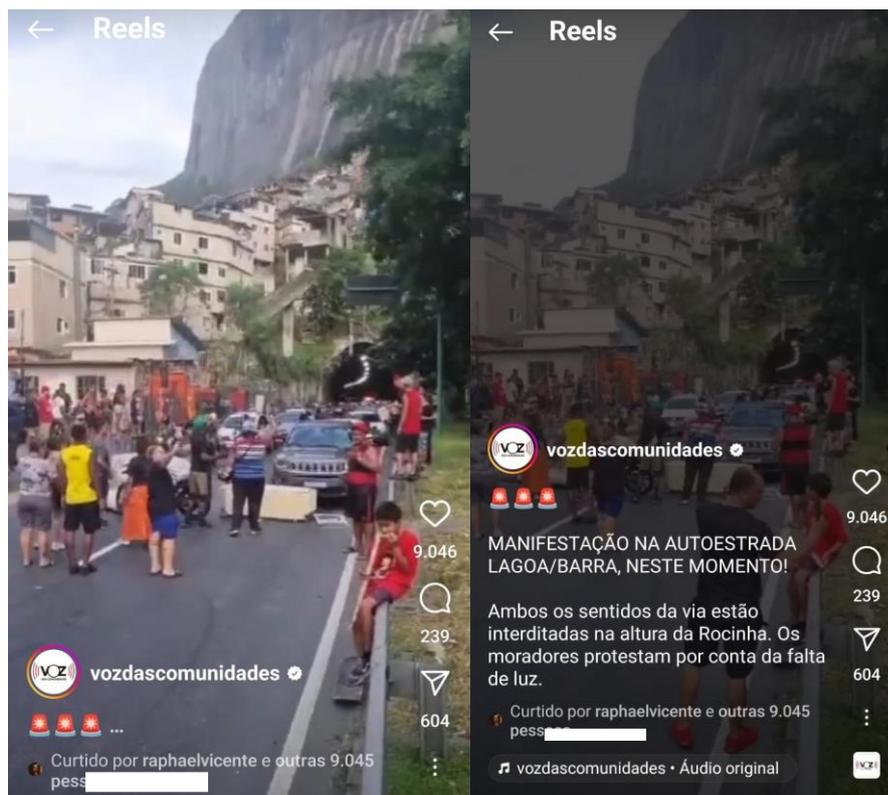
As narrativas de cidadania digital que o coletivo oferece oferecem ferramentas para teorizar sobre a educação popular em/nas/com as redes digitais ao promover práticas de conscientização, mobilização e articulação. O perfil articula essas vozes com uma estética visual forte e conteúdos informativos, criando uma dinâmica educativa que se dá no cotidiano

digital. Isso reflete uma prática de educação popular que, em vez de se limitar ao espaço físico, se expande para o digital, ocupando redes sociais como território de formação crítica e política.

Esse movimento oferece uma base teórica para pensar a educação popular em/nas/com as redes a partir da insurgência e da ocupação de espaços alternativos. O coletivo exemplifica como as redes sociais podem ser um ambiente de aprendizado e cidadania, em que práticas colaborativas, compartilhamento de saberes e resistência ao capital digital convergem. Analisar perfis como @vozesdacomunidade permite enxergar a educação popular nas redes como um processo em que os assuntos periféricos não só se educam, mas também educam outros, produzindo um saber horizontal e transformando no ambiente digital.

Assim, com a presença de uma manifestação que *a priori* foi combinada em/nas redes e circulada para os internautas, especificamente, da localidade e chegou às ruas, com a interdição das ruas que liga a comunidade de Lagoa à Barra, na altura da comunidade em movimento, Rocinha – RJ. Por meio de um *reels*, os administradores do perfil divulgaram a ação que teve uma audiência importante em engajamento em/nas redes, proporcionando amplo acesso ao ocorrido.

**Figura 22** - *Prints* de um vídeo sobre denúncia contra a falta de energia.



**Fonte:** *Print* coletado pelo autor (2023)

Castells (2013, p.160) apresenta que “embora os movimentos tenham em geral sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da Internet”. Assim, compreendemos a interconexão entre os movimentos sociais urbanos e o espaço digital, destacando que, embora as manifestações e ocupações de rua sejam frequentemente a forma mais visível de ativismo, a sustentação e a continuidade dos movimentos muitas vezes ocorrem no espaço da Internet. Essa análise é particularmente relevante quando aplicada aos coletivos juvenis das periferias que se engajam em ativismo social.

Os coletivos juvenis das periferias, nos parecem, muitas vezes enfrentarem desafios significativos para mobilizar recursos e manter uma presença física constante nas ruas, e isso vem ficando mais recorrente após a pandemia da Covid-19. As limitações econômicas, sociais e geográficas podem dificultar a organização de manifestações de rua regulares e a participação em ocupações prolongadas. No entanto, a Internet oferece um espaço livre e acessível onde esses coletivos podem se encontrar, trocar ideias, organizar ações e manter uma presença contínua.

Por meio das redes sociais, por exemplo o Instagram, os coletivos juvenis das periferias podem superar barreiras geográficas e conectar-se com indivíduos e organizações que compartilham interesses semelhantes em todo o país e até mesmo globalmente. Eles podem usar esses espaços digitais para disseminar informações, mobilizar apoio, planejar estratégias e amplificar suas vozes.

Como diz Di Felice (2017, p.181) “a descentralização organizacional indica a incorporação das linguagens da rede, que, além de constituírem sua forma, são também sua ecologia e seu lugar de atuação”. A descentralização organizacional refere-se à distribuição de poder e autoridade dentro de uma organização, permitindo que as decisões sejam tomadas em diversos níveis e por uma variedade de atores. Essa abordagem contrasta com modelos mais tradicionais de hierarquia e centralização, e está em sintonia com os princípios da democracia participativa e da horizontalidade.

As redes permitem uma comunicação horizontal e fluida, facilitando a colaboração, a troca de informações e a coordenação de atividades entre os membros da organização. Além disso, as redes não são apenas uma forma de comunicação, mas também uma ecologia e um lugar de atuação para as organizações contemporâneas. Isso significa que as redes sociais e digitais fornecem um ambiente rico e dinâmico onde as organizações podem se conectar com seus públicos, mobilizar recursos, construir coalizões e promover mudanças. As redes oferecem um espaço para o engajamento cívico, a mobilização política e a construção de comunidades

em torno de causas e interesses compartilhados.

Ainda nessa mesma ótica, a Internet oferece um espaço para expressão criativa e a narrativa alternativa, permitindo que esses coletivos compartilhem suas experiências e desafios de uma maneira que desafia estereótipos e amplia o diálogo sobre as questões que afetam suas comunidades. Isso não apenas fortalece a coesão interna do grupo, mas também pode atrair apoio externo e solidariedade de indivíduos e organizações que compartilham suas preocupações.

No entanto, é importante reconhecer que a presença *online* dos coletivos juvenis das periferias não substitui a importância das ações de rua e das ocupações físicas. Esses momentos de mobilização física continuam sendo vitais para chamar a atenção da mídia e dos tomadores de decisão, além de criar um senso de comunidade e empoderamento entre os participantes.

Castells (2013, p.160), nessa ótica, afirma que “o espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na Internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protesto”. O autor nos permite refletir que o espaço físico continua sendo fundamental para a ação coletiva, especialmente quando se trata de manifestações e ocupações de lugares públicos. Portanto, os movimentos sociais não podem ser compreendidos sem considerar a dimensão material e espacial das interações sociais.

No entanto, a citação também destaca que a Internet e as redes de comunicação sem fio possibilitam a formação de redes horizontais de ativistas, a disseminação rápida de informações e a coordenação de ações em escala global. Assim, o ativismo contemporâneo se estende para além das fronteiras físicas, conectando indivíduos e grupos em diversos espaços. Esse ativismo representa uma evolução significativa em relação aos modelos tradicionais de mobilização social, pois transcende as fronteiras físicas e geográficas, conectando indivíduos e grupos em uma escala global. Em primeiro lugar, a Internet permite que pessoas com interesses comuns se conectem instantaneamente, independentemente de sua localização geográfica.

Nessa perspectiva, o “híbrido de cibernética e espaço urbano constitui um terceiro espaço, a que dou o nome de autonomia [...] o espaço da autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede” (CASTELLS, 2013, p.160). Por meio das redes sociais, ativistas podem trocar ideias, planejar ações e mobilizar recursos de maneira rápida e eficiente. Isso cria um ambiente propício para a formação de redes entre indivíduos e grupos que compartilham objetivos e valores semelhantes, mesmo que estejam separados por vastas distâncias físicas, é daí que surge a perspectiva de esperança por meio do ativismo virtual.

Além disso, o ativismo virtual permite uma maior diversidade de vozes e perspectivas

a serem ouvidas que emergem organicamente em/nas redes. As plataformas digitais oferecem um espaço para grupos marginalizados e minoritários se organizarem e compartilharem suas experiências, desafios e demandas. Isso é especialmente relevante para coletivos juvenis das periferias, que muitas vezes são subrepresentados na mídia convencional e têm menos acesso aos canais tradicionais de participação política.

No entanto, é importante reconhecer que o ativismo virtual não substitui completamente a necessidade de ações de rua e engajamento presencial. Embora a internet ofereça novas possibilidades para a mobilização e organização, as manifestações físicas e ocupações de espaços públicos continuam sendo ferramentas poderosas para chamar a atenção da mídia e dos tomadores de decisão, além de criar um senso de comunidade e solidariedade entre os participantes. Nesta mesma linha de análise, nos deparamos com o coletivo @nosmulheresdaperiferia que utiliza a rede social como um espaço para aprender sobre questões relevantes para sua comunidade, como os problemas relacionados ao fornecimento de energia elétrica, e compartilhar essas aprendizagens com um público mais amplo, como podemos analisar a continuação do carrossel de postagens, abaixo.

**Figura 23** - Prints da sequência do carrossel sobre a falta de energia



**Fonte:** Prints coletados pelo pesquisador (2023)

Além disso, a postagem exemplifica as práticas de insurgências, que se referem às ações de resistência e contestação contra formas de opressão e injustiça. Ao denunciar publicamente a falta de energia elétrica e seus impactos nas comunidades periféricas de São Paulo, o coletivo @nosmulheresdaperiferia está se insurgindo contra a negligência das autoridades e das empresas responsáveis pelo fornecimento de energia. É importante ressaltar que o ativismo político nas redes sociais não se limita apenas à denúncia de problemas, mas também envolve a mobilização de recursos e apoio para promover mudanças efetivas.

**Figura 24** - *Print* dos comentários na postagem



**Fonte:** *Print* coletado pelo pesquisador (2023)

No primeiro comentário, o usuário utiliza o símbolo "@" para marcar a ENEL, a empresa responsável pelo fornecimento de energia elétrica. Essa prática demonstra um domínio das convenções de marcação nas redes sociais, onde o "@" é utilizado para direcionar uma publicação para um usuário específico, neste caso, a empresa. Essa estratégia busca chamar a atenção da ENEL para a postagem, sugerindo que o autor espera que a empresa veja o conteúdo e talvez se posicione sobre a situação relatada. Essa prática multiletrada demonstra uma compreensão do funcionamento das redes sociais como espaços de interação e engajamento, onde os usuários podem direcionar suas mensagens para diferentes públicos.

Já no segundo comentário, o internauta acrescenta detalhes específicos sobre a falta de energia, como o tempo que ficaram sem luz e água e em que região isso ocorreu. Além disso, ele demonstra empatia ao se identificar com a situação relatada na postagem. Essa prática multiletrada vai além da simples concordância com o conteúdo original, adicionando informações adicionais e pessoais que enriquecem a discussão e proporcionam uma maior compreensão da situação. Ao compartilhar sua própria experiência e situar o problema em um contexto geográfico específico, o internauta contribui para a ampliação do debate sobre a

questão da falta de energia.

Ambos os comentários exemplificam como as práticas multiletradas fortalecem a insurgência e a Educação Popular em/nas redes, promovendo a interação entre os usuários e estimulando o engajamento cívico. Ao utilizar técnicas como a marcação de usuários e a contextualização de experiências pessoais, os usuários contribuem para a construção de uma narrativa coletiva em torno de questões sociais e políticas, ampliando o alcance e o impacto do ativismo digital, que chamaremos, no próximo capítulo como narrativas de cidadania digital. Essa interação facilita a troca de conhecimentos, experiências e recursos entre os participantes.

Compreender as práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em redes é mergulhar em um universo multifacetado de resistência, desafio e contestação. Essas práticas não se limitam a simples atos de rebeldia, mas também nas manifestações profundas de engajamento cívico e consciência social que se desenvolvem nas entranhas das redes digitais. Um exemplo disso pode ser observado nas manifestações políticas organizadas por meio das redes sociais, como o exemplo abaixo, do perfil @slamdasminas.

O perfil @slamdasminas já no nome carrega uma poderosa mensagem de insurgência e pertencimento. O termo "slam" refere-se às batalhas de poesia falada, um espaço de expressão artística e política, e "das minas" ressalta a centralidade das vozes femininas, muitas vezes marginalizadas nos espaços públicos e digitais. A insurgência digital do @slamdasminas ocorre ao utilizar as redes sociais para amplificar as vozes das mulheres, especialmente mulheres periféricas e racializadas, que encontram nas redes um lugar de articulação, resistência e denúncia contra opressões estruturais como o racismo e o machismo.

As narrativas de cidadania digital que o coletivo constrói se articulam a partir de uma prática coletiva de fortalecimento de lutas e expressão, ao criar espaços de partilha de experiências e conhecimento a partir da poesia e da arte. Elas permitem que as participantes não apenas ocupem espaços digitais, mas criem redes de solidariedade, colaborando na construção de uma cidadania digital que reconfigura as dinâmicas de poder presentes nas redes. Por meio de suas postagens, batalhas de poesia *online* e eventos digitais, o @slamdasminas faz da arte uma ferramenta pedagógica e política.

Esse coletivo oferece práticas que exemplificam como a arte pode ser um meio de educação emancipatória. Assim como na educação popular freiriana, o @slamdasminas promove a conscientização crítica a partir da experiência vivida de mulheres e de suas relações com o mundo. A insurgência digital promovida pelo perfil cria um espaço de troca de saberes em que as participantes se educam mutuamente e constroem coletivamente uma cidadania crítica e transformadora.

**Figura 25** - Prints do carrossel da campanha da dignidade menstrual.



**Fonte:** prints coletados pelo pesquisador (2023).

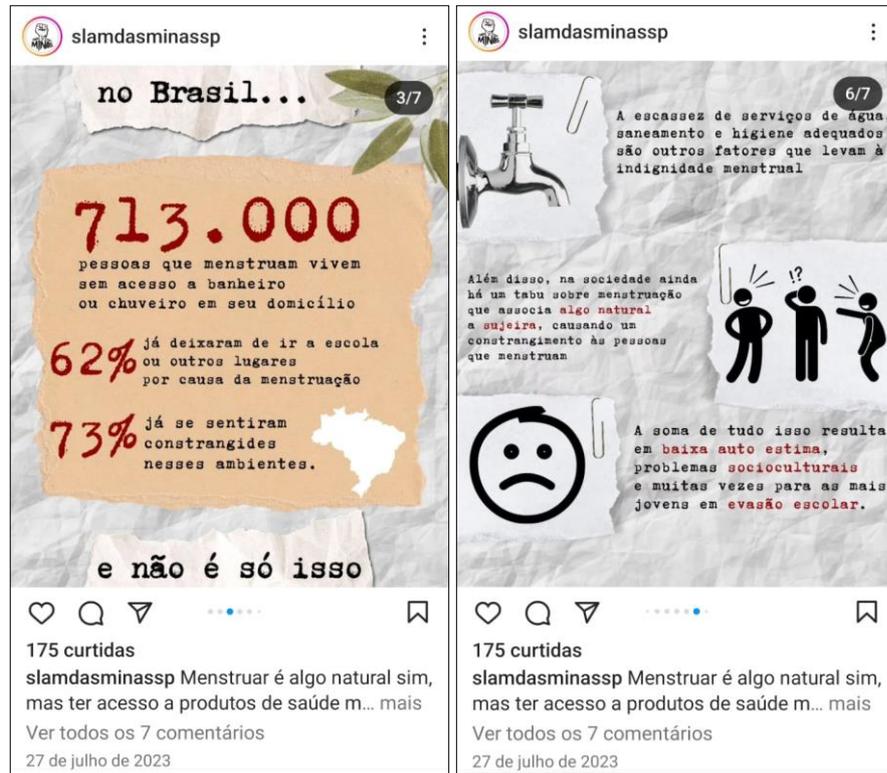
A postagem, em formato de carrossel, sobre dignidade menstrual no perfil do @slamdaminas exemplifica o uso das redes sociais como ferramenta para promover diálogos e engajamento político em torno de questões sociais relevantes, como a saúde menstrual. O coletivo juvenil Slam das minas utiliza sua plataforma digital não apenas para compartilhar arte e cultura, mas também para abordar temas importantes que afetam diretamente a vida das mulheres, especialmente as jovens.

No contexto das redes sociais, as aprendizagens em/nas redes referem-se ao processo de adquirir e compartilhar conhecimento através da interação e colaboração *online*. A postagem sobre dignidade menstrual oferece informações e recursos educativos sobre o assunto, contribuindo para o diálogo e a Educação do público sobre a importância da saúde menstrual, e os desafios enfrentados por muitas mulheres em relação ao acesso a produtos de higiene menstrual adequados.

Além disso, a postagem também exemplifica práticas de insurgências, que se referem às ações de resistência e contestação contra formas de opressão e injustiça. Ao abordar o tema da dignidade menstrual, o coletivo @slamdaminas está desafiando tabus e estigmas associados

à menstruação, bem como as desigualdades de gênero que perpetuam a falta de acesso a produtos de higiene menstrual e informações adequadas sobre saúde menstrual.

Figura 26 - Prints do carrossel da campanha da dignidade menstrual



Fonte: prints coletados pelo pesquisador (2023)

A partir da sequência do carrossel acima, analisamos que os dados estatísticos apresentados no primeiro *post*, revela que 713 mil pessoas que menstruam vivem sem acesso ao banho ou chuveiro doméstico, proporcionam uma oportunidade de aprendizado para o público. Essa informação chocante destaca a urgência da questão e incentiva a reflexão sobre as desigualdades socioeconômicas que afetam o acesso das mulheres a condições básicas de higiene e saúde. Essa aprendizagem em/nas redes é crucial para mobilização dos conhecimentos, “furando uma bolha” informacional em torno da causa da dignidade menstrual.

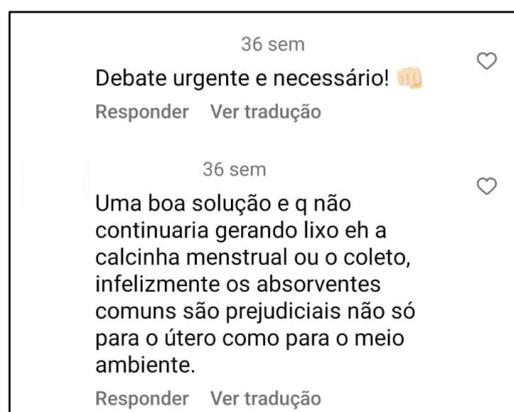
Já o segundo *post*, que aborda o persistente tabu em relação à menstruação e o uso do constrangimento contra as mulheres, revela a necessidade de desafiar as normas sociais e culturais que perpetuam a estigmatização da menstruação. Esse tipo de informação promove uma aprendizagem crítica sobre as dinâmicas de poder e opressão que estão por trás do tabu menstrual, encorajando as pessoas a questionarem e desafiarem essas narrativas prejudiciais. Além disso, ao expor essas questões, o *post* também atua como uma forma de insurgência,

desafiando ativamente os padrões de comportamento e pensamento que marginalizam as mulheres e suas experiências.

O ativismo social se expressa nesses posts através da divulgação de informações e na mobilização para ação. Os criadores estão desafiando ativamente os estigmas e tabus em torno da menstruação e defendendo a igualdade de acesso a condições básicas de higiene e saúde para todas as pessoas que menstruam.

No contexto da Educação Popular em/nas redes, esses *posts* exemplificam como o ativismo pode ser integrado à prática educativa. Ao fornecer informações e promover a discussão sobre questões sociais importantes, como a dignidade menstrual, os coletivos juvenis das periferias em/nas redes capacitam as pessoas a se tornarem agentes de mudança em suas próprias comunidades, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária. Essa iniciativa não apenas promove uma maior informação sobre o tema, mas também busca catalisar ações concretas para enfrentar os desafios relacionados à dignidade menstrual.

**Figura 27** - *Print* da interação com o post, por internautas



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023)

A segunda internauta revela uma consciência crítica ao abordar o tema da dignidade menstrual, propondo uma solução alternativa aos produtos menstruais convencionais. Ao destacar que as calcinhas menstruais ou coletores menstruais são opções mais saudáveis e sustentáveis em comparação com os absorventes comuns, ela desafia a desinformação que permeia a conversa sobre a menstruação e promove uma reflexão sobre o impacto dos produtos menstruais no corpo e no meio ambiente.

Além disso, ao mencionar que os absorventes comuns são prejudiciais não só para o útero, mas também para o meio ambiente, a internauta aponta para a falta de acesso a políticas públicas que incentivem o uso de produtos menstruais sustentáveis. Essa observação sugere

uma necessidade urgente de intervenção governamental para promover alternativas mais saudáveis e ecologicamente conscientes para o gerenciamento da menstruação e revela uma postura de ativismo social.

Assim, pudemos interpretar o comentário da internauta como uma forma de ativismo social, pois está promovendo uma mudança de comportamento e propondo uma reflexão em torno da questão da dignidade menstrual. Ao compartilhar informações sobre alternativas mais sustentáveis e saudáveis para o gerenciamento da menstruação, ela está contribuindo para a promoção da saúde das mulheres e a proteção do meio ambiente, o que demonstra um engajamento ativo em questões sociais relevantes.

Além disso, o comentário oferece uma oportunidade para aprendizagens em/nas redes, pois fornece informações valiosas sobre opções de produtos menstruais que podem ser mais seguros e ecologicamente corretos. Ao compartilhar essa informação, ela está contribuindo para a disseminação de conhecimento e diálogo entre seus seguidores e outros usuários das redes sociais, o que exemplifica a função educativa das plataformas digitais.

Nos parece que quando os jovens dos coletivos das periferias se unem para protestar contra injustiças sociais, eles não apenas estão desafiando as estruturas de poder estabelecidas, mas também estão construindo novas formas de participação política e exercício da cidadania. Esses movimentos não são apenas reações isoladas, mas sintomas de uma insatisfação mais ampla com o *status quo*, revelando as dinâmicas sociais, políticas e culturais que permeiam nossa sociedade.

Face ao exposto, no contexto contemporâneo, as redes sociais emergiram como espaços dinâmicos que transcendem fronteiras físicas, permitindo a interação e a mobilização de indivíduos em escala global. Este fenômeno é particularmente significativo para os jovens das periferias, que, historicamente, enfrentam desafios socioeconômicos e políticos que frequentemente os excluem dos processos decisórios e da participação cívica. Nesse cenário, se faz crucial examinar o papel transformador que o ativismo social e virtual desempenha na capacitação desses jovens, fornecendo uma voz ampliada e empoderando-os para enfrentar e transformar as realidades adversas que enfrentam.

Além disso, o ativismo social e virtual serve como uma ferramenta educacional poderosa, apesar dessa não ser sua real funcionalidade, capacitando os jovens das periferias a se informar sobre uma variedade de questões sociais, políticas e econômicas. Ao acessarem informações e perspectivas diversas, esses jovens desenvolvem habilidades críticas de pensamento e adquirem um entendimento mais profundo das estruturas de poder que moldam suas realidades. Esse processo orgânico, emergente e fora do contexto formal de Educação é

fundamental para capacitar os jovens a se tornarem agentes de mudança informados e engajados em suas comunidades.

Nessa mesma ótica, analisamos também que o processo de mobilização coletiva não apenas desafia as injustiças estruturais, mas também fortalece a confiança dos jovens em sua capacidade de influenciar o curso dos acontecimentos, pois por meio do ativismo social e virtual possibilita que os jovens das periferias resistam às opressões e reivindiquem sua autodeterminação, desafiando as narrativas dominantes e construindo novas formas de representação e participação.

Ao se engajarem em práticas de insurgência em/nas/com as redes, esses jovens afirmam sua identidade e agência, redefinindo os limites do que é possível dentro de suas comunidades. Nesse sentido, o ativismo social e virtual não é apenas uma ferramenta para promover mudanças externas, mas também um meio de proporcionar aos jovens a se tornarem líderes e agentes de transformação em suas próprias vidas e comunidades, onde todos os jovens têm a oportunidade de participar plenamente na vida cívica e política de suas comunidades.

#### **4.2 Histórias de vida e Empoderamento social**

A intersecção entre história de vida, empoderamento e práticas de insurgência tornou-se cada vez mais evidente, especialmente entre os coletivos juvenis que operam nas redes digitais. Este estudo visa aprofundar essa dinâmica, explorando como os indivíduos compartilham suas histórias de vida, constroem seu empoderamento e se engajam em práticas insurgentes, particularmente na defesa da Educação Popular em/nas redes.

Compreender as histórias de vida e o Empoderamento coletivo tornou-se essencial para entender as formas de resistência e transformação social, especialmente em um mundo cada vez mais conectado digitalmente. Os coletivos juvenis que se organizam nas redes emergem como agentes de mudança significativos, adotando estratégias inovadoras para defender suas causas. Nesse sentido, as histórias de vida dos membros desses coletivos contribuem para seu empoderamento e engajamento em práticas insurgentes. Ao entender como os jovens das periferias constroem suas identidades e se mobilizam para a ação coletiva através das redes digitais, podemos abrir caminho para intervenções mais eficazes e inclusivas no campo da Educação Popular e além.

Nesse cenário, Josso (2010) destaca que as histórias de vida não são apenas relatos individuais, mas também revelam aspectos coletivos, transmitindo realidades sociais e culturais que são compartilhadas por grupos inteiros. Quando aplicamos esse conceito aos coletivos

juvenis das periferias que usam das redes digitais, percebemos como as narrativas individuais se entrelaçam para formar um tecido social coletivo, onde as experiências de cada indivíduo refletem e são moldadas pelas condições mais amplas de sua comunidade e contexto socioeconômico.

Dentro desse contexto, as histórias de vida se tornam ferramentas essenciais para compreender as questões identitárias, as expressões da existencialidade e as lutas cotidianas por justiça e igualdade. Ao compartilharem suas experiências e desafios, os membros dos coletivos juvenis das periferias não apenas constroem uma narrativa pessoal, mas também contribuem para uma compreensão mais profunda das injustiças estruturais e das formas de resistência que permeiam suas vidas.

Através da interpretação e reflexão das histórias de vida desses jovens, podemos não só compreender suas trajetórias individuais, mas também identificar padrões comuns de opressão e marginalização que afetam suas comunidades. Isso possibilita uma análise mais ampla das estruturas sociais e políticas que perpetuam desigualdades e permite que sejam desenvolvidas estratégias eficazes de insurgência e transformação social, como por exemplo, o empoderamento social.

O empoderamento social de jovens em coletivos juvenis nas redes ganha profundidade ao considerarmos a citação de Joice Berth (2019), onde ninguém se empodera individualmente se o grupo não estiver empenhado. Essa frase ressalta a interdependência entre o Empoderamento coletivo dentro dos contextos de ativismo e engajamento comunitário. Quando aplicada aos coletivos juvenis das periferias que atuam nas redes digitais, essa postura dos jovens não é vista apenas uma questão de fortalecimento individual, mas também está intrinsecamente ligado à capacidade do grupo de se unir, compartilhar recursos e ampliar suas vozes coletivas.

Dentro dos coletivos juvenis, o empoderamento social se manifesta não apenas como um processo individual de reconhecimento de direitos e capacidades, como já comentamos, mas também como uma jornada coletiva em direção à autonomia, à participação cidadã e à tomada de decisões comunitárias, se tornando uma força transformadora, capaz de desafiar as estruturas de poder e promover mudanças significativas em suas comunidades.

Além disso, ainda podemos refletir sobre a importância de abordagens holísticas para o empoderamento social, que reconhecem a interconexão entre o indivíduo, o grupo e a comunidade em geral. Isso implica não apenas capacitar os jovens individualmente, mas também fortalecer as redes de apoio, criar espaços de diálogo e promover a participação ativa de todos os membros da comunidade na busca por justiça e igualdade. Vejamos, alguns

exemplos abaixo.

**Figura 28 - Prints do convite para o Pretarau (Sarau das Pretas)**



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023)

O nome do perfil @periferiaquele carrega um sentido de pertencimento e afirmação da identidade periférica, reforçando a importância de reivindicar e valorizar as vivências e culturas das periferias, principalmente por meio da leitura. A insurgência digital desse coletivo ocorre ao ocupar as redes sociais para narrar as histórias, as lutas e as resistências dos habitantes da periferia, que ganham visibilidade e protagonismo. A escolha do nome já sinaliza a intenção de romper com estereótipos e construir uma narrativa coletiva que dá centralidade às realidades muitas vezes invisibilizadas pelos grandes meios de comunicação, com leituras de mundos e de lutas.

As narrativas de cidadania digital que o @periferiaquele constrói se baseiam em potencializar vozes daqueles que são historicamente silenciados, criando materiais que abordam temas como direitos sociais, racismo, feminismo, e cultura periférica. Esse coletivo usa as redes para promover um senso de comunidade e pertencimento, conectando pessoas com experiências semelhantes e fortalecendo redes de apoio e conscientização. Ao fazer isso, o perfil não apenas comunica, mas educa ao compartilhar saberes, experiências e reflexões críticas sobre as

realidades sociais e políticas da periferia.

O *post* convite para o Pretarau, promovido pelo coletivo juvenil @periferiaquele, representa mais do que simplesmente um evento cultural. Ele é uma expressão poderosa de resistência e desenvolvimento nas periferias. Através desse convite, o coletivo utiliza as redes sociais como uma plataforma para compartilhar informações sobre um evento cultural que vai além do entretenimento. O Pretarau oferece uma oportunidade única para as participantes aprenderem sobre a história e a cultura afro-brasileira, além de promoverem a valorização da identidade negra. Esse tipo de aprendizado contextualizado e culturalmente relevante é fundamental para promover uma Educação que respeite e valorize as diversas experiências das comunidades periféricas.

Além disso, ao destacar a participação das pretas no Pretarau, o coletivo @periferiaquele está desafiando estereótipos e promovendo a representatividade dentro de suas comunidades. Isso é especialmente significativo no contexto das periferias, onde as mulheres negras muitas vezes enfrentam múltiplas formas de marginalização e invisibilidade. Ao dar visibilidade às vozes excluídas, o coletivo está fortalecendo a autoestima e a identidade das mulheres negras, contribuindo para uma maior inclusão e reconhecimento de suas contribuições para a sociedade.

No âmbito das discussões sobre empoderamento, é fundamental abordar a visão por Joice Berth (2019), já supracitada, que destaca a necessidade de compreender o empoderamento como um processo complexo que engloba mudanças tanto a nível individual quanto coletivo. Essas transformações, segundo essa abordagem, são interdependentes e inseparáveis. A ideia é que a busca por *empowerment* ocorra em um contexto comunitário que valorize a história de vida e o empoderamento dos membros.

Nesse mesmo raciocínio, Djamilia Ribeiro (2016, p. 100), aborda que enquanto “as mulheres brancas estavam engajadas na luta pelo direito ao voto e ao trabalho, as mulheres negras enfrentavam uma batalha ainda mais fundamental a busca pelo simples reconhecimento de sua humanidade”. Por isso, optamos por discutir e apresentar nessa análise apenas recortes que valorizem a história de vida e o empoderamento feminino como plano de fundo e central das reflexões. Ao abordar as lutas feministas, é imperativo considerar as particularidades das questões raciais, de sexualidade e de classe. Embora o gênero possa ser um fator unificador entre as mulheres, essas diferenças tendem a criar divisões e distâncias que não podem ser ignoradas.

Essa concepção também dialoga com os princípios pedagógicos de Paulo Freire (1980), que enfatiza a importância da consciência crítica como um elemento-chave do

empoderamento. Freire (1980) argumenta que a capacidade de analisar criticamente as próprias circunstâncias é essencial para que as pessoas se libertem de opressões e construam uma sociedade mais justa e igualitária.

Contudo, apesar desses ideais, é possível observar na atualidade uma série de obstáculos que limitam o alcance do empoderamento, especialmente no que diz respeito à população negra. Há um silenciamento persistente, marcado pela seletividade de voz e representatividade nos espaços de poder e nos meios de comunicação. Ademais, existe uma indisposição institucional que muitas vezes ignora as demandas e necessidades dessa comunidade, além de uma negação midiática e política que perpetua estereótipos e preconceitos.

Para Paz e Rodrigues (2019, p.2) com o advento das tecnologias digitais em rede, “os processos autorais de mulheres negras se atualizaram e se ampliaram através da escrita (blogs, redes sociais, etc.), da oralidade (*podcasts*, músicas, etc.) ou do audiovisual (clipes, vídeos, curtas, filmes, etc.) que circulam nas redes”. Analisamos, portanto, os processos autorais das mulheres negras vêm se expandido por meio de diferentes meios de comunicação, especialmente nas redes sociais, onde elas têm encontrado novas formas de expressão e de alcance para suas narrativas e experiências.

Essa análise revela uma dinâmica multifacetada na produção cultural das mulheres negras, que utilizam uma variedade de meios para compartilhar suas histórias e perspectivas. Além disso, o uso do audiovisual em clipes, vídeos e filmes proporciona uma dimensão visual e estética às narrativas das mulheres negras, possibilitando uma ampliação do impacto emocional e cultural de suas criações. Esses diferentes meios de expressão também têm o potencial de alcançar públicos diversos e globais, transcendendo barreiras geográficas e culturais e contribuindo para uma maior visibilidade e reconhecimento das vozes das mulheres negras na esfera pública.

Essa prática de promover eventos culturais nas redes sociais pode ser entendida como uma forma de Educação popular em/nas redes. Ao disponibilizar informações e recursos culturais de forma acessível e inclusiva, o coletivo está democratizando o acesso ao conhecimento e promovendo o diálogo sobre questões sociais e culturais relevantes para as comunidades periféricas. Além disso, ao criar espaços de diálogo e troca de experiências, essas iniciativas fortalecem os laços comunitários e promovem uma cultura de solidariedade e colaboração. Por fim, o convite para o Pretarau também pode ser interpretado como uma prática de insurgência nas redes sociais.

Ao promover eventos culturais que valorizam a cultura afro-brasileira e dão

visibilidade às mulheres negras, o coletivo está desafiando as narrativas dominantes e promovendo uma narrativa alternativa de empoderamento e resistência. Essa prática de insurgência é fundamental para desestabilizar as estruturas de poder existentes e promover uma maior inclusão e justiça social. Para a pesquisadora Djamila Ribeiro (2016, p.100):

Pensar como as opressões se combinam e entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se pensar outras possibilidades de existência. Além disso, o arcabouço teórico-crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas também sobre o modelo de sociedade que queremos (RIBEIRO, 2016, p. 100).

A autora enfatiza a importância de reconhecer e compreender as interseccionalidades das opressões, destacando como as diversas formas de discriminação se combinam e se entrecruzam, gerando novas formas de subjugação. Ela ressalta que pensar criticamente sobre essas interconexões é essencial para conceber alternativas de existência mais justas e inclusivas. Além disso, a autora destaca o papel crucial do feminismo negro como um arcabouço teórico e crítico que não apenas analisa as experiências das mulheres negras, que por si só é diversa, mas também oferece *insights* valiosos para repensar o modelo de sociedade que almejamos construir. Assim, observamos mais uma postagem, agora do coletivo @periferiapreta.

O nome @periferiapreta já traz uma mensagem poderosa de afirmação identitária e racial, colocando em destaque as experiências da população negra nas periferias. A insurgência digital desse coletivo ocorre ao ocupar as redes sociais para criar e disseminar narrativas que combatem a invisibilidade e a marginalização das vozes negras periféricas. Ao se apropriar das plataformas digitais, o @periferiapreta não apenas se insere no debate público, mas reivindica um espaço de protagonismo para discutir questões como racismo estrutural, cultura, resistência e identidade racial.

As narrativas de cidadania digital construídas por esse coletivo enfatizam a importância da visibilidade das histórias e lutas da população negra. Através de postagens que incluem debates sobre direitos, cultura e a realidade das periferias negras, o perfil promove um senso de pertencimento e solidariedade. O @periferiapreta utiliza as redes para educar e conscientizar, mostrando que a cidadania digital pode ser uma ferramenta de emancipação e transformação social, conectando as vivências da comunidade negra a um público mais amplo e estimulando o diálogo crítico sobre opressão e resistência.

**Figura 29** - Prints do cartaz de divulgação do Encontro para produção e troca de saberes

periferiapreta Salve, família! Na próxima quarta-feira (16), às 18h, acontece o penúltimo Encontro para Produção e Troca de Saberes deste ciclo, que terá como tema "Protagonismo feminino nas produções culturais"!

são as convidadas desta importante troca de ideias mediada por Thaís Oliveresi (Periferia Preta), que vai debater, a partir da trajetória das quatro produtoras, a atuação das mulheres no mercado da produção cultural, os desafios encontrados na área e as estratégias utilizadas por elas.

A transmissão do encontro é gratuita e ocorre no Facebook do Periferia Preta. Quem vem?

#trocadesaberes #periferiapreta

Ver todos os 2 comentários

9 de junho de 2021 · Ver tradução

**Fonte:** prints coletados pelo pesquisador (2023)

A postagem acima, figura 29, se revela como uma oportunidade valiosa de compreender o papel das redes digitais na construção de conhecimento e na promoção de mudanças sociais, especialmente no contexto das periferias urbanas. Primeiramente, é importante ressaltar que a própria realização da *live* pode ser interpretada como uma prática de insurgência. Ao proporcionar um espaço de discussão sobre a atuação das mulheres no mercado da produção cultural, os desafios enfrentados por elas e as estratégias que desenvolveram, o coletivo juvenil @periferiapreta está desafiando as narrativas dominantes e ampliando vozes que muitas vezes são excluídas. Esse tipo de iniciativa contribui para uma democratização do acesso ao conhecimento e para a valorização de experiências que, de outra forma, poderiam ser silenciadas.

Além disso, a utilização das *hashtags* #trocadesaberes e #periferiapreta sugere uma abordagem colaborativa e inclusiva, onde o compartilhamento de conhecimento é valorizado e incentivado. A *live* não é apenas uma transmissão unilateral de informações, mas um espaço de troca e diálogo, onde diferentes perspectivas e vivências são levadas em consideração. Esse formato promove aprendizagens coletivas e estimula a construção de redes entre os participantes.

No que diz respeito aos coletivos juvenis das periferias, a participação nesse tipo de iniciativa pode ter um significado profundo. Para esses grupos, que muitas vezes enfrentam uma série de desafios estruturais e sociais, a oportunidade de compartilhar experiências e aprender com os outros pode ser empoderadora. A *live* não apenas oferece informações e reflexões relevantes sobre o mercado da produção cultural, mas também inspira os jovens a se envolverem ativamente na construção de suas próprias narrativas e projetos.

Refletindo ainda sobre história de vida e empoderamento no viés feminino e negro no contexto das práticas de insurgência realizadas por coletivos juvenis das periferias em/nas redes, podemos observar como essas iniciativas estão alinhadas com os princípios destacados por Djamila Ribeiro (2016).

Ao compartilharem histórias de vida e promoverem o empoderamento dentro de suas comunidades, como por exemplo, em formato de *live* sobre o protagonismo nas produções culturais, esses jovens estão abordando as interseccionalidades das opressões, reconhecendo as diferentes formas de discriminação que afetam as pessoas em suas realidades periféricas. Eles também estão utilizando as redes sociais como ferramentas para desafiar essas opressões, construindo narrativas próprias e reivindicando espaços de expressão e representação, fazendo da emergência das redes, (novos) espaços de esperança, de luta.

Além disso, ao empoderar os jovens das periferias, esses coletivos não apenas estão transformando as vidas individuais dos participantes, mas também estão contribuindo para uma reconfiguração mais ampla do modelo de sociedade. Eles estão mostrando que é possível resistir e criar mudanças mesmo em meio a contextos adversos, questionando as estruturas de poder dominantes e promovendo uma visão mais inclusiva e igualitária da sociedade.

É possível observar como essa prática colabora com a nossa pesquisa, a Educação popular em/nas redes. Ao proporcionar um espaço de aprendizagem acessível e participativo, o coletivo @periferiapreta está contribuindo para a democratização do conhecimento e para a valorização das vozes periféricas. A *live* não se limita a uma transmissão passiva de informações, mas promove um engajamento ativo dos participantes, estimulando a reflexão crítica e o diálogo intercultural. Dessa forma, ela se alinha com os princípios da Educação popular, que busca empoderar os indivíduos e transformar as estruturas sociais por meio da construção coletiva do conhecimento.

Nessa outra postagem, no coletivo @nosmulheresdaperiferia, temos uma série de *reels* para representar a história de vida de mulheres que empreenderam ao longo da vida, uma organização da jornalista Mariana Oliviera, no âmbito do projeto Tamo Junta, revela uma estratégia para engajar e colaborar com jovens das periferias urbanas.

**Figura 30** - Prints do vídeo sobre histórias de mulheres empreendedoras.



Fonte: prints coletados pelo pesquisador (2023)

Ao destacar exemplos de sucesso de mulheres empreendedoras em diferentes negócios, o *reel* busca inspirar e fornecer modelos de papel para esse público-alvo. Essas narrativas não apenas ensinam resiliência e determinação, mas também despertam a reflexão sobre as oportunidades de desenvolvimento social, muitas vezes desconhecidas para jovens das periferias.

Nesse contexto, Siemens (2004, p.6) apresenta um dos princípios de aprendizagem em redes, como “a habilidade de enxergar conexões entre áreas, ideias (sic.) e conceitos é uma habilidade fundamental; atualização é a intenção de todas as atividades de aprendizagem conectivistas; e, a tomada de decisão é por si só, um processo de aprendizagem”. Através do *reels* que destaca histórias de mulheres empreendedoras, estamos testemunhando uma manifestação concreta da habilidade de estabelecer conexões entre áreas, ideias e conceitos. Essas mulheres estão desafiando as normas sociais e econômicas preexistentes, demonstrando criatividade e resiliência ao potencializaram seus próprios negócios.

Além disso, ao compartilhar essas histórias nas redes sociais, os coletivos juvenis das

periferias estão promovendo a atualização do conhecimento, inspirando outras mulheres a seguirem seus próprios caminhos empreendedores e desafiando estereótipos de gênero. Dessa forma, essa prática de insurgência não apenas empolga as mulheres trabalhadoras, mas também estimula uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e econômicas existentes.

Além disso, essa iniciativa promove um senso de comunidade e pertencimento ao conectar os jovens com histórias de sucesso dentro de sua própria comunidade. Isso não apenas fortalece os laços sociais, mas também motiva os jovens a contribuírem para o desenvolvimento local. A prática de destacar histórias de mulheres empreendedoras nas redes sociais também pode ser vista como uma forma de insurgência e Educação popular em/nas redes. Ao desafiar estereótipos e democratizar o acesso à informação e ao conhecimento sobre trabalho, essa iniciativa promove a mobilização coletiva.

Portanto, podemos afirmar que o verdadeiro empoderamento social dos jovens em coletivos juvenis nas redes digitais só pode ser alcançado quando o grupo como um todo está capacitado e engajado em sua luta por mudança. Essa abordagem coletiva e inspiradora não apenas fortalece os indivíduos dentro do grupo, mas também amplifica sua capacidade de influenciar e transformar as estruturas sociais e políticas que moldam suas vidas. Assim, as histórias de vida dos membros dos coletivos juvenis das periferias, quando vistas através da lente da insurgência, não apenas revelam as complexidades da existência humana, mas também se tornam instrumentos poderosos para a mobilização e ação coletiva em busca de mudança e empoderamento.

### **4.3 Redes comunitárias e solidárias**

A pandemia da COVID-19 representou um desafio sem precedentes para as comunidades das periferias, exacerbando as desigualdades sociais e econômicas já existentes. Frente às restrições de mobilidade, fechamento de negócios e serviços, e o aumento do desemprego, as populações periféricas enfrentaram uma crise em diversas áreas, que ameaçou não apenas sua saúde física, mas também sua segurança alimentar, sua estabilidade financeira e seu bem-estar emocional.

No entanto, em meio a esses desafios, testemunhamos uma notável demonstração de resiliência e solidariedade por parte das comunidades periféricas. Coletivos e redes locais se mobilizaram rapidamente para enfrentar a crise, adaptando-se às novas condições e encontrando maneiras criativas de apoiar uns aos outros. A colaboração e a cooperação se tornaram fundamentais para a sobrevivência, com indivíduos e organizações unindo forças para fornecer

alimentos, medicamentos, apoio emocional e informações sobre saúde.

As redes sociais e as tecnologias desempenharam um papel crucial nesse processo de reorganização e solidariedade. Ecologias on-line, híbridas, como redes sociais, aplicativos de mensagens e grupos de WhatsApp, se tornaram espaços vitais para a troca de informações e recursos.

Por meio dessas ferramentas, as comunidades puderam se manter conectadas, compartilhando notícias, orientações de saúde, solicitações de ajuda e histórias de inspiração. No entanto, é importante reconhecer que nem todos tiveram igual acesso a essas tecnologias. Disparidades digitais, como a falta de acesso à Internet ou dispositivos adequados, limitaram a participação de algumas pessoas nas redes de apoio *online*.

**Figura 31** - Print da campanha #partodascomunidades feita pelo perfil @vozdascunidades



**Fonte:** prints coletados pelo pesquisador (2023)

A postagem do coletivo juvenil @vozdascunidades, apresenta a campanha #partodascomunidades solicitando auxílio para famílias em situação de fome devido ao contexto pandêmico. Essa iniciativa ilustra vividamente a maneira como os coletivos juvenis estão utilizando as redes não apenas como ferramentas de comunicação, mas como espaços para

mobilização social e ação política.

A campanha #pratodascomunidades evidencia a capacidade das redes sociais de transcenderem fronteiras físicas e conectarem pessoas com objetivos comuns, neste caso, o combate à fome e à precariedade social. Esse fenômeno destaca a natureza emergente e adaptativa das redes, que se tornaram espaços de articulação política, de Educação e solidariedade. No contexto desta pesquisa, isso ressalta a importância de compreender as dinâmicas de formação e funcionamento dessas redes digitais, bem como seu impacto na construção de conhecimento coletivo e na ação social.

Além disso, a postagem reflete o papel fundamental da solidariedade e da rede comunitária na mitigação dos impactos da crise atual. Ao solicitar ajuda para famílias em situação de vulnerabilidade, o coletivo @vozascomunidades não apenas evidencia a solidariedade entre membros da comunidade, mas também promove uma cultura de cuidado mútuo e responsabilidade coletiva. Isso ressoa com os princípios da Educação Popular, que valoriza a participação ativa, a autonomia e a solidariedade como elementos essenciais para a transformação social.

Observamos nesta postagem um exemplo tangível das dinâmicas de aprendizagem e engajamento social que ocorrem nas redes digitais. Ela demonstra como as redes não são apenas espaços de consumo passivo de informações, mas sim ambientes ricos em oportunidades para a construção de conhecimento coletivo e a ação colaborativa. Como pesquisador, é crucial analisar como essas iniciativas emergem, se propagam e impactam as comunidades, bem como entender os mecanismos pelos quais as redes digitais podem ser mobilizadas para promover a justiça social e a transformação política.

As iniciativas como a campanha #pratodascomunidades emergem nas redes digitais a partir de uma variedade de fatores dinâmicos. Geralmente, elas têm sua origem na identificação de necessidades comuns dentro das comunidades, seja a fome em tempos de crise pandêmica ou outras formas de vulnerabilidade social. Líderes comunitários e ativistas frequentemente desempenham um papel fundamental na concepção e lançamento dessas iniciativas, aproveitando as plataformas online para amplificar suas mensagens e mobilizar apoio.

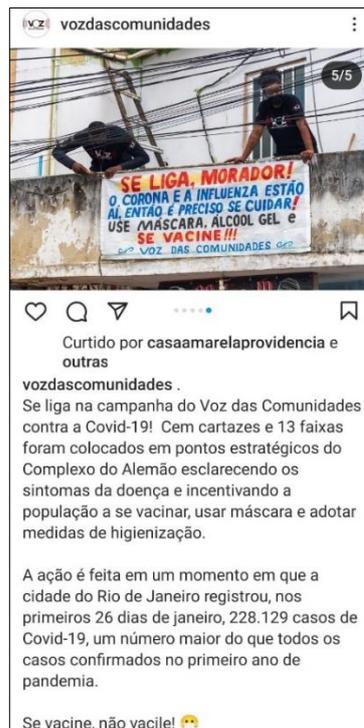
A propagação dessas iniciativas é impulsionada pela natureza viral das redes sociais. O uso estratégico de *hashtags*, compartilhamento de conteúdo e envolvimento de influenciadores digitais são elementos-chave na disseminação rápida e ampla das campanhas. À medida que as postagens ganham tração e são compartilhadas por uma ampla gama de usuários, elas alcançam públicos cada vez maiores e despertam interesse e engajamento em torno da causa. O impacto dessas iniciativas nas comunidades é multifacetado. Elas não apenas

augmentam o debate sobre questões sociais urgentes, mas também mobilizam recursos e apoio para aqueles em situações de vulnerabilidade. Além disso, essas campanhas promovem a solidariedade e o apoio mútuo entre membros da comunidade, fortalecendo os laços sociais e construindo redes de apoio resilientes.

Quanto aos mecanismos de mobilização das redes digitais para promover a justiça social e a transformação política, há uma variedade de estratégias em jogo. Isso inclui o uso estratégico de mídias sociais para organizar protestos, campanhas de mobilização e *advocacy online*. Além disso, as redes digitais têm o poder de conectar pessoas de diferentes origens e experiências em torno de causas comuns, possibilitando a formação de coalizões e movimentos sociais mais amplos e inclusivos.

Ainda nessa mesma temática da Covid-19, observamos mais uma postagem do @vozdascidades, propagando uma ação da comunidade como uma rede comunitária de cuidados em forma de manifestação por faixas com frases de reflexão e avisos sobre o autocuidado e cuidado no período pandêmico.

**Figura 32** - Print da campanha contra a Covid-19 no auge dos altos índices de contaminados no Rio de Janeiro.



**Fonte:** prints coletados pelo pesquisador (2023)

Frente ao exposto, Castells (2003, p.118) afirma que as redes possibilitam aos coletivos e aos movimentos “pensar localmente (respondendo aos seus próprios interesses e

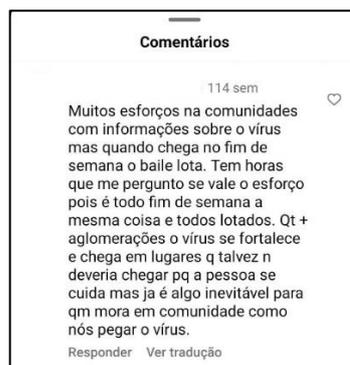
identidade) e agir globalmente (no nível que realmente importa hoje)”. Quando aplicamos essa perspectiva a um exemplo concreto, como o dos moradores que colam faixas de mobilização e reflexão sobre os cuidados no período pandêmico, podemos perceber claramente a insurgência de solidariedade e rede comunitária.

Essa ação local de colar faixas é uma resposta direta às necessidades e preocupações específicas da comunidade em meio à pandemia. Os moradores estão se organizando para conscientizar sobre a importância dos cuidados de saúde e prevenção, visando proteger a si mesmos e aos outros do vírus. Esta é uma manifestação tangível do pensamento local, onde os indivíduos respondem aos desafios imediatos que enfrentam em seu próprio contexto.

No entanto, ao mesmo tempo, essa ação também reflete uma consciência da interconexão global dos desafios enfrentados durante a pandemia. Ao reconhecer a importância dos cuidados individuais e coletivos para conter a propagação do vírus, os moradores estão contribuindo para um esforço global de saúde pública. Eles estão agindo localmente para fazer uma diferença em uma escala mais ampla, alinhando-se com a ideia de "agir globalmente" mencionada por Castells (2003).

Além disso, essa iniciativa exemplifica aprendizagens em/nas redes ao demonstrar como a mobilização comunitária pode ocorrer tanto em/nas redes digitais, como fora delas e chegando até elas. A disseminação das faixas e a discussão subsequente nas redes sociais ampliam o impacto da mensagem, alcançando não apenas os residentes locais, mas também pessoas de outras regiões e contextos. Isso destaca o potencial das redes digitais para ampliar e fortalecer a solidariedade e a rede comunitária, conectando indivíduos e grupos em torno de objetivos e preocupações comuns.

**Figura 33** - Comentário de uma internauta no post da campanha contra o Covid-19.



**Fonte:** *print* coletados pelo pesquisador (2023).

O comentário do morador, figura 33, oferece reflexões importantes sobre a dinâmica

complexa entre os esforços de mobilização comunitária, comportamentos individuais e as realidades socioeconômicas enfrentadas nas comunidades. O primeiro comentário que destacaremos é "muitos esforços na comunidade com informações sobre o vírus mas quando chega no fim de semana o baile lota. Tem horas que me pergunto se vale o esforço pois é todo fim de semana a mesma coisa e todos lotados" reflete a frustração de um morador diante da aparente discrepância entre os esforços de informação sobre o vírus e a persistência de comportamentos de risco, como frequentar bailes lotados nos finais de semana. Essa observação sugere uma tensão entre o diálogo coletivo e as práticas individuais, ressaltando a necessidade de abordagens mais holísticas e contextualizadas na promoção da saúde pública.

Por outro lado, o segundo trecho "pq a pessoa se cuida mais ja é algo inevitável para qm mora em comunidade como nós pegar o vírus" aponta para uma reflexão mais profunda sobre os desafios enfrentados pelas comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A pessoa expressa um sentimento de inevitabilidade em relação à possibilidade de contrair o vírus, dadas as condições de vida nas comunidades. Isso revela uma percepção de fatalismo ou resignação diante das circunstâncias, destacando as desigualdades estruturais que moldam as experiências individuais e coletivas de saúde.

Essas falas são pertinentes para o debate sobre insurgências, solidariedade e redes comunitárias, pois colocam em evidência as complexidades das interações sociais e das relações de poder dentro das comunidades. Por um lado, elas destacam a importância da solidariedade e da mobilização coletiva para enfrentar desafios comuns, como a pandemia. Por outro lado, elas também apontam para as limitações dessas estratégias diante das estruturas sociais mais amplas que perpetuam desigualdades e vulnerabilidades.

Nesse contexto, a emergência de uma Educação Popular em/nas redes se torna crucial. Essa abordagem reconhece a importância de envolver as comunidades no processo de informação e mobilização, ao mesmo tempo em que busca abordar as raízes estruturais das desigualdades. Através das redes digitais é possível facilitar o acesso à informação, promover o diálogo e a troca de experiências, e fortalecer os laços de solidariedade e apoio mútuo. No entanto, é fundamental que essas iniciativas sejam sensíveis ao contexto local e estejam alinhadas com as necessidades e realidades específicas das comunidades em questão.

Ainda sobre essa análise e temática, Sonia Fleury, renomada pesquisadora e professora emérita da Fundação Getúlio Vargas, juntamente com Palloma Menezes e Alexandre Magalhães oferecem valiosas contribuições, neste debate, por meio do estudo "Deslocando enquadramentos: coletivos de favelas em ação na pandemia" realizado em 2021, sobre as iniciativas desenvolvidas por moradores de favelas e seus coletivos em resposta à pandemia da

COVID-19. Em seu trabalho, Fleury, Menezes e Magalhães (2021) destacam o papel central dessas comunidades na garantia da subsistência, na comunicação comunitária, na prevenção, na produção de dados sobre incidência e comorbidade, bem como nas críticas ao poder público e na produção de planos de ação.

Em primeiro lugar, os autores (2021) ressaltam a importância das ações voltadas para garantir a subsistência dos moradores de favelas durante a crise. Diante do aumento do desemprego e da precarização do trabalho informal, muitos coletivos desenvolveram iniciativas de distribuição de alimentos, cestas básicas e itens de higiene, visando atender às necessidades básicas da população mais vulnerável.

Os pesquisadores ainda destacam a relevância da comunicação comunitária como uma ferramenta essencial para disseminar informações confiáveis sobre saúde e segurança. Os moradores de favelas e seus coletivos têm utilizado diversos meios, como rádios comunitárias, grupos de WhatsApp e redes sociais, para compartilhar orientações sobre prevenção, acesso a serviços de saúde e direitos durante a pandemia.

No que diz respeito à prevenção, os pesquisadores ressaltam a importância das iniciativas locais na promoção de medidas de higiene e distanciamento social. Muitos coletivos organizaram campanhas de mobilização, distribuição de máscaras e desinfecção de espaços públicos, contribuindo para conter a propagação do vírus dentro das comunidades.

Além disso, eles apresentam também o papel crucial dos moradores de favelas na produção de dados sobre a incidência e comorbidade da COVID-19 em suas regiões. Por meio de mapeamentos participativos, vigilância epidemiológica comunitária e parcerias com instituições de pesquisa, essas comunidades tiveram buscado compreender melhor a situação da pandemia em seu território e identificar as necessidades mais urgentes.

Por fim, Fleury enfatiza as críticas construtivas feitas pelos moradores de favelas ao poder público, bem como a produção de planos de ação para enfrentar a pandemia de forma mais eficaz. Essas críticas incluem demandas por políticas públicas mais inclusivas, acesso igualitário a serviços de saúde e investimentos em infraestrutura básica nas comunidades periféricas.

Não somente ações contra a Covid-19, observamos nos coletivos juvenis das periferias em/nas redes. Práticas sociais como arrecadação, doações, indicações também foram observadas com recorrências. Abaixo, trouxemos um exemplo de campanha literária de arrecadação de livros para a Biblioteca Viva a Palavra, organizada pelo coletivo juvenil @vivaapalavra, sendo a ação nomeada, por Campanha Ocupa Quintal.

O perfil @vivaapalavra pode ser analisado a partir de seu nome, que sugere uma

valorização da palavra como instrumento de expressão, resistência e transformação. O uso de "viva" carrega uma conotação de celebração e resistência, indicando que a palavra — seja falada, escrita ou performada — é algo vivo e dinâmico, que contribui para a construção de novas narrativas e realidades. Nesse sentido, a insurgência digital do @vivaapalavra acontece por meio da ocupação das redes para promover a importância da linguagem como ferramenta de transformação social.

As narrativas de cidadania digital que esse coletivo constitui estão centradas no uso da palavra como uma prática libertadora, especialmente em contextos onde as vozes são silenciadas ou marginalizadas. Ao compartilhar conteúdos que envolvem poesia, debates e reflexões sobre questões sociais, políticas e culturais, o @vivaapalavra transforma a linguagem em uma plataforma de conscientização e mobilização. Dessa forma, o perfil utiliza as redes para engajar seus seguidores em processos de reflexão crítica e ação coletiva, fortalecendo a noção de que a palavra é um ato político. Ao analisar esse coletivo, é possível teorizar como a palavra, no espaço digital, pode ser uma ferramenta de transformação e construção de uma educação inclusiva e emancipatória.

**Figura 34** - *Print* do post da campanha ocupa quintal realizada pelo coletivo @vivapalavra



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023)

A campanha "Ocupa Quintal", representa uma forma de insurgência contra as limitações estruturais enfrentadas pelas comunidades periféricas, como a falta de espaços culturais e educacionais adequados. Ao buscar ampliar seu espaço físico e acervo de livros, a Biblioteca Viva a Palavra estava reivindicando o direito à cultura e à Educação para os moradores das periferias, desafiando assim as desigualdades socioeconômicas e culturais.

Di Felice (2017, p.184) fala que “o ponto de partida é exatamente a localidade e a localização atópica”, destacando que o ativismo começava nas redes, expandindo-se para manifestações presenciais, mas mantendo conexão contínua com a documentação das ações e troca de informações on-line, incluindo acompanhamento espontâneo durante protestos, conectando-se globalmente. Essa perspectiva ressalta a importância de reconhecer o contexto local como ponto de origem e a necessidade de manter vínculos com redes mais amplas para maximizar o impacto e a visibilidade das ações.

No contexto da campanha da Biblioteca comunitária para arrecadar livros e ampliar seu espaço físico, essa abordagem é particularmente relevante. Os moradores podem ser incentivados a doar livros e recursos, e eventos podem ser organizados no espaço físico da biblioteca para promover a divulgação e arrecadar fundos.

No entanto, a campanha também pode se beneficiar da conexão com redes mais amplas. Isso pode envolver o uso das redes sociais para divulgar a campanha, alcançar um público mais amplo e inspirar apoio de pessoas fora da comunidade imediata. Além disso, a documentação das atividades da campanha e o compartilhamento on-line das práticas de sucesso podem inspirar e informar outros grupos e comunidades que buscam iniciar iniciativas semelhantes.

Assim, a campanha da Biblioteca comunitária não apenas exemplifica a importância de começar a partir da localidade específica, mas também ilustra como as ações locais podem ser amplificadas e conectadas a redes mais amplas por meio do uso estratégico das tecnologias digitais e das mídias sociais.

Isso demonstra como as práticas de ação local podem ter impacto global, contribuindo para um ativismo mais interconectado e eficaz, demonstrando, então, como a Educação popular em/nas redes pode ser emergente, potente e estruturada em ambiente *online*, permitindo o acesso a informações e oportunidades de participação para um público mais amplo.

Além disso, é importante considerar o significado dessa ação para os coletivos juvenis das periferias. A campanha "Ocupa Quintal" oferece uma oportunidade de engajamento ativo e participação na transformação de suas comunidades. Para os jovens das periferias, essa iniciativa representa mais do que simplesmente ampliar uma biblioteca - é um ato de

desenvolvimento, de reivindicação de espaços de expressão e aprendizado, e de construção de identidade cultural.

Por fim, exemplificaremos o poder que as redes dão às campanhas e as redes comunitárias envolvidas, a partir de um *post* “de prestação de contas” do coletivo @entreoceueafavela, sobre a campanha do Natal – viva o presente, tendo suas metas atingidas em menos de 30 dias de campanha, com o apadrinhamento de todas as crianças inscritas.

O perfil @entreoceueafavela carrega um nome que, de forma poética, reflete a dualidade e a complexidade da vida nas favelas. Ao posicionar "o céu" e "a favela" no mesmo campo simbólico, o nome sugere uma perspectiva que transcende a visão estigmatizada das periferias, ao mesmo tempo que celebra a força, a criatividade e a resiliência presentes nesses territórios. A insurgência digital desse coletivo acontece ao ocupar as redes sociais com o intuito de narrar as vivências e as resistências das favelas, criando um espaço que desafia estereótipos.

As narrativas de cidadania digital promovidas pelo @entreoceueafavela abordam as questões sociais e culturais das favelas, discutindo desde as lutas por direitos até as manifestações culturais que emergem desses territórios.

O perfil utiliza as redes para conectar pessoas e fortalecer laços comunitários, ao mesmo tempo que educa seus seguidores sobre as realidades da favela, mostrando como esses espaços são repletos de riqueza cultural e intelectual. Ao fazer isso, o coletivo contribui para a construção de uma cidadania digital crítica e engajada, permitindo que os sujeitos das periferias reivindiquem seus direitos e afirmem sua identidade.

O perfil utiliza a linguagem digital para promover uma educação colaborativa e emancipatória, onde as vozes das favelas são protagonistas. Analisar esse coletivo permite tecer teorias sobre como a educação popular nas redes digitais pode funcionar como um espaço de resistência, onde a cidadania digital é construída de forma horizontal e transformadora, em sintonia com as realidades das periferias urbanas.

Figura 35 - Prints do post da prestação de contas da campanha de Natal – Viva o presente.

entreoceueafavela

entreoceueafavela 📺📺📺 CAMPANHA "NATAL - VIVA O PRESENTE" ENCERRADA!!!

📺 Conseguimos arrecadar TODOS os passaportes para embarcar as crianças e adolescentes das nossas atividades de cultura, esporte e educação em uma jornada inesquecível na nossa celebração de fim de ano.

🥰 Foi incrível toda a mobilização que nós, junto aos nossos parceiros, fizemos para fechar a lista de passaportes garantidos para cada uma das crianças e, assim, proporcionar uma experiência única que marcará para sempre a memória dos nossos pequenos.

🌟 Fica registrado aqui o nosso mais sincero agradecimento aos que estiveram com a gente fortalecendo a campanha em todos esses dias. Que a esperança que vocês plantaram no Natal da Primeira Favela, floresça de volta multiplicada na vida de todos vocês!

13 respostas · Votar

11 de dezembro de 2023 · Ver tradução

64 doações diretas (2 pessoas físicas + 2 empresas)

Tivemos +500 compartilhamentos da campanha nas publicações do Instagram

Todas as 148 crianças confirmadas na festa foram apadrinhadas

Atingimos a meta com 26 dias de campanha ativa

20 crianças foram apadrinhadas por 1 única doadora

58 curtidas

entreoceueafavela 📺📺📺 CAMPANHA "NATAL - VIVA O PRESENTE" ENCERRADA!!!

Fonte: prints coletados pelo pesquisador (2023).

A emergência de práticas de cidadania insurgente entre coletivos juvenis das periferias tem se destacado como uma expressão resiliente e poderosa de resistência e transformação social. Estes coletivos, muitas vezes excluídas pelo sistema predominante, têm se organizado em redes comunitárias e solidárias, utilizando estratégias colaborativas para enfrentar os desafios estruturais que permeiam suas realidades.

Portanto, as aprendizagens dentro dessas redes, reforçamos que, são vastas e multifacetadas. Os coletivos juvenis das periferias aprendem a valorizar a diversidade de experiências e perspectivas, reconhecendo a importância do diálogo horizontal e da inclusão. Eles desenvolvem habilidades de liderança, comunicação e resolução de conflitos, fundamentais para a construção de uma coletividade forte e engajada. Além disso, essas redes proporcionam um espaço seguro para o compartilhamento de conhecimentos, experiências e recursos, promovendo o desenvolvimento pessoal e coletivo dos seus membros.

Nesse cenário, de Educação Popular em/nas redes, a atuação desses coletivos nos faz repensar sobre as práticas educativas, com suas bases na horizontalidade, no protagonismo e na construção coletiva do conhecimento, encontra nas redes comunitárias e solidárias um terreno fértil para florescer. Ao invés de conceber a Educação como um processo unidirecional de

transmissão de conhecimento, a abordagem nas redes valoriza a troca de saberes e a construção colaborativa do aprendizado. Isso permite que os participantes se tornem não apenas receptores passivos, mas agentes ativos na sua própria Educação e na transformação da sociedade.

#### **4.4 Histórias locais**

Ao considerar a prática da insurgência de histórias locais, é fundamental adotar uma abordagem multifacetada que reconheça tanto a importância da preservação e promoção da história e cultura locais quanto os fluxos gerados pelas e em redes sociais. Esta prática, enraizada nas histórias locais muitas vezes negligenciadas ou esquecidas. A compreensão do contexto sociohistórico no qual essas histórias estão inseridas é fundamental para essa análise, pois a investigação das estruturas de poder dominantes que historicamente marginalizaram ou silenciaram certas narrativas locais.

Por muitas vezes, as histórias das periferias se limitam a uma representação distorcida e estereotipada pela mídia, que tende a focar nos aspectos negativos, negligenciando as ricas nuances culturais, identitárias e locais de cada comunidade. Essa narrativa unidimensional não apenas exclui as vozes das periferias, mas também perpetua estigmas prejudiciais a verdadeira essência e contribuições desses espaços.

Em contrapartida, existe um vasto e diversificado conjunto de histórias emergentes das periferias que celebram sua riqueza cultural, identidade única e resiliência comunitária. Estas são tecidas com histórias de luta, superação e criatividade, que desafiam as visões simplistas e preconceituosas frequentemente retratadas na mídia convencional. Um aspecto fundamental dessas histórias é o fomento do cultural, que se manifesta através da música, dança, arte visual, literatura e outras formas de expressão. Nas periferias, a cultura é mais do que simples entretenimento; é uma ferramenta de resistência, empoderamento e afirmação da identidade. Por meio de festivais, exposições, campanhas, mobilização, protestos, performances e iniciativas comunitárias, as periferias afirmam sua voz e reivindicam seu lugar na tapeçaria cultural mais ampla da sociedade.

Além disso, as histórias locais são intrinsecamente identitárias, refletindo as experiências, valores e tradições únicas de cada comunidade. Elas desafiam a noção de uma identidade homogênea das periferias, reconhecendo a diversidade de histórias e perspectivas dentro desses espaços. Ao destacar as vozes excluídas e subrepresentadas, essas oferecem uma visão mais autêntica e inclusiva das periferias, desafiando os estereótipos simplistas que as cercam.

O aspecto local também é essencial nessas histórias, pois elas são enraizadas nas realidades específicas de cada comunidade. Elas exploram as complexidades da vida nas periferias, desde as lutas diárias até as pequenas vitórias que permeiam esses espaços. Ao destacar as histórias locais, promovemos uma compreensão mais profunda e contextualizada das periferias, desafiando as narrativas dominantes que tendem a retratá-las de forma homogênea e negativa. É imperativo que essas sejam valorizadas, amplificadas e celebradas como parte integrante do panorama cultural e social mais amplo, como na figura 36, abaixo:

**Figura 36** - *Print* do post em divulgação do nome do quintal em homenagem a dona Madá



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023)

A postagem que homenageia Dona Madá<sup>67</sup> ao nomear um quintal em Sapopemba, São Paulo, através do coletivo @periferiapreta, é um exemplo inspirador de como a memória local e a identidade cultural podem ser preservadas e celebradas por meio de iniciativas comunitárias.

O ato de nomear o quintal em homenagem a Dona Madá não apenas reconhece sua contribuição para a comunidade, mas também destaca sua importância dentro da história local. Isso ressalta a valorização das figuras locais, muitas vezes esquecidas ou marginalizadas em narrativas mais amplas. Dessa forma, a iniciativa não apenas honra Dona Madá, mas também

<sup>67</sup> Link do vídeo com o depoimento da Dona Madá- <https://www.instagram.com/p/CxRC6zzP4jQ/>

enriquece o tecido social da comunidade, fortalecendo os laços entre seus membros e reafirmando sua identidade coletiva.

Nos versos saudosos e representativos de Cassia Caneco, @cassiacaneco, garimplado em nossas notas de itinerâncias, dona Madá é vista como uma mulher ativista preta de muitas batalhas e vitórias.

“Com garrafada, fumo e benzimento  
 com viga, tijolo e cimento  
 trazemos Madá  
 símbolo de novo  
 dizemos de como ela  
 e outras ainda  
 irmanadas no elo estratégico com outras ancestrais  
 nos sopraram a vida e o jeito de viver  
 no grito de luta e no cochicho do rezo  
 dizendo pra fia de índia e de preta  
 que fé no mato é remédio  
 que o alicerce  
 parede e teto que abriga o corpo  
 é parte da cura  
 que cuida mais que nervo torcido  
 e quebranto  
 eventre virado  
 e espinhela caída  
 não tem trem que tire  
 o que toda gente e todo benzo plantou nesse chão  
 amém  
 axé “

@cassiacaneco (2023)

O texto nos remete a uma profunda conexão com as tradições e práticas culturais das comunidades periféricas, destacando a figura de Dona Madá como símbolo dessa herança. Ao mencionar elementos como garrafada, fumo, benzimento, viga, tijolo e cimento, o poeta ressalta não apenas a materialidade da vida nas periferias, mas também a espiritualidade e sabedoria transmitidas através das gerações.

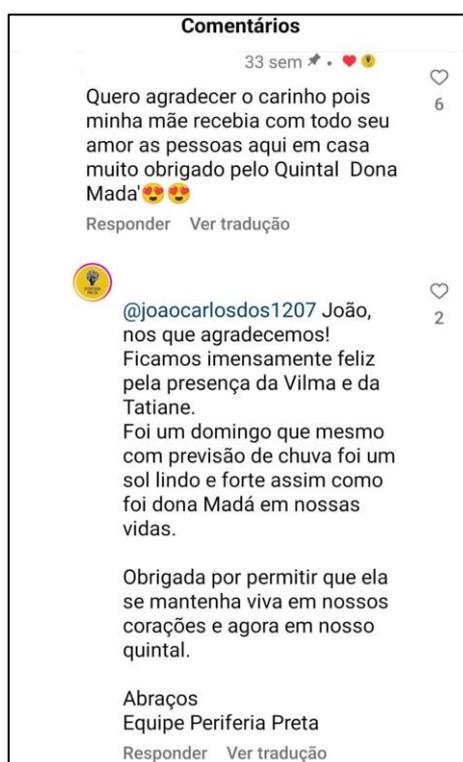
A referência às práticas de cura e proteção, como o benzimento, e a valorização do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais evidenciam a importância das histórias locais para a saúde e o bem-estar das comunidades, oferecendo uma visão holística do cuidado com o corpo e o espírito.

Ainda nessa ótica, o poema destaca a resistência e a resiliência dessas comunidades, representadas pelo "grito de luta" e pelo "cochicho do rezo". Essa dualidade entre a ação direta e a espiritualidade reflete a complexidade das experiências periféricas e a necessidade de diferentes formas de enfrentamento e sobrevivência. Ao reconhecer e celebrar figuras como

Dona Madá e suas práticas, o poema reafirma a importância de preservar e valorizar as histórias locais das comunidades periféricas, não apenas como fonte de identidade cultural, mas também como fonte de resistência e fortalecimento coletivo.

Além disso, a homenagem para Dona Madá também destaca a importância da memória e da preservação histórica. Ao fazer isso, o coletivo @periferiapreta está reconhecendo e preservando uma parte da história local que poderia facilmente ser perdida ou esquecida ao longo do tempo. Isso é crucial para garantir que as gerações futuras tenham acesso à sua herança cultural e compreendam a importância das figuras e eventos que moldaram sua comunidade.

**Figura 37** - Comentário de um internauta no post de homenagem da Dona Madá.



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023)

A interação entre o internauta e o coletivo Periferia Preta reflete a importância das histórias locais e das iniciativas comunitárias na construção de identidades e no fortalecimento de laços sociais. O internauta expressa sua gratidão pelo acolhimento proporcionado pelo Quintal Dona Madá, evidenciando o impacto positivo que esses espaços têm na vida das pessoas da comunidade.

Por sua vez, o coletivo responde de maneira calorosa, agradecendo a presença dos membros da família do internauta no evento realizado no quintal e destacando a relevância da

figura de Dona Madá na memória coletiva. Essa troca de mensagens demonstra como as histórias locais, como a de Dona Madá, podem inspirar ações comunitárias e fortalecer os laços entre os membros de uma comunidade, promovendo uma insurgência cultural que valoriza e preserva as tradições locais.

Além disso, a interação também evidencia o poder transformador das iniciativas comunitárias, como o Quintal Dona Madá, na insurgência contra narrativas hegemônicas e na promoção de espaços de acolhimento e celebração da cultura local. Ao reconhecer e valorizar a contribuição da mãe do internauta e da figura de Dona Madá, o coletivo Periferia Preta não apenas resgata a memória dessas importantes figuras da comunidade, mas também reforça a importância de espaços de encontro e troca que promovam o diálogo intergeracional e a preservação das histórias locais.

Assim, essa interação exemplifica como as iniciativas comunitárias podem ser ferramentas poderosas de insurgência cultural, reafirmando a importância das histórias locais na construção de identidades e na promoção de uma cultura inclusiva e diversificada.

Em termos de aprendizagem em redes, essa iniciativa exemplifica como histórias locais podem servir como poderosos pontos de conexão e aprendizado para comunidades mais amplas. Ao compartilhar a história de Dona Madá e o significado de sua homenagem, o coletivo não apenas educa seus próprios membros, mas também amplia o conhecimento sobre a rica diversidade cultural e histórica das periferias urbanas.

Quanto às insurgências, iniciativas como essa demonstram a capacidade de os jovens das periferias reivindicarem e afirmarem suas identidades e histórias, desafiando narrativas dominantes e estereótipos negativos associados às comunidades marginalizadas. Ao nomear o quintal em homenagem a uma figura local, o coletivo não apenas desafia a invisibilidade dessas comunidades, mas também oportuniza aos jovens a se tornarem agentes de mudança em suas próprias realidades, reivindicando espaços e narrativas que lhes são próprios. Essas histórias locais não são apenas fontes de aprendizado, mas também catalisadores de insurgências e desenvolvimento para os coletivos juvenis, reafirmando sua presença e contribuição para a sociedade em geral.

Na mesma perspectiva, nos deparamos com uma forte e histórica manifestação pela lagoa Itaperaoba, nos entornos da comunidade da Serrinha, em Fortaleza/Ce. O Movimento pela Proteção da Lagoa Itaperaoba na comunidade da Serinha, em Fortaleza, é uma expressão vívida do poder coletivo em prol do meio ambiente local. Situada em uma área de significativa importância ecológica e cultural, a lagoa desempenha um papel crucial na sustentabilidade ambiental e no bem-estar das comunidades circunvizinhas.

Este movimento nasceu da preocupação dos moradores locais e de ativistas ambientais com a preservação desse recurso natural vital. No entanto, a lagoa enfrenta ameaças crescentes devido à urbanização desenfreada e à poluição resultante de atividades humanas e um decreto 13.286, de 14 de janeiro de 2014 onde discorre que a lagoa faz parte de um parque urbanizado da cidade.

**Figura 38** - *Prints* dos posts sobre as mobilizações em defesa da Lagoa de Itaperoba.



**Fonte:** *Prints* coletados pelo pesquisador (2023)

Na figura 38, postagem do coletivo @vivapalavraa, observamos a organização de uma frente em defesa da Lagoa de Itaperoba, O movimento pela proteção da lagoa busca sensibilizar a população local, as autoridades governamentais e a sociedade em geral sobre a importância de conservar e restaurar esse importante recurso natural. Por meio de campanhas, ações de limpeza, advocacia ambiental e engajamento comunitário, os membros desse movimento estão trabalhando incansavelmente para promover ações concretas de preservação e revitalização da lagoa.

Além disso, o movimento busca promover a biointeração da região, incentivando práticas que conciliem o crescimento econômico com a proteção do meio ambiente. Isso envolve a implementação de políticas públicas adequadas, o estabelecimento de áreas de proteção ambiental e a promoção de práticas agrícolas e urbanas sustentáveis. Em um relatório

feito pelos movimentos dos coletivos e da comunidade em prol da Lagoa, publicado na tese de Doutorado do professor Antônio Oziêlton Sousa (2021), no anexo E– RELATO DO GRUPO DE TRABALHO, páginas 300 a 311, onde destacamos as principais reivindicações locais:

- a) Novo modelo de drenagem para solucionar os graves alagamentos na Rua Benjamin Franklin e na Travessa Santo Onofre;
- b) Recuperação do calçamento (sem asfalto);
- c) Retirada do entulho deixado dentro da Lagoa pela empresa Resumo Construções;
- d) Reconstrução da pista de capoeira, com iluminação;
- e) Construção da Praça Ecológica Guaribal em frente à Rua Padre Nóbrega, com academia de ginástica;
- f) Replanteio de 50 árvores nativas e frutíferas na A. P. A. da Lagoa de Itaperaoba em consequência do arboricídio executado pela empresa Resumo Construções, com canteiros para plantas medicinais.
- g) Garantia de término da obra, dizendo o que vai ser feito e quando será feito. (SOUSA, 2021, p. 311).

Ao analisarmos os pedidos de reclamações da comunidade, é evidente a complexidade e a diversidade das questões levantadas, refletindo as preocupações e necessidades dos moradores locais. A demanda por um novo modelo de drenagem para resolver os recorrentes alagamentos na Rua Benjamin Franklin, e na Travessa Santo Onofre, indica uma preocupação primordial com a infraestrutura urbana e a qualidade de vida dos habitantes, exigindo soluções eficazes e sustentáveis para lidar com os desafios decorrentes das mudanças climáticas e do crescimento urbano desordenado.

Além disso, os pedidos de recuperação do calçamento sem asfalto, retirada do entulho depositado na lagoa pela empresa Resumo Construções e reconstrução da pista de capoeira com iluminação destacam a necessidade de preservação ambiental e revitalização de espaços públicos de lazer e cultura. Estas demandas refletem a importância de políticas públicas integradas que considerem tanto a infraestrutura urbana quanto a conservação ambiental, promovendo a biointeração que atenda às necessidades presentes sem comprometer o bem-estar das futuras gerações, bem como proteção a um espaço que marca memória e identidade da comunidade.

“As lutas e conquistas, protagonizadas pelos mais diversos movimentos sociais e coletivos culturais da Serrinha, constituem-se como processos educativos amplos, gerados nos letramentos de insurgência. São práticas sociais que propiciam a construção de uma consciência histórica quanto à necessidade de utilizar as diversas linguagens como prática social, a fim de contribuir para a transformação da sociedade” (SOUSA, 2021, p.235).

O autor evidencia a importância das práticas sociais na construção de uma consciência histórica e na promoção da transformação da sociedade. Nesse sentido, as práticas

de insurgência, que envolvem a resistência e a luta contra injustiças e opressões, desempenham um papel fundamental no debate e reflexão das comunidades sobre questões locais e na busca por mudanças significativas. No contexto da lagoa Itaperaoba e sua comunidade circundante, as práticas de insurgência podem ser vistas como uma resposta às ameaças ambientais e socioeconômicas que afetam diretamente a vida dos moradores.

Assim como, a ideia de prática de insurgência por meio da valorização das histórias locais que desempenha um papel crucial na consolidação da identidade e na mobilização das comunidades. No caso da lagoa Itaperaoba, a história local pode ser um elemento unificador para os residentes, destacando a importância cultural, econômica e ambiental desse recurso natural. Ao reconhecer e valorizar essa história, a comunidade podem fortalecer seu senso de pertencimento e promover a preservação da lagoa como parte integrante de sua identidade coletiva.

Ao utilizar diversas linguagens como prática social, como mencionado na citação, as comunidades podem amplificar suas vozes e aumentar sua capacidade de influenciar mudanças, por meio de suas histórias locais. Isso pode envolver a utilização de arte, música, mídia e outras formas de expressão para sensibilizar o público, mobilizar apoio e pressionar por ações concretas em prol da proteção da lagoa Itaperaoba e do meio ambiente em geral. Essas práticas não apenas promovem a cidadania, mas também capacitam as comunidades a se tornarem agentes ativos na transformação de sua realidade local e na construção de um futuro mais sustentável e justo.

Ilustramos essa subcategoria de práticas de insurgência, por meio da história local, a memória e homenagem a dona Madá, a luta pela proteção ao território ambiental e cultural da comunidade, a lagoa de Itaperaoba e por fim, a ideia de história local por meio dos motivos que fazem os insurgentes se identificarem com suas comunidades. Abaixo, temos uma postagem do coletivo juvenil @entreoceueafavela que demonstra essa terceira perspectiva, como nas imagens abaixo.

Figura 39 - Prints dos posts da campanha #euamoProvidência



Fonte: prints coletados pelo pesquisador (2023)

A campanha #EuAmoProvidência é uma iniciativa inspiradora que visa celebrar e valorizar a comunidade da Providência. Ela desafia os estereótipos negativos associados às favelas, promovendo um senso de orgulho e pertencimento entre os moradores. Ao destacar a Providência como a primeira favela do Brasil e um verdadeiro museu vivo de memórias e resiliência, a campanha reconhece e preserva as histórias locais, combatendo a marginalização muitas vezes imposta às comunidades periféricas.

Nessa mesma ótica, a campanha promove a conexão e colaboração entre os jovens da comunidade, incentivando o uso da *hashtag* #EuAmoProvidência. Essa iniciativa facilita a aprendizagem em redes por coletivos juvenis das periferias, permitindo que compartilhem suas perspectivas e experiências, podendo levar a uma maior “viralização” sobre as questões locais e ações coletivas para promover mudanças positivas.

Ao enfatizar a pergunta "O que você ama na Providência?", a campanha promove um senso de reconhecimento e valorização entre os moradores. Essa abordagem fortalece os laços sociais dentro da comunidade, incentivando os residentes a se engajarem ativamente na melhoria de sua comunidade e na construção de uma comunidade coesa e resiliente. A campanha #EuAmoProvidência é uma poderosa demonstração de amor e orgulho pela comunidade, destacando sua importância e potencial para o mundo.

**Figura 40** - Prints da continuação (carrossel) da postagem sobre a campanha #EuAmoProvidência



Fonte: prints coletados pelo pesquisador (2023)

Na figura 40, ao expressarem seus sentimentos de amor pela comunidade, os moradores ao invés de aceitarem passivamente os estigmas sociais, eles reivindicam sua identidade e pertencimento ao Morro da Providência, destacando aspectos positivos e valorosos de sua vivência. Isso reflete uma ação consciente de valorização ao lugar onde vivem e a sua história local, onde os moradores se colocam como agentes ativos e insurgentes na construção de uma narrativa própria e positiva sobre sua comunidade.

A valorização da história local também é evidente nas falas dos moradores. Ao mencionarem atividades cotidianas, como soltar pipa, apreciar a vista panorâmica ou desfrutar da convivência com os vizinhos, eles ressaltam elementos que são específicos e significativos para a cultura e identidade do Morro da Providência. Essas experiências cotidianas não apenas celebram a singularidade do local, mas também reforçam os laços de pertencimento e de integração entre os residentes, fundamentais para a coesão social e o fortalecimento da comunidade.

Por fim, as referências à união e colaboração para melhorar as condições locais evidenciam a importância das aprendizagens em redes. Ao reconhecerem a necessidade de se unirem para enfrentar desafios e buscar melhorias, os moradores demonstram uma compreensão da importância das conexões sociais e da colaboração coletiva. Essa mentalidade

coletiva é essencial para a mobilização comunitária e para a construção de uma comunidade mais resiliente e capaz de promover mudanças positivas.

Face ao exposto, é importante ressaltar a profunda influência que essas iniciativas exercem na Educação popular em/nas redes. Essas postagens, ao compartilharem histórias locais e insurgências, desempenham um papel crucial no fortalecimento da identidade, como já mencionado, dos jovens das periferias. Ao destacarem suas lutas e conquistas, esses coletivos inspiram outros a se envolverem em ações de mudança e a se unirem em prol de um objetivo comum, pensando do local para o global.

Além disso, as postagens servem como espaços de Educação não formal, onde o aprendizado acontece por meio de experiências compartilhadas e reflexões coletivas. Ao contar suas próprias histórias de resistência e superação, os coletivos juvenis em/nas redes constroem uma compreensão mais profunda de suas realidades e das estruturas sociais que as moldam. Essas postagens alcançam um público mais amplo do que os espaços físicos tradicionais, permitindo que as vozes das comunidades periféricas sejam ouvidas e reconhecidas em escala global. Isso é essencial para combater a distorção e o silenciamento das narrativas dessas comunidades pela mídia dominante.

#### **4.5 Considerações sobre as práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em redes**

Assim, ao reconhecer o papel das redes sociais como espaços de insurgência e aprendizagem, podemos vislumbrar o potencial transformador desses movimentos para a promoção da justiça social e o empoderamento das comunidades marginalizadas. A Educação popular em/nas redes se revela, então, como uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva, onde todos podem ter espaços para uso da voz e oportunidade de participar ativamente na construção de seu próprio destino.

As redes, espaços colaborativos, facilitadas pelas tecnologias digitais fortalecem novos agentes mediadores e criadores de narrativas, os quais emergem como uma voz política "fora do lugar" (BENTES, 2009). Estes não derivam de instituições estabelecidas como a universidade, a escola, o Estado, a mídia tradicional ou partidos políticos, mas de indivíduos que transicionam de meros "objetos" a sujeitos ativos do discurso e contribuem com uma renovação do político, e com os discursos mais contundentes sobre racismo, violência policial, pobreza e concorrem com os discursos da Educação formal e da mídia tradicional.

Essa análise pode ser relacionada à proposta de uma Educação popular em/nas redes, que surge de forma orgânica e emergente pelos coletivos juvenis das periferias. Assim como os

novos mediadores mencionados, esses coletivos juvenis utilizam as tecnologias digitais para amplificar suas vozes e produzir narrativas que refletem suas realidades e experiências. Ao se apropriarem das redes sociais e outras plataformas digitais, esses grupos não apenas desafiam as narrativas hegemônicas impostas pela mídia convencional, mas também promovem uma Educação popular que se baseia na troca de saberes, na valorização das vivências locais e na construção coletiva do conhecimento.

Dessa forma, os coletivos juvenis das periferias, ao atuarem como mediadores e produtores de narrativas políticas-sociais-culturais em um ambiente digital, contribuem para uma renovação do discurso político, trazendo à luz questões sociais relevantes e promovendo uma maior inclusão e diversidade no debate público.

Essa prática reflete uma forma de Educação popular em/nas redes que se caracteriza pela horizontalidade, pela participação ativa e pela busca por uma maior representatividade e empoderamento das comunidades marginalizadas. As práticas de cidadania insurgente e aprendizagens em redes não são apenas fenômenos isolados, mas expressões poderosas de uma nova forma de se pensar e praticar a participação cívica.

Ao explorar essas dinâmicas sociais nas redes digitais, somos confrontados com a urgência de repensar nossas estruturas sociais e políticas, e de reconhecer o potencial transformador dos movimentos populares emergentes.

## 5 “PEGA A VISÃO<sup>68</sup>”: AS NARRATIVAS DE CIDADANIA DIGITAL DOS COLETIVOS JUVENIS DAS PERIFERIAS

As narrativas de cidadania digital oferecem um panorama multifacetado das experiências e atividades que moldam a participação cidadã em/nas redes. Além de simples relatos de engajamento, essas narrativas refletem uma interseção entre tecnologia, cultura e política, destacando a capacidade de coletivos juvenis das periferias de catalisar mudanças sociais e políticas, por meio da Web.

Nessa abordagem, convergem as proposições de Di Felice (2009) sobre a cidadania digital, enraizada na interseção entre tecnologia, sociedade e cultura, e a compreensão das formas inovadoras de engajamento político e social emergentes das dinâmicas digitais contemporâneas. “Nasce, assim, o conceito de Atopia (...) como outro ecossistema, construído através das interações férteis de tecnologias informativas, territorialidades e vidas, que advém através dos fluxos de arquiteturas informativas” (DI FELICE, 2009, p.299).

Os coletivos juvenis das periferias muitas vezes se encontram à margem dos espaços tradicionais de poder e influência, mas têm se destacado na construção de novas formas de participação cidadã e expressão digital. Suas narrativas muitas vezes refletem uma consciência aguçada das dinâmicas sociais e políticas em seus territórios, bem como uma compreensão profunda do papel das tecnologias digitais na transformação desses espaços.

Dentro desse contexto, as narrativas de cidadania digital produzidas por esses coletivos podem ser vistas como manifestações do conceito de Atopia. Ao se apropriarem das ferramentas digitais para contar suas histórias, expressar suas demandas e mobilizar suas comunidades, esses jovens estão criando novos ecossistemas informacionais que transcendem as fronteiras físicas e desafiam as narrativas dominantes sobre quem pode participar e contribuir para o debate público.

A perspectiva de Di Felice (2009) sobre a cidadania digital ressoa com a ideia de que as tecnologias da informação não são meramente instrumentos neutros, mas atores ativos na construção e na transformação das interações sociais, políticas e culturais. Assim, ao examinar as narrativas de cidadania digital, é imperativo considerar o papel central das tecnologias digitais na reconfiguração das dinâmicas de poder, na amplificação de vozes excluídas e na

---

<sup>68</sup> Pega a visão" é uma gíria originária do contexto periférico e amplamente utilizada em comunidades periféricas no Brasil. A expressão tem origens na linguagem coloquial e é frequentemente empregada para transmitir a ideia de atenção, compreensão ou entendimento sobre determinada situação, tema ou mensagem. A expressão "pega a visão" foi utilizada para destacar a importância de compreender as narrativas de cidadania digital dos coletivos juvenis das periferias.

facilitação de novas formas de expressão e participação cívica.

O ambiente digital, organizado em redes, é um espaço dinâmico onde se encontram humanos e não-humanos, natureza e tecnologia, indivíduos e avatares, mitos e ritos, tempo e espaço. Essa complexa interação cria um organismo vivo em constante transformação. Assim como o ambiente digital é composto por diversos elementos interagindo entre si, as narrativas de cidadania digital dos coletivos juvenis das periferias também são formadas por uma variedade de vozes, perspectivas e experiências. Essas narrativas não são estáticas; elas evoluem e se adaptam conforme os jovens interagem entre si e com outros atores no ambiente digital.

“A narrativa transmídia (*transmedia storytelling*) refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento. A narrativa transmídia é a arte de criação de um universo” (JENKINS, 2009, p.49).

É crucial entender a narrativa transmídia como uma resposta à convergência das mídias. Esse fenômeno não apenas representa uma mudança na forma como as histórias são contadas, mas também nas expectativas dos consumidores. Ao invés de uma narrativa linear tradicional, a narrativa transmídia cria um universo expandido que se desdobra em múltiplas plataformas e meios de comunicação. Isso requer uma participação ativa por parte do público, desafiando a passividade do consumo de mídia e encorajando a interação e a contribuição dos espectadores.

No contexto dos coletivos juvenis das periferias, essa abordagem transmídia pode ser uma ferramenta poderosa para a expressão de suas vozes e experiências. Ao criar narrativas digitais que se estendem por diferentes plataformas *online*, esses jovens podem amplificar suas mensagens e alcançar audiências mais amplas. Além disso, a natureza participativa da narrativa transmídia permite que eles se envolvam ativamente na construção e no compartilhamento de histórias que refletem suas realidades e aspirações.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer os desafios que os coletivos juvenis das periferias enfrentam ao adotar essa abordagem. Acesso desigual à tecnologia e habilidades digitais limitadas podem representar barreiras significativas para a participação plena na criação de narrativas transmídia. Portanto, qualquer análise dessas práticas deve levar em consideração não apenas os aspectos criativos e emancipatórios, mas também as disparidades estruturais que moldam a participação digital.

A narrativa, como uma representação estendida no tempo, molda e reflete os sentidos

percebidos no mundo, evoluindo em paralelo às mudanças sociais. À medida que novas tecnologias e transliteracias emergem, surgem narrativas inovadoras que interpretam as novidades do mundo, assim como contra-narrativas que criticamente reinterpretam as visões hegemônicas apresentadas. Para os coletivos juvenis das periferias, isso sugere que as narrativas de cidadania digital não são meramente produtos das condições sociais em que estão imersos, mas também ferramentas para a expressão e ação dentro desses contextos. Ao contar suas histórias nas redes, esses jovens não apenas refletem suas realidades, mas também contribuem para sua transformação, desafiando narrativas hegemônicas e construindo contra-narrativas que contestam visões dominantes do mundo.

Isso ressalta a importância da fluência digital e da capacidade de adaptação dos coletivos juvenis das periferias para navegarem efetivamente nos espaços digitais e explorarem novas formas de contar histórias. Ao dominar as ferramentas tecnológicas disponíveis, esses jovens ampliam suas vozes e criam narrativas de cidadania digital que ressoam com suas comunidades e além delas. Portanto, como narrativas de cidadania digital em/nas redes construídas pelos coletivos juvenis das periferias, apontamos: as narrativas de cidadania digital sobre resistência cultural e as narrativas de cidadania digital de denúncia de estereótipos, que conseqüentemente elas abraçam e narram implicitamente algumas narrativas de cunho de participação ativa e política.

### **5.1 Narrativas de cidadania digital sobre resistência cultural**

A análise das narrativas de cidadania digital de resistência cultural emerge com um contexto contemporâneo, permeado pela interseção entre tecnologia, cultura e cidadania. Esta categoria analítica apresenta as formas pelas quais os indivíduos utilizam as ferramentas digitais para resistir a formas hegemônicas de poder, promovendo a expressão de identidades culturais marginalizadas e a defesa de direitos fundamentais. Trata-se de um campo interdisciplinar que se debruça sobre as narrativas construídas e disseminadas por meio das redes, buscando compreender como tais narrativas contribuem para a construção de espaços de resistência e mobilização social.

Neste contexto, a cidadania digital assume um papel central, referindo-se à capacidade dos coletivos juvenis, por exemplo, participarem ativamente na esfera pública digital, exercendo seus direitos e influenciando processos políticos, sociais e culturais. Ao analisar as narrativas de cidadania digital de resistência cultural, busca-se não apenas compreender os mecanismos de contestação e transformação social mediados pela tecnologia, mas também

destacar o potencial dessas práticas para a promoção da diversidade, inclusão e justiça.

Neste contexto, destacamos a ideia da arte ativista (MESQUITA, 2006) que encontra espaço nos coletivos e movimentos preocupados com demandas sociais que afligem toda a sociedade, sendo expressa através da subjetividade de cada grupo. O surgimento desses grupos está, em grande parte, associado aos movimentos de oposição, seja em relação a questões de religião, raça, gênero, ou mesmo ao modo de produção e consumo da globalização capitalista. Nesse sentido, percebe-se que a arte ativista nasce sob a estética da resistência. Os artistas-ativistas utilizam suas formas de expressão artística para colocar em pauta as contradições sociais, realizando suas manifestações – performances, intervenções urbanas, grafites, lambes-lambes, entre outros – a partir de uma leitura crítica do mundo.

Para Mesquita (2006) a arte ativista é um estudo cuidadoso sobre os atuais desdobramentos da arte contemporânea no campo político deve, necessariamente, considerar a atuação dos coletivos e suas afinidades com as recentes mobilizações sociais. Os coletivos juvenis nas periferias têm utilizado as plataformas digitais como um meio poderoso de expressão e resistência cultural. A cidadania digital, neste contexto, transcende o mero uso das tecnologias para incluir a mobilização social e a criação de espaços alternativos de diálogo e manifestação. Esses jovens artistas-ativistas utilizam as redes sociais para desafiar narrativas dominantes, visibilizar injustiças sociais e promover a diversidade cultural de suas comunidades.

A arte produzida por esses coletivos juvenis, muitas vezes caracterizada por performances, intervenções urbanas, grafites e outras formas de expressão visual, é compartilhada amplamente nas redes sociais. Esses meios digitais não apenas ampliam o alcance de suas vozes, mas também facilitam a formação de redes de solidariedade e apoio mútuo entre diferentes grupos e movimentos. As plataformas digitais permitem que esses coletivos construam comunidades de prática e resistam às estruturas opressivas de forma colaborativa e interconectada.

Além disso, a presença desses coletivos nas redes desafia a lógica de consumo cultural tradicional, promovendo uma estética da resistência. Através da cidadania digital, esses jovens ativistas articulam críticas profundas ao racismo, sexismo, desigualdade econômica e outras formas de opressão que marcam suas realidades cotidianas. As postagens, vídeos, e outras formas de conteúdo digital que produzem ou que fazem curadoria e compartilham são instrumentos para bons diálogos e engajamento político, que incentivam a participação ativa de outros jovens e membros da comunidade.

A resistência cultural expressa nas redes por esses coletivos juvenis também deve ser

vista como uma forma de educação popular. Eles criam e disseminam conhecimentos que muitas vezes são excluídos ou silenciados nos espaços educativos formais e/ou nas próprias redes, por meio de programação e/ou robôs que são criados para barrar a divulgação, engajamento e até a visualização. Por meio de suas práticas artísticas e ativistas, esses jovens não só educam seus pares sobre questões sociais críticas, mas também promovem uma forma de aprendizagem que é profundamente enraizada nas experiências vividas e na identidade coletiva.

Os coletivos juvenis das periferias utilizam as redes sociais para desafiar as narrativas dominantes, promovem a diversidade cultural e mobilizam ações de resistência. Ao fazê-lo, eles exemplificam uma forma emergente de cidadania insurgente que é essencial para compreender os complexos desdobramentos da arte contemporânea no campo político atual.

Nessa mesma ótica, Veiga (2020, p. 5) remete a ideia de Média-arte como “toda a forma de arte que não pode ser idealizada e/ou materializada e/ou exibida sem a utilização de tecnologias digitais, e cujo conteúdo e apreciação estética e cognitiva variam em função do tempo.” (Veiga, 2020a, p. 5). O autor destaca a dependência da arte contemporânea em relação às ferramentas digitais para sua existência e apreciação. Esta definição ressalta a transformação fundamental que a prática artística tem experimentado com o avanço tecnológico, evidenciando a intersecção entre arte e tecnologia como uma característica central da produção cultural contemporânea. Tomamos como exemplo o *reel* abaixo.

**Figura 41** - *Print* do vídeo de um poemacinematógráfico postado no perfil do @slamdasminassp.



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023).

O *reel* intitulado "A Palavra Quando Elas" publicado no @slamdasminas é uma peça multimídia que mistura elementos visuais e sonoros para transmitir uma mensagem poderosa sobre autocuidado, autoconhecimento, cuidado psicológico e militância, especialmente em tempos de pandemia. A recitação do poema, combinada com imagens de mulheres em contexto de cuidado e militância, cria uma narrativa rica em significados e emoções.

Em termos de cidadania digital de resistência cultural, o *reel* demonstra como expressar narrativas alternativas e desafiar as normas dominantes. Por meio de metáforas cuidadosamente elaboradas e uma linguagem poética carregada de emoção e autenticidade, o poema recitado evoca uma gama de emoções que ressoam com o público-alvo, composto principalmente por jovens mulheres das periferias.

Ao explorar temas como autocuidado, cuidado psicológico e militância, o *reel* transcende a mera expressão artística para se tornar um veículo de conscientização e ativismo digital. As mulheres retratadas nas imagens não são apenas sujeitos passivos, mas agentes ativos de mudança, desafiando estereótipos de gênero e redefinindo narrativas sobre as experiências femininas nas periferias. Nesse sentido, o *reel* funciona como um espaço de resistência cultural, onde as vozes excluídas encontram eco e solidariedade.

No tempo de 2'9", destacamos o trecho, "*a gente já salvou muito com a poesia, mas isso só vale se salvar você também, poeta, sabia?*". O trecho destaca a importância de cuidar da saúde mental e emocional dos poetas e artistas envolvidos nesse movimento de resistência. Ao reconhecer que "*a gente já salvou muito com a poesia*", o trecho reconhece o impacto positivo que a expressão artística tem tido na vida das pessoas, inclusive na promoção de reflexões e debates sobre questões sociais relevantes. No entanto, ao acrescentar que "*isso só vale se salvar você também, poeta, sabia?*", ressalta a necessidade de cuidar do bem-estar dos próprios artistas que estão na linha de frente desse movimento.

Tem que se encarar a internet de forma a privilegiar mais a emoção, mais afetividade, mais inter-relações sociais reflexivas e críticas, mais 'calor humano', mais cumplicidades (...) com o domínio técnico e funcional, mas transcendendo em muito estas questões mais práticas colocando a ênfase em níveis cognitivos de níveis superiores de forma a que cada cidadão saiba o que quer, como quer e para que quer o que as tecnologias digitais lhes proporcionam. E, só assim poderemos falar numa verdadeira e adequada literacia digital capaz de gerar competências digitais, em especial, para aqueles cidadãos que estão no limiar da exclusão digital [...] (GIL, 2019, p. 93).

A Internet não pode ser vista apenas como uma ferramenta técnica, mas como um espaço que deve privilegiar aspectos emocionais, afetivos e inter-relacionais, promovendo

reflexões críticas e cognitivas. O autor aponta para a necessidade de desenvolver uma literacia<sup>69</sup> digital que vá além do domínio técnico das tecnologias, enfatizando a capacidade dos indivíduos de compreenderem suas próprias necessidades, desejos e propósitos ao utilizarem essas tecnologias. Os coletivos juvenis, por exemplo, que se engajam em práticas de resistência cultural nas plataformas digitais muitas vezes o fazem impulsionadas por emoções como indignação, esperança, solidariedade e empatia. Essas emoções alimentam a conexão entre os membros da comunidade, fortalecendo os laços de cumplicidade e colaboração.

Ainda nessa ótica, as narrativas de resistência cultural muitas vezes exigem reflexões críticas sobre as estruturas de poder existentes e os sistemas de opressão. Os cidadãos envolvidos nesse tipo de ativismo digital precisam desenvolver habilidades cognitivas de alto nível para compreenderem profundamente as questões que estão enfrentando, identificarem estratégias eficazes de resistência e articularem suas demandas de maneira persuasiva e impactante. Em/nas redes sociais, onde a exposição é constante e as pressões são significativas, os poetas e artistas das periferias podem enfrentar desafios únicos relacionados à saúde mental e emocional. Portanto, esse trecho serve como um lembrete importante de que a luta por justiça social e resistência cultural não deve ser feita às custas do bem-estar pessoal.

**Figura 42** - *Print* do comentário na postagem do poemacinematógrafo.



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023).

<sup>69</sup> Literacia é a prática de identificar, compreender, interpretar, criar, e computar, usando materiais impressos e escritos associados em variados contextos. Ela envolve um aprendizado contínuo em possibilitar que indivíduos alcancem seus objetivos, desenvolvam seus conhecimentos e potenciais para participar de uma comunidade e da sociedade (UNESCO, 2013, p.45)

Esse comentário reflete diretamente a eficácia da narrativa transmidiática como uma forma de expressão que ressoa profundamente com o público-alvo, especialmente aqueles que se identificam com as experiências retratadas nas imagens e na poesia. A afirmação de que "*essas palavras salvaram minha noite*" sugere que o espectador encontrou conforto, inspiração ou validação nas mensagens transmitidas pelo vídeo, o que demonstra o impacto emocional e psicológico da obra.

Além disso, a declaração de que "*A poesia vive*" ressalta a vitalidade e a relevância contínua da expressão poética como uma forma de arte e resistência cultural. Essa observação sugere que, para o comentarista e outros espectadores, a poesia não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma fonte de conexão, reflexão e fortalecimento pessoal.

No contexto dos coletivos juvenis das periferias, essas narrativas assumem um significado ainda mais profundo. As redes sociais têm sido espaços vitais para os jovens das periferias se conectarem, compartilharem experiências e amplificarem suas vozes. Essas narrativas de resistência cultural não apenas fornecem um espaço para expressar suas identidades e lutas, mas também capacitam os jovens a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades, sendo transformados pela Arte, Cultura e Educação.

De acordo com Jenkins (2009), a Internet desempenha um papel crucial na compreensão da cultura na sociedade contemporânea. A arte não está mais isolada como uma área com conhecimento único e estética própria. As diversas áreas socioculturais atualmente se integram, se conectam e se dinamizam de forma transdisciplinar. Nessa perspectiva, vejamos o exemplo abaixo do perfil do coletivo @nosmulheresdaperiferia, com mais de 2600 curtidas e 12 comentários. Vejamos:

**Figura 43** - *Print* do remix feito pelo coletivo @nosmulheresdaperiferia sobre Natal.



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023)

A postagem acima utiliza do gênero textual *remix*, que se refere a uma prática cultural que envolve a reconfiguração, combinação e reinterpretação de elementos pré-existentes de diferentes fontes para criar novas obras de arte, mídia ou comunicação. Este processo de “remixagem” pode ocorrer em diversos meios, incluindo música, vídeo, arte visual, literatura e internet.

O termo "remix" tem suas raízes na indústria da música, onde originalmente significava a reinterpretação de uma faixa musical por meio de alterações em sua estrutura, ritmo, melodia ou outros elementos. No entanto, ao longo do tempo, o conceito de *remix* expandiu-se para abranger uma variedade de formas de expressão cultural e criativa, tornando-se um fenômeno significativo na cultura contemporânea, especialmente no contexto digital.

A representação da mulher negra como protagonista da imagem é emblemática de uma resistência cultural, desafiando narrativas hegemônicas que historicamente marginalizaram e subalternizaram as pessoas negras. Ao colocar essa figura central em um contexto de periferia, o post destaca a realidade vivenciada por muitos grupos minoritários, reivindicando espaço e visibilidade para suas experiências.

A escolha do vestido vermelho como indumentária da mulher negra também carrega

conotações simbólicas. Bem evidente, acreditamos que o vestido vermelho remete a cor do Natal, por ter sido uma postagem às vésperas da comemoração, mas com a tentativa de ir mais a fundo, podemos pensar que o vermelho pode ser interpretado como uma cor associada à paixão, à vitalidade e à resistência, evocando uma sensação de autoafirmação por parte da protagonista. Além disso, o vestido contrasta com o ambiente urbano da periferia, destacando a individualidade e a expressão pessoal da mulher em meio a um cenário muitas vezes associado à uniformidade e à marginalização.

O refrigerante na mão da mulher acrescenta outro nível de complexidade à narrativa. Enquanto a ceia de Natal tradicionalmente evoca imagens de banquetes festivos e indulgentes, a presença de uma bebida efervescente e comercializada sugere uma subversão dessas expectativas. Pode-se interpretar isso como “*uma crítica à comercialização excessiva das festividades natalinas e a particularidade dos moradores das periferias com o refrigerante para colaborar com a ceia de natal*” (grifos nossos, notas de itinerâncias).

Nesse cenário, é imperativo explorar a atuação dos coletivos juvenis das periferias, cuja dinâmica engloba a apropriação das práticas de multiletramentos para a difusão de narrativas que permeiam a cidadania digital e a resistência cultural. Este fenômeno é intrinsecamente ligado à concepção de Henry Jenkins (2009) sobre a centralidade da internet na compreensão da cultura contemporânea, onde a arte não mais subsiste em isolamento, mas se integra às esferas socioculturais de maneira transdisciplinar.

O envolvimento desses coletivos juvenis nas práticas de multiletramentos representa um ponto de inflexão na percepção das tecnologias digitais como ferramentas não apenas de consumo, mas de produção cultural. Sob a égide do *remix*, esses jovens não só consomem conteúdo cultural, mas o (re)interpretam, (re)configuram e (re)distribuem, amalgamando elementos diversos para construir narrativas que refletem suas realidades e aspirações.

Essa atividade “remixadora”, então, transcende o mero entretenimento ou a expressão individual, constituindo-se como um ato de resistência cultural e reivindicação de espaço na esfera pública digital. Ao disseminar suas narrativas, esses coletivos desafiam as hegemonias culturais, reivindicam sua identidade e promovem uma visão mais plural e inclusiva da sociedade, pois “as possibilidades de criação textual são, certamente, expandidas, uma vez que ais textos podem abarcar inúmeros sistemas semióticos, além do verbal escrito, levando a possibilidades infinitas de criação” (MATIAS, 2005, p.60).

Neste contexto, as práticas de narrativas dos coletivos juvenis das periferias em/nas redes emergem como exemplos vívidos dessa expansão criativa. Através do *remix*, por exemplo, eles não apenas consomem e compartilham conteúdo, mas também o reconfiguram para refletir

suas próprias realidades, desafios e aspirações, permitindo que esses jovens construam narrativas que vão além das limitações impostas pelo discurso dominante, permitindo-lhes subverter e recontextualizar os símbolos culturais predominantes para expressar suas identidades e perspectivas.

**Figura 44** - *Print* dos comentários na postagem do *remix* sobre o Natal.



Fonte: *prints* coletados pelo pesquisador (2023).

Ao mesclar elementos de diferentes origens e reinterpretá-los de acordo com suas próprias experiências, os coletivos juvenis das periferias constroem narrativas que são autênticas, relevantes e poderosas dentro de suas comunidades e além delas.

Além disso, a natureza colaborativa e participativa das práticas de *remix* e das redes sociais proporciona aos jovens a oportunidade de se conectarem entre si e com outras comunidades, ampliando ainda mais o alcance e o impacto de suas narrativas, como observado na figura 44.

Ao compartilharem suas criações nas redes, esses coletivos não apenas fortalecem seus laços comunitários, mas também promovem uma cultura de engajamento cívico e transformação social. A seguir, analisamos um post de foto colagem, do perfil do coletivo @periferiapreta. Vejamos:

**Figura 45** - *Prints* da postagem em formato de colagem em homenagem ao dia mundial da fotografia.



**Fonte:** *Prints* coletados pelo pesquisador (2023).

A postagem do coletivo juvenil @periferiapreta, utiliza a técnica de colagem de Veroni, educador popular e artista, para representar o Dia Mundial da Fotografia, apresenta uma narrativa visual complexa que se insere no contexto das narrativas de cidadania digital e resistência cultural. A utilização da colagem como técnica artística é significativa, pois permite a combinação de elementos diversos para criar uma nova composição que transcende as fronteiras do realismo e da representação literal, uma perspectiva textual juvenil nos atuais tempos.

O que nos parece que os coletivos juvenis em seus perfis não só compartilham produções autorias ou de artistas da comunidade, mas que também fazem um trabalho de curadoria e compartilhamento de outros artistas e obras, fortalecendo a ideia de uma “rede das redes”. Essa compreensão emerge como um conceito central na compreensão das dinâmicas contemporâneas de comunicação, interação social e mobilização política no contexto digital e que pode ser entendido como uma estrutura complexa e interconectada de redes, onde diversas plataformas e sistemas de comunicação digital se entrelaçam, criando um ecossistema multifacetado de trocas de informações e interações humanas.

A noção de "rede das redes" está intimamente ligada à ideia de cidadania digital. Os

cidadãos digitais navegam por múltiplas redes, participando de comunidades *online*, contribuindo para o discurso público e engajando-se em ações coletivas. A cidadania digital na "rede das redes" envolve não apenas o consumo de informações, mas também a produção de conteúdo, a interação com outros usuários e a participação em processos democráticos digitais. A capacidade de participar efetivamente na "rede das redes" é, portanto, um aspecto crucial da cidadania moderna.

A "rede das redes" é caracterizada por sua emergência e organicidade. As redes digitais não são estruturas estáticas; elas evoluem continuamente à medida que novos usuários se juntam, novas tecnologias são desenvolvidas e novas formas de interação surgem. Essa natureza emergente significa que as dinâmicas dentro da "rede das redes" são frequentemente imprevisíveis e adaptativas, refletindo a constante inovação e mudança na paisagem digital.

O elemento central da colagem, um jovem chutando o ex-presidente Bolsonaro, é altamente simbólico e evoca uma série de significados relacionados à resistência cultural e à contestação política. A imagem sugere uma rejeição explícita às políticas, em especial a figura do ex-presidente, representando uma forma de protesto e de expressão de descontentamento por parte do coletivo juvenil. O gesto de chutar Bolsonaro pode ser interpretado como um ato de confronto e de desafio às estruturas de poder estabelecidas, buscando afirmar a voz e a agência dos jovens das periferias em meio ao cenário político conturbado do país, “*que no contexto da postagem, o período pandêmico, em 2021*” (notas de itinerâncias do autor).

O contexto em que a cena se desenrola também é significativo. A rua com bodes e o fim de tarde adicionam camadas de complexidade à narrativa, sugerindo uma conexão com a realidade cotidiana das comunidades periféricas. Os bodes simbolizam o corriqueiro dos dias, enquanto o fim de tarde pode evocar uma sensação de esperança e de renovação, apesar dos desafios enfrentados.

No que diz respeito à cidadania digital, a postagem demonstra o uso estratégico das mídias sociais e das plataformas digitais como ferramentas de mobilização e de engajamento político. Ao compartilhar essa imagem *online*, o coletivo juvenil amplifica sua mensagem e alcança um público mais amplo, promovendo o debate e estimulando a reflexão sobre questões sociais e políticas relevantes para a comunidade periférica. Em termos de resistência cultural, a postagem representa uma forma de subverter as narrativas dominantes e de reivindicar espaços de representação e de expressão para as vozes marginalizadas. Através da colagem e da criação artística, o coletivo juvenil constrói uma narrativa alternativa que desafia as normas estabelecidas e busca promover uma visão mais inclusiva e diversificada da sociedade.

Destacamos ainda um trecho da legenda da postagem: "*Transformam e possibilitam*

*novos imaginários para os espaços da nossa quebrada*" que encapsula uma reflexão profunda sobre o potencial transformador das práticas culturais e criativas dentro das comunidades periféricas. Ao usar o termo "quebrada", que é uma gíria comumente utilizada para se referir às áreas urbanas excluídas, a legenda contextualiza a discussão dentro de um cenário específico, onde as experiências e os desafios dessas comunidades são centrais.

Além disso, a expressão "transformam e possibilitam novos imaginários" aponta para a capacidade das práticas culturais, como arte, música, dança e outras formas de expressão, de desafiar as narrativas dominantes e de construir uma visão alternativa dos espaços periféricos. Essas práticas não apenas refletem a realidade vivenciada pelas comunidades, mas também oferecem uma plataforma para a (re)imaginação e a (re)invenção desses espaços, possibilitando novas perspectivas e narrativas.

E, por fim, nos salta aos olhos a palavra "imaginários" que sugere a importância da imaginação e da criatividade na construção de identidades coletivas e na formação de uma consciência social dentro das comunidades periféricas. Ao promover a criação de novos imaginários, as práticas culturais desafiam estereótipos e estigmas associados às áreas periféricas, oferecendo uma visão mais rica e complexa desses espaços e de seus habitantes. Ao criar espaços de expressão e de diálogo, as práticas culturais promovem a construção de identidades coletivas mais fortes e resilientes, fortalecendo os laços sociais e fomentando a ação comunitária.

As narrativas de cidadania digital de resistência cultural ganham ainda mais força quando observadas através da lente das expressões artísticas e culturais protagonizadas pelos coletivos juvenis das periferias nas redes digitais. Nestes espaços, a arte e a cultura emergem como ferramentas poderosas de resistência e afirmação de identidade, oferecendo oportunidades únicas para a expressão criativa e a (res)significação de narrativas hegemônicas. Por meio da música, da arte visual, do teatro e da produção audiovisual, esses jovens encontram uma voz coletiva para denunciar as injustiças sociais, celebrar suas heranças culturais e imaginar novos futuros possíveis.

Ao explorar as narrativas de cidadania digital de resistência cultural, é evidente que os coletivos juvenis das periferias estão desafiando e redefinindo os espaços de poder e representação. Longe de serem meros consumidores de conteúdo digital, esses jovens se tornam produtores ativos de cultura, utilizando as redes como ferramentas de diálogos e mobilização. Suas narrativas não apenas denunciam as injustiças e desigualdades presentes em suas comunidades, mas também oferecem alternativas e visões de mundo que desafiam o *status quo*. Dessa forma, as práticas de resistência cultural digital não são apenas reativas, mas também

propositivas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

Em última análise, as narrativas de cidadania digital de resistência cultural evidenciam o potencial transformador das expressões artísticas e culturais nas redes digitais. Ao invés de simplesmente reproduzir estereótipos ou imitar modelos hegemônicos, os jovens das periferias reivindicam seus espaços de representação, criando novas narrativas que refletem suas realidades e aspirações. Nesse sentido, a cidadania digital não se limita apenas à participação política ou ao ativismo online, mas também engloba uma ampla gama de práticas culturais. Assim, as artes e a cultura emergem como pilares fundamentais da resistência e da transformação social nas periferias, tanto no espaço físico quanto no virtual.

## 5.2 Narrativas de cidadania digital sobre denúncia de estereótipos

A ascensão da era digital tem instigado uma mudança significativa na maneira como os indivíduos percebem e participam das esferas sociais e políticas. No epicentro dessa transformação encontra-se o conceito de cidadania digital, uma forma de engajamento que transcende as fronteiras físicas e se manifesta no ciberespaço por meio de narrativas, interações e mobilizações comunitárias.

Como no texto "Homem Bomba", sob a narrativa de Pedro Bomba, somos levados a mergulhar nas profundezas das realidades negligenciadas, ecoando os gritos das ocupações, favelas e periferias. Um chamado aos trabalhadores e trabalhadoras, é uma expressão crua da agonia enraizada na injustiça e na violência sistêmica. Vejamos abaixo:

A todas as Ocupações  
A todas as favelas, comunidades e periferias  
Aos trabalhadores e trabalhadoras

Eu tenho aqui  
guardado dentro de mim  
um monte de bomba  
e essa porra toda vai explodir.

cês tão me ouvindo bem?

Eu tenho aqui guardado dentro de mim  
um monte de bomba  
e essa porra toda vai explodir.  
É curto o pavil...

Tá vendo esses olhos fundos, tá vendo?

É porque aqui ninguém dorme ...  
A insônia tem nome de polícia,

milícia, tá me entendendo?

A nossa casa se chama barraco,  
O pesadelo tá fardado, armado  
Cês tão me ouvindo bem?

É pouca vida pra muita morte,  
é lona preta, é pele preta, é reintegração de posse...  
Cê sabe como é viver assim?

Sabe?

Não sabe, né?

Ai vai pra rua gritar sem violência,  
sem vandalismo,  
sem partido,  
vai vestir branco e pedir paz...

Meu amigo,  
Aqui,  
toda camisa branca  
é manchada de vermelho sangue

E paz  
é uma palavra que não existe no vocabulário da rua,

Aqui  
é carne crua, é ferida aberta...  
Ninguém tem medo de morrer aqui não,  
muito menos de lutar,  
tão pouco de morrer lutando  
A gente vai quebrar é tudo,  
vai trancar pista,  
queimar pneu  
E não venha me dizer que é vandalismo,  
Tá me entendendo?  
vandalismo é o que fazem com nossas vidas,  
cês tão me ouvindo bem?  
Vandalismo é o que fazem com nossas vidas.

Pacífico  
só oceano,  
o nome disso aqui  
é revolta  
RE-VOL- TA,

Aqui  
todo mundo  
tem um monte de bomba  
guardada dentro de si  
e quando essa porra toda explodir...  
Ai eu quero ver...

Pedro Bomba - @pedrobombapoesia

Vislumbramos neste poema a emergência de uma metáfora visceral de uma bomba prestes a explodir, simbolizando a acumulação de tensão e desespero. Num cenário onde a insônia é induzida pela presença policial e miliciana, onde a casa é um barraco e a vida é

constantemente ameaçada, o clamor por justiça ressoa.

Vestir-se de branco e pedir paz torna-se uma ironia diante de camisas manchadas de vermelho, símbolo da violência que permeia cada fibra da existência. Aqui, o vandalismo é redefinido como a brutalidade infligida às vidas daqueles excluídos. É uma declaração de revolta, uma convocação à resistência, onde cada indivíduo carrega consigo uma carga explosiva de indignação. Este é o manifesto de uma luta que não conhece paz, apenas a determinação de dismantelar e desafiar o sistema e a inércia de não denunciar as injustiças.

Ao que concerne este poema em sua representação contundente das injustiças sociais e das realidades marginalizadas, ao abordar temas como violência policial, desigualdade socioeconômica e discriminação racial, o texto expõe estereótipos prejudiciais que permeiam a sociedade. O poema oferece uma voz autêntica e poderosa que desafia esses estereótipos, destacando a complexidade das experiências humanas por trás das narrativas simplificadas.

Nesta subseção, dedicamo-nos a explorar a complexidade das narrativas de cidadania digital sobre denúncia de estereótipos, com destaque para a crítica e denúncia em relação ao racismo e violência nas periferias.

Estes temas convergem em uma análise multifacetada das formas como os coletivos juvenis em/nas redes têm se mobilizado para desafiar e transformar as normas sociais e culturais com narrativas não apenas denunciam as formas de opressão, mas também promovem uma cultura de inclusão e aceitação. Nossa análise também se estende às estratégias adotadas para enfrentar estereótipos e narrativas dominantes, destacando iniciativas criativas e engajadas que desafiam o *status quo* e promovem uma maior diversidade de vozes e perspectivas.

A seguir, temos uma postagem feita pelo coletivo juvenil @nosmulheresdaperiferia, com mais de 100 curtidas e 6 comentários, denunciando, por meio do estudo Liberdade Negra sob suspeita, feita pela @iniciativa\_negra, que em São Paulo, há uma forte relação entre raça e execuções penais.

**Figura 46** - Prints da postagem sobre alguns dados da pesquisa Liberdade Negra sob suspeita.



**Fonte:** prints coletados pelo pesquisador (2023)

A denúncia em questão também levanta questões críticas sobre estereótipos raciais e seu impacto no sistema de justiça. O estudo mencionado, ao analisar a relação entre raça e execuções penais em São Paulo, narra e denuncia a existência de preconceitos e discriminação sistêmica que afetam desproporcionalmente indivíduos negros. Esses estereótipos, enraizados na estrutura social, contribuem para a perpetuação de desigualdades e injustiças, minando os princípios fundamentais de igualdade e justiça.

Face a esse contexto, é crucial reconhecer o papel fundamental da cidadania digital. A disseminação de informações e a mobilização por meio das redes sociais têm se revelado instrumentos poderosos para amplificar vozes excluídas e expor questões sociais profundas, como a desigualdade racial no sistema de justiça criminal. Além disso, é essencial destacar o papel dos coletivos e organizações da sociedade civil, como o @nosmulheresdaperiferia e a @iniciativa\_negra, na promoção da cidadania e na luta contra a discriminação racial. Essas iniciativas, ao conduzirem pesquisas, produzirem conhecimento e mobilizarem comunidades, desempenham um papel assertivo de diálogo, mobilização e luta em defesa dos direitos humanos.

No entanto, é importante reconhecer os desafios e limitações enfrentados na promoção

da cidadania digital e na luta contra estereótipos raciais. A disseminação de informações nas redes sociais nem sempre garante uma compreensão completa e precisa dos problemas sociais complexos, e as respostas institucionais podem variar de acordo com interesses políticos e econômicos.

Conforme observado por Silva (2003), a condição de habitação dos moradores das periferias tem sido fundamental na construção de sua autoimagem. Essa autoimagem influencia suas ações, que podem envolver negação de estereótipos, esforços para "limpar" ou moralizar sua imagem perante a sociedade, como afirmar "não sou bandido", "sou trabalhador", "sou pai de família", entre outros. O autor destaca que, independente das declarações individuais:

Os moradores de favelas continuam a ser portadores de uma cidadania restrita, hierarquizada e fragmentada [...] a “vitória da favela” ocorreu à custa da constituição de uma categoria social subalterna, cuja intervenção na cena pública, duramente conquistada, não mexeu no padrão de sociabilidade urbana, pouco alterando sua posição relativa na estratificação social e seu papel como força social (SILVA, 2003, p.224).

Como dito por Silva (2003), apesar de haver uma "vitória da favela" em termos de presença e reconhecimento na esfera pública, e isso tem se fortalecido ainda mais com as narrativas que foram/são e estão sendo construídas em rede sociais, por coletivos, por exemplo, essa conquista é acompanhada pela constituição de uma categoria social subalterna. Mesmo com a intervenção na cena pública, pouco se altera o padrão de sociabilidade urbana e a posição relativa na estratificação social dos moradores das favelas.

Ao pensar sobre isso diante da cidadania digital sobre denúncia de estereótipos, percebemos que as redes são usadas para que contestem esses estereótipos e reivindiquem uma voz mais igualitária na esfera pública. No entanto, a persistência da cidadania restrita e hierarquizada pode limitar o alcance dessas denúncias e a eficácia das ações *online*, onde certos grupos têm acesso privilegiado às tecnologias e à rede e outros não, podendo perpetuar ainda mais a “marginalização” das periferias.

Frente a uma sociedade marcada por intensos debates sobre equidade racial e justiça social, é imperativo examinar de forma crítica as estatísticas apresentadas no contexto da violência policial. A referida estatística, como evidenciada no post mencionado, revela uma disparidade alarmante nos processos penais relacionados a agressões policiais, com 66% dos casos direcionados a pessoas negras e 33% a brancos, até fevereiro de 2020.

Essa desigualdade de tratamento diante da lei lança luz sobre as profundas questões estruturais que permeiam as relações raciais e o sistema de justiça criminal. Sob uma análise

reflexiva, é essencial questionar as razões por trás dessa disparidade estatística. Seria um reflexo do viés racial dentro das forças policiais, resultando em uma abordagem desproporcionalmente agressiva em comunidades negras? Ou poderia ser atribuído a preconceitos arraigados dentro do sistema judiciário, onde pessoas negras são mais frequentemente criminalizadas e condenadas em comparação com seus pares brancos?

Além disso, é fundamental considerar o impacto dessas estatísticas na percepção pública e na confiança no sistema de justiça. O conhecimento de que as pessoas negras são desproporcionalmente alvo de agressões policiais e processos penais pode minar a confiança na imparcialidade e na justiça do sistema legal, especialmente entre as comunidades afetadas.

Sob esse contexto, Milton Santos (2006) destaca que a incorporação das tecnologias de comunicação pelas classes populares, ferramentas anteriormente reservadas às classes dominantes e que, no contexto da globalização, estão sendo democratizadas pela própria dinâmica do capital, vai além da mera inclusão ou entretenimento. Trata-se também da produção de significado e da disputa pela narrativa, tanto sobre si mesmas quanto sobre os outros e o espaço em que vivem.

A democratização das tecnologias de comunicação entre as classes populares não é apenas uma questão de acesso, mas também de capacitação e oportunidades. Ao adentrarem esses espaços digitais, as pessoas das classes menos privilegiadas não apenas potencializam sua voz, mas também assumem um papel ativo na construção da narrativa digital. Isso significa que elas não estão mais limitadas a consumir passivamente conteúdo produzido pelas classes dominantes, mas têm a oportunidade de criar e compartilhar suas próprias histórias, perspectivas e experiências, desafiando assim as narrativas hegemônicas e os estereótipos impostos.

Além disso, a expansão do acesso às tecnologias de comunicação também implica em uma reconfiguração do espaço público e da esfera de debate. Com mais pessoas das classes populares participando ativamente das discussões em/nas redes, surgem novas visões e debates sobre questões sociais, políticas e culturais. Isso não apenas diversifica o discurso público, mas também coloca em pauta temas que anteriormente eram marginalizados ou negligenciados, assim como a violência, é o caso de racismo.

**Figura 47** - *Print* do post sobre uma reflexão de luta antirracista do coletivo @vivapalavraa.

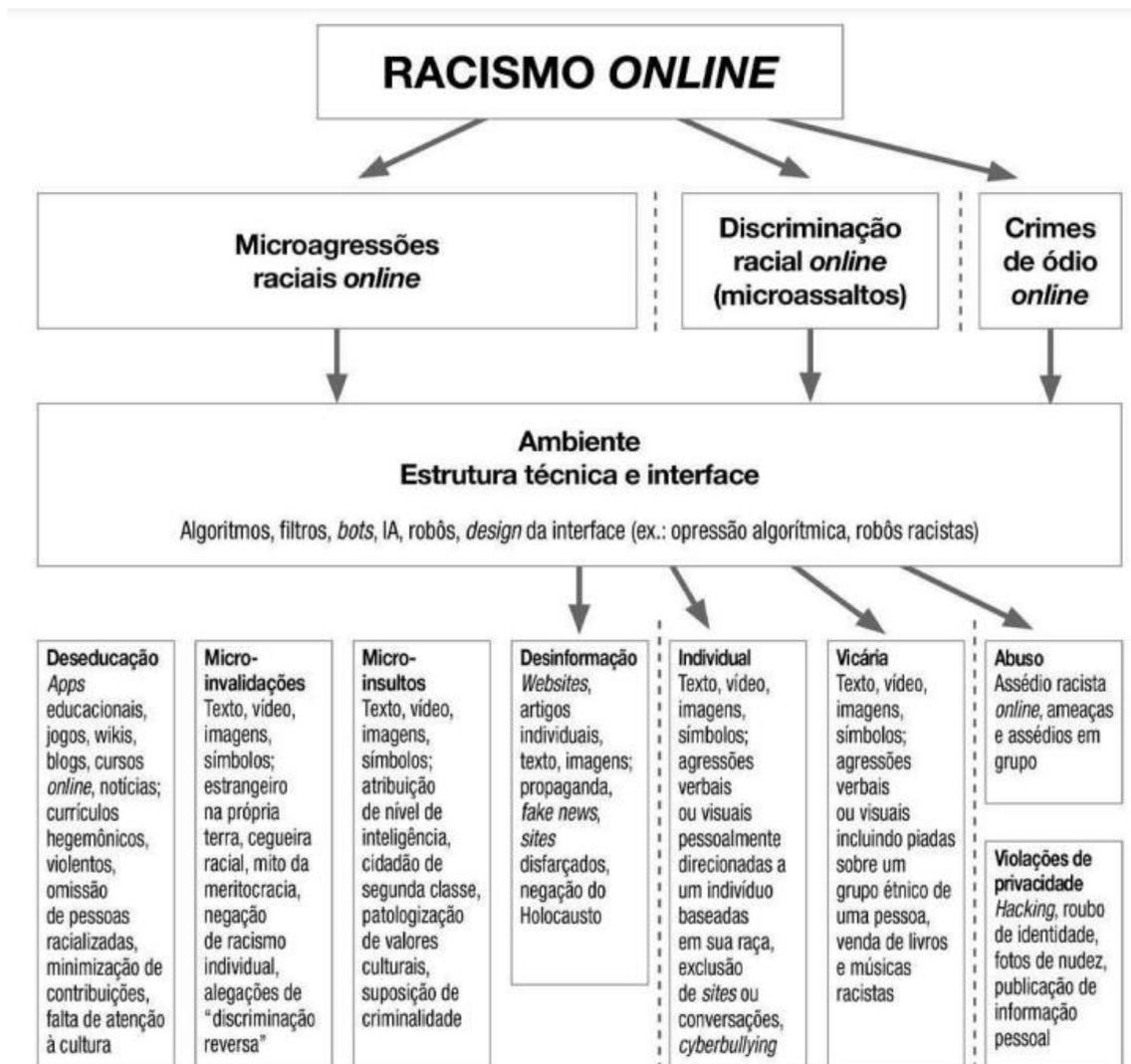


**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023)

Sabedores de que a Cidadania digital é consciência, o *post* acima, figura 59, feito pelo coletivo @vivapalavraa reforça a ideia de *status* de luta, de denúncia e reivindicação contra as narrativas racistas. Nos ambientes digitais, também enfrentamos desafios significativos como narrativas de inverdades, de desinformação, de ódio e de preconceitos que são (re)elaborados na Ciberultura, principalmente, as narrativas racistas. É crucial compreendermos, portanto, como o racismo permeia as tecnologias digitais por meio de processos muitas vezes invisíveis, como os recursos automatizados e/ou definidos pelas plataformas, como recomendações de conteúdo, moderação, reconhecimento facial e processamento de imagens.

Para que a Educação, então, seja antirracista, precisamos quanto cidadão das redes, compreender as formas pelas quais o racismo se manifesta, tanto na infraestrutura ou *back end*<sup>70</sup> (por exemplo, nos algoritmos), quanto na interface (como símbolos, imagens, voz, textos e representações gráficas).

<sup>70</sup> Termo "*back end*" se refere à parte de um sistema ou programa de computador que não é diretamente acessível ou visível ao usuário final. É a parte do sistema que lida com o processamento de dados, a lógica de negócios e a interação com o banco de dados. Em outras palavras, o *back end* é responsável por tudo o que acontece nos bastidores de uma aplicação ou *site*.

Figura 48 - Taxonomia do racismo *online*.

Fonte: (TYNES, et al., 2018, p. 200).

A análise da taxonomia do racismo *online*, conforme proposta por Tynes e outros colaboradores (2018), revela a complexidade e a diversidade das manifestações desse fenômeno na era digital. É crucial examinar como essas formas de racismo se manifestam através de microagressões raciais on-line, discriminação racial e crimes de ódio *online*. As microagressões, em particular, merecem uma atenção mais detalhada devido às suas ramificações sutis, mas impactantes, que afetam diretamente a experiência e a segurança dos indivíduos racializados no ambiente digital.

Embora a nomenclatura possa parecer discreta, as microagressões têm o potencial de invalidar, abusar ou violar os sujeitos em contextos digitais, criando um ambiente hostil e opressivo para pessoas negras, das periferias e outros subalternos. Essas formas de violência

são perpetuadas por uma variedade de recursos tecnológicos, como algoritmos, filtros, *bots*<sup>71</sup> e robôs, que, apesar de sua aparente neutralidade, podem contribuir para a disseminação e amplificação do racismo *online*. Por conseguinte, as microagressões constituem uma parte significativa da cadeia de eventos que compõem o racismo on-line, desde comentários racistas em redes sociais até o reconhecimento facial preconceituoso em sistemas de vigilância.

Cada categoria identificada fornece uma lente única para compreender as nuances e complexidades desse fenômeno. A deseducação aborda, por exemplo, a propagação de estereótipos raciais simplistas ou desinformação sobre questões étnicas, enquanto as micro-invalidações representam formas sutis de negar ou minimizar as experiências raciais das pessoas. Os micro-insultos são comentários direcionados e intencionais que perpetuam preconceitos raciais, enquanto a desinformação envolve a disseminação deliberada de informações falsas para promover narrativas racistas.

Além disso, o racismo individual refere-se a manifestações diretas de racismo por parte de indivíduos, enquanto o racismo vicário descreve o impacto indireto do racismo testemunhado por terceiros. O abuso envolve comportamentos racistas prejudiciais ou violentos, enquanto as violações de privacidade abrangem a exposição não consensual de informações pessoais de pessoas racializadas. Essas categorias fornecem uma estrutura analítica abrangente para entendermos as múltiplas facetas do racismo on-line e suas consequências para as vítimas e comunidades afetadas. Ao examinar essas categorias em conjunto, podemos identificar padrões e tendências que nos ajudam a desenvolver estratégias mais eficazes para combater o racismo e promover um ambiente digital mais inclusivo e seguro para todos.

Nos fluxos da nossa pesquisa, encontramos o site Desvelar<sup>72</sup>, que disponibiliza uma linha do tempo interativa onde destaca casos, reportagens e reações relacionadas à discriminação algorítmica. Ele convida os visitantes a explorar esses eventos e promover discussões e ações coletivas para responder aos danos já observados e prevenir futuros incidentes causados por sistemas algorítmicos. A proposta central do Desvendar é sensibilizar e mobilizar o público em relação aos impactos prejudiciais que algoritmos podem ter na vida das pessoas, especialmente em termos de discriminação e injustiça. Ao apresentar uma linha do

---

<sup>71</sup> *Bots*, abreviação de "robôs", são programas de computador projetados para realizar automaticamente tarefas específicas na internet. Essas tarefas podem incluir interações em redes sociais, como publicar conteúdo, seguir usuários, curtir postagens e até mesmo responder a mensagens. Os *bots* podem ser programados para operar de forma autônoma, seguindo instruções predefinidas, ou podem utilizar inteligência artificial para aprender e adaptar seu comportamento com base nas interações com os usuários. Em muitos casos, os *bots* são usados para propósitos legítimos, como fornecer informações ou automatizar processos, mas também podem ser empregados de forma maliciosa, como para espalhar spam, disseminar desinformação ou manipular discussões on-line.

<sup>72</sup> Link do site: <https://desvelar.org/casos-de-discriminacao-algoritmica/>.

tempo interativa, o site oferece uma abordagem visual e acessível para entender a natureza e a escala desses problemas ao longo do tempo.

**Figura 49** - Print da tela do mapeamento virtual dos danos e discriminação algorítmica.



**Fonte:** <https://desvelar.org/casos-de-discriminacao-algoritmica/> (2019)

Essa situação evidencia como os algoritmos das redes sociais podem perpetuar e reforçar estereótipos prejudiciais, discriminando conteúdos baseados em pressupostos raciais. O fato de que uma imagem positiva de empoderamento negro seja, automaticamente, associada a imagens de violência apenas por estar ambientada em uma comunidade de baixa renda e com personagens negros é alarmante e revela a necessidade urgente de reformulação e revisão dos algoritmos utilizados pelas plataformas de mídia social.

Nesse contexto, a narrativa de cidadania digital se torna essencial para denunciar essas práticas discriminatórias e exigir transparência e responsabilidade por parte das empresas de tecnologia. A denúncia dos estereótipos presentes nos algoritmos das redes sociais é fundamental para desafiar as narrativas prejudiciais e promover uma representação mais justa e equitativa das comunidades marginalizadas.

Ao divulgar os casos e reportagens sobre discriminação algorítmica, o site busca ampliar o debate e a reflexão sobre essa questão e incentivar uma resposta coletiva. A análise crítica desses incidentes é essencial para identificar padrões, entender as causas subjacentes. Além disso, ao promover os casos destacados, o site visa fortalecer a voz das comunidades afetadas e amplificar suas demandas por justiça e equidade. Ao unir esforços em uma plataforma compartilhada, os visitantes são encorajados a agir em solidariedade e colaboração

para enfrentar os desafios apresentados pelos sistemas algorítmicos discriminatórios.

Sob essa ótica, a taxonomia do racismo *online* destaca como a própria estrutura da internet e das redes sociais pode facilitar e perpetuar o racismo. Isso pode ser observado na associação de pessoas negras em bancos de imagens de forma estereotipada ou na falta de moderação eficaz de conteúdo racista em espaços digitais. Essa reflexão mais ampla sobre o contexto tecnológico e institucional em que o racismo *online* ocorre é essencial para uma compreensão abrangente do fenômeno e para o desenvolvimento de estratégias eficazes de combate.

O racismo *online* representa uma ameaça significativa para as comunidades periféricas, exacerbando as disparidades sociais e perpetuando a marginalização de grupos étnicos minoritários. Em muitos casos, as comunidades periféricas são alvos específicos de racismo *online* devido à sua posição de vulnerabilidade socioeconômica e ao acesso limitado a recursos e oportunidades, podendo se manifestar de várias maneiras.

Por um lado, essas comunidades podem ser alvo de discursos de ódio e comentários racistas em redes, onde indivíduos expressam preconceitos e estereótipos raciais de maneira aberta e impune. Além disso, as comunidades periféricas também enfrentam desafios relacionados à representação e visibilidade *online*, com estereótipos raciais sendo perpetuados em conteúdos midiáticos e na falta de diversidade em bancos de imagens e outras formas de mídia digital.

É importante reconhecer que as comunidades periféricas muitas vezes enfrentam barreiras adicionais ao lidar com o racismo *online*, incluindo acesso limitado a recursos de denúncia e suporte, bem como a falta de conhecimento sobre seus direitos e opções de recorrer a ajuda. Portanto, é crucial que abordemos não apenas as manifestações óbvias de racismo, mas também as formas mais sutis e sistêmicas que permeiam as estruturas digitais e sociais, somente assim poderemos desenvolver abordagens mais eficazes para enfrentar e mitigar o racismo *online* e promover uma internet mais inclusiva e igualitária.

Não é de hoje que as periferias têm sido frequentemente alvo de narrativas estereotipadas e negativas pela mídia tradicional, que as retratam como áreas dominadas pela violência, criminalidade e desesperança. Essas representações simplistas e redutoras não apenas marginalizam e estigmatizam as pessoas que vivem nessas comunidades, mas também obscurecem a rica diversidade cultural, o potencial criativo e as práticas sociais inovadoras que florescem nas periferias. No entanto, apesar dessas narrativas desafiadoras, as periferias têm demonstrado uma notável resiliência e capacidade de (re)elaborar suas próprias identidades por meio das redes digitais e de iniciativas comunitárias, como observado na figura abaixo.

**Figura 50** - *Print* do vídeo de uma reportagem sobre a denúncia dos estereótipos das favelas que são impregnados pela própria mídia.



**Fonte:** *prints* coletados pelo pesquisador (2023).

O *print* do vídeo acima, no perfil do @vozdascidades, denuncia as narrativas das periferias estereotipadas pela mídia e exalta algumas ações, movimentos e práticas sociais que apresentam uma periferia que quebra a visão de violenta, criminalizada e sem perspectiva cultural e de sucesso.

Movimentos como o Hip Hop, nascido nas periferias urbanas, transcendem fronteiras geográficas e culturais, o CarnaVoz, o Bazar da Providência, o sarau da Serrinha, as *lives* culturais do Bom Jardim, os “rolês” literários em São Paulo, a taça das favelas pelo Brasil são bons exemplos para essas narrativas positivas das periferias. Além disso, coletivos e grupos comunitários têm emergido como agentes de mudança, promovendo ações sociais e culturais que desafiam estereótipos e fortalecem os laços de solidariedade nas periferias. Projetos de Educação popular, como os coordenados pelo Viva a Palavra, escolas de música e dança do morro da Providência, bibliotecas comunitárias e espaços de arte urbana, proporcionam oportunidades de aprendizado e expressão criativa, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e coletivo das comunidades.

Outro fator relevante são as oportunidades de pequenos negócios que também tem sido uma força motriz nas periferias, com o surgimento de pequenos negócios e iniciativas econômicas que geram empregos, promovem a autossuficiência e revitalizam a economia local.

Esses empreendimentos não apenas fornecem fontes de renda sustentáveis, mas também promovem um senso de orgulho e identidade comunitária, desafiando a narrativa de falta de perspectivas econômicas nas periferias.

Ao destacar essas ações, movimentos e práticas sociais, é possível desafiar as narrativas estereotipadas sobre as periferias e destacar a riqueza e a vitalidade das comunidades que as habitam. É fundamental reconhecer o potencial transformador das periferias e apoiar iniciativas que promovam movimentos construtivos.

### **5.3 Considerações sobre as narrativas de cidadania digital**

Assim, as narrativas de resistência cultural, denúncia de estereótipos e, conseqüentemente de participação ativa e política presentes na cidadania digital revelam uma nova forma de agência cidadã, onde as fronteiras entre o virtual e o real se tornam permeáveis e as possibilidades de intervenção se multiplicam. Diante desse cenário, é necessário um olhar crítico e reflexivo que reconheça tanto o potencial emancipatório quanto os desafios e contradições inerentes a essa complexa interação entre tecnologia, sociedade e cidadania.

Ao explorar as narrativas de cidadania digital, emerge uma diversidade de formas de resistência cultural. Não se trata apenas de uma celebração superficial, mas de uma promoção ativa da cultura local, muitas vezes excluídas. A expressão artística, seja por meio da música, dança ou grafite, torna-se uma oportunidade poderosa para reivindicar e afirmar as identidades culturais das periferias. A linguagem própria e as gírias utilizadas nestas narrativas não são meramente ornamentais, mas também símbolos de uma identidade cultural vibrante e resiliente.

Além disso, as narrativas de cidadania digital desafiam estereótipos arraigados, oferecendo uma visão mais complexa e realista das comunidades periféricas. Ao invés de simplesmente reproduzir estigmas, essas narrativas destacam a diversidade e a riqueza das experiências presentes nessas áreas. Elas ampliam as vozes que historicamente foram silenciadas ou marginalizadas, proporcionando uma plataforma para a expressão autêntica e a narrativa própria.

Outro aspecto fundamental dessas narrativas é a sua ligação intrínseca com a participação ativa e política. Enquanto muitas vezes se concentram em questões locais, as discussões e mobilizações que ocorrem nas redes digitais têm o potencial de influenciar políticas em níveis tanto locais quanto nacionais. Essas narrativas não apenas promovem a participação política ativa, mas também incentivam a participação cívica, capacitando os indivíduos a se envolverem ativamente na formulação de soluções para os desafios enfrentados

por suas comunidades.

Apesar de muitas narrativas negativas, as periferias têm demonstrado uma incrível resiliência e capacidade de se (re)elaborar por meio das redes digitais. As mídias sociais, em particular, têm desempenhado um papel fundamental na amplificação das vozes das periferias, permitindo que os moradores compartilhem suas próprias histórias, perspectivas, experiências de vida, eventos e mobilizações de ativismo e também de solidariedade, arte, esporte e educação. Essa autenticidade e representação direta desafiam os estereótipos impostos pela mídia tradicional, oferecendo uma visão mais completa e nuanceada das periferias e de suas comunidades.

Coletivos de arte, grupos de música, projetos comunitários e pequenos negócios têm encontrado nas redes sociais um meio de alcançar um público mais amplo e diversificado, desafiando as noções preconcebidas sobre o potencial criativo e inovador das periferias. Face ao contexto, as narrativas de cidadania digital não são apenas relatos de atividades em/nas redes; são reflexos de uma nova forma de participação cidadã que está sendo moldada pela interseção entre tecnologia, cultura e política.

As narrativas de cidadania digital, emergentes nos espaços virtuais das redes sociais, representam um fenômeno crucial para a compreensão da dinâmica política contemporânea. Estas narrativas transcendem as fronteiras físicas das comunidades periféricas, proporcionando aos jovens um (novo) espaço para expressar suas demandas e participar ativamente no processo democrático.

Para os jovens das periferias, estas narrativas têm um significado profundo e multifacetado. Elas representam uma oportunidade de se engajar em questões que afetam diretamente suas vidas, como segurança, acesso à Educação, denúncias da negligência do governo e oportunidades de emprego, por exemplo. Além disso, essas desafiam os bloqueios e as opressões políticas de uma estrutura hegemônica e capitalista que por muitas vezes quem esteve ou está à margem não teve/tem o mesmo direito de quem está ao centro urbano, permitindo, portanto, que os jovens reivindiquem sua identidade e agência política.

No contexto mais amplo, as narrativas de cidadania digital são fundamentais para a construção de um território de esperança<sup>73</sup>. Elas oferecem uma visão alternativa e mobilizadora

---

<sup>73</sup> Os "territórios de esperança" são um conceito que remonta às obras de dois proeminentes teóricos sociais contemporâneos. Para Harvey (2015), os territórios de esperança representam espaços físicos e simbólicos onde emergem resistências e alternativas ao capitalismo neoliberal, possibilitando a imaginação e a construção de novas formas de organização social e política. Por sua vez, Castells (1999), descreve os territórios de esperança como locais de resistência e inovação nas redes digitais, onde alguns grupos sociais encontram formas de expressão e mobilização contra as injustiças do sistema dominante. Esses conceitos convergem na ideia de que, mesmo em

do papel dos jovens nas esferas pública e política, inspirando outros a se envolverem ativamente na busca por mudanças sociais e políticas. Ao criar espaços virtuais de diálogo e mobilização, essas narrativas fortalecem o tecido social das comunidades periféricas e promovem uma cultura de participação cívica e solidariedade.

---

meio às adversidades e desigualdades do mundo contemporâneo, existem espaços e práticas que alimentam a esperança e inspiram a luta por um futuro mais justo e sustentável.

## 6 “SUAVE NA NAVE<sup>74</sup>”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta tese, com o sentimento de leveza e de “suaves na nave”, com o que propusemos, à medida em que também compreendemos que não chegamos ao fim, mas iniciamos uma discussão que certamente será ainda muito pesquisada, discutida e inclusive possivelmente reformulada a partir do que aqui apresentamos.

Este estudo foi impulsionado por motivações que nos levaram a investigar a seguinte questão norteadora: como os coletivos juvenis das periferias constroem a Educação Popular em/nas/com as redes?

A priori, fortalecemos a compreensão do termo aqui proposto, Educação popular em/nas/com as redes, onde visamos a compreensão de um fluxo de práticas emergentes em (ideia de temporalidade), nas (territorialidade) e com (colaboração) as redes. Um exemplo materializado sobre essa ideia foi analisado quando nos propusemos a observar os coletivos juvenis das periferias ao utilizarem seus perfis no Instagram para promoverem debates, mobilizações e reivindicações. Na perspectiva de educação popular em redes, esses coletivos estão inseridos na rede social ao longo do tempo, postando conteúdos educativos, promovendo diálogos em histórias, promovendo *lives* e comentários, mantendo um fluxo contínuo de interação com o público em tempo real, garantindo a ubiquidade, a temporalidade e a simultaneidade dos fatos.

Na visão de educação popular nas redes, o foco está nos perfis do Instagram como espaços digitais, onde os coletivos organizam divulgação e campanhas visuais. Esses perfis constituem territórios de articulação, com postagens, *reels* e *IGTVs* sobre as questões sociais. Por fim, na perspectiva de educação popular com as redes, os coletivos colaboram com outros grupos e influenciadores, utilizando o Instagram como plataforma para ações conjuntas, como *lives*, eventos e campanhas que amplificam suas mensagens e fortalecem a educação popular através de parcerias.

Sob essa ótica, ao longo da pesquisa, identificamos que os coletivos juvenis das periferias utilizam as redes como espaços dinâmicos para a Educação Popular. As redes não são apenas plataformas de comunicação, mas também espaços de aprendizagem e resistência, onde os jovens constroem conhecimento de maneira colaborativa e crítica. As aprendizagens

---

<sup>74</sup> "Suave na nave" é uma expressão coloquial popularmente utilizada para descrever algo que é tranquilo. Originária da gíria contemporânea, a frase é frequentemente empregada em contextos para transmitir uma sensação de conforto, relaxamento ou facilidade em determinada situação. Em relação às considerações finais, o termo "suave na nave" é utilizado de forma metafórica para descrever uma conclusão ou um encerramento que se dá de maneira tranquila e conscientes dos resultados obtidos.

em/nas/com as redes desempenham um papel fundamental nas insurgências praticadas por esses coletivos. Através das redes, os jovens periféricos adquirem e compartilham conhecimentos que fortalecem suas lutas por direitos e reconhecimento. Essas insurgências são expressões de resistência e construção de identidades coletivas que desafiam as narrativas hegemônicas e promovem a justiça social.

Além disso, as insurgências, auxiliadas pelas aprendizagens em/nas/com as redes, contribuem significativamente para a construção de uma cidadania digital. Os jovens das periferias, ao se apropriarem das tecnologias digitais, desenvolvem habilidades e competências que lhes permitem participar ativamente da vida pública digital. Eles utilizam as redes para mobilizar, organizar e articular ações coletivas que visam transformar a realidade social de suas comunidades.

A cidadania digital e a cidadania insurgente, conforme explorada ao longo deste trabalho, manifestam-se como uma forma dinâmica e participativa de engajamento cívico no ambiente digital. Estas cidadanias transcendem o simples uso das tecnologias para incluir a mobilização social e a criação de espaços alternativos de diálogo e manifestação, a partir dos direitos e deveres da sociedade em redes.

Os cidadãos digitais, particularmente aqueles engajados em práticas insurgentes, utilizam as redes para desafiar narrativas dominantes, visibilizar injustiças sociais e promover a diversidade cultural. Essa forma de cidadania é caracterizada pela resistência ativa, onde indivíduos e coletivos utilizam as plataformas digitais para contestar estruturas opressivas e construir novas formas de solidariedade e ação coletiva.

Observamos, portanto, um cenário digital complexo e dinâmico dentro das redes contemporâneas, onde os fluxos e conexões desempenham um papel crucial na ampliação das aprendizagens além do ambiente escolar formal. Este fenômeno é essencial para o desenvolvimento de um cidadão global e multifacetado, capaz de interagir de forma competente e crítica em diversos contextos nas/em/com as redes digitais.

No contexto atual, as redes de fluxos e conexões digitais oferecem um vasto campo de aprendizagem extracurricular. Estudantes, ativistas e sociedade em geral têm acesso a uma gama diversificada de informações, perspectivas e experiências que transcendem as fronteiras geográficas e culturais. Por meio de plataformas *online*, redes sociais, fóruns de discussão e outras formas de interação digital, os aprendizes podem explorar temas variados, colaborar em projetos internacionais, participar de debates globais e acessar recursos educacionais que não estariam disponíveis localmente.

Essa diversidade de experiências e aprendizagens nas/em/com as redes, contribui

significativamente para a formação de um cidadão global. A exposição a diferentes culturas, pontos de vista e práticas sociais promove a empatia, o entendimento intercultural e a capacidade de adaptação a contextos diversos. Além disso, a habilidade de navegar eficazmente no espaço digital, interpretar informações de forma crítica e participar ativamente de comunidades online são competências essenciais para o cidadão contemporâneo.

A ideia de ser multiletrado nas/em/com as redes, enfatiza a necessidade de desenvolver não apenas habilidades de leitura e escrita digital, mas também competências para avaliar a credibilidade das fontes de informação, gerenciar identidades online e colaborar de maneira ética e produtiva. Os ambientes digitais oferecem oportunidades únicas para a prática dessas habilidades, à medida que os indivíduos interagem com uma variedade de formatos de mídia, plataformas de comunicação e ferramentas colaborativas.

Esses jovens estão transformando as redes em espaços de mobilização e ação coletiva, demonstrando que a Educação Popular é um caminho potente para a emancipação e a transformação social. As redes sociais, fóruns *online* e outras plataformas digitais devem ser aproveitadas como espaços para a troca de saberes, debates críticos e construção coletiva de conhecimento, que despertem, portanto a compreensão de territórios de esperanças. Sob essa perspectiva David Harvey (2015), em sua concepção de espaços de esperança, argumenta que esses espaços não são apenas territoriais, mas também expressões das vontades e desejos pessoais dos sujeitos, imbuídos de um sentimento de rebeldia que desafia as fronteiras impostas pelo modo de produção capitalista. Esses espaços de esperança se materializam nas ações e nos discursos dos coletivos juvenis que, através das redes digitais, projetam visões alternativas de mundo, resistências múltiplas e práticas educativas inovadoras.

Eles criam espaços de esperança ao interagir de maneira criativa e subversiva com as tecnologias digitais, transcendendo as limitações impostas pelo capitalismo e promovendo uma educação que é ao mesmo tempo local e global, física e virtual, individual e coletiva. Esses coletivos exemplificam como a interação entre o espaço dos fluxos e o espaço dos lugares pode ser uma poderosa ferramenta para a resistência e a transformação social.

Esta dualidade é particularmente relevante para os coletivos juvenis das periferias, que utilizam as redes digitais não apenas como ferramentas de comunicação, mas como suportes para organizar, mobilizar e disseminar suas lutas, mesmo contanto com um forte inimigo que é programado para combater a luta das minorias e toda e qualquer manifestação contra o sistema hegemônico preposto, contra os algoritmos, que portanto não são seres insurgentes, não são seres que contribuem com a Educação Popular em/nas/com as redes e não respeitam a cidadania digital presente. As plataformas dominantes, como Facebook, Instagram, X e YouTube, são

controladas por grandes corporações que possuem agendas próprias e frequentemente priorizam lucro sobre o bem-estar público. Isso pode resultar em censura, desinformação e manipulação de dados, que comprometem a integridade dos processos educativos e participativos nas redes.

Esse debate nos permite refletir sobre as tecnologias, especialmente as digitais, que tornaram-se uma extensão natural de nossas vidas. Usamos celulares, computadores e diversas plataformas para nos comunicar, trabalhar e aprender. No entanto, essa relação não é neutra. Se por um lado, as tecnologias são ferramentas poderosas que ampliam nosso alcance, por outro, há momentos em que elas passam a nos "usar", ditando comportamentos e moldando nossas escolhas. Um exemplo claro disso são os algoritmos das redes sociais, que capturam nossos hábitos de navegação, interações e interações para oferecer informações personalizadas, mas que, ao mesmo tempo, nos confinam em ondas de informação e entretenimento. Assim, o que parece ser uma liberdade de escolha, muitas vezes, é uma manipulação sutil de nossos desejos e decisões.

Esse olhar é uma expressão clara do modo como o capital se apropria das tecnologias para seus próprios fins. As grandes empresas de tecnologia não apenas criam as ferramentas que usam, mas se apropriam dos dados que geramos ao utilizá-los, transformando nossos hábitos em mercadorias. O que parece ser gratuito, como o uso das redes sociais, na verdade esconde um modelo de negócios onde o produto somos nós. Os algoritmos, então, não funcionam apenas como facilitadores, mas como mecanismos de controle que alimentam o capital, criando perfis de consumo e direcionando publicidade de forma personalizada. Esse ciclo de retroalimentação, onde nossos dados são explorados para gerar lucro, redefine a relação entre usuário e tecnologia, deixando-nos, em muitos casos, mais à mercê do sistema do que realmente não tem controle.

Para além do uso direto de nossas informações, as tecnologias digitais também moldam o tempo e o espaço em que vivemos. O capital acelera o ritmo da vida digital, fazendo com que estejamos constantemente conectados, gerando dados e consumindo conteúdos. Essa ajuda dificulta o espaço para a reflexão crítica, pois estamos sempre sendo bombardeados por novas informações e estímulos. A lógica do consumo rápido e do entretenimento contínuo, guiada por algoritmos, desvia nossa atenção do que realmente importa e nos direciona para aquilo que é lucrativo para o sistema. Nesse cenário, a educação precisa agir como uma força competitiva, promovendo uma compreensão crítica de como as tecnologias funcionam e de como somos afetados por elas.

A educação, portanto, deve assumir o papel de conscientização e resistência. Um dos desafios da educação contemporânea é ensinar aos jovens a navegar no mundo digital sem se

tornarem reféns dos algoritmos e das forças que os impulsionam. Isso envolve, primeiramente, desvelar os mecanismos ocultos por trás das tecnologias digitais, como o funcionamento dos algoritmos e a lógica do capitalismo de vigilância. Ao desenvolver uma capacidade crítica de análise, a educação pode capacitar os indivíduos a usar as tecnologias de forma mais consciente, escolhendo quando e como interagir com elas sem se deixar dominar pelos mecanismos de controle do capital.

Além disso, a educação pode promover o uso ético e colaborativo das tecnologias, incentivando o desenvolvimento de plataformas e redes que priorizem o bem comum ao invés do lucro. Isso inclui alternativas que garantam a privacidade dos usuários, que fujam da lógica da exploração dos dados e que promovam o compartilhamento de conhecimento de forma aberta e democrática. A educação tem o potencial de transformar as tecnologias em ferramentas de emancipação, resistindo à sua apropriação pelo capital e criando novas possibilidades de uso que beneficiam a coletividade.

No entanto, é crucial reconhecer os desafios e as questões éticas que surgem nesse complexo digital. A desinformação, a privacidade dos dados, os discursos de ódio, a polarização política e a exclusão digital são apenas alguns dos problemas que requerem atenção cuidadosa e intervenção educacional. Promover uma educação nas/em/com as redes que seja inclusiva, crítica e dialógica envolve o desenvolvimento de políticas e práticas que garantam o acesso equitativo às tecnologias, capacitem os aprendizes para o uso responsável das redes digitais e fortaleçam sua capacidade de contribuir positivamente para um espaço digital globalizado.

Contrariando essa ótica e garantindo insurgência e cidadania digital, os coletivos juvenis das periferias com a emergência da Educação Popular em/nas/com as redes usam do ativismo digital consciente e articulado para construir espaços de esperança, luta e ressignificação de suas práticas de cidadania. Essa abordagem revela uma sensibilidade às dinâmicas contemporâneas de aprendizagem e engajamento, especialmente entre os segmentos excluídos da sociedade.

A interseção dessas ideias possibilitou que ilustrássemos a maneira como os coletivos juvenis das periferias utilizam as tecnologias digitais para construir e expandir seus espaços de esperança, bem como decisões metodológicas que chamamos de Gambiarras, à medida que fomos misturando métodos e abordagens para a criação de uma perspectiva de etnografia híbrida que funde ruas e redes, métodos de uma etnografia clássica e uma etnografia virtual, visando captar, apropriar e refletir sobre as práticas híbridas que fortalecem a Educação popular em/nas/com as redes.

No campo das Práticas de Cidadania Insurgente e Aprendizagens em/nas Redes, temos subcategorias como "Ativismo Social," "Histórias de Vida e Empoderamento," "Rede Comunitária e Solidária," e "Histórias Locais." Cada uma dessas subcategorias representa aspectos distintos mas interconectados de como indivíduos e comunidades se organizam, aprendem e resistem frente a desafios sociais e políticos. Por outro lado, quando consideramos as Narrativas de Cidadania Digital, subcategorias como "Resistência Cultural" e "Denúncia de Estereótipos" emergem como componentes críticos que, de maneira digital e mediada, reverberam as vozes e lutas presentes nas práticas insurgentes tradicionais.

Considerando, por exemplo, o "Ativismo Social" do primeiro grupo. Esse tipo de prática insurgente frequentemente busca provocar mudanças empurrando contra a corrente dominante e muitas vezes utilizando plataformas digitais para amplificar suas mensagens e ações. Aqui, a subcategoria de "Resistência Cultural" entra em cena, fornecendo um espaço digital onde práticas culturais alternativas podem florescer e se opor à hegemonia cultural dominante.

Nesse contexto, a tecnologia digital se configura como um campo dual de insurgência e resistência. O ativismo social, especialmente quando praticado por grupos insurgentes, utiliza as plataformas digitais para amplificar suas mensagens e ações, muitas vezes desafiando estruturas de poder e questionando as normas sociais dominantes. A resistência cultural surge como uma subcategoria desse ativismo, utilizando o espaço digital para cultivar e promover práticas culturais que vão contra a hegemonia cultural. Por meio das redes sociais, *blogs* e outras plataformas, essas práticas alternativas encontram um espaço de visibilidade e fortalecimento, onde podem florescer e dialogar com um público mais amplo.

No entanto, ao mesmo tempo que a tecnologia digital serve como um campo de insurgência, ela também opera sob a lógica de algoritmos e estruturas de controle que podem restringir, silenciar ou invisibilizar essas práticas. Assim, a mesma tecnologia que facilita a insurgência também pode funcionar como um mecanismo de contenção, reforçando as dinâmicas de poder que os movimentos insurgentes tentam subverter. Portanto, a tecnologia digital, nesse caso, não é neutra; ela se torna um campo *dual*, onde tanto a insurgência quanto a resistência cultural encontram oportunidades, mas também desafios, em sua luta contra as forças hegemônicas.

Além disso, as "Histórias de Vida e Empoderamento" nas práticas insurgentes encontram um eco potente na internet, onde as Narrativas de Cidadania Digital possibilitam a "Denúncia de Estereótipos". Histórias pessoais compartilhadas online frequentemente desafiam

e desmantelam estereótipos, proporcionando ao indivíduo empoderamento e à comunidade maior visibilidade e voz.

Certamente, o ato de compartilhar "Histórias de Vida e Empoderamento" em plataformas digitais não apenas amplia o alcance dessas narrativas, mas também fortalece a rede de apoio e solidariedade entre diferentes comunidades. Ao proporcionar um espaço onde histórias pessoais podem ser ouvidas e valorizadas, as Narrativas de Cidadania Digital funcionam como uma poderosa ferramenta para a "Denúncia de Estereótipos". Essas histórias, quando compartilhadas, desafiam percepções preconceituosas e desmantelam estereótipos arraigados, dando aos indivíduos a oportunidade de reivindicar suas identidades e realidades de forma pública e consciente.

Além disso, o impacto vai além do empoderamento individual, pois a visibilidade adquirida por essas histórias gera reconhecimento e cria laços de solidariedade entre comunidades que enfrentam desafios semelhantes. Ao conectar pessoas de diferentes contextos, mas com lutas e aspirações compartilhadas, as redes tanto digitais ou não reforçam a sensação de pertencimento e colaboração, nutrindo uma rede de apoio que transcende barreiras geográficas e sociais. Assim, o compartilhamento dessas narrativas não só amplifica vozes marginalizadas, mas também consolida uma cidadania digital ativa e engajada, criando espaços de resistência coletiva e transformação social.

Quanto à "Rede Comunitária e Solidária," essa pode servir como uma fundação para iniciativas que lutam contra estereótipos e promovem resistência cultural, pois a base comunitária oferece suporte estrutural e afetivo para as iniciativas digitais insurgentes. Finalmente, "Histórias Locais" contribuem para o tecido rico de narrativas digitais ao trazerem experiências únicas que contestam a uniformidade cultural e promovem uma pluralidade de vozes.

Por meio do entrelaçamento dessas subcategorias revelamos um panorama de práticas sociais onde o digital e o físico não apenas coabitam, mas se fortalecem mutuamente, oferecendo novas estratégias e plataformas para a ação cidadã. Sob essa ótica que reforçamos nossas experiências de uma etnografia híbrida, mostrando que a união das ruas e das redes não apenas traz uma inovação metodológica, mas esteve a serviço da construção da tese de que uma Educação Popular em/nas/com as redes está em curso por coletivos juvenis das periferias. Portanto, essa aproximação entre Práticas de Cidadania Insurgente e Narrativas de Cidadania Digital é essencial para compreender plenamente o impacto e potencial transformador das novas formas de engajamento e resistência social na era digital.

A interação dinâmica entre práticas de cidadania insurgente e narrativas de cidadania digital não apenas amplia o alcance e a eficácia das ações coletivas, mas também democratiza o acesso ao conhecimento, fortalece a participação cidadã e promove uma educação que é ao mesmo tempo crítica, inclusiva e transformadora. Nesse contexto, as novas formas de engajamento e resistência social na era digital não apenas desafiam as estruturas de poder estabelecidas, mas também oferecem caminhos alternativos para a construção de sociedades mais justas, igualitárias e democráticas.

Nessa perspectiva, nos aproximamos da ideia de tecnologias periféricas, por sua vez, como tecnologias apropriadas e ressignificadas pelas comunidades excluídas, que as utilizam de maneiras criativas e subversivas para superar as limitações impostas pelas desigualdades sociais e econômicas. No contexto das periferias urbanas, essas tecnologias incluem o uso de smartphones, redes sociais e outras plataformas digitais para criar e compartilhar conteúdos que refletem suas realidades e aspirações.

Além disso, a Educação popular em/nas/com as redes é profundamente influenciada por essa interação entre o espaço dos fluxos e o espaço dos lugares. As práticas educativas promovidas pelos coletivos juvenis são enriquecidas pela troca de conhecimentos e experiências através das redes digitais. Eles utilizam plataformas online para organizar cursos, *workshops* e debates que não seriam possíveis apenas no espaço físico devido a restrições de recursos e mobilidade. Essas atividades educativas são frequentemente caracterizadas pela horizontalidade e pela participação ativa, refletindo os princípios da educação popular de Paulo Freire.

(Re)elaborar os princípios da Educação Popular de Freire para o contexto das redes digitais implica não apenas adaptar, mas também fortalecer esses princípios diante dos desafios e oportunidades proporcionados pela cidadania digital e insurgente. Os conceitos destacados de horizontalidade, consciência crítica, amorosidade, autonomia, dialogicidade, participação ativa e emancipação ganham novas camadas de significado e aplicação neste cenário complexo e interconectado.

A horizontalidade, por exemplo, que busca a igualdade nas relações educativas e sociais, é confrontada pela lógica dos algoritmos nas redes digitais. Estes algoritmos muitas vezes perpetuam desigualdades ao priorizar conteúdos populares e reforçar bolhas de informação. No entanto, os coletivos juvenis das periferias, ao que analisamos, podem usar a horizontalidade digital para criar espaços alternativos de aprendizagem e debate, desafiando a polarização e promovendo a diversidade de vozes e perspectivas.

Quanto a consciência crítica, essencial para entender e transformar as estruturas de poder, se faz fundamental na luta contra as narrativas impostas nas redes digitais. Assim, os jovens das periferias podem aprender a identificar e questionar discursos dominantes, desmascarando estereótipos e promovendo uma visão mais justa e inclusiva de suas comunidades, usando de espaços digitais de visibilidades para disseminarem conhecimento crítico e mobilizar ações de resistência e conscientização.

A amorosidade, que envolve o respeito, a empatia e o cuidado nas interações educativas, pode ser promovida nas redes digitais através do estímulo ao diálogo respeitoso e à construção de relações solidárias, seja por comentários em postagens, seja por “repostagens”, tornando as redes sociais, por exemplo, como espaços para fortalecer vínculos comunitários, apoiar iniciativas locais e promover uma cultura de colaboração e apoio mútuo entre os jovens das periferias.

Quando pensamos a autonomia dos jovens se faz fundamental para navegar de forma crítica pelo ambiente digital, entendendo como os algoritmos funcionam e como as informações são apresentadas, para construção de caminhos, ruas, travessas que valorizem a justiça, igualdade e o respeito. A alfabetização digital e o pensamento crítico em relação à mídia capacitam os jovens a fazer escolhas informadas, discernindo entre fontes confiáveis e manipulação de dados, e participando ativamente na construção de uma sociedade digital mais justa e transparente.

A dialogicidade, por sua vez, promove o diálogo como meio de construção coletiva de conhecimento, é ampliada nas redes digitais, permitindo interações globais e transversais. Os coletivos das periferias em/nas/com as redes podem dialogar não apenas entre si, mas também com pessoas de diferentes contextos culturais e geográficos, enriquecendo suas perspectivas e ampliando seu entendimento sobre questões globais e locais.

Já a participação ativa dos jovens nas redes sociais vai além da simples presença *online*, incluindo a organização de protestos, campanhas e mobilizações por causas sociais. A cidadania digital implica usar estrategicamente as tecnologias para influenciar políticas públicas, ampliar direitos e promover mudanças sociais significativas. Os jovens podem aprender a utilizar as redes digitais não apenas como ferramentas de expressão, mas como espaços de esperança para exercerem sua cidadania de forma engajada e responsável.

E, por fim, a emancipação, objetivo central da Educação Popular de Freire, assume novas formas e significados no contexto digital. Capacitar os jovens para que se apropriem das tecnologias digitais não apenas como consumidores, mas como produtores ativos de conhecimento e agentes de mudança, é essencial. Isso envolve não apenas aprender a usar as

ferramentas digitais, mas também a desenvolver habilidades para desafiar estruturas de poder, promover inclusão e construir comunidades mais justas e igualitárias *online* e *offline*.

Face ao exposto, ao integrar os princípios da Educação Popular de Freire com as dinâmicas da cidadania digital e insurgente nas redes digitais, fortalecemos não apenas as capacidades individuais dos jovens das periferias, mas também sua capacidade coletiva de transformação social, por meio de um movimento orgânico e emergente que defendemos como Educação popular em/nas/com as redes. Essa abordagem não só democratiza o acesso ao conhecimento e à participação cidadã, mas também mobiliza os jovens para enfrentarem os desafios contemporâneos e construir um futuro mais inclusivo e democrático para todos

Considerando a educação popular em/nas/com as redes por coletivos juvenis das periferias, diversas áreas como Linguística, Educação, Comunicação, Jornalismo, Sociologia e Política oferecem campos de pesquisa promissores e interdisciplinares a qual pensamos aqui que poderão avançar ainda mais os estudos.

Na Linguística, por exemplo, os estudos podem explorar como os coletivos juvenis utilizam a linguagem digital para construir identidades coletivas, disseminar conhecimento e promover mudanças sociais. Isso inclui análises da variação linguística, pragmática digital e o uso de memes e linguagem informal como formas de engajamento comunicativo, ainda podemos pensar sobre a influência dos algoritmos por meio dos discursos de ódio e a desinformação contra o movimento da Educação popular em/nas/com as redes.

Na Educação, há espaço para investigar como as práticas educacionais informais nas redes digitais complementam ou desafiam os currículos formais. Pesquisas podem examinar o envolvimento nos contextos e demandas digitais críticas, alfabetização midiática, vigilância digital e cultura digital como competências educativas para os desafios atuais e estratégias de ensino colaborativo entre os jovens das periferias. No campo da Comunicação e Jornalismo, estudos podem focar na cobertura mediática das atividades dos coletivos juvenis nas redes. Isso envolve análises sobre como os meios de comunicação tradicionais e alternativos representam esses movimentos, além do papel das plataformas digitais na disseminação de narrativas contra-hegemônicas e na construção de agendas públicas.

Na Sociologia, é relevante explorar como os coletivos juvenis utilizam as redes digitais para criar e manter redes de solidariedade, enfrentar desigualdades estruturais e construir capital social. Isso inclui estudos sobre identidades comunitárias, mobilização política online e a influência das redes sociais na formação de movimentos sociais. Por fim, no campo da Política, há espaço para investigar o impacto das práticas educacionais digitais promovidas pelos coletivos juvenis nas periferias. Isso envolve estudos sobre engajamento cívico, participação

política *online*, e o potencial desses grupos para desafiar estruturas de poder estabelecidas e promover mudanças políticas significativas.

Cada uma dessas áreas oferece perspectivas únicas para compreender como os jovens das periferias utilizam as redes digitais não apenas como ferramentas de comunicação, mas como espaços para a educação popular e a transformação social. As lacunas de pesquisa destacam a necessidade de estudos interdisciplinares que não apenas descrevam, mas também analisem criticamente o papel das redes digitais na promoção da justiça social, inclusão e envolvimento comunitário nas periferias urbanas.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, HW. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5. v.6, p. 73-90, maio/dez, 1997.
- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. **Comunidade e sociedade: conceito e utopia**. Raízes, Ano XVIII, Nº 20, novembro de 1999.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2008.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANHAS, Danilo de Miranda. **Construção e fortalecimento de redes de sociabilidade comunitária entre jovens moradores da periferia cubatense**. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de São Paulo. Santos, 2019.
- ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine. A formação do leitor no contexto da desinformação e das fake news: desafios para os estudos de letramentos na pandemia da covid-19 e além. **Scripta**, v. 25, n. 54, p. 9-38, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/27640>. Acesso em: 12 out. 2023.
- BARRA, Tiago Bruno Areal. **Os movimentos sociais, as favelas e a pedagogia de Paulo Freire: histórias de vida de educadores sociais do Titanzinho**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.
- BARREIRO, Júlio. **Educação popular e conscientização**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: Editora AGE: 1998.
- BAUMAN, R. **Story, performance and event: contextual studies of oral narrative**. Cambridge: CUP, 1986.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology** 19, p.59—88, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019.
- BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Nas encruzilhadas da rebeldia: uma etnocartografia dos straightedges em São Paulo / João Batista de Menezes Bittencourt**. - - Campinas, SP, 2011.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos etécnicas**. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOTTINO, C. M. M., SCHELIGA, E., & Menezes, R. C. **Experimentos etnográficos em redes e varandas: A religião em tempos de pandemia**. *Cadernos de Campo (online)*, 29 (suplemento), 289–301, 2020.

BOYD, D. Social Network Sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. (Ed.). **A networked self: identity, community and culture on social network sites**. London: Routledge, 2011, p.151-172.

BRANCO, Sérgio. Fake news e os caminhos para fora da bolha. **Revista Interesse Nacional**, São Paulo, ano 10, n. 38, p. 51-61, ago.-out. 2017. Disponível em: <https://interessenacional.com.br/fake-news-e-os-caminhos-para-fora-da-bolha/> Acesso em: 10 jan. 2023.

BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **UNIrevista**, vol. 1, n° 3, julho 2006.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Carlos R. **Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

BRANDÃO, Carlos R. Refletir, discutir, propor: as dimensões de militância intelectual que há no educador. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 71-87.

BRANDÃO, Carlos R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

CAMPOS, Ricardo e SIMÕES, José. Participação e inclusão digital nas margens: uma abordagem exploratória das práticas culturais de jovens afro-descendentes. O caso do rap negro, **Media & Jornalismo**, n° 19, pp. 117-133, 2011.

CASTELLS, M, The Rise of the Network Society. The Information Age: **Economy, society and culture.**, Oxford, Blackwell, 1996.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicação móvel e sociedade: uma perspectiva global**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Movimentos sociais na era da Internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, W.L. **Performances corpóreo-discursivas de identidade de gênero e sexualidade em redes sociais: estabilidade e mobilidades em diálogo**. (Dissertação de Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

COUPLAND, N. et al. Narrative demands, cultural performances and evaluation: teenage boys stories for their peers. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 67-88.

CRUZ, Alice [et al.] - **O Hospital-Colônia Rovisco Pais e os múltiplos desdobramentos da lepra: etnografia e interdisciplinaridade**. In CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE

ETNOGRAFIA, 2, MONTEMOR-O-NOVO, 2006 - Congresso Internacional sobre Etnografia: actas. Póvoa do Varzim: AGIR, 2007. p. 68-79

DAYRELL, J.T. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, J. MOREIRA, MIC; STENGEL, M. (orgs.) **Juventude contemporânea: um mosaico de possibilidade**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

DAYRELL, J. A Juventude e Suas Escolhas: as relações entre projeto de vida e escola, In: VIEIRA, M. M. et al. (Orgs.). **Habitar a Escola e as Suas Margens: geografias plurais em confronto**. Porto Alegre, RS, cap. 2, p. 65-72. 2013.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: Quem é este aluno que chega à escola. In **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Dayrell, Juarez; Carrano, Paulo; Maia, Carla Linhares. (orgs). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p.102-132.

DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo:Annablume, 2009.

DI FELICE, M., TORRES, J., & YANAZE, L. **Redes digitais e sustentabilidade: As interações com o meio ambiente na era da informação**. São Paulo, SP: Annablume, 2012.

DI FELICE. **Os muros da pólis caíram: bem-vindos à cidadania digital! Entrevista especial com Massimo Di Felice**. UNISINOS. (2021). Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/611900-os-muros-da-polis-cairam-bem-vindos-a-cidadania-digital-entrevista-especial-com-massimo-di-felice>. Acesso em 22 jun. 2023.

DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. Contemporanea: **Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 267-283, maio/ago. 2013.

DI FELICE. **Pensamento em rede – Net-ativismo e lógica conectiva nas configurações da pós-política**. IHU OnLine. UNISINOS. São Leopoldo, ed.443, 2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5494-massimo-di-felice-2>. Acesso em 22 jun. 2023.

RIBEIRO, Djamila. 2016. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório: uma perspectiva brasileira**. SUR 24. 13(24): 99–104. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wpcontent/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acessado em 12 abr. 2024.

ELLISON, Nicole; BOYD, Danah. Sociality through social network sites. In: DUTTON, William (org.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Oxford and Cambridge: Polity Press and Blackwell, 1992

FAIRCLOUGH, N. **Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica**. Methods of critical discourse analysis. Wodake Meyer (org.), 2 ed. Londres: Sage, 2005. p. 121-138.

FLEURY, S.; MENEZES, P.; MAGALHÃES, A. Deslocando enquadramentos: coletivos de favelas em ação na pandemia. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, [S. l.], v. 9, n. 23, p. 256–279, 2021. DOI: 10.20336/rbs.839. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/839>. Acesso em 24 abr. 2024.

FORGACS, D. **Gramsci reader**. London: Lawrence and Wishart, 1988.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Leticia de Luna. **Favela, bairro ou comunidade?** Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. *Revista DILEMA*, 2008, pp. 95-114.

FREIRE, P; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. 7ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 10. ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 8. ed. São Paulo: Villa das Letras, 2007.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1989.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa, Portugal: Vega, 1976.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. New York: Harper and Row, 1974.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUTIERREZ, Suzana. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de professores que cooperam em comunidades de pesquisadores**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GUSSI, A. A antropologia e a formação de professores. **Revista Educação & Cidadania**, vol 1, no. 1, Campinas: Editora Átomo, 2001 (p. 127-138).

HANKS, W. F. O que é contexto. In: BENTES, A.C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M.R. (Orgs.) **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 169-203.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London, Sage Publications, 2000.

HOLSTON, James. **Insurgent Citizenship: Democracy and Modernity in Brazil**. Princeton: Princeton University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cidadania insurgente: Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JENKINS, Henry, **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. (Edição em português).

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo: Editora 34. Acesso em: 04 nov. 2022, 2009.

**LA Casa de Papel**. Direção: Álex Pina. Produção: Cristina López Ferraz. Roteiro: Álex Pina. Espanha: Netflix, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/browse>. Acesso em: 23 maio 2021.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and socialist strategy: Towards a radical democratic politics**. London and New York: Verso, 1985.

LANGARO, Adriano et al. A educação, suas mudanças e o conectivismo. In: MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E COMUNITÁRIA, 7. MOSTRA DE PESQUISA E PÓSGRADUAÇÃO IMED, 7., 2013, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: IMED, 2013.

LATOUR, Bruno. **A esperança de pandora: Ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LAVOR FILHO, T., MIRANDA, L. L. **Discussão sobre práticas culturais periféricas na literatura científica: uma revisão sistemática (2011-2020)**. Revista Periferia. UFRJ, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/73106>. Acessado em: 10 abr. 2023.

LEITE, C. São Paulo, megacidade e redesenvolvimento sustentável: uma estratégia propositiva. **URBE: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, São Carlos, v. 2, n. 1, p. 117-126, 2010. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/urbe?dd1=3628&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 26 jun. 2023.

LEMOS, A. Ciber-Cultura-Remix. In: Seminário “Sentidos e Processos”, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Itáu Cultural, ago. 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf> Acesso em: 24 abr. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Série Pesquisa, Brasília: Líber livro Editora, 2010.

MAGALHÃES, M. Sentir em rede: Net-ativismo estético na ação colaborativa Letters to the Earth. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 87–104, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/16117>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MAIA, Junot. **Fogos digitais: Letramentos de sobrevivência no Complexo do Alemão/RJ**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanézer**. Tradução de Anton P. Car e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça revista por Eunice Ribeiro Durham. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MESQUISTA, André. **Arte-Ativismo: Interferência, coletivismo e transversalidade**: Disponível em: <https://exerciciodacritica.files.wordpress.com/2009/05/arteativismo1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MILLER, Daniel. **Tales from Facebook**, Cambridge: Polity, 2011.

MOITA LOPES, L. P. **Os espaços da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2010.

\_\_\_\_\_. A performance narrativa do jogador Ronaldo como um fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, v.27, p.129-160, 2009.

\_\_\_\_\_. On being white, heterosexual and male in a brazilian school: multiple positionings in oral narratives. In: FINNA, A. de; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG M. (Org.). **Discourse and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 288-313.

MOITA LOPES, Paulo da. Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade). **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 17, p.232, 2002.

MONTOYA, Ángela Garcés. De Organizaciones a Colectivos Juveniles Panorama De La Participación Política Juvenil. **Última Década**, v. 18, p. 61–83, 2010

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. **O que é periferia urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NEGRI, Antonio. **5 lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NOGUEIRA, Marcos Aurelio. Militantes e ativistas de novo tipo. **Revista E**, set., nº3, ano 20, 2013, p.42-43.

PAIS, José Machado, **Culturas juvenis**, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1993.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana, Enigmas e Revelações**, São Paulo, Cortez, 2003.

PAZ, Tatiana Santos da; RODRIGUES, Eduardo Santos Junqueira. Ativismo em rede e pedagogia decolonial articulados por mulheres negras no YouTube. **Revista Teias**, [S. l.], v. 20, n. Esp, p. 22–39, 2019. DOI: 10.12957/teias.2019.43059. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/43059>. Acesso em: 9 abr. 2024.

PEREIRA, Dulcinéia. PEREIRA, Eduardo. Revisitando a História da Educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.40, p. 72-89, dez.2010.

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade**. Favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POLIVANOV, B. B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, (3), 61-71, 2013.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. In: **Encontro Nacional De Pesquisadores Em Jornalismo**, 7., 2009, São Paulo. Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Disponível em: [http://www.sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjr/arquivos/fernando\\_resende.pdf](http://www.sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjr/arquivos/fernando_resende.pdf). Acesso em 20 de novembro de 2022.

ROSA, Thaís Troncon. **Cidades outras: pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas liminares**. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais).

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.) **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TIC**. São Paulo: Parábola. 2013.

SALES, Celecina de Maria Veras. Pesquisa qualitativa: cartografando novos percursos na produção de conhecimento. In: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina de Maria Veras (Org.). **O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

SANTAELLA, L. O corpo como sintoma da cultura. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 139–157, 2008. DOI: 10.18568/cmc.v1i2.17. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/17>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política** / Lucia Santaella. – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Comunicação.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura**. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], v. 63, 2002. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1285>. Acessado em: 15 out. 2023.

SETO, K.C.; SÁNCHEZ-RODRÍGUEZ, R.; FRAGKIAS, M. The new geography of contemporary urbanization and the environment. **Annual Review of Environment and Resources**, Palo Alto, v. 35, p. 167-194, 2010.

SIEMENS, George. **Conectivismo: uma teoria da aprendizagem para a era digital**. 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/66317606/Conectivismo-uma-Teoria-Para-a-Era-Digital#>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SIEMENS, George. **Uma breve história do conectivismo**. 2008. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/augustodefranco/uma-breve-historia-da-aprendizagem-emrede>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SOARES, Thiago; MANGABEIRA, Alan. Alice através...: televisão, redes sociais e performances num produto televisivo expandido. Salvador: **Revista Contemporânea - Comunicação e Cultura**, v.10, n. 2, mai- ago 2012.

SOUZA, E. D. Performances políticas em redes: um estudo (AUTO)narrativo sobre a campanha para vereador em Pindoretama/CE. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 112773–112795, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/40786>. Acesso em: 03 jul. 2022.

SOUSA, Antonio Ozielton De Brito. **Cartografia de letramentos de insurgência dos movimentos sociais da periferia: “atravessando a rua” com o Programa de Extensão Viva a Palavra**. 2021. 337 f. Tese (Doutorado em 2021) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=105992>> Acesso em: 23 de out. de 2023.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente: como a internet afeta a mobilidade social**. London: UCL Press, 2018.

TELLES, Helcimara de Souza. **A educação desterritorializada: a expansão das fronteiras**. 1. ed. Aracaju: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira: Aracaju, 2007.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. **Harvard educational review**, v. 66, n. 1, p. 60-93, 1996.

THEODORSON, G. A. & THEODORSON, A. G. **A modern dictionary of sociology**. London, Methuen, 1970.

THORNBORROW, J.; COATES, J. The sociolinguistics of narrative: identity, performance, culture. In: **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 1-16.

TWINE, F. W. A white side of black Britain: The concept of racial literacy. **Ethnic and Racial Studies**, 2004, 878-907.

UNESCO. **Diretrizes Políticas e Estratégicas**. Relatório de Bangkok, 2013.

VALLADARES, Lícia do P. **A Invenção da Favela**. Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em Educação: a Observação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundais. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social Hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de) colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2013.

WERTHEIN, J. (org.) **Educação de Adultos na América Latina**. Campinas/SP: Papyrus, 1985.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. [Tradução José Carlos Bruni] São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Edição Os Pensadores).

WOYDACK, J., & RAMPTON, B. Trajetórias textuais em um call center multilíngue: a etnografia linguística de um script de chamada. **Tilburg Papers in Culture Studies**; Nº. 124, 2015.

# COLETIVOS JUVENIS DAS PERIFÉRIAS

E O MOVIMENTO  
EMERGENTE DE EDUCAÇÃO  
POPULAR EM/NAS/COM AS  
REDES

ERYCK DIEB SOUZA

